



**ALUCINADAMENTE
FELIZ**

Um livro engraçado sobre coisas horríveis

**JENNY
LAWSON**



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**







Alucinadamente feliz

Um livro engraçado sobre coisas
horríveis

Jenny Lawson

TRADUÇÃO DE ANDREA GOTTLIEB DE CASTRO NEVES



Copyright © 2015 by Jenny Lawson

TÍTULO ORIGINAL

Furiously Happy: A Funny Book About Horrible Things

REVISÃO

Carolina Rodrigues

ARTE DE CAPA

Philip Pascuzzo

FOTO DE CAPA

Maile Wilson

CONFETES DA CAPA

© Silviya Skachkova / Shutterstock

ILUSTRAÇÕES INICIAIS

Sarah Mensinga

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Márcia Quintella

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-932-1

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA

Bulmer MT

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

ELOGIOS ANTECIPADOS

Foi o melhor de todos os livros, a pior de todas as escovas de cabelo. Leiam. Não desfiem os cabelos com ele. — CHARLES DICKENS

Jesus me deu este livro quando terminou de lê-lo, dizendo: “Você tem que ler esta merda, Kevin. É fodástico.” Jesus é péssimo para gravar nomes. — ERNEST HEMINGWAY

Há poucas pessoas que amo de verdade, e menos ainda que posso elogiar, mas só uma cujo rosto quero arrancar e usar como máscara em meus aposentos. Trancai vossa porta, senhora Lawson. — JANE AUSTEN

Posso dizer sem exageros: Este foi o melhor apoio de copo que já tive. — DOROTHY PARKER

É a vida que importa, nada além da vida. O processo de descobrir, o duradouro e eterno processo, não a descoberta em si, de jeito nenhum. Isso e este livro. Este livro também é muito bom. — FIÓDOR DOSTOIEVSKY

Quem deixou você entrar? — STEPHEN KING

Acho que perdi meu casaco. — WILLIAM SHAKESPEARE

Você sequer conhece essas pessoas dos elogios. A maioria está morta, e Stephen King provavelmente vai processá-la. Precisamos aumentar a frequência das suas consultas. — MINHA

PSIQUIATRA ATUAL

Este livro é dedicado à minha filha, a testemunha risonha do mundo estranho e maravilhoso que sua família criou a partir da loucura (tanto real quanto hiperbólica).

Que Deus nos ajude quando ela tiver idade para escrever as próprias memórias.

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Elogios antecipados

Dedicatória

Uma série de avisos desagradáveis

Nota da autora

Alucinadamente feliz. Perigosamente triste.

Encontrei uma alma gêmea com um disfarce muito saudável

Meu telefone é mais divertido do que eu

Tenho um distúrbio do sono que ou vai me matar ou vai matar
outra pessoa

Quantos carboidratos tem um pé?

Finja que é boa nisso

O consolo de George Washington

Não sou psicótica. Só preciso passar a sua frente na fila.

Por que eu deveria fazer mais se já me saio tão bem não fazendo nada?

O que eu digo à minha psiquiatra *versus* o que eu quero dizer

OLHA ESSA GIRAFA

O medo

Intervenções na pele e franjatox

É como se suas calças estivessem zombando de mim

Belo robalo

É difícil dizer quem de nós sofre de doença mental

Deixei meu coração em São Francisco (mas substitua “em São Francisco” por “na casa dos lêmures” e “coração” por uma interrogação triste)

Comece a estocar globos de neve: aí vem o apocalipse zumbi

Apêndice: uma entrevista com a autora

Estou me transformando num zumbi, um órgão de cada vez

Gatos são preguiçosos egoístas e estão se safando muito bem

Coalas têm clamídia

Vagina vodu

O mundo precisa entrar numa dieta. Literalmente.

Louca como uma raposa ao contrário

Um ensaio sobre salsa, wasabi, cream cheese e sopa

Aí eu recebi três gatos mortos pelo correio

Coisas que posso ter dito sem querer em momentos de silêncio
desconfortável

Meu esqueleto é potafantástico

Isso se chama “gatuflagem”

Você está melhor do que Galileu. Porque ele está morto.

Coisas que meu pai me ensinou

Vou morrer. Algum dia.

E é por isso que prefiro cortar eu mesma o meu cabelo

Tudo depende do seu ponto de vista (O Livro de Nelda)

Bem, pelo menos seus mamilos estão cobertos

Ser morta por cisnes não é tão glamouroso como seria de se esperar

O grande questionário

Plastificação de gatos

Aquele bebê estava *delicioso*

Aqueles biscoitos não sabem nada sobre o meu trabalho

Poderia ser mais fácil, mas não seria melhor

Epílogo: No fundo das trincheiras

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também



ALUCINADA- MENTE FELIZ

Um livro engraçado sobre
coisas horríveis
Jenny Lawson

Era aqui que eu pretendia colocar uma simples citação de Mary Oliver, mas em vez disso decidi substituí-la pela ideia que tive para a capa do livro, porque tenho certeza de que ela não vai ser aceita e não quero que seja desperdiçada. A grande sacada dessa capa é que, quando você estiver segurando o livro para lê-lo, vai parecer que a parte inferior do seu rosto foi substituída pelo sorriso extasiado de um guaxinim. Desse modo, você vai parecer ao mesmo tempo simpático e aterrorizante para todo mundo que passar, o que é bom, pois assim as pessoas não vão atrapalhar sua leitura. Na verdade, é possível arrancar a página anterior e fazer cópias dela para colar nas capas de todos os seus livros, como uma placa sutil de “Não Perturbe”. Talvez os outros comecem a pensar que você lê muito devagar depois de alguns anos fazendo isso, mas vale a pena pela paz que terá e pela alegria adicional de ser metade guaxinim. Se você não concorda, então provavelmente não vai gostar deste livro.

Você foi alertado.

Uma série de avisos desagradáveis

Não, não. Eu insisto que você pare agora mesmo.

Ainda está aqui? *Excelente*. Agora não vai poder me culpar por nada que encontrar neste livro, porque eu avisei que deveria parar e você continuou mesmo assim. Você é como a mulher do Barba Azul quando encontrou todas aquelas cabeças no armário. (Alerta de *spoiler*.) Mas, particularmente, acho que isso é bom. Ignorar as cabeças humanas decepadas no armário não contribui para um relacionamento, só gera um armário com sérios problemas de higiene e possivelmente uma acusação de cúmplice. Você precisa enfrentar essas cabeças decapitadas, pois não pode crescer sem reconhecer que todos somos feitos da esquisitice que tentamos esconder do resto do mundo. *Todo mundo* tem cabeças humanas no closet. Às vezes as cabeças são segredos ou confissões não ditas, ou ainda medos silenciosos. Este livro é uma dessas cabeças decepadas. O que você tem nas mãos é a minha cabeça decepada. A analogia é ruim, mas, em minha defesa, eu disse que era melhor parar. Não quero culpar a vítima, mas agora estamos juntos nessa.



Tudo neste livro é em grande parte verdade, mas alguns detalhes foram alterados para proteger os culpados. Sei que o

costume é “proteger os inocentes”, mas por que eles precisariam de proteção? *Eles são inocentes*. Além disso, escrever sobre eles não chega nem perto da diversão que é escrever sobre os culpados, que sempre têm histórias mais fascinantes e que fazem a gente se sentir melhor por comparação.



Este é um livro engraçado sobre viver com um transtorno mental. Parece uma combinação terrível, mas, falo por mim, tenho transtorno mental e algumas das pessoas mais hilárias que conheço também têm. Então, se você não gostar do livro, talvez só não seja louco o bastante para isso. No fim das contas, você sai ganhando de um jeito ou de outro.

Nota da autora

Querido leitor,

Neste momento, você está segurando o livro e se perguntando se vale a pena lê-lo. Provavelmente não vale, mas tem uma nota de 25 dólares escondida na encadernação, então é melhor comprar rápido antes que o vendedor perceba.¹

De nada.

Alucinadamente feliz é o título do livro, contudo também é algo que salvou a minha vida.

Minha avó dizia que “chove um pouquinho na vida de todo mundo — chovem chuva, babacas e todo tipo de merda”. Estou parafraseando. Mas ela estava certa. Todos nós temos a nossa cota de tragédia, insanidade ou drama, o que faz toda a diferença é o que fazemos com esse horror.

Aprendi isso em primeira mão há alguns anos, quando caí numa crise de depressão profunda, tão terrível que eu não via como escapar. A depressão não era novidade. Luto contra várias formas de transtornos mentais desde a infância, mas a depressão clínica é uma visitante ocasional, enquanto o transtorno de ansiedade é o meu relacionamento abusivo de longa data. Às vezes, a depressão é leve o suficiente para que eu a confunda com gripe ou inflamação de garganta. Porém esse caso foi extremo. Eu não queria necessariamente acabar com a minha vida, mas só que ela parasse de ser tão filha da puta. Lembrei a mim mesma que a depressão mente, porque é

verdade, e disse que as coisas iriam melhorar. Fiz tudo que costuma ajudar, mas continuava me sentindo sem esperança e, de repente, percebi que estava com muita raiva. Com raiva de a vida jogar tantas bolas de efeito na nossa direção. Com raiva da aparente injustiça na forma como a tragédia é distribuída. Com raiva porque não tinha mais nenhuma emoção para oferecer.

Então acessei o meu blog e escrevi uma postagem que mudaria minha perspectiva sobre a vida dali em diante:

Outubro de 2010:

De modo geral, os últimos seis meses têm sido uma tragédia vitoriana. Hoje meu marido, Victor, me entregou uma carta informando a morte inesperada de mais um amigo. Talvez você imagine que isso vai me lançar numa espiral de ansiolíticos e músicas da Regina Spektor, mas não. Não vai. Estou *de saco cheio* da tristeza e não sei qual é o problema do universo, mas pra mim **JÁ CHEGA. VOU SER ALUCINADAMENTE FELIZ, SÓ DE RAIVA.**

Deu para ouvir? Isso sou eu *sorrindo*, minha gente. Estou sorrindo tanto que dá para *ouvir* daí. Vou destruir o maldito universo com a minha alegria irracional e vou vomitar fotos de gatinhos desastrados e cachorrinhos adotados por guaxinins e LHAMAS RECÉM-NASCIDAS FODÁSTICAS COBERTAS DE GLITTER E DE SANGUE DE VAMPIROS SENSUAIS E VAI SER INCRÍVEL. Aliás, estou iniciando um movimento agora mesmo. **O movimento ALUCINADAMENTE FELIZ.** E vai ser incrível. Em primeiro lugar, porque **vamos ser VEEMENTEMENTE felizes** e, em segundo, porque isso vai fazer todo mundo que nos odeia se cagar de medo, pois esses babacas não querem nos ver nem um tanto entretidos, que dirá alucinadamente felizes — o que vai nos deixar ainda mais felizes. *Legitimamente.* Então o mundo vai pender para o nosso lado. Nós: 1. Babacas: 8.000.000. Esse placar não parece muito satisfatório, afinal eles saíram na frente. Só que sabe de uma coisa? *Foda-se.* Vamos começar do zero.

Nós: 1. Babacas: 0.



Em poucas horas, #FURIOUSLYHAPPY [#ALUCINADAMENTE FELIZ] era um dos assuntos mais comentados do mundo no Twitter, onde as pessoas lutavam em alto e bom som para recuperar suas vidas do monstro da depressão. E isso foi só o início.

Nos anos seguintes, me forcei a dizer sim para qualquer coisa ridícula. Pulei em fontes onde ninguém deveria entrar. Peguei a estrada sem planejar nada para caçar discos voadores. Persegui tornados. Vesti um lobo (que havia morrido de falência dos rins) para ir à estreia local de *Crepúsculo* enquanto gritava “TEAM JACOB” para fãs de vampiros furiosas. Aluguei um bicho-preguiça por hora. Meu novo mantra tornou-se “decoro é superestimado e provavelmente causa câncer”. Em resumo, fui enlouquecendo aos poucos, mas com constância. E foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Isso não significa que eu tenha deixado de ser deprimida, ansiosa ou de sofrer transtorno mental. Ainda tenho minha cota de semanas na cama quando simplesmente não consigo me levantar. Ainda me escondo debaixo da minha escrivaninha sempre que a ansiedade fica intensa demais para que eu me mantenha de pé. A diferença é que trago nos fundos da minha mente um depósito cheio de momentos em que me equilibrei na corda bamba, mergulhei em cavernas esquecidas e corri descalça por cemitérios com um vestido de baile vermelho esvoaçante. E posso lembrar que, assim que tiver força para me levantar da cama, voltarei a ser alucinadamente feliz. Não só para *salvar* a minha vida, mas para *viver* a minha vida.

Há alguma coisa na depressão que permite (ou às vezes força) explorar emoções numa profundidade que a maioria das

peessoas “normais” não faz ideia de que existe. Imagine ter uma doença tão aterradora que sua mente o leva a querer acabar com a própria vida. Imagine ter um transtorno maligno que ninguém entende. Imagine sofrer de um mal perigoso que nem *você* consegue controlar ou curar. *Imagine all the people living life in peace*. Imagine os representantes do patrimônio de John Lennon não me processando por usar essa última frase. Então imagine que a mesma doença (muitas vezes fatal) seja um dos distúrbios menos compreendidos... sobre o qual pouquíssimas pessoas estão dispostas a falar e do qual muitos de nós jamais conseguiremos fugir completamente.

* * *

Costumo pensar que quem sofre de depressão grave desenvolve um poço tão profundo de emoções extremas que pode conseguir experimentar a alegria num nível que também jamais poderia ser entendido pelas pessoas “normais”, e é disso que estou falando com ALUCINADAMENTE FELIZ. É sobre pegar os momentos em que as coisas vão bem e torná-las *fantásticas*, porque são esses momentos que nos fazem quem somos e que vamos levar para a batalha quando nossos cérebros declaram guerra contra a nossa própria existência. É a diferença entre “sobreviver” e “viver”. É a diferença entre “tomar um banho” e “ensinar o macaco mordomo a lavar seu cabelo”. É a diferença entre ser “são” e ser “alucinadamente feliz”.

Algumas pessoas podem achar que o movimento “alucinadamente feliz” é só uma desculpa para ser estúpido e irresponsável e convidar uma horda de cangurus para ir à sua casa sem avisar ao seu marido antes porque você suspeita que ele vá dizer não, já que ele não gosta muito de cangurus. E isso seria ridículo, porque *ninguém convidaria uma horda de cangurus para ir à sua casa*. Dois é o limite. Falo por experiência.

Meu marido, Victor, afirma que “nenhum” é o novo limite. Eu digo que ele deveria ter sido mais claro em relação a isso antes de eu ter alugado todos aqueles cangurus.

O movimento ALUCINADAMENTE FELIZ desencadeou o conceito da Fita de Prata, uma ideia que surgiu em um post do blog e chamou a atenção de milhares de pessoas, apesar de nenhum de nós ter de fato *feito* fitas prateadas, porque estávamos deprimidos demais para fazer artesanato. Esta é a postagem original:

Quando alguém que sofre de câncer luta, se recupera e entra em remissão, elogiamos sua bravura. Usamos fitas para celebrar essa batalha. Nós os chamamos de sobreviventes. Afinal, é isso que são.

Quando alguém que sofre de depressão luta, se recupera e entra em remissão, raramente tomamos conhecimento, pois muitos sofrem em segredo... têm vergonha de admitir o que veem como uma fraqueza pessoal... temem que as pessoas possam se preocupar, e mais ainda que não se preocupem. Parecemos incapazes de fazer qualquer coisa, a não ser ficarmos deitados no sofá e nos forçarmos a respirar.

Quando você se livra das garras da depressão, primeiro vem um alívio incrível, mas não o tipo de alívio em que se sente livre para celebrar. Em vez disso, a sensação de vitória é substituída pela ansiedade de que vá acontecer outra vez e pela vergonha e vulnerabilidade quando você se dá conta de como a doença afetou sua família, seu trabalho e tudo que permaneceu intocado enquanto você lutava para sobreviver. Retornamos à vida mais magros, pálidos e fracos... mas como sobreviventes. Sobreviventes que não recebem tapinhas nas costas dos colegas de trabalho nos parabenizando por termos conseguido. Sobreviventes que agora têm mais trabalho do que antes, porque nossos amigos e familiares estão exaustos de nos ajudar em uma batalha que talvez eles nem sequer entendam.

Espero um dia ver um mar de pessoas usando fitas prateadas como sinal de que compreendem a batalha secreta, como uma celebração das vitórias alcançadas a cada dia à medida que, individualmente, conseguimos sair das nossas trincheiras para ver nossas cicatrizes sararem e para nos lembrarmos de como é o sol.

Espero um dia melhorar, e tenho certeza de que vou conseguir. Espero um dia viver num mundo em que a luta particular pela estabilidade mental seja vista com orgulho e torcida pública em vez de vergonha. E também espero isso por você.

Mas até lá o avanço é lento.

Não me machuco há três dias. Entoo estranhas canções de batalha para mim mesma na escuridão para espantar os demônios. Sou uma lutadora quando preciso ser.

E tenho orgulho disso.

Comemoro por cada um que está lendo isso. Celebro o fato de vocês terem enfrentado suas batalhas e continuarem vencendo. Celebro o fato de que talvez não entendam a briga, mas seguram o bastão derrubado por alguém que amam até essa pessoa poder voltar a erguê-lo. Eu sobrevivi e faço questão de lembrar que, a cada vez que passamos por isso, ficamos um pouco mais fortes. Aprendemos novos truques no campo de batalha. Eles são aprendidos de formas terríveis, mas são úteis. Não lutamos em vão.

Nós vencemos.

Estamos vivos.



E estamos.

Quero que este livro ajude as pessoas que enfrentam transtornos mentais e também aqueles que têm amigos e familiares castigados por ela. Quero mostrar às pessoas que pode haver vantagens no fato de sermos “um tanto comprometidos”, como diria a minha avó. Quero que minha filha entenda o que há de errado e o que há de certo em mim. Quero transmitir esperança. Quero ensinar o mundo a cantar numa harmonia perfeita, mas sem ser aquelas propagandas com *flash mob*.

Este livro não é exatamente uma continuação do meu livro anterior, mas uma coleção de ensaios bizarros, conversas e pensamentos confusos colados com uma mistura de vinho de caixa derramado e lágrimas de frustração de editores estarecidos por não terem opção além de aceitar minha crença de que é perfeitamente aceitável inventar palavras quando precisamos de uma que não existe e de que pontuação é mais uma sugestão do que uma regra. É um “inventabulário”,² ok? Espero que vocês o considerem a sequência perfeita para o meu último livro... estranho, engraçado, honesto e um pouco mais que peculiar.

Mas da melhor forma possível.

Como todos nós.

—Jenny Lawson³

¹ Meu editor insistiu para que eu deixasse claro que *não* tem uma nota de 25 dólares escondida no livro, e é meio ridículo ter que explicar, porque não existem notas de 25 dólares. Se você comprou o livro achando que encontraria uma nota de 25 dólares dentro dele, na verdade só pagou por uma lição bastante válida, que é: *não troque a sua vaca por feijões mágicos*. Outro livro explicou o mesmo conceito muitos anos atrás, mas acho que meu exemplo plagiado é bem mais divertido. É como a versão *Cinquenta tons de*

cinza de “João e o pé de feijão”. Só que com menos esferas anais e menos mudas de feijão.

² “Inventabulário” é uma palavra que acabei de inventar para definir as palavras que precisam ser inventadas já que não existem. É uma combinação entre “inventado” e “vocabulário”. Eu ia chamá-la de “imaginário” (combinação de “imaginado” e “dicionário”), só que acontece que a palavra “imaginário” já foi inventabulada. Mas tudo bem, porque “inventabulário” acidentalmente lembra alguma sacanagem e também é uma palavra muito divertida de pronunciar. Experimente. *In-ven-TABU-lá-rio. Soa bem.*

³ *Meu* transtorno mental não é *seu* transtorno mental. Mesmo que você tenha recebido exatamente o mesmo diagnóstico, nossas experiências devem ser diferentes de formas muito profundas. Este livro fala sobre a minha perspectiva única do caminho que segui até agora. *Não* é um manual. Se fosse, provavelmente custaria muito mais caro e teria menos palavrões e histórias de desconhecidos enviando vaginas inesperadas pelo correio. Como acontece com todas as histórias, carros de corrida, ursos selvagens, transtornos mentais e até com a vida, só há uma verdade: a quilometragem varia.

Alucinadamente feliz. Perigosamente triste.

— Você não é louca. PARE DE SE CHAMAR DE LOUCA — diz minha mãe pela décima-primeira-bilionésima vez. — Você só é *sensível*. E... um pouco... *diferente*.

— E fodida o bastante pra precisar de uma porrada de remédios — acrescento.

— Isso não é ser louca — responde minha mãe enquanto volta a lavar os pratos. — Você *não* é louca e precisa parar de dizer que é. Isso só faz com que você pareça uma lunática.

Rio, porque esse argumento me é familiar. É a mesma coisa que já ouvimos um milhão de vezes e que ouviremos mais um milhão, então que seja. Além disso, tecnicamente ela está certa. Não sou *tecnicamente* louca, mas “louca” é uma forma muito mais simples de rotular o que sou.

De acordo com os muitos psiquiatras que visitei nas últimas duas décadas, sou uma depressiva altamente funcional com transtorno de ansiedade grave, depressão clínica moderada e distúrbio de automutilação brando proveniente de um transtorno do controle de impulsos. Tenho transtorno de personalidade esquiva (que é tipo uma fobia social chapada de anfetamina) e um ocasional transtorno de despersonalização (o que me dá a sensação de completa desconexão com a realidade, mas não de um modo “esse LSD é ótimo”, e mais “eu queria saber o que meu rosto está fazendo agora” ou “seria ótimo voltar a sentir alguma emoção”). Tenho artrite reumatoide e doenças autoimunes. E,

salpicadas como granulado sobre um bolo mentalmente desequilibrado, coisas como um TOC moderado e tricotilomania (o impulso de arrancar os cabelos), o que tem um nome muito bom, já que sempre que as pessoas ouvem a palavra “mania” automaticamente se afastam e abrem mais espaço em aviões lotados. É provável que isso aconteça porque não se deve falar sobre ter compulsões em aviões lotados. Essa é uma das razões pelas quais meu marido, Victor, detesta voar comigo. A outra é que costumo levar bichos empalhados como animais de serviço psiquiátrico. Basicamente, não viajamos juntos com frequência porque ele não entende o que é ser incrível.

— Você não é *maníaca* — diz minha mãe com o tom de voz irritado. — Você só gosta de puxar os cabelos. Você já fazia isso quando era pequena. É só uma coisa que a acalma... como acariciar um gatinho.

— Eu gosto de **arrancar** os cabelos — corrijo. — É um pouco diferente. É por isso que chamam de “mania”, e não “distúrbio de acariciar gatinhos”. O que seria uma droga porque você acabaria com um monte de gatinhos meio calvos que a odiariam. *Meu Deus*, espero nunca ter um *distúrbio de empolgação ao despelar gatinhos*.

Minha mãe suspira fundo, mas é por isso mesmo que adoro ter essas conversas com ela. *Porque ela me dá perspectivas*. Também é por isso que *ela* odeia ter essas conversas comigo. *Porque eu dou detalhes*.

— Você é perfeitamente normal — declara minha mãe, meneando a cabeça como se até seu corpo conspirasse contra essa mentira.

Rio, puxando meu cabelo involuntariamente.

— Eu *nunca* fui normal, e acho que nós duas sabemos disso. Minha mãe faz uma pausa, tentando pensar em outro argumento, mas é inútil.



Eu sempre fui naturalmente ansiosa, em níveis ridículos. Minha primeira lembrança da escola é de um passeio ao hospital em que um médico pegou algumas amostras de sangue e eu desmaiei na mesma hora caindo em uma parede de urinóis (por sorte vazios). De acordo com outras crianças presentes, uma professora disse: “Ignorem-na. Ela só quer atenção.” Então minha cabeça começou a sangrar e o médico abriu um frasco de amônia embaixo do meu nariz, uma experiência muito parecida com levar um soco na cara de um punho invisível de fedor.

Eu não sei bem *por que* desmaiei. Não que tivesse acontecido alguma mudança na minha ansiedade, mas meu subconsciente aparentemente ficou tão aterrorizado que decidiu que eu estaria mais segura dormindo no chão cercada por urinóis. Isso dá uma amostra de por que meu corpo é idiota, já que narcolepsia forçada é a pior defesa possível. É como uma versão da técnica de fingir de morto, o que só é útil se houver ursos tentando devorá-lo, pois, ao que parece, se você se deitar na frente de ursos, eles pensam: “Que fodona! Eu ataco e ela resolve tirar um cochilo? Porra, é melhor não mexer com ela.”

Esse seria o início de um longo e ridículo período da minha vida, que os psiquiatras chamam de “síndrome do jaleco”. Minha família preferia “Síndrome *o-que-diabo-deu-na-Jenny*”. Acho que a família era mais precisa em sua análise, afinal desmaiar ao ver um jaleco de médico é simplesmente ridículo, e não só um pouco constrangedor, ainda mais porque depois você precisa dizer: “Desculpe-me por eu ter desmaiado na sua frente. *Parece que tenho medo de jaleco.*” Para piorar as coisas, quando desmaio tendo a ficar me debatendo no chão e soltando gemidos guturais. “Como um Frankenstein”, de acordo com minha mãe, que testemunhou isso em várias ocasiões.

Outras pessoas podem enfrentar um medo subconsciente de adversidades, fracassos ou de serem apedrejadas, mas *minha* fobia secreta me faz desmaiar diante de uma *roupa*. Já desmaiei uma vez no optometrista, duas vezes no consultório do dentista e duas vezes aterrorizantes na ginecologista. Mas o lado bom de desmaiar no ginecologista é que, se você já está nos estribos, não tem para onde cair — a menos que, é claro, seja como eu e fique se debatendo e gemendo enquanto está inconsciente. Acho que é a pior forma de perder os sentidos quando alguém está na sua vagina. É como ter um orgasmo nada atraente sem ao menos estar acordada. Sempre lembro à minha ginecologista que posso desmaiar durante um exame Papanicolau, e ela geralmente me informa com uma careta que *não precisava dessa lembrança*. De acordo com minha irmã “deve ser porque a maioria das pessoas não faz um espetáculo tão teatral quando desmaia”.

A *pior* parte de desmaiar no ginecologista é que em algum momento você recobra a consciência com um espéculo inesperado dentro da sua vagina, o que é definitivamente a terceira pior forma de acordar. (A segunda é quando se está no ginecologista *sem* um espéculo dentro de você porque o ginecologista o retirou quando você desmaiou e aí tem que começar tudo de novo — e é por isso que digo aos ginecologistas que, caso eu desmaie enquanto estão examinando minha vagina, devem aproveitar a oportunidade para fazer tudo o que precisa ser feito enquanto estou inconsciente.

A primeira pior maneira de acordar é quando se depara com ursos devorando você porque seu corpo achou que a melhor defesa seria adormecer na frente dos ursos. Essa baboseira de “fingir de morto” quase nunca funciona. Não que eu saiba, porque eu nunca desmaiaria na frente de ursos. Seria ridículo. Na verdade, sou conhecida por correr atrás de ursos para tirar boas fotos deles. Em vez disso, desmaio na frente de *jalecos*, que —

de acordo com o meu cérebro — são as coisas que você *realmente* precisa temer.)

Certa vez, perdi a consciência no consultório do veterinário quando ele chamou meu nome. Parece que meu subconsciente entrou em pânico quando vi sangue no jaleco do veterinário e eu desmaiei de repente em cima do meu gato. (Isso não foi um eufemismo.) Acordei sem blusa no saguão com um monte de estranhos e cachorros olhando para mim. É claro que, quando comecei a gemer, o veterinário chamou uma ambulância, e ao chegarem os paramédicos disseram que não estavam conseguindo sentir meus batimentos cardíacos, então arrancaram minha blusa. Cá entre nós, acho que eles só estavam a fim de uma comoção barata. Acho que os cachorros que estavam me encarando concordaram, já que pareciam um pouco constrangidos por mim depois de terem visto o espetáculo inteiro se desenrolar. Mas a verdade é que não podemos culpar os cachorros, porque, em primeiro lugar, quem pode deixar de olhar para um desastre como aquele? E, em segundo, cães não conhecem o conceito de modéstia.

— Acordar sem blusa com um bando de cachorros preocupados olhando para seu sutiã porque você tem medo de jalecos ocupa mais ou menos o sétimo lugar entre as piores formas de acordar — resmungo em voz alta para minha mãe.

— Hum — responde ela evasivamente, erguendo a sobrancelha. — Bem, certo, talvez você não seja normal, *normal* — completa com relutância —, mas quem quer ser normal? *Você está bem*. Está ótima. Até *melhor* que normal, porque está tão consciente dos problemas que tem que é capaz de identificá-los e... meio que... *resolvê-los*.

Eu concordo. Ela tem razão, mesmo que o resto do mundo possa divergir da definição dela de “resolver”.

Quando era criança, eu “resolvia” meus problemas me escondendo do mundo na caixa de brinquedos vazia sempre que

minha ansiedade não diagnosticada ficava insuportável. No ensino médio, resolvia me isolando dos outros. Na faculdade, resolvia com distúrbios alimentares, controlando o que comia para compensar a falta de controle das minhas emoções. Agora que sou adulta, eu as controlo com medicamentos, visitas ao psiquiatra e terapia comportamental. Controlo sendo absolutamente honesta em relação ao nível da minha loucura. Controlo me permitindo me esconder em banheiros e debaixo de mesas durante eventos importantes. E em certas ocasiões controlo deixando que elas me controlem, pois não tenho escolha.

Às vezes, passo uma semana sem conseguir sair da cama. Os ataques de ansiedade continuam sendo uma parte desconfortável e aterrorizante da minha vida. Mas, depois da minha epifania em relação ao conceito de ser alucinadamente feliz, aprendi a importância de seguir em frente, sabendo que logo, logo serei feliz outra vez. (Se essa frase pareceu confusa, deve ser porque você pulou a nota da autora no início, como todo mundo faz. Volte e leia, porque é importante, e também porque você pode encontrar dinheiro por lá.)

É por isso que entro de fininho no banheiro dos outros em hotéis mal-assombrados e que certa vez aceitei um emprego político sob a chefia de um gato de rua que dorme na prefeitura. Já promovi treinamentos para apocalipses zumbi em salões de baile lotados e pousei em porta-aviões no mar. Certa vez, criei um financiamento coletivo que arrecadou dinheiro suficiente para comprar um Pégaso empalhado. *Eu sou alucinadamente feliz.* Não é uma cura para transtornos mentais... é uma arma, feita para o contra-ataque. É uma maneira de recuperar parte da alegria que lhe é roubada quando se é louca.

— *Aaaaaah!* Você *não* é louca — reafirma minha mãe, acenando com um prato molhado na minha direção. — Pare de dizer que é louca. As pessoas vão pensar que você é lunática.

E é verdade. Elas vão. Pesquiso a palavra “lunático” no Google com o meu celular e leio uma das definições para ela.

Lunático: (adjetivo e substantivo masculino) *Tolo de uma maneira descontrolada ou irrefletida.*

Minha mãe para, olha para mim e por fim solta um suspiro resignado, reconhecendo muito de mim nessa definição.

— Certo — diz ela, dando de ombros em sinal de ponderação ao voltar para a pia. — Então talvez ser “louca” no fim das contas não seja tão ruim.

Concordo.

Às vezes ser louco é perfeito.

Encontrei uma alma gêmea com um disfarce muito saudável

Algumas semanas atrás, fui à farmácia pegar meus remédios e fiquei dando uma olhada pela janela do *drive-thru* e pensando em como é maravilhoso viver num mundo onde podemos pegar drogas num *drive-thru*. Foi então que notei algo estranho no balcão do farmacêutico:



Sim, são biscoitos de cachorro.

E pensei: “Bem, isto é... *esquisito*. Mas talvez alguém tenha devolvido os biscoitos porque estavam velhos ou alguma coisa assim.” Em seguida, pensei que seria ainda mais estranho alguém se dar conta de que os biscoitos estavam velhos, já que cachorros não costumam *não* comer biscoitos, mesmo quando estão uma merda. Quer dizer, cachorros comem fraldas usadas

se deixarmos, por isso tenho certeza de que nenhum deles vai recusar biscoitos. Então o farmacêutico voltou e enquanto me atendia *esticou o braço e pegou um punhado de biscoitos de cachorro quebrados...*

FOI LÁ.

E.

COMEU.

Aí eu pensei: “Espera. *Será que eu estou drogada? Será que ele está drogado?* Isso é um tipo de teste? Devo falar alguma coisa?” Mas eu não disse nada, pois tenho certeza de que não devemos acusar o homem que nos dá remédios de comer comida de cachorro. Assim, assinei o recibo e fui embora no meu carro enquanto refletia: “É possível que ele tenha comido biscoitos de cachorro sem querer? Ou será que alguém ficava roubando a comida dele no trabalho, então ele decidiu colocar seus deliciosos biscoitos humanos (feitos *para* humanos, e não *com* humanos) em uma caixa de biscoitos caninos para mantê-los em segurança? Ou talvez ele só goste de se divertir vendo se as pessoas vão avisar que ele está comendo comida de cachorro. Essas pessoas devem ser legais.”

Não sou uma delas.

Mas acontece que eu passei o dia inteiro pensando: “*POR QUE BISCOITOS DE CACHORRO?*” Até voltei para perguntar, mas nem os biscoitos, nem o cara estavam lá. Então pensei: “Posso perguntar a esse farmacêutico se o que come comida de cachorro está por aqui porque preciso perguntar qual é a dele?” E a resposta foi: “Não, não posso.” Mas eu queria muito saber, pois suspeitava que seríamos grandes amigos, já que qualquer um capaz de esconder biscoitos em uma caixa de comida para cachorro parecia uma ótima companhia para mim. Por outro lado, alguém capaz de comer comida de cachorro por diversão parece um pouco mais questionável. Só que agora eu passei a me perguntar se na verdade biscoitos caninos não seriam deliciosos,

e se ele não era um gênio por ter descoberto biscoitos muito baratos. Biscoitos que não fazem você ligar para ouvir as críticas do seu veterinário quando o cachorro entra na dispensa e come todos. Mesmo que ainda tenha que telefonar para o veterinário quando seu gato come um brinquedo composto por um sininho, uma pena e uma bola macia, tudo amarrado num barbante. Isso aconteceu uma vez e foi terrível, porque o veterinário disse que eu precisava encher o gato de laxante para fazer o brinquedo sair com facilidade e depois inspecionar o cocô para me certificar de que havia passado, ou, do contrário, eles teriam que fazer uma cirurgia e abrir o gato. Quando enfim *começou* a sair, só passou uma parte do sininho, e o gato ficou louco fugindo do sininho pendurado no fiofó dele. Liguei para o veterinário e ele disse que eu definitivamente NÃO deveria puxar o barbante, porque os intestinos do bicho viriam junto, o que seria a piñata mais nojenta do mundo. Aí tive que correr atrás do gato com uma tesoura para cortar o sininho (que, para a minha surpresa, continuava tocando depois de ter visto coisas que nenhum sininho deveria ver). É provável que o gato estivesse fugindo por causa do sininho e porque eu estava correndo atrás dele com uma tesoura e gritando “EU VOU AJUDAR”.

Se eu e aquele farmacêutico que comia comida de cachorro fôssemos bons amigos, eu teria telefonado para ele e contado sobre a história do sininho, pois ele provavelmente teria gostado dela. Mas nunca voltei a encontrá-lo, porque temia que, se eu pedisse para ver o farmacêutico que comia comida de cachorro, os outros farmacêuticos parassem de me dar medicamentos.

Isso parece discriminação, mas não consigo explicar exatamente por quê.

Meu telefone é mais divertido do que eu

Quando acordo de manhã, é normal encontrar mensagens para mim no celular. Quando as leio, suspeito que estou sendo seguida por uma louca. E estou. A louca sou eu. Os chamados vêm de dentro da casa.

Alguns desses lembretes são escritos enquanto espero os soníferos fazerem efeito, mas a maioria é escrita às duas horas da manhã, quando me convenço de que tive alguma ideia brilhante que esquecerei se não anotar logo. Então, de manhã, parabenizo-me por ter esquecido o que era e fico um pouco decepcionada, pois a mensagem não é tão arrasadora, só muito confusa. Essas cartas do meu cérebro são desconcertantes, mas eu nunca as excluo, porque é bom ter um correspondente cujas cartas não preciso responder e também porque posso ler os bilhetes esquisitos e pensar: “Finalmente alguém me entende.”

Algumas dessas anotações:

“Não vou dizer que avisei” é a mesma coisa que falar “Eu avisei”, só que pior, já que você está dizendo “Eu avisei” e se parabenizando por ser capaz de conter a vontade de dizer o que acabou de dizer.



Será que aspargos são só alcachofras que não cresceram direito? Tipo, que começaram a fumar e ficaram muito magros, como supermodelos?



Aposto que a geleia foi inventada pela pessoa mais preguiçosa do mundo.



Comer um pêssogo é como comer a cabeça de um recém-nascido. É tão macio e mole. Não que pêssogos tenham gosto de bebês. Eu não como bebês. Aliás, nem pêssogos. Porque lembram comer bebês. Na verdade, é um círculo vicioso.



Hoje no almoço o garçom disse que a sopa do dia era “carne com hominho”. E eu reagi, tipo: “Que porra é essa?” Ele contou que havia tomado um pouco e que estava “boa, mas bem carregada de hominho”. Victor disse algo como: “Parece ótimo. Quero uma tigela”, e senti que havia ido parar num episódio de *Além da Imaginação*. Mas na verdade o garçom estava dizendo “carne com cominho”, o que, para ser sincera, parece igualmente nojento.



É ilegal usar cortinas de chuveiro como cortinas comuns e vice-versa? Caso não seja, e se você for atrás de uma cortina de chuveiro, mas acabar comprando uma cortina com franjas? Isso me parece pelo menos um crime de contravenção.



A expressão “Descanse em paz” soa muito egoísta. Ela basicamente quer dizer: “Fique no túmulo. Não venha me assombrar.” O oposto seria “Revire-se como quiser” ou “Vá dar uma corrida”.



Não entendo o movimento anti-slut-shaming, que é contra a humilhação de vadias. Eles dizem “Não ofenda as vadias”, e eu fico toda “São vocês *que estão chamando mulheres de vadias*”. É como fazer uma campanha dizendo “Deixem os gordinhos pra lá”.



Se o plural de “octopus” é “octopi”, por que o plural de “rabbit” não é “rabbi”? Seria porque “octopuses” é uma palavra divertida demais de se falar?



Uma amiga de Victor tinha um bichinho chamado “Terry, o Gato da Verdade”. Quando ela era criança e seu pai achava que ela estava mentindo, ele pegava o gato e dizia: “Crianças, é melhor vocês me contarem a verdade, ou Terry vai pagar o pato.” Acho que pretendia dar uma lição de honestidade, mas deve foder a cabeça. Além disso, não acho que eu seria capaz de ameaçar um gato. Talvez pudéssemos comprar Terry, a Tartaruga da Verdade, e ameaçá-la com uma arma de brinquedo. Estaríamos nos esforçando para fazer nossa filha, Hailey, falar a verdade, e a tartaruga esconderia a cabeça no casco como se dissesse: “Não faço parte disso. Não estou do lado de vocês.” Mas não gosto de armas, então talvez pudéssemos segurá-la sobre uma panela de água fervente. Mas e se acabássemos acidentalmente cozinhando o bicho no vapor? Seria uma droga. Foda-se. Prefiro que Hailey minta muito bem.



“We wish you a merry Christmas” [Nós lhe desejamos um feliz Natal] é a canção mais exigente de todos os tempos. Ela começa muito agradável, e de repente tem uma multidão furiosa em frente à sua porta cantando

“Now bring us some figgy pudding and bring it RIGHT HERE. WE WON’T GO UNTIL WE GET SOME SO BRING IT RIGHT HERE.” [Agora, tragamos um pouco de pudim de figo BEM AQUI. NÃO IREMOS EMBORA ATÉ COMERMOS UM POUCO, ENTÃO NOS TRAGA BEM AQUI.] E ficam rimando “here” com “here”. É uma rima muito pobre. Não vou recompensar cantores preguiçosos e indesejados fazendo exigências agressivas por pudim. Deviam fazer um remix dessa música para os donos da casa poderem cantar: “Eu nem pedi por essa merda de música, seus malditos mendigos. Chamei a polícia. *Isso já funcionou com alguém?* Alguém para quem vocês cantaram já deu algum pudim? *Pudim com sabor de figo? Isso sequer existe?*” Não rima, mas eles também não fizeram nenhum esforço. E os cantores responderiam: “ENTÃO TRAGAM UM POUCO DE GIM TÔNICA E VAMOS TOMAR UMA CERVEJA.” Aí eu responderia: “Bem, acho que isso é mais razoável. Está bem. Entrem para um drinque.” Tecnicamente, seria uma boa forma de conseguir bebida de graça. Seria como “doce ou travessura”, mas para alcoólatras cantores. *Ah, meu Deus, finalmente entendo o sentido de cantar músicas de Natal!*



Eu quase nunca uso a.C. e d.C. para descrever períodos de tempo. Uso AKCE — Antes de Kirk Cameron Enlouquecer. É assim que encaro o tempo.



Por que “sufixo” e não “posfixo”? O contrário de “prefixo” deveria ser “posfixo”. Não entendo como essas decisões são tomadas.



Se eu fosse uma dominatrix, forçaria meu submisso a lavar minhas roupas, a limpar a geladeira e a escovar os gatos e, sempre que ele tentasse usar a palavra de segurança (“banana”) para me fazer parar por

estar fazendo alguma coisa que não quisesse, eu daria uma risadinha e diria: “Não, Gary. Essa *definitivamente* não é a palavra de segurança.” E puxaria a guia e lhe entregaria um esfregão, falando: “*Quer dizer que sua mulher não faz isso com você?* Que pena. Agora, termine de limpar o chão e vá pegar a minha roupa na lavanderia.” Dez anos mais tarde, eu continuaria tendo alguém para me pegar no aeroporto e fazer todas as merdas que eu não quisesse fazer. E então, quando ele estivesse em seu leito de morte, eu diria: “Gary? Eu só estava brincando. A palavra secreta era mesmo ‘banana’”, e daríamos boas gargalhadas.



Sempre que eu e Victor brigamos, gosto de pegar meu celular e tirar uma *selfie* de nós dois, porque quando ele me diz para me acalmar posso provar que estou menos zangada do que ele, argumentando: “Como você pode pensar que perdi a calma? Dê uma olhada nessa foto. Estou adorável. É você quem está parecendo ter perdido a calma.” Outra coisa boa é que quando estou tirando a foto ele tem duas opções: sorrir ou parecer com raiva. De um jeito ou de outro, eu saio ganhando. Além disso, fico com uma foto horrível dele que posso ameaçar tuitar se ele não concordar que estou certa em tudo.



Eu queria saber se quando são filhotes os pássaros tentam pousar nas nuvens. Se acontece, será que é como quando achamos ter chegado ao último degrau, mas ainda tem outro e damos um passo em falso e fazemos aquele barulho estranho e todo mundo olha? Seria uma droga. Mas pelo menos os pássaros não podem ser vistos quando fazem merda e caem através das nuvens.



Acho muito confuso as pessoas se referirem a dias bons como “dias de salada” [the salad days]. Ninguém quer salada. Seria porque os ricos

sempre servem salada, apesar de elas geralmente serem jogadas fora? Isso significa que, se você for rico o suficiente para servir uma comida que sabe que vai ser jogada fora, então “se deu bem na vida”? Faz sentido.



Bruce Springsteen disse que não se pode acender o fogo sem uma centelha, mas dá para fazê-lo com uma lente de aumento. Isso acabaria com a rima, porém seria em prol da ciência. E dos incendiários. Talvez ainda seja uma centelha, mesmo começando com uma lente de aumento. Talvez a primeira chama seja sempre uma centelha. Mas isso é o mesmo que dizer que não se pode acender o fogo sem fogo. Isso seria uma composição medíocre. Bruce Springsteen obviamente não é o rei da precisão científica.



A palavra “crèche” [do francês] vem de “crotch” [em inglês, o espaço entre as pernas], que é de onde os bebês vêm? Se for o caso, parece que quem inventou a palavra foi muito preguiçoso, mas é interessante terem colocado um acento, pois ele acrescenta um mui necessário toque de elegância.



As crianças não encapam mais os livros. Por que será? Estão perdendo a melhor parte da escola, que é desenhar genitais e escrever palavrões, escondendo tudo nas capas floridas. Nas nossas, costumava ter propagandas, a maioria de descaroçadoras de algodão e funerárias, o que era esquisito, já que éramos crianças e não tínhamos nem dinheiro nem atração por esse tipo de coisa. Nunca entendi o fato de termos que pagar para sermos enterrados quando poderíamos só deixar que os porcos comessem nossos corpos. É que estávamos *cercados* por fazendas de criação de porcos e os bichos precisavam se alimentar,

então poderíamos matar dois coelhos com uma cajadada só. Nós virávamos as capas ao contrário (depois de termos desenhado um homem com uma ereção nada apropriada em um caixão) e usávamos capas novas para esboçar futuras tatuagens.

Também tínhamos cadernos de capa de couro na escola, o que já me disseram ser algo que nem todo mundo teve. Eram fechados por um zíper, com nossos nomes gravados à mão nas capas pelo seleiro local. Usávamos para fazer a tarefa de casa e todo mundo tinha um, mas eles eram muito caros. Eu finalmente ganhei um num combo de Natal e aniversário quando estava na oitava série, e fiquei muito feliz. Quase sempre ganhava materiais escolares de presente e ficava em êxtase. Era uma época simples. Os dias de salada. Acho.

O que quero dizer é que as crianças ficam superempolgadas com as coisas mais idiotas, e então essas coisas idiotas se tornam incrivelmente populares. É por isso que agora tento evitar coisas populares, como material escolar, e em vez disso prefiro as coisas menos populares, como ser comida por porcos. Conceitualmente, digo. Já convivi muito com porcos e nenhum nunca tentou me comer. Nosso vizinho criador de porcos me disse que isso é porque os porcos são muito seletivos e não comem pessoas vivas. O que é estranho, pois acho que querer comer um cadáver é o *oposto* de ser seletivo com o que se come, mas vou deixar essa para os especialistas.



Sempre que Hailey me conta que as crianças da escola foram más com ela, quero ir atrás dessas crianças para dizer que sou elas no futuro e que se tornaram fracassadas *patéticas*. E ainda complementaria com: “*E olha como você ficou gorda.*”



Ontem eu estava em um posto de gasolina e vi a mãe de uma coleguinha da tropa de escoteiras da Hailey, mas eu estava de pijama, então me escondi nos fundos da lojinha até ela ir embora. Havia cartões

à venda, então fingi que estava dando uma olhada neles, mas o que eu escolhi tinha uma lata de feijão com olhinhos de plástico e achei muito estranho, mas descobri que era um desses cartões que tocam música e se mexem quando você abre. Aí eu fiquei lá, segurando uma lata de feijão com olhos saltados enquanto ela balançava peidando um “Parabéns para você” bem alto para mim num posto de gasolina. Era como se eu estivesse competindo por um prêmio de pessoa mais ridícula de todos os tempos. Dei um aceno constrangido para a mulher e disse “Não fui eu”, porém ela não acreditou. Eu deveria ter jogado o cartão no chão e gritado “Bruxaria!”, mas sempre temos essas ideias tarde demais.



Meu hemograma acusou insuficiência de magnésio e selênio, mas em vez de receitar alguma vitamina meu médico receitou “duas castanhas-do-pará por dia”. Sempre pensei que no futuro a comida seria em forma de pílulas. Agora estou tomando pílulas em forma de comida. Estamos regredindo nesse aspecto. Além disso, é uma droga que a castanha que me receitaram seja a pior de todas, a que a gente sempre joga fora. Preciso começar uma campanha para as pessoas do mundo inteiro me mandarem as duas castanhas-do-pará que elas deixam no fundo do pote.

Eu disse a Victor que havia recebido o resultado do exame e que “me receitaram nuts”. Victor disse que confundi a receita com o diagnóstico.*



Benedict Cumberbatch é tipo Alan Rickman num processo Benjamin Button.

Não entendo por que as pessoas insistem nessa mensagem de “Não seja qualquer pessoa. SEJA ÚNICO”. Você *já* é incrivelmente único. *Todo mundo* é incrivelmente único. É por isso que a polícia usa impressões digitais para identificar as pessoas. Então você é *incrivelmente* único... *mas do mesmo jeito que todo mundo é*. (O que, vamos admitir, não soa

bem nem nunca vai dar uma camiseta motivacional.) Logo, nenhum de nós é único em ser único, pois ser único é a coisa *menos* única do mundo, é algo inato. Assim, talvez no lugar de “SEJA ÚNICO” você devesse estar dizendo: “Mostre-se tão fodido quanto você quiser, porque alguém já escolheu ser único.” *Ironia das ironias, todo mundo escolheu.*

Ou talvez devêssemos mudar a mensagem para “Não seja qualquer pessoa. Seja a pessoa MAIS qualquer”.



A quantia em dinheiro que eu pagaria para as pessoas pararem de destruir a gramática é só *um pouquinho* menor do que a quantia que daria para nunca cometer erros gramaticais nas frases que uso quando chamo a atenção dos outros por seus erros gramaticais.



Se você colocar vários camaleões em cima de mais um monte de camaleões em cima de uma tigela de confetes, o que aconteceria? Seria uma experiência científica? Porque, se for, agora entendo por que as pessoas querem ser cientistas.



Eu deveria fundar o Museu de Coisas Perdidas. Ele estaria cheio de redomas de vidro vazias das coisas que não estão ali. Também teria um salão gigantesco das meias sem par e chaves. E teria também a minha noção de racionalismo. E a noção de Victor de extravagância. E a paciência dele. Seria um lugar lotado. Talvez tenhamos que ampliar o espaço.



Quem acha que é difícil encontrar uma agulha num palheiro provavelmente não costura. *As agulhas encontram você.* É só andar pelo palheiro por um segundo que você vai encontrar a agulha. Elas são piores do que peças de Lego no chão. E, se isso não funcionar, é só queimar um pouco do maldito feno. Deveriam mudar a expressão “como achar uma agulha num palheiro” para “como achar uma caneta que funcione naquela gaveta cheia de canetas sem tinta”.



As pessoas se perguntam como Victor e eu já estamos casados há tanto tempo apesar de ele ser republicano e eu ser superliberal. Acho que tudo depende de comunicação e compromisso. Na semana passada, Victor disse: “Se você renovar sua filiação à PETA, vou atropelar um esquilo.” Sei que ele está blefando. A não ser que dirija o carro de outra pessoa.



Sou alérgica a látex — ele deixa minha pele toda irritada. Por isso, a maioria das camisinhas está fora de questão, pois a última coisa que qualquer um quer é uma vagina com erupções cutâneas. A alternativa é um modelo feito de pele de carneiro, mas isso sempre me deixa grilada, porque fico pensando: será que isso significa que eu e Victor estamos fazendo sexo com um carneiro? Um carneiro *morto*, aliás. É ao mesmo tempo zoofilia e necrofilia. E um ménage à trois, eu acho. Quando mencionei isso para Victor, ele imediatamente agendou uma vasectomia, o que é ótimo, porque mostra que ele se importa comigo. Victor disse que era menos o fato de se importar e mais “Eu prefiro ter minhas bolas arrancadas a ter de ouvir você falar sobre ménage à trois com carneiros mortos”. Mas aí fiquei com um monte de camisinhas sem uso. Elas são ótimas como balões d’água, e aposto que seriam muito úteis em campeonatos de bola de chiclete. Chiclete de carneiro muito macio. Talvez isso seja trapaça. Não conheço as regras de um campeonato de bolas de chiclete.



Minha avó dizia: “Você não iria gostar de ser atropelada por um ônibus usando esse tipo de calcinha”, mas não acho que a calcinha tenha sido inventada para fazer alguém *gostar* de ser atropelada por um ônibus. Além disso, quando se é atropelado por um ônibus, acho que a roupa de baixo é a última coisa com que alguém se preocupa. Aliás, quando se morre, o intestino relaxa e você se caga todo. Então mesmo usando calcinhas limpas, elas não continuariam limpas quando sua avó chegasse. É por isso que acho que deveriam fazer roupas de baixo com frases em sua defesa. Algo como: “*Eu juro que estavam completamente limpas de manhã.*” É o equivalente àquelas velhas roupas de baixo com semaninha, só que sem precisar lembrar que dia é. Mal consigo me vestir de manhã, que dirá saber responder qual é a calcinha daquele dia da semana. Além do mais, por que estou aceitando conselhos sobre calcinhas da minha avó quando as “calçolas da vovó” são as roupas de baixo mais desprezadas que existem? Quando éramos crianças, nossa tia-avó Olly costumava dar a mim e à minha irmã 5 dólares em moedas de 10 centavos e calçolas da vovó todo Natal. Elas eram tão enormes que nós as puxávamos até o pescoço e fingíamos que eram collants sem alça enquanto imitávamos as dançarinas de *Fama*. Só que na privacidade da nossa casa. Em público, isso teria sido mortificante. E, na verdade, se alguém me visse usando calçolas da vovó que iam até as minhas axilas enquanto eu tentava fazer a dança do robô, eu provavelmente me atiraria na frente de um ônibus. E o ciclo estaria completo.

“A vítima estava usando um collant sem alça quando se cagou. Uma pilha de moedas de 10 centavos foi encontrada com o cadáver. Sua avó foi contatada para ser informada sobre o fiasco.”

* “Nuts”, em inglês, é um termo tanto usado para designar “castanhas” quanto como gíria para “louco”. (N. da T.)

Tenho um distúrbio do sono que ou vai me matar ou vai matar outra pessoa

Se você me perguntasse “Dormiu bem?”, eu responderia “Sim, apesar de tudo”. Mas hoje seria um pouco mais complicado, porque de manhã perdi meus dois braços.

O lado bom é que isso me deu algo sobre o que escrever, embora, é claro, tenha sido impossível escrever no momento, já que não tinha nenhum braço funcionando.

(Observação da editora: Recomece. Soe menos ridícula.)

Certo.

Hoje de manhã, acordei às seis para levar Hailey à escola, mas depois voltei para a cama e passei mais algum tempo deitada porque havia ficado acordada até as duas da manhã promovendo um rodeio de guaxinins mortos na cozinha.

(Observação da editora: Sabe de uma coisa? Deixa pra lá.)

O nome do guaxinim morto é Rory. Eu me apaixonei por ele no instante em que o vi, porque ele é idêntico a Rambo, o guaxinim órfão resgatado que morou na minha banheira quando eu era criança. Rory não teve a sorte de ser adotado por uma criança

que o vestisse com shorts pequeninhos e o deixasse transformar a pia na sua própria cachoeirinha.

Em vez disso, Rory havia se misturado com uma turma da pesada e virado pizza de asfalto, mas meu amigo Jeremy (um promissor taxidermista) viu um grande potencial (e poucas marcas de pneu) no cadáver e decidiu que o espírito de Rory deveria continuar vivo do modo mais alegre e perturbado possível.



(Cortesia de Jeremy Johnson)

Rory, o Guaxinim Morto, fica de pé sobre as pernas traseiras, os braços abertos com pura alegria. Ele parece o participante mais empolgado de uma festa surpresa, ou talvez um Senhor do Tempo no processo de regeneração.

Seu desconcertante sorriso enorme faz as pessoas rirem (em geral por nervosismo e involuntariamente) sempre que eu o mostro. Ou às vezes elas gritam e se afastam. Acho que depende de se estar ou não esperando um guaxinim morto bizarramente alegre aparecer na sua frente.

Victor não entendeu *de todo* meu amor por Rory, mas admitiu que o achava o melhor cadáver de guaxinim que alguém já amara. Seus braços minúsculos estavam perpetuamente esticados como se quisessem dizer: “AIMEUDEUS, **VOCÊ É A MINHA PESSOA FAVORITA. DE TODOS OS TEMPOS. POR FAVOR, DEIXE-ME ROER A SUA CARA COM MEU AMOR.**” Sempre que alcanço algum objetivo que parecia impossível (como me lembrar de reabastecer meu estoque de remédios para TDA, mesmo tendo TDA e estando sem os remédios de TDA), Rory está presente, constantemente oferecendo apoio com seus “high fives”, porque *ele* entende o valor de comemorar as pequenas vitórias. Victor pode se recusar a me parabenizar por eu não ter caído em um poço naquela semana, mas sempre posso contar com aquele guaxinim morto — algo que poucas pessoas podem dizer.

— Poucas pessoas iriam *querer* dizer isso — me corrigiu Victor.

— É só que é bom receber apoio e elogios incondicionais — expliquei a ele. — *Algumas* pessoas ficam economizando high fives, mas Rory nunca me deixa na mão.

Na verdade, é fisicamente impossível Rory me deixar no vácuo, e por um momento considerei algum dia empalhar Victor na mesma pose alegre e congratulatória, mas então me dei conta de que ninguém iria reconhecê-lo. E era muito provável que ele parecesse sarcástico, como se só estivesse oferecendo high fives irônicos quando eu tropeçasse em coisas que não existem ou quando a eletricidade fosse cortada por eu ter me esquecido de pagar a conta outra vez.

Victor acha que taxidermia é um desperdício de dinheiro, que “não há muitas coisas a se fazer com um guaxinim morto”. Mas provei que ele estava errado várias vezes. Ele argumentou que na verdade o que ele disse foi: “Não há muitas coisas que se

deve fazer com um guaxinim morto". E, para ser franca, isso soa mais algo que ele diria, mas continuo discordando.

Quando Victor faz ligações de trabalho por Skype, eu engatinho em silêncio até ele e levanto Rory devagarinho, de um jeito ameaçador, por cima do ombro do meu marido até o outro participante da chamada travar por ter percebido a presença de um guaxinim mentalmente desequilibrado que espreita como um assassino em série peludo. Então Victor percebe que Rory está atrás dele e dá aquele suspiro que dá tão bem, dizendo a si mesmo que da próxima vez é melhor se lembrar de trancar a porta do escritório. Só que Victor devia mesmo era me agradecer, pois o teste perfeito para saber se você pode mesmo contar com seus amigos e colegas de trabalho é ver se eles estão dispostos a dizer: "Ei, tem um guaxinim atrás de você." É como o teste do zíper aberto, mas mil vezes melhor, porque quase *qualquer* pessoa pode se identificar o suficiente para limpar a garganta e erguer uma sobrancelha olhando para as suas coisas até você perceber que se esqueceu de fechar o zíper. Porém a pessoa tem que ser sinistra e muito interessada para interromper uma videoconferência e dizer: "CARA, CUIDADO COM AQUELE GUAXINIM FILHO DA PUTA." Para dar algum crédito a eles, a maioria dos contatos menciona alguma coisa, e eu digo que eles passaram no teste, e então Rory fica todo JAZZ HANDS. Aí Victor nos tranca do lado de fora, e eu enfio a patinha de Rory por baixo da porta do escritório, dizendo com uma vozinha de guaxinim: "Estou tentando ajudá-lo. Deixe-me ajudá-lo."

Quando o carteiro traz alguma correspondência, eu abro a porta só alguns centímetros e coloco a cabeça do guaxinim para fora. "Olá!", diz Rory com um sotaque britânico arrogante. "*Espero que você não precise de uma assinatura, pois creio que meus polegares foram mal posicionados.*" Em algum momento o carteiro acabou parando de tocar a campainha e passou a deixar

as correspondências na varanda, o que é ótimo, porque evita as constrangedoras trocas de amenidades.

Às vezes, eu o escondo debaixo das cobertas (Rory, não o carteiro) para que, quando Victor vier, encontre Rory no travesseiro dele, como se estivesse dizendo: “SURPRESA, SEU FILHO DA PUTA! TEM UM GUAXINIM MORTO NA SUA CAMA E ELE QUER UM ABRAÇO.” Victor me dá um olhar irritado e me força a trocar de travesseiro com ele.

Victor é incapaz de entender o tipo de amor frenético de Rory, mas acho que está começando a aceitar que esse é o meu jeito de dizer que o amo. Outras mulheres podem demonstrar sua adoração com belos assados ou pantufas feitas à mão, mas a minha é canalizada por cadáveres de animais. Victor tenta interpretá-la da melhor forma que pode, mas é o tipo de homem que prefere esconder as emoções quando o assunto é um animal morto na cama, então é difícil saber o que ele está pensando. Aquele cara é um enigma.

Ontem à noite, percebi que Rory seria um montador perfeito para os gatos (como se eles fossem pequenos cavalos peludos, e o guaxinim, um astro dos rodeios), mas parece que os gatos não viram que seria incrível, então não cooperaram *nem um pouco*. Tentei criar uma fotomontagem de Rory, o Guaxinim dos Rodeios, mas eles não aceitaram a ideia. (Acho que, se meus gatos usassem o Instagram, topariam logo, mas eles não têm, portanto nem tentaram.) Eu colocava Rory nas costas deles e eles ficavam parados por um segundo, mas, no instante em que eu me afastava e os enquadrava, saíam da posição como se quisessem dizer: “O que você está fazendo? Por que tem um guaxinim nas minhas costas? *Por que sequer deixam você no comando das coisas?*” E se jogavam no chão como uns ingratos que não compreendem a arte. Rory caía delicadamente no chão, o que acho que os gatos encaravam como uma mensagem ambígua, porque ele continuava com as mãos erguidas como se

não se importasse, como se estivesse parabenizando os gatos por serem uns idiotas, e dizia algo como: “*Você está acabando comigo, Smalls*”, mas ele estava só celebrando o fato de eu estar frustrada. *Francamente, é impossível ficar com raiva daquele guaxinim.*

Em algum momento por volta das duas da manhã, Ferris Mewler enfim desistiu e ficou parado — irritado, mas resignado — com um Rory extasiado nas costas, e eu estava toda: “*É ISSO AÍ! FERRIS MEWLER, VOCÊ É O VENCEDOR DO AMERICA’S NEXT TOP MODEL!*” Mas aí Victor abriu a porta do quarto e gritou: “*O QUE DIABO ESTÁ ACONTECENDO AÍ? SÃO DUAS HORAS DA MANHÃ, PORRA*”, e Ferris entrou em pânico com os gritos inesperados e disparou pelo corredor. Só que Rory ficou preso nas costas dele enquanto Ferris corria pela sala de estar. E então Victor ficou meio que: “*MAS QUE MERDA! QUE DIABO FOI AQUILO?*”, porque acho que seus olhos ainda não haviam se ajustado à luz (ou talvez à visão de um guaxinim se divertindo montado em um gato doméstico). Pensei em fingir que estava tão chocada quanto ele e dizer que devia ser só um pequeno chupacabra que tinha entrado, mas achei que aquilo só iria gerar mais perguntas. Acabei só abaixando a câmera e perguntando “*O que foi o quê?*” no tom mais inocente possível. Rezei pedindo que ele se contentasse em voltar para o quarto questionando a própria sanidade, e foi o que ele fez, mas acho que não por eu tê-lo enganado, e sim por ter se casado com alguém que tira fotos de gatos com guaxinins mortos de madrugada em segredo. Acontece que não é minha culpa. Eu sofro de insônia crônica desde sempre. Essas coisas acabam acontecendo com frequência quando ficamos a sós às duas da manhã.

(Editora: Lembra que algumas páginas atrás você disse que havia perdido os braços? Como é que ainda não chegamos a

isso? Você esqueceu que era essa a história que estava contando?)

(Eu: Estava quase chegando lá. Você não pode começar a história sobre ter perdido os braços sem o contexto certo. Pelo menos é o que acho.)

Por fim fui dormir às três da manhã, acordei poucas horas depois para levar Hailey à escola e acabei voltando para a cama a fim de tirar um cochilo rápido. Foi maravilhoso, mas às nove o alarme que eu havia colocado para tocar no meu celular me acordou. Tentei esticar o braço para desligá-lo e foi aí que dei falta do meu braço esquerdo.

E pensei: “Que estranho!”

Mas aí olhei para o meu braço e pensei: “Não, espere. Ali está.”

Ele estava jogado de um modo estranho por cima da minha cabeça e completamente dormente, porque Hunter S. Thomcat estava deitado em cima dele e tinha interrompido a circulação. Joguei o ombro em direção ao celular, e Hunter rolou para o lado, mal-humorado, porém meu braço só caiu para a frente, como o de um zumbi. Minha mão *quase* alcançou o aparelho, mas não consegui fazer meus dedos funcionarem para apertar o botão de soneca. Olhei furiosa para meus dedos como se tentasse usar telecinesia para mover um objeto inanimado. Só que o objeto inanimado era a minha própria mão. O alarme ficou mais alto, então tentei me levantar com o outro braço. No entanto, acabei me debatendo como um peixe fora d’água, porque meu outro braço estava embaixo do meu corpo E TAMBÉM DORMENTE. Isso nunca havia acontecido comigo, e parecia uma coincidência tão astronomicamente esquisita que comecei a me preocupar, achando que havia entrado sem querer em um tipo de coma

parcial que só afetava os braços. Ou talvez eu tivesse uma paralisia seletiva, mas isso parecia improvável, já que a maioria das pessoas que ficam parálíticas diz “NÃO SINTO AS PERNAS”, e não “Meus braços não estão funcionando”.

Hunter ficou andando e me encarando como se dissesse: “Por que você não desliga esse barulho? *Qual é o seu problema?*” Isso não ajudava muito. Consegui me sentar no estilo Frankenstein e fiquei jogando meus braços inúteis em direção ao botão de soneca, mas não estava dando certo, e o despertador foi ficando cada vez mais alto. Ouvi Victor pisando com força enquanto andava em direção ao quarto e gritava: “Ah meu Deus, **VOCÊ AINDA ESTÁ NA CAMA?**” Eu não queria contar a ele que não apenas ainda estava na cama, como meus braços ainda nem haviam acordado, e entrei em pânico, rolei rápido para fora da cama e me escondi atrás dela. É óbvio que eu não estava pensando direito, porque esqueci que não tinha braços para me apoiar, então caí de cara no chão, com um baque. Foi aí que percebi como é bom ter braços funcionais. Você nunca pensa em estimar seus braços até precisar deles para impedir que o chão lhe dê um soco na cara.

Hunter S. Thomcat me encarava confuso da beirada da cama, parecendo pensar “O que diabos você está fazendo? Tem comida aí?”, e pulou para o chão ao meu lado para conferir. Victor entrou gritando: “POR QUE SEU ALARME NÃO PARA DE TOCAR? *TEM GENTE FAZENDO VIDEOCONFERÊNCIA, SABIA?*”, e o ouvi bufar de ira e desligar o alarme.

Dirigi um olhar para Hunter que dizia: “Shhh. Não diga nada e nós ficaremos bem.” Ele respondeu com um olhar de: “O que você quer dizer com ‘nós’?”

Victor parou, e vi seus pés indo em direção ao banheiro, onde procurou por mim. Voltou parecendo pensar “**ONDE ESTÁ VOCÊ?**”, mas continuei em silêncio e esperei ele sair para poder ir de mansinho até minha mesa e fingir que já estava acordada

havia horas. Meu plano teria funcionado perfeitamente se Hunter não tivesse decidido pular no meu quadril para espiar o outro lado da cama e olhar Victor como se indagasse: “Por que vocês estão fazendo isso? É algum jogo?”

Aí Victor deu a volta na cama e suspirou, e eu afirmei:

— NÃO TEM NINGUÉM AQUI.

Mas o som saiu abafado por causa do chão. Ele me acusou de ter me escondido dele em vez de trabalhar, e respondi:

— Não, na verdade estou aqui embaixo tentando salvá-lo da visão da sua mulher incapaz e temporariamente paralisada PORQUE QUERO PROTEGÊ-LO.

Victor lançou o que acredito ter sido um olhar de pena, ou talvez amor. Não sei ao certo, já que eu ainda estava de cara para o chão, mas vou lhe dar o benefício da dúvida porque é *disso* que um casamento é feito.

De repente, percebi que tudo aquilo daria um ótimo capítulo e quis escrevê-lo, mas continuava sem braços. Então eu disse:

— Na verdade, estou aqui embaixo trabalhando no livro, mas não tenho como digitar. Você poderia ligar a função de reconhecimento de voz do meu celular e colocá-lo ao lado do meu rosto para eu poder ditar anotações, já que meus braços não estão funcionando no momento?

— *Seus braços não estão funcionando no momento?*

— Pois é. Parece que dormi na posição errada e bloqueei a circulação, porque os dois estão dormentes.

— Cacete — disse ele. — Você é tão preguiçosa que enquanto converso com você seus membros ainda estão dormindo.

— *Muito pelo contrário* — expliquei, enquanto me esforçava para virar. — Estou trabalhando tão duro que fico acordada mesmo enquanto meu corpo continua parcialmente inconsciente, tipo “*Fodam-se os braços. Posso ser produtiva sem eles*”. SOU DEDICADA A ESSE PONTO.

Eu estava começando a sentir o braço esquerdo, então o ergui para tentar afastar Hunter do meu nariz, mas acabei só batendo no meu próprio rosto.

Victor me olhava com uma resignação preocupada.

— Você acabou de se bater.

— Talvez meus braços estejam se rebelando. É só colocar o celular perto do meu rosto e ir embora. Tenho um trabalho importante para fazer aqui.

Ele balançou a cabeça, decepcionado, mas fez o que pedi, então comecei a ditar. Só que o aplicativo de transcrição não parava de corrigir a história para algo menos ridículo, porque até meu celular estava contra mim àquela altura. Hunter viu as palavras se movendo na tela e começou a pular em cima dela, reiniciando o cursor. Deitei a cabeça no tapete, derrotada, enquanto um formigamento invadia meus braços, e me perguntei com que frequência esse tipo de merda acontecia com Hemingway.

Victor acredita que esse tipo de coisa não acontece em famílias normais, mas tenho certeza de que o motivo para o incidente foi o fato de que tenho vários distúrbios do sono. Isso não surpreende se considerarmos que coleciono transtornos neurológicos como outras pessoas colecionam revistas em quadrinhos. Eu me tornei tão talentosa em ter distúrbios que posso *literalmente arrumar um dormindo*. Victor não acha que isso é motivo para se gabar, mas talvez seja porque ele não tem *nenhum* distúrbio e sente inveja.

Cruzes! *Isso não é uma disputa, Victor.*

(Mas, se fosse uma disputa, eu estaria ganhando. *De lavada.*)

Havia anos Victor tentava me convencer a fazer um exame do sono, mas eu achava que seria um desperdício de tempo e dinheiro. Eu já sabia que tinha problemas e não queria nenhuma prova de que era fodida da cabeça até quando estava inconsciente.

Além do mais, eu não era a única com problemas ao dormir, já que Victor fala enquanto dorme desde a infância. Aos oito anos, ele estava viajando com o pai e se sentou na escuridão de um quarto de hotel às duas da manhã, abriu os olhos e levantou o braço, apontando para o corredor escuro e dizendo: “Quem é aquele homem ali no canto?” Em seguida, ele se deitou e voltou a dormir enquanto seu pai se mijava nas calças. Metaforicamente. Suponho.

Algumas semanas atrás, Victor acordou aos gritos: “SENHORA. A SENHORA ESTÁ COM O NÚMERO ERRADO. O NOSSO GATO SEQUER ESTÁ NO HOSPITAL. *ELE NÃO QUER PIJAMAS.*” Pobre Victor. Até quando enquanto dorme é importunado por imbecis.

Deve ser hereditário, pois meu pai também tem sérios problemas relacionados ao sono. Eu nunca percebi isso quando era criança, porque você sempre presume que sua família é normal até se dar conta de que ninguém tem um pai que interrompe as pessoas no meio de uma conversa para dizer que precisa tirar um cochilo de vinte minutos no chão da sala de estar, roncando tão alto que parece o Lobo Mau, só que ao contrário. Não importa onde ou com quem estejamos, meu pai sempre para, deita e adormece na mesma hora, até acordar engasgado com um ronco. Certa vez, Victor levou meu pai para praticar pesca submarina durante uma tempestade. O barco estava balançando loucamente, havia água e sangue no chão e todo mundo estava enjoado quando meu pai disse: “Bem, se ninguém mais vai tirar um cochilo, eu vou”, e se deitou no sangue dos peixes e dormiu um sono profundo (embora não silencioso) por quarenta minutos. Para Victor (e para todo mundo no barco), parecia loucura. Para mim, era normal, e achei que Victor teve uma reação exagerada. Ele devia ter dado graças a Deus por papai não ter tirado as calças.

Herdei a insônia da minha mãe e o ronco e o sono diurno do meu pai. Também criei meu próprio estilo maravilhoso de exaustão e engasgos, e Victor acabou dizendo que não aguentava mais e me forçou a procurar ajuda.

Minha médica achava que era mais provável que eu roncasse e ficasse exausta por causa da insônia, então prescreveu um sedativo hipnótico. Isso deve funcionar muito bem para pessoas normais, mas da primeira vez que tomei o remédio fiquei esperando que ele me fizesse dormir, o que não aconteceu. Horas mais tarde, Victor me encontrou em um closet, onde declarei que conseguia enxergar através de cartões-postais e que havia encontrado a quinta dimensão. Ele achou que eu havia tido algum tipo de colapso nervoso — um ultraje, porque é perfeitamente possível que eu *de fato* tenha encontrado a quinta dimensão. Ele não me deu o benefício da dúvida. Em vez disso, me colocou na cama e ligou para a médica, que explicou que havia se esquecido de informar que eu precisava ir para a cama imediatamente depois de tomar o remédio, ou meu corpo continuaria acordado enquanto meu cérebro dormia. Ela disse a Victor que a mesma coisa acontecera a seu pai (que foi encontrado passeando pelo jardim — só de meias — e perguntando às árvores por que elas o odiavam), e que sua mãe acabou levando-o para o pronto-socorro, pois presumiu que ele tinha sofrido um derrame. Essa história me aterrorizou tanto que joguei fora os sedativos (junto com toda a esperança de visitar a quinta dimensão) e disse a Victor que me submeteria a um exame do sono se ele promettesse parar de me gravar roncando e de me acordar com o áudio para me fazer “*sentir o seu sofrimento*”.

Marquei uma consulta com um especialista em medicina do sono, que explicou que durante o exame as pessoas me observariam dormir e monitorariam minhas ondas cerebrais para ver como eu reagia nos quatro estágios do sono. Eu explicaria

esses estágios se soubesse como escrever tantas palavras complicadas, mas em suma eles vão de “completamente acordado” a “quase morto”.

Meu ciclo do sono é um pouco mais complexo.

Os sete estágios do sono (para o meu corpo)

ESTÁGIO 1: Você toma a dose máxima de remédios para dormir, mas eles não funcionam. Então você encara aqueles frascos prepotentes às três da manhã e sussurra: “Seus malditos mentirosos.”

ESTÁGIO 2: Você adormece por oito minutos e tem aquele sonho em que perdeu um semestre inteiro de aulas e não sabe para onde deve ir, e quando acorda se dá conta de que até enquanto dorme você se fode na vida.

ESTÁGIO 3: Você fecha os olhos só por um minuto, mas não perde a consciência. Aí abre os olhos e se dá conta de que se passaram *horas* desde que os fechou e sente como se tivesse perdido tempo, e é provável que tenha sido abduzida por alienígenas.

ESTÁGIO 4: Esse é o período de sono que você perde porque está ocupada demais fazendo uma busca por “sintomas de abdução alienígena” no celular.

ESTÁGIO 5: Esse é o sono REM profundo que recarrega você por completo e que na verdade não existe, mas inventaram isso para provocar você.

ESTÁGIO 6: Você paira num estágio de meio-sono em que tenta continuar dormindo, porém alguém está tocando seu nariz, e você acha que é um sonho, mas aí alguém está tocando sua boca, e você abre os olhos e se depara com o focinho do seu gato a uns centímetros do seu: “TÓIM. Peguei no seu nariz.”

ESTÁGIO 7: Você enfim chega ao sono profundo de que tanto necessita. Infelizmente, esse sono vem quando você já devia estar acordada, e você se sente culpada por estar dormindo quando precisava ter se levantado horas atrás, mas passou a noite inteira acordada e *agora está sem braços*.

Eu suspeitava que o único estágio do sono que eu teria durante o exame seria aquele em que você não consegue dormir porque tem estranhos olhando para você.

Foi desconcertante desde o início, porque fui até a clínica depois que anoiteceu, e a entrada ficava bem em um beco escuro. Bati na porta trancada (assustando um sem-teto que, por ironia ou talvez deboche, dormia profundamente) e tive certeza de que era o tipo de lugar que vendia abortos no atacado. Então a enfermeira abriu a porta, e o lugar era iluminado e agradável e nem um pouco abortador.

Eles me colocaram em um quarto, e a enfermeira perguntou se eu queria mudar de roupas e colocar meu pijama. Eu expliquei meio encabulada que o moletom que estava usando *era* um pijama e me senti malvestida para dormir. Fora isso, foi como estar em casa, exceto pela câmara de vídeo, pela observação constante, pelos tubos de oxigênio enfiados no meu nariz, pelos monitores ligados aos meus dedos e pelos eletrodos grudados no meu couro cabeludo para registrar as ondas cerebrais. Os fios eram a parte mais desconfortável, pois percorriam minha cabeça toda como se eu fosse uma Medusa com um cabelo de cobras

anoréxicas. O lado positivo era que o peso dos fios puxava meu rosto para trás como um discreto *lifting*, e eu ficaria muito sexy se as cobras anoréxicas na minha cabeça fossem ignoradas. A enfermeira reajustava o tempo todo os eletrodos da testa declarando que eles não estavam captando nenhum sinal, e tenho certeza de que aquilo foi um insulto.



Porque nada diz “bons sonhos” como eletrodos e fios do tornozelo ao couro cabeludo.

A enfermeira avisou que um dos pacientes era sonâmbulo, mas que se ele entrasse no meu quarto viriam pegá-lo, o que era reconfortante de um modo nada reconfortante. Depois de muitas horas olhando para o teto, adormeci e acordei com o som da mulher na sala ao lado gritando desesperadamente. Presumi que ela estava sendo esfaqueada pelo sonâmbulo. Levantei num pulo, mas as cobras no meu cabelo estavam ligadas à parede atrás de mim e me puxaram para trás. Fiquei pensando: “Tá aí um jeito bem escroto de morrer.”

A enfermeira entrou correndo para garantir que estava tudo bem e que a mulher só estava gritando porque sofria de terrores noturnos. Acenei com a cabeça que eu tinha entendido enquanto observava o sonâmbulo derrubar uma cadeira em frente à minha porta. Por um momento, considerei a possibilidade de fugir, mas

estava levemente presa à cama por fios e monitores. Além disso, os enfermeiros e assistentes estavam me observando, e logo concluí que aquilo era muito parecido com estar internada em um hospital psiquiátrico — só que mais louco ainda, porque todos nós havíamos ido voluntariamente, como se fosse um tipo de festa de pijamas ruim para gente bizarra. Eu tinha certeza de que não conseguiria voltar a dormir. Mas devo ter dormido, pois às quatro da manhã uma enfermeira diferente me sacudiu e disse bruscamente: “Você pode ir embora. Já conseguimos o que queríamos.” Ela se recusou a me dizer exatamente o que haviam conseguido e comecei a desconfiar de que eram os meus rins.

Eu estava grogue. Mesmo assim me fizeram sair pelos fundos quando ainda estava escuro. Era como se tivesse rolado um casinho de uma noite só com uma clínica do sono.

Uma semana depois, o médico recebeu os resultados e me informou que tenho quase todos os distúrbios do sono exceto o único que eu queria ter: apneia, já que quem tem isso recebe um capacete que libera oxigênio no seu nariz. Eu queria ter apneia porque tenho certeza de que o equipamento é uma versão menor daquela câmara de oxigênio onde Michael Jackson dormia para não envelhecer, e as coisas pareciam ter dado muito certo para ele.

Infelizmente, não apresentei apneia do sono, mas tenho uma série de outros problemas. Eis alguns distúrbios que tenho quando não estou sequer consciente:

MOVIMENTOS PERIÓDICOS DOS MEMBROS DURANTE O SONO: É como a síndrome das pernas inquietas, porém acontece depois que se está inconsciente. Não tenho nenhum problema com isso, pois acho que significa que as minhas pernas estão se exercitando sem mim, o que, para ser honesta, é a única forma de eu me exercitar. Na minha infância, tínhamos um cachorro que devia sofrer do mesmo problema, porque ele sempre ficava correndo

de lado enquanto dormia. Olhávamos para as pernas frenéticas dele e dizíamos: “Ah! Ele está perseguindo coelhos no sonho!” Esse deve ser o distúrbio do sono mais adorável de todos. (Contudo, de acordo com Victor, a minha versão não é bem “correr adoravelmente”, e sim um tipo de exorcismo com todas as “sacudidas e contorções aterrorizantes” típicas.)

RONCO: Eles não me viram engasgando durante o sono, mas eu costumo acordar sufocando e roncando alto, embora talvez seja Victor me asfixiando por estar roncando muito alto. Por outro lado, ronquei um bocado, então o médico prescreveu uns cliques de plástico para colocar dentro das narinas e facilitar a respiração — exceto pelo fato de que você está complástico nas narinas, então fica *mais difícil* respirar. Tentei exatamente uma vez, o que foi o bastante para perceber que a *verdadeira* cura para o ronco nesse caso seria o sufocamento lento — embora devamos admitir que seria uma morte muito silenciosa. Também tive uma reação alérgica aos cliques, e minhas duas narinas ficaram inchadas. Isso me pareceu uma forma mais econômica e orgânica de sufocar alguém até a morte, mas ainda prefiro roncar à asfixia. Podem me chamar de louca.

CONVULSÕES: “Parece que você tem uma epilepsia incomum, mas não existe cura para isso.” Perguntei ao médico qual era o objetivo de ter me contado aquilo. “Só fique de olho”, respondeu ele. Não sei ao certo como ficar de olho em um distúrbio que só se manifesta quando estou inconsciente. Não sei nem se ele estava sendo sarcástico ou não.

INTRUSÃO ALFA: Quando se está dormindo, o normal é ter ondas cerebrais delta. Porém parece que meu cérebro é constantemente interrompido por ondas alfa, então sou invadida

pelo tipo de atividade cerebral que deveria ocorrer quando estou acordada enquanto meu corpo dorme. Isso significa que, mesmo quando estou dormindo, ainda estou acordada. Suspeito que meu cérebro esteja envolvido numa conspiração com minhas pernas, e que meu corpo inteiro está me forçando a realizar operações de álgebra e me exercitar durante o sono. Não é de se admirar que eu me sinta tão cansada. E, agora que parei para pensar nisso, percebi que intrusões alfa equivalem a quando uma parte de você está dormindo enquanto o resto do seu corpo está acordado... COMO MEUS BRAÇOS HOJE DE MANHÃ. *BAM* Parece que meu cérebro acabou de chegar no seu ponto alto aqui.

Quando voltei para casa, Victor não deu muita bola para os resultados até eu comentar que a maioria das pessoas com intrusão alfa morre. Então ele pareceu preocupado e me senti tão mal que admiti que elas não morrem de intrusões alfa. É só que, sabe, a maioria das pessoas morre. Algum dia. Apesar de eu não saber como as intrusões ajudariam nisso.

Victor suspirou e garantiu que “ninguém morre por não dormir o bastante”, mas tenho certeza de que sim, então ele parou e se corrigiu:

— Talvez o certo seja “Ninguém nunca morreu por dormir *demais*”.

— Acho que você acabou de descrever um coma. ISSO NÃO ESTÁ AJUDANDO.

— *Certo* — disse ele. — Todo mundo tem que morrer de alguma coisa, mas não é provável que você morra de dormir.

E ele está errado, porque na *melhor das hipóteses* eu morro dormindo. Vou deitar e nunca mais acordar. A pior das hipóteses? Ser devorada por palhaços.¹

* * *

Uma nota de rodapé sobre Rory: Na verdade, existem dois Rorys: Rory e seu intrépido dublê, Rory Também. Eu o vi pela primeira vez na internet e me apaixonei por ele. Disse ao seu criador, Jeremy, que eu precisava dele. Expliquei como Rory exibia com perfeição aquele sorriso alucinadamente feliz, e Jeremy concordou. Por azar, entre o momento em que me apaixonei por sua foto e o pagamento, Rory envolveu-se em um trágico acidente de montanha-russa em Las Vegas. Isso deve soar como algo que acabei de inventar, mas garanto que é verdade. Os guardiões temporários dele o levaram para um fim de semana de devassidão em Vegas, e ele quebrou alguns membros. Também deixou todos os dedos das mãos e dos pés por lá, comprovando o velho ditado: “O que quebra em Vegas, fica em Vegas.” Jeremy ficou furioso e me deu a notícia com todo o cuidado, jurando fazer outro Rory para mim (melhor, mais forte e com fios de aço por dentro para poder posar e cavalgar com mais eficiência sobre gatos) com o cadáver de um guaxinim que tinha no freezer.

— Como está o rosto do primeiro Rory?

— Continua como pinto no lixo. Mas o resto dele está um caos — admitiu ele.

Refleti por um instante e decidi que um Rory quebrado e em trapos, mas ainda *entusiasmadamente feliz*, equivalia com perfeição a ser alucinadamente feliz. Afinal de contas, as pessoas mais interessantes já foram quebradas, consertadas e quebradas outra vez.

— Fico com ele — respondi. — Que se dane, vou ficar com os dois.

E foi assim que consegui dois guaxinins alucinadamente felizes. E adoro a perfeição flexível de Rory Também (que é um pouco maior, mas não dá para ser exigente quando se trata de

dois guaxinins atropelados), porém Rory é o que me faz rir sempre que olho para ele. Jeremy consertou o braço e a perna, e meu pai passou uma tarde inteira esculpindo dedos novos para os pés e as mãos. Rory ainda parece um pouco “estranho”, mas de um jeito bom, e ando procurando miniaturas de garras de adamantium do Wolverine para ele.

Mas mesmo sem as garras ele é lindo... quebrado e defeituoso e tão estranho que até quem gosta de taxidermia pensa “Que merda é essa?”, ainda que ele traga alegria e gargalhadas a suas vidas. O guaxinim é um exemplo para mim. Ele é, ao mesmo tempo, o pior e o melhor Patrono de todos os tempos, e quero ser *igualzinha* a ele quando crescer.



Sim, sim, estão.

¹ Mas mesmo nesse caso eu provavelmente perderia a consciência antes de morrer. Na verdade, o último estágio da morte de *todo mundo* é a parte do não acordar — embora a chance de nunca mais ter insônia soe um tanto atraente,

o que pode ser a prova de que eu tenho um pouco de inveja de pessoas que vão dormir com os peixes. Não que eu esteja pronta para isso agora. Porém é bom saber que em algum momento vou conseguir dormir um pouco.

Quantos carboidratos tem um pé?

Acho que sou a última pessoa na face da Terra que nunca comeu couve ou quinoa. Todo mundo diz que elas são a nova moda, mas ainda estou como um gato escaldado pela vez que Victor preparou a *última* moda para mim e eu fiquei:

— Esse arroz estragou, e eu nem sabia que arroz podia estragar.

Victor explicou que era um risoto, e eu respondi:

— Aquilo que sempre faz Gordon Ramsay gritar? Isso é *muito* decepcionante. É como se o risoto não soubesse ao certo se é purê de batata ou arroz, então decidiu ser os dois. *Só que de um jeito ruim.*

Victor argumentou que era mais parecido com uma papa de milho, mas do tipo que se pode cozinhar com queijo e manteiga, o que é trapaça. Eu comeria até um pé humano se estivesse coberto de bastante queijo e manteiga. Aí Victor disse que eu estava blefando:

— Você *não* comeria um pé humano. *Não consegue nem terminar de comer o maldito risoto.*

Não sei ao certo se aquilo foi um desafio, mas não importa, porque ele estava certo. Sou *muito* intolerante à lactose. Todos os outros convidados do jantar estariam se deliciando com seu pé cheio de queijo e manteiga, e eu teria que comer *meu* pé cozido e sem nenhum tempero. Essa é a *minha* luta. E ela é muito real.^{1, 2}

¹ Victor acabou de ler esse trecho e disse que soa como se eu fosse capaz de comer o meu *próprio* pé, o que é ridículo. Não sei nem por que preciso esclarecer isso, mas eu não comeria o *meu próprio pé*. Isso seria uma barbaridade. Victor argumentou que comer o pé de outra pessoa não é exatamente kosher, porém é óbvio que eu não faria isso a não ser que o pé fosse retirado eticamente. Por exemplo, algumas tribos indígenas comem seus mortos como sinal de respeito. Você não poderia se recusar a participar da refeição sem ser ofensivo.

“Ah, seu pé com queijo parece delicioso, mas *acabei* de comer a avó de alguém uma hora atrás, *estou empanturrada*.”

Ninguém vai acreditar nisso.

Para ser franca, eu meio que me pergunto que gosto as pessoas têm. Os canibais dizem que temos gosto de porco e o bacon é o meu animal espiritual, então provavelmente somos deliciosos. Sinto pena das tribos que antes eram canibais e tiveram que parar quando os cristãos chegaram e arruinaram tudo, pois deve ser terrível se lembrar com nostalgia da comida que fazia você se sentir bem na infância, mas que não se pode mais saborear porque de repente não é mais legal comer seu tio morto. Seria uma merda ter esse tipo de vontade. Não que eu saiba. Nunca comi uma pessoa. Porra, *nem couve eu já comi*.

² Acabou de me ocorrer que minha nota de rodapé foi *literalmente* sobre pé. Isso é incrível. Toca aqui, Jenny. Acho que sempre há um lado positivo, mesmo quando o assunto são pés humanos que você não pode comer porque tem alergia.

Finja que é boa nisso

Não era sangue suficiente para causar preocupação. Nem sequer era o bastante para eu ter que levar pontos. Mas não parava de pingar do meu pé inchado.

Em janeiro, eu estava em Nova York para gravar a versão em áudio do meu primeiro livro, que logo seria lançado, e para um almoço de pré-lançamento realizado para divulgação. Isso é muito comum no mercado editorial, porém eu era nova na área e estava muito nervosa. Os convites para o almoço eram mais bonitos que os do meu casamento, e todo mundo foi: pessoas do *The New York Times*, da CBS, da revista *O*, e outros que eu nem conhecia. Minha agente e minha editora fizeram o melhor que puderam para evitar que eu percebesse a importância daquele evento, pois as duas sabiam que meu transtorno de ansiedade podia ser paralisante, e eu já havia avisado (meio que brincando) que poderia passar o almoço inteiro escondida debaixo da mesa e que elas teriam que dar um jeito de explicar que escritores são notoriamente excêntricos. E são. Contudo eu sabia que, no meu caso, era mais do que isso.

Transtorno mental.

Essa é uma expressão que costumava me dar medo, mas que passei a usar como um casaco velho — confortável, porém feio. Ele me mantém aquecida quando as pessoas olham para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Não perdi. Tenho transtorno mental. É diferente. Pelo menos é para mim. Estou

ciente do fato de que não estou bem. Sei que me esconder debaixo de mesas e em banheiros não é normal. Sei que consegui conquistar uma vida que permite me esconder quando preciso, porque eu não saberia viver de outro modo. Sei que, quando tenho uma crise de ansiedade, meu corpo não vai me matar — apesar de essa ser a sensação. Sei que, quando pensamentos suicidas tomam conta da minha cabeça, preciso contar a alguém que possa me ajudar, pois a depressão é manipuladora e ardilosa. Sei que a depressão mente. Sei que, nas poucas semanas por ano em que meu rosto parece a máscara de um estranho e só a dor física consegue me trazer de volta para meu corpo, há um limite para quanto posso me ferir e continuar segura na minha própria cama. Eu *sei* que sou louca. E *isso* faz toda a diferença.

O almoço correu bem. Não tive muito sucesso em me misturar um pouco com pessoas importantes, mas consegui deixá-las intrigadas o bastante para quererem me entrevistar para as publicações que poderiam ajudar o livro que eu havia passado os últimos dez anos escrevendo. O livro tem um tipo de humor negro, e a capa exibe um ratinho empalhado vestido de Hamlet e segurando a caveira de outro rato morto como se fosse um Yorick minúsculo. Eu estava brincando quando pedi à editora para colocar meu rato morto, Hamlet von Schnitzel, na capa, mas não conseguimos encontrar nenhuma ideia melhor para um livro tão estranho, e era por isso que eu pedia desculpas o tempo todo para a equipe de marketing por fazê-los vender um produto com um roedor morto na capa.

Depois de termos pedido a primeira rodada de drinques, minha editora, Amy, fez um discurso breve, porém perfeito, que teria sido melhor do que qualquer discurso feito no meu casamento — se eu tivesse amigos que me conhecessem o suficiente para fazer discursos quando me casei. Em seguida, ela me pediu para dizer algumas palavras, e, mesmo tremendo, dei

as boas-vindas a todo mundo e agradei por terem embarcado comigo naquela jornada estranha. Depois disso entrei um pouco em pânico, porque não conseguia pensar em como concluir o discurso. Foi naquele momento que me vi puxando um rato morto (e um quarto) de dentro da minha bolsa no meio de um restaurante chique de Nova York. Os garçons pareceram um pouco chocados, e acho que escondi meu rosto atrás do pequeno roedor e disse algo com uma voz aguda de ratinho sobre a importância de sermos fiéis a nós mesmos. A maioria dos presentes não sabia nada sobre mim e menos ainda sobre Hamlet von Schnitzel. No entanto, minha agente, também um pouco em pânico, deu um sorriso encorajador, fazendo todos a acompanharem.

O almoço inteiro se passou como um borrão, mas parece ter corrido bem. Minha parte favorita foi quando todo mundo estava indo embora e uma garçonete se aproximou discretamente para dizer que era uma grande fã e estava ansiosa para ler o livro. Suspeitei que minha editora tivesse dado dinheiro a ela para dizer isso, mas vi seu nervoso nos olhos arregalados, mal disfarçados por uma pose de adequação, e me dei conta de que ela fazia parte da minha tribo. Eu lhe dei um abraço apertado e agradei. Ela nunca deve ter percebido quanto eu precisava dela naquela hora... uma pedra angular para me manter estável num mar de pessoas normais e semidesconhecidas.

Fui direto do almoço para o pequeno estúdio onde gravaria o audiolivro. Precisei convencê-los a me deixar narrar o meu próprio livro, pois a maioria das gravações é feita por atores profissionais com vozes de veludo, enquanto minha voz faz parecer que a Minnie Mouse está doente e passou tempo demais no Texas. Eu estava aterrorizada, certa de que as batidas do meu coração seriam ouvidas na gravação. Eles literalmente podiam captar cada ronco do meu estômago. Como não perceberiam o medo na minha voz?

A resposta é que *perceberam*, e me pediam que parasse a cada poucos segundos e repetisse a mesma frase. No final das contas, disseram para eu fazer um intervalo e clarear a mente. Então saí — para que eles provavelmente ligassem para Betty White e vissem se ela podia assumir, e só aí vi quanto queria narrar a minha história com a minha própria voz. Eu me escondi no banheiro e mandei um SMS desesperado para meu amigo Neil Gaiman (um autor e narrador brilhante) dizendo que estava em pânico e prestes a perder a chance de contar minha história porque minha voz denunciava como eu me achava fraca e insignificante. Ele respondeu com uma única frase que nunca esqueci:

“Finja que é boa nisso.”

Parecia simples demais, mas era tudo que eu tinha. Rabisquei essas palavras no meu braço e comecei a repeti-las como se fossem um mantra. Voltei para o estúdio fingindo ser alguém excepcional em ler a própria história. Terminei um parágrafo inteiro sem interrupções. Ergui a cabeça e a produtora me encarou e disse:

— Não sei o que você acabou de fazer, mas continue fazendo.

— Acabei de cheirar *muita* cocaína.

Ela me dirigiu um olhar um tanto apavorado, então emendei:

— Não, isso é só brincadeira. É que recebi um conselho muito bom de um amigo.

O dia seguinte das gravações foi tão tenso quanto o anterior, mas olhei outra vez para as palavras no meu braço (*“FINJA QUE É BOA NISSO”*), respirei fundo e fingi ter a confiança de que precisava. Aí eu disse: “Sabem do que esse audiolivro precisa? MAIS COWBELL.” E cantei o tema de *Annie*, porque eu sempre quis cantar num palco em Nova York, e imaginei que aquilo seria o mais perto que eu chegaria. Em seguida, sugeri que eles contratassem James Earl Jones para ler o resto do livro. Ou um

imitador de Darth Vader, se o ator não estivesse disponível. Eles riram. Eu ri. Comecei a me sentir melhor. E fingi ser boa naquilo. E sabe de uma coisa? De alguma forma, eu era.

* * *

Escrevo esse mantra no meu corpo *toda vez* que subo num palco para fazer uma leitura do livro. “*Finja que é boa nisso.*” Eu gostaria de acreditar que um dia serei capaz de deixar a parte do “finja que” para trás, mas por enquanto fingir está dando certo. Isso me deu confiança para concluir o audiolivro naquele dia e para conseguir rir e curtir a experiência em vez de me esconder no banheiro.

No entanto, naquela noite, quando eu estava no meu quarto de hotel, comecei a sentir uma verdadeira urgência de ter algo do que rir. Eram duas da manhã e eu estava no meio de um ataque de pânico de nível médio — do tipo em que você parece ter hamsters selvagens no coração e que sente a pressão do medo, mas ainda não sente *exatamente* que está morrendo. Tomei meus remédios para ansiedade e tentei espaiar andando de um lado para outro, mas o frio intenso havia deixado meus pés e mãos inchados por causa da artrite reumatoide, e um dos pés estava tão inchado que o meu calcanhar rachou e o sangue escorreu para minha pantufa. Sentei com o pé na banheira, assistindo à água ficar vermelha enquanto esperava o sangramento parar. Comecei a respirar profunda e pausadamente, tentando me convencer de que não havia nenhum problema em estar presa num quarto minúsculo de hotel a meio país de distância de casa... que era uma aventura. Que eu estava vivendo com um rato morto e um pé que talvez precisasse ser amputado. E, no momento em que o ataque de

pânico ficou tão forte que eu pensei que fosse gritar, olhei para fora e vi a coisa mais fantástica.

Vi neve.

Para a maioria das pessoas, neve não é nada de mais; na melhor das hipóteses, é uma inconveniência. Para uma garota nascida e criada no Texas, a neve é *mágica*. Os flocos de neve gigantes caíam em aglomerados enormes, brilhando contra os tijolos escuros do prédio de frente para minha janela, e era lindo. Trazia calma. Tentei abrir a janela para colocar a mão para fora, mas ela havia se colado com tinta. Xinguei baixinho. Observei a neve cair durante uma hora, enquanto esperava meu pé parar de sangrar, e desejei que houvesse luz o bastante do lado de fora para eu poder ir brincar na neve. “*ESTÁ NEVANDO, GALERA*”, tuitei para o mundo inteiro — que não dava a mínima.

Às quatro da manhã, concluí que a única coisa que curaria minha insônia / ansiedade seria uma longa caminhada. Na neve. Vesti um casaco por cima da camisola, calcei minhas sapatilhas e fui para o térreo. Meu pé estava me matando enquanto eu andava nas pontas dos pés, e cumprimentei o perplexo porteiro noturno, que pareceu confuso ao me ver deixar o hotel de pijamas. Então saí para uma noite rodeada pela neve em Nova York, um cobertor polvilhado branco e grosso no qual ninguém havia pisado. Ouvi um bêbado gritando para um táxi mais adiante na rua, mas a sensação de não ser a única do lado de fora naquele clima foi tranquilizante. É claro que eu usava um pijama e havia sido esfaqueada no pé pela artrite, mas pelo menos estava quase completamente sóbria e não muito longe de uma cama quentinha.

Meu pé doía. Dei um passo, e a dor intensa subiu pela minha coluna. Foi nesse momento que mandei um “*Foda-se*” e tirei cuidadosamente as sapatilhas para pisar na neve branca e brilhante.

Parecia que eu ia congelar, mas o frio logo anestesiou minhas mãos e pés doloridos. Andei devagarinho, descalça, até o fim do quarteirão, deixando as sapatilhas para trás como uma forma de me orientar na volta. Fiquei de pé no fim da rua, pegando a neve com a boca, e ri baixinho quando me dei conta de que, se não fosse pela insônia, pela ansiedade e pela dor, eu jamais teria ficado acordada para ver a cidade que nunca dorme dormindo e coberta para o inverno. Sorri e me senti tola, mas da melhor forma possível.

Quando me virei e olhei em direção ao hotel, percebi que minhas pegadas não combinavam. Um lado luzia, pequeno e branco. O outro tinha um formato torto por eu estar mancando, e os calcanhares estavam manchados com pingos de sangue. Parecia uma metáfora da minha vida. Um lado é leve e mágico, parecendo sempre bom. *Sortudo*. O outro, ensanguentado, arrastando-se, nunca conseguindo acompanhar o ritmo.

Era como o poema sobre Jesus e as pegadas na areia, só que com menos Jesus e mais sangue.

Era a minha vida, bem ali, em branco e vermelho. E eu era grata por ela.

— *Hã... senhorita?*

Era o porteiro, inclinado na porta da frente com uma expressão de preocupação.

— *Já estou voltando* — respondi. Eu me senti um pouco boba e pensei em tentar explicar, mas acabei deixando pra lá. Era impossível explicar àquele estranho como meu transtorno mental havia acabado de me presentear com um momento mágico. Percebi que soaria um pouco louco, porém fazia sentido. Afinal, eu *sou* um pouco louca. E não preciso nem fingir ser boa nisso.

É um dom natural.

O consolo de George Washington

A primeira discussão que tive com Victor esta semana

EU: Ei, você está ocupado?

VICTOR: Não. O que é?

EU: Nós estamos... *brigando?*

VICTOR: Por quê? O que você fez?

EU: Não fiz nada. É que eu estava no computador quando lembrei que você estava falando comigo no meu escritório, e então percebi que você tinha sumido.

VICTOR: Isso foi... tipo... *uma hora atrás.*

EU: Eu sei. Mas não consigo me lembrar de você saindo, aí achei que talvez tivesse saído com raiva porque eu não estava prestando atenção, só que não reparei nisso porque eu não estava prestando atenção.

VICTOR: *Você não se lembra de quando saí?*

EU: Não. Foi tipo quando você volta para casa dirigindo, mas não se lembra de ter dirigido quando chega.

VICTOR: Ahm. *Sim, nós estamos brigando.*

EU: Hum... Nós estávamos brigando antes de eu ter tocado nesse assunto?

VICTOR: *Não.*

EU: Bem, se isso melhora um pouco as coisas, eu estava vindo aqui dizer que você teve razão de ter saído chateado, porque eu não estava *mesmo* prestando atenção, então acho que, tecnicamente, você *tem que* aceitar minhas desculpas. Até porque, são por uma briga que na verdade nunca aconteceu.

VICTOR: Não.

EU: MAS EU NÃO FIZ NADA DE ERRADO. ESTOU ME DESCULPANDO POR UMA BRIGA QUE NEM TIVEMOS.

VICTOR: *Você nem percebeu que eu não estava no escritório até uma hora depois de eu ter saído.*

EU: Ah, mas *você* não percebeu que *eu* não percebi. E fui *eu* quem chamou atenção para isso. Então você deveria me agradecer. Sou como o George Washington dos desentendimentos conjugais.

VICTOR: Por q...?

EU: Porque ele confessou que tinha derrubado aquela árvore, e todo mundo ficou “Ah, bom trabalho, George!”, e isso provavelmente o transformou em um grafiteiro, porque o maior elogio que ele recebeu foi por vandalismo.

VICTOR: *Do que você está falando?*

EU: Um grafiteiro é um artista que faz grafite.

VICTOR: EU SEI O QUE É UM GRAFITEIRO. É como as crianças chamam um vândalo.

EU: “Crianças”? Você está insinuando que eu sou infantil?

VICTOR: É claro que não. *Você é como o George Washington dos auxílios conjugais.*

EU: Eca.

VICTOR: ***Foi você quem disse isso.***

EU: Não. “Auxílios conjugais” são brinquedos sexuais. Você acabou de me chamar de consolo de George Washington.

VICTOR: Tenho certeza de que *nunca* chamei ninguém disso.

EU: Mas *você insinuou.*

VICTOR: Pare de falar.

EU: Não posso. Os livros sobre vida conjugal dizem que nunca se deve deixar uma briga mal resolvida.

VICTOR: CERTO. NÃO ESTAMOS BRIGANDO.

EU: ENTÃO POR QUE ESTOU ME DESCULPANDO?

VICTOR: Não faço ideia. Tudo ficou confuso depois do consolo de George Washington.

EU: Repete isso?

VICTOR: De jeito nenhum. *Nunca mais* quero precisar falar isso outra vez.

EU: *Feito.*

VICTOR: Hein?

EU: Prometo nunca mais fazer você falar nada sobre o consolo de George Washington se você prometer parar de ficar irritado comigo por brigas que nem estamos tendo.

VICTOR: Você queria que tivéssemos brigas de casais normais?

EU: Nunca.

VICTOR: Hum. Eu também não.

***Vencedor da discussão: nenhum dos dois. Ou talvez os dois.
É difícil avaliar.***

Não sou psicótica. Só preciso passar a sua frente na fila.

Este ano, minha médica me prescreveu um antipsicótico.

“Para... afugentar os psicóticos?”, perguntei em tom de piada.

Ela não estava brincando.

Jurou que isso *não* significava que eu era psicótica, mas garantiu que, em pequenas doses, esse remédio (feito para esquizofrênicos) pode diminuir a duração das minhas crises de depressão se eu usá-lo como um complemento para meus antidepressivos.

Então é claro que tomei a droga. Drogas são mágicas. Você toma uma pílula e fica feliz. Toma outra e sente menos fome. Toma mais uma e fica com hálito de menta. (A última pílula na verdade é um Tic Tac, mas deu para entender.)

Não há nada melhor do que ouvir que existe um remédio para consertar um problema terrível, a não ser que lhe digam que o remédio é para tratamento de esquizofrenia (ou que mata fadas sempre que você toma).

Para ser sincera, acho que foi a palavra que me assustou.

Antipsicótico.

Desafio você a encontrar um remédio que assuste mais qualquer um que dê uma olhada na farmacinha do seu banheiro durante uma festa. A não ser, talvez, que tenha algum medicamento para combustão explosiva contagiosa da uretra, mas não estou contando essa possibilidade porque ela não

existe (espero). Com certeza quem inventou o nome “antipsicótico” poderia ter pensado numa palavra menos assustadora. Afinal de contas, não chamamos o Viagra de “pílula para pau mole”, e dificilmente alguém chamaria uma terapia para o controle da raiva de “aula de por-favor-pare-de-ser-tão-babaca”. Para ser sincera, não consigo pensar num medicamento com um estigma maior do que os antipsicóticos.

Porém, na verdade, há algumas vantagens no tratamento com esses remédios. Em primeiro lugar, é possível dizer que se toma antipsicóticos. Isso pode parecer bobo, mas, quando se está numa fila de farmácia com umas vinte pessoas espirrando germes para todos os lados, é possível dizer, sem mentir: “Você se incomoda se eu for primeiro? Preciso pegar os meus antipsicóticos, precisei MUITO deles ontem.” Essa tática também funciona para filas de supermercado, serviços públicos e em alguns self-services.

A segunda vantagem de tomar esse tipo de remédio é que ajuda de verdade. Desde que comecei a tomar, passei a me ferir menos. Sinto-me mais estável. Os homens azuis que vivem no meu closet tentam me vender menos biscoitos, e a maioria daqueles esquilos que tramam contra mim desapareceu. (Essa última frase foi uma piada, mas só pessoas que tomam antipsicóticos leves vão rir, porque todas as outras temem que seja verdade. Não é. Esquilos são reais e eles não desaparecem, não importa quantas pílulas você tome. Para ser franca, fico chocada com quantas vezes preciso explicar isso.)

Alguns dizem que drogas nunca são a solução, e respeito essa opinião, porém às vezes drogas são a solução, e acho que precisamos ser flexíveis. Na realidade, se você perguntar a essas mesmas pessoas “Nancy Reagan falou que sempre devemos dizer não para o quê mesmo?”, todas elas vão responder “Drogas”. Então eu direi: “Correto. Drogas são a resposta certa.” Portanto, tecnicamente, estamos todos certos. Em seguida,

observo que as drogas muitas vezes fazem mal e que você precisa pesquisar antes e perceber que há uma diferença entre “drogas” e “medicamentos”. Podemos identificar essa diferença porque as primeiras são, ironicamente, muito mais baratas e fáceis de obter do que as últimas, e também porque o uso de medicamentos requer a supervisão constante de um médico, tratamentos e exames de sangue.

Usar medicamentos para transtornos mentais não é divertido nem fácil, e ninguém que eu tenha conhecido faz isso por curtição. Adolescentes não compram fluoxetina no mercado negro para se divertirem em raves. As pessoas não usam injeções de B¹² como porta de entrada para a heroína. Os efeitos colaterais e problemas decorrentes do consumo de medicamentos são muito reais e (se o transtorno mental é crônico) é necessário lidar com isso pelo resto da vida. Mesmo que uma droga funcione por algum tempo, ela pode parar de funcionar, então será preciso recomeçar com algo novo, o que pode ser incrivelmente frustrante e desanimador. Então será preciso lidar com os efeitos do novo remédio, que podem incluir “excesso de pentelhice” quando associados a um imbecil dizendo que “o fato de o remédio não estar funcionando é só uma prova de que você não precisa de remédios”. Não consigo pensar em outro tipo de doença pela qual fazem o enfermo se sentir culpado, questionando-o por procurar ajuda quando precisa mudar de medicamento.

Quando comecei a tomar meu primeiro antidepressivo, o efeito colateral foi me deixar obcecada por suicídio (e isso é mais ou menos o oposto do que você quer). É um efeito colateral raro, então troquei o remédio por outro que funcionou. Muitos amigos e familiares preocupados acharam que o fracasso do primeiro medicamento era um sinal claro de que drogas não eram a resposta; se fossem, eu estaria curada. É claro que, se o medicamento não funciona, eu não estou tão doente quanto

afirmo. E faz algum sentido porque, quando você tem câncer e o médico lhe dá o melhor remédio, se o tumor não diminuir imediatamente, fica óbvio que você está só fingindo para chamar atenção. Quer dizer, o câncer é uma doença grave, muitas vezes fatal. Gastamos bilhões de dólares em pesquisa e tratamento para que assim um paciente não precise tentar várias drogas, cirurgias, radioterapias etc. até encontrar a solução específica para seu caso. E, quando a vítima de câncer está em remissão, ela está pronta para retomar sua vida, pois, depois de ter aprendido a *não* ter câncer, vai ficar tudo bem. E, se ela se deixar ter câncer de novo, pode simplesmente fazer o que fez da última vez. Depois que se encontra o remédio certo para o câncer, fica-se imune à doença para sempre. E, caso a doença retorne, provavelmente é só uma reação ao consumo exagerado de glúten ou ao fato de não se ter rezado direito. Certo?

Bem, não. Mas esse mesmo raciocínio ridículo é o que pessoas que sofrem de transtornos mentais ouvem frequentemente... E não só de amigos bem-intencionados e pessoas que conseguiram resolver os próprios problemas sem medicamentos, ou pessoas que não entendem que um transtorno mental pode ser perigoso e até fatal se não for tratado... mas também de alguém muito mais próximo e manipulador.

Nós o ouvimos de nós mesmos.

Ouvimos uma voz baixinha em algum lugar na nossa cabeça que diz: “Esse remédio está tirando dinheiro da sua família. Esse remédio mexe com sua libido ou com seu peso. Esse remédio é para pessoas com problemas *de verdade*. Não é para pessoas que só se sentem tristes. Ninguém nunca morreu de tristeza.” Exceto pelo fato de que as pessoas morrem, sim. E, quando vemos celebridades que se deixam enganar pelas mentiras da depressão, pensamos: “Como podem ter se matado? Tinham tudo.” Mas elas não tinham. Não tinham a cura para uma doença que as convenceu de que era melhor morrer.

Sempre que começo a duvidar se sou merecedora da eterna chateação dos medicamentos e do tratamento, lembro-me daqueles que deixaram a neblina vencer. E me forço a continuar saudável. Lembro que não estou lutando contra mim mesma... estou lutando contra um desequilíbrio químico... algo tangível. Lembro-me da desonestidade sagaz do cérebro, tanto para quem é mentalmente desequilibrado quanto para os sãos. Lembro que alpinistas profissionais muitas vezes são encontrados mortos, nus e congelados com as roupas dobradas em algum lugar nos arredores porque uma hipotermia pode deixar a pessoa confusa e com calor, levando-a a fazer coisas incrivelmente irracionais que jamais imaginaríamos. Os cérebros são como criancinhas. São maravilhosos e devem ser valorizados, mas isso não significa que devemos confiar neles para tomar conta de nós, seja numa avalanche ou para processar a serotonina com eficácia.

Nunca tive um surto psicótico. Raramente deliro. Nunca alucinei por outro motivo que não o uso exagerado de algum medicamento que nem deveria ter tomado. Só tenho problemas. Porém de uma forma que me faz ser... *eu*. Meus remédios não me definem. Não sou psicótica. Não sou perigosa. Os remédios são só uma pitada de sal. Um pouco de tempero para a vida, se preferir assim. Suas batatas assadas ficariam bem sem eles, mas qualquer um diria que aquela pitada de sal pode fazer toda a diferença. *Eu sou as suas batatas*. E fico melhor com sal.

Talvez essa analogia seja ruim.

Que tal isto...

Para mim, tomar antipsicóticos leves é como usar rum apenas o suficiente para fazer uma boa fatia de bolo de rum, mas não o bastante para se embebedar e morrer engasgado com o próprio vômito. A primeira opção é medicinal. A segunda é nojenta e anti-higiênica.

E sei que alguns de vocês devem estar dizendo que bolo não é medicinal. *Sério?* Bolo não é medicinal? *Quem é o maluco agora, seu mané?* O mundo inteiro poderia ser curado com a quantidade certa de bolo e antipsicóticos. O que faz sentido, porque ***não dá para preparar um bolo sem sal, não é?***

Espera aí, *dá* preparar um bolo sem sal?

Para ser sincera, não faço ideia. Não sei muito sobre assar bolos. Sei que leva alguma coisa branca. Talvez seja farinha. Eu só escrevi “sal” porque reúne todas as minhas metáforas. Mais ou menos. Provavelmente não. É difícil dizer.

A culpa por este capítulo inteiro é toda dos antipsicóticos.¹

¹ E essa é a *terceira* vantagem de tomar antipsicóticos. É possível colocar a culpa por todo tipo de merda neles. É como colocar a culpa na TPM, mas é uma TPM que *nunca acaba*. E ninguém nunca questiona, porque se trata de uma deficiência médica. Uma deficiência médica assustadora, intimidante, com potencial para ser perigosa. Além disso, agora você pode usar os banheiros para deficientes sem culpa. TODO MUNDO SAI GANHANDO.

Quem quer bolo?

Por que eu deveria fazer mais se já me saio tão bem não fazendo nada?

Victor e eu temos opiniões diferentes sobre como passar nosso tempo livre. No *meu* tempo livre, gosto de ficar vendo merda. Bem, não literalmente. Gosto de assistir à TV, ou navegar na internet, ou ler um livro, ou assistir a vídeos de gatinhos. Tudo envolve uma boa dose de ficar sentada sem me mexer. Suspeito que na outra vida eu tenha sido uma estátua, porque sou *muito* boa nisso.

Victor, por outro lado, passa o tempo livre *dele* desenvolvendo novos negócios, escrevendo livros de referência, divertindo-se enquanto procura erros em formulários financeiros e me dizendo como eu deveria usar meu tempo livre.

No mundo ideal de Victor, não haveria tempo livre. Seu lema é “Não deixe para fazer amanhã o que pode fazer hoje”, mas substituindo “deixe” por “durma” e a parte do fazer amanhã por “construir uma empresa multinacional e tirar tudo do closet com a intenção de organizar, mas acabar não concluindo e deixar todo o trabalho para sua mulher se virar”. Meu lema sempre foi “O tempo que passamos nos divertindo nunca é desperdiçado”, mas substituindo “nos divertindo” por “bêbados” e o resto da frase por “nunca deixa de ser uma boa ideia”.

Acho que isso tem alguma relação com as nossas escolhas profissionais. Durante a maior parte do nosso casamento, Victor tem sido um empreendedor viciado em trabalho ou um executivo

de companhias bem-sucedidas. Ele gosta muito disso, o que o torna perigosamente questionável, ou pelo menos meio sociopata. Ele tem facilidade para preencher o tempo livre com tarefas específicas que têm um início e um fim definidos. Seus e-mails são sempre respondidos com instruções rápidas e vagamente condescendentes que fazem as pessoas não quererem lhe mandar outro e-mail nunca mais, então a caixa de entrada dele sempre está em dia. Meus e-mails não lidos costumam chegar aos milhares, e a cada poucos meses entro em pânico com meu atraso e envio um e-mail padrão para todo mundo dizendo: “Olá. Eu sou péssima. Só consegui abrir isso agora. Você ainda precisa de mim? Sinto muito. *Não* sou confiável. Abraços, eu.” Em seguida, declaro falência de e-mail, excluo tudo e abro uma nova conta, *já* *mais* retornando à última. Meus antigos endereços de e-mail são como bares dos quais fui expulsa e para os quais nunca mais posso voltar. É um sistema ridículo e babaca, mas descobri que funciona para mim e *nunca recebi uma única reclamação*. Victor diz que é porque é impossível receber uma reclamação numa conta que nunca mais voltei a olhar. Já eu suspeito que seja porque todo mundo se atrasa também e admira a minha honestidade.

Meu trabalho é escrever coisas ridículas no meu blog, em livros e em guardanapos usados que somem quase de imediato. Faz parte do meu trabalho saber do vídeo mais recente de um porco-espinho numa banheira. Isso é *pesquisa*. Também há um bocado de trabalho nos bastidores que pessoas que não conseguem usar o lado esquerdo do cérebro são incapazes de prever. Por exemplo, quando tenho um bloqueio de escrita, às vezes preciso “reabastecer a xícara criativa”. Essa é uma expressão que minha psiquiatra usou e pedi que ela escrevesse para eu poder mostrar a Victor uma observação médica explicando meu comportamento (mas perdi o bilhete na pilha de guardanapos usados e outros destroços, então ele teve que

acreditar na minha palavra, e ele não acreditou, pois infelizmente é desconfiado).

“Reabastecer a xícara criativa” é uma expressão que tem significados diferentes para pessoas diferentes. Contudo, para mim, é o equivalente a fazer maratonas de *Doctor Who* ou ler David Sedaris gritando “*POR QUE VOCÊ FAZ ISSO PARECER TÃO FÁCIL?*”. Às vezes, é dirigir até o pet shop e tirar todos os furões de suas gaiolas e colocá-los em cima de mim para transformá-los em casacos apavorados que fazem cosquinha. De vez em quando, é rabiscar alguns pênis nos formulários de impostos atrasados que Victor passiva-agressivamente cola no monitor do meu computador.

Para resumir, passo *grande* parte do meu tempo sem fazer absolutamente nada. Tipo, sou profissional nisso. Porque é *assim* que um gênio da arte trabalha. E porque sou *muito*, mas *muito* preguiçosa mesmo.

Há quem diga que, se você tem um bloqueio de escrita, precisa começar a escrever mesmo assim, porque pelo menos vai ter *algum* resultado. No entanto, nunca gostei de nada que eu tenha sido forçada a escrever, então tenho certeza de que qualquer resultado será uma grande merda, o que já acontece bastante até quando estou inspirada. A boa escrita não pode ser forçada. É por isso que nenhum clássico da literatura foi produzido a partir das redações obrigatórias de estudantes que não queriam escrevê-las, e que também quase nunca vemos dissertações de faculdade se tornarem fenômenos virais no Reddit. Em outras palavras, passar grande parte da manhã acompanhando o Twitter e rabiscando observações esquisitas e indecifráveis para si mesmo no próprio braço aumenta a probabilidade de se estar no caminho certo para se tornar um artista de sucesso. Ou um sem-teto. Não são possibilidades mutuamente excludentes.

Seria de se esperar que depois de dezoito anos casados Victor e eu fôssemos capazes de aceitar o estilo profissional um do outro, mas não. Victor passou a maior parte da manhã conduzindo várias teleconferências, gritando com os encanadores e transformando nosso plano de previdência em algo que soa ainda mais chato do que “plano de previdência”. Àquela altura, eu já tinha parado de ouvir.

Já eu, por outro lado, passei a maior parte da manhã pensando em bons nomes para gatos que ainda não temos. O favorito no momento é “O Presidente”. É um nome incrível porque você acaba constantemente dizendo coisas como “O Presidente *não* tira a bunda do meu teclado”, ou “O Presidente acabou de vomitar no tapete novo”, ou “Gosto de dormir com O Presidente, mas por que sempre acordo com a bunda dele na minha cara?”.

Tentei contar para Victor como O Presidente seria magnífico na cama em noites frias, e ele ficou todo: “CHEGA DE GATOS. VOCÊ JÁ TEM GATOS DEMAIS.” Só olhei para ele e respondi: “Que pena. *Vetado*. Você não pode rejeitar um pedido do Presidente.” Ele discordou, mas tenho certeza de que isso é considerado traição. Liguei para o pet shop onde abraço furões para perguntar se sabiam de algum gato com aparência patriótica que precisasse de um novo lar, mas eles reconheceram minha voz e me informaram que o gerente havia acabado de introduzir uma política de “apenas um furão fora da gaiola por vez”. E isso é *ridículo*, porque o máximo que dá para fazer com um único furão é um pequeno casquete (com garras no lugar de grampos). Fiquei um pouco chateada e posso ter dito: “ISSO É ULTRAJANTE. O PRESIDENTE *NÃO APOIARÁ ESSE TIPO DE CORTE*.” Então eles perguntaram sobre o que eu estava falando, e considerei explicar que cortes nos furões eram muito piores do que cortes no orçamento do governo, porque *todo mundo* sofre quando os furões são cortados. Sobretudo os furões. Mas aí

lembrei que ainda não havia adotado O Presidente e achei que seria inapropriado usar a influência do meu gato inexistente de forma tão indiscriminada. Victor concordou que era extremamente inapropriado, embora não pelas mesmas razões.

Eu disse a Victor que *não* ter um gato chamado O Presidente já havia me prejudicado, e que O Presidente se envolveria em todo tipo de peripécias malucas sobre as quais eu poderia escrever. Argumentei que, para mim, a aquisição do Presidente era o equivalente à aquisição de material de escritório para ele, então seria uma irresponsabilidade fiscal *não* adotar um gato chamado O Presidente. Aí Victor pode ter gritado: “VOCÊ NÃO PODE TER MAIS NENHUM GATO. SOU EU QUE TENHO QUE LIMPAR A SUJEIRA DELES, E PREFIRO MORRER A TER QUE LIMPAR A BOSTA DO PRESIDENTE TAMBÉM.”

Ele fez uma pausa e balançou a cabeça diante dessa frase questionável, mas eu sorri com satisfação porque ele havia acabado de comprovar minha tese, já que esse era *exatamente* o tipo de cena que valeria ouro para meu blog. Aliás, O Presidente já me deu quatro parágrafos para este livro e *ele nem sequer existe ainda*. É provável que ele seja O Presidente mais produtivo que já tivemos.

Victor saiu antes de eu poder concluir o assunto. Escrevi um lembrete nos formulários de impostos que ele tinha colocado no meu monitor: “COMPRAR UMA CAIXA DE AREIA PARA O PRESIDENTE”. Suspeitei que os funcionários do governo fossem ficar confusos (e não de uma forma positiva), então acrescentei: “Não estou me referindo ao seu chefe. Eu mesma votei naquele cara. Por favor, não me investiguem. Sou boa com animais e criancinhas. Se quiserem investigar alguém, que seja meu marido, que acha que O Presidente deveria morar em uma gaiola em vez de ser adotado pela minha filha, que iria vesti-lo com roupinhas antigas de bonecas e o apertaria muito.” Nesse momento, Victor voltou, viu os formulários vandalizados e me

dirigiu uma expressão de decepção. Expliquei que provavelmente seria melhor que ele mesmo preenchesse meus formulários de impostos dali em diante. Ele argumentou que isso seria ilegal, e eu respondi que, se O Presidente estivesse aqui, ele não se importaria nem um pouco e que isso seria o equivalente a ter a aprovação presidencial para tudo. Gatos não dão a mínima para nada. Portanto, teríamos por padrão a aprovação do Presidente para basicamente tudo que fizéssemos — exceto, talvez, o fato de Victor usar pistolas d'água para manter os gatos longe da bancada da cozinha. O Presidente provavelmente *não* aprovaria isso.

Quer ver uma coisa? Victor acabou de entrar no escritório e perguntar o que eu estava fazendo, e respondi que estava escrevendo sobre quanto ele detesta O Presidente. Ele começou a gritar comigo sobre usar meu tempo para algo útil. Na verdade, o problema não é nem discordarmos sobre como devo usar meu tempo, e sim como estamos longe de concordar sobre o que seria uma forma válida de usar meu tempo.

Coisas que Victor sugeriu que eu fizesse no meu tempo livre:

- **Ideia nº 1:** Abrir uma galeria de arte.
- **Ideia nº 2:** Abrir uma loja de quadrinhos.
- **Ideia nº 3:** Abrir um restaurante.
- **Ideia nº 4:** Qualquer coisa que não envolva furões.

Coisas que eu estou considerando fazer no meu tempo livre:

- **Ideia nº 1:** Abrir um clube para macaquinhos. Apresentá-los a pessoas que gostam que brinquem com seu cabelo. Observação: Pode haver alguns problemas técnicos, pois macacos costumam só pegar insetos no cabelo, e algumas

peessoas podem não gostar de ter insetos colocados no cabelo, mas quem pagaria para ter macacos brincando com seu cabelo não é inteiramente previsível, então ainda assim poderia dar certo. Ou talvez pudéssemos colocar glitter comestível no cabelo das pessoas.

É assim que faríamos dinheiro: *vendendo glitter comestível para macaco*. Não sei como os macacos agem quando encontram glitter comestível, mas com certeza isso vai ser uma evolução para a dieta atual deles. Quer dizer, **VOCÊS COMEM INSETOS, MACACOS. Parem de ser tão pretenciosos**. Além disso, tenho um modelo de verdade para me basear, pois um amigo do meu pai tem uma macaca de estimação, Amber, que gosta de arrancar casquinhas de ferida das cabeças das pessoas. Por isso, nós a chamamos de Amber, a Macaca das Cascas, um nome horrível. Quem chama um macaco de *Amber*? Um desperdício total de macaco. Além disso, não sei ao certo quantas pessoas têm cascas de ferida nas cabeças, mas suspeito que, se alguém está disposto a deixar macacos explorarem a própria cabeça, vai acabar com feridas. É um negócio autossustentável.

- **Ideia nº 2:** Adotar um gato de rua e chamá-lo de O Presidente. Abrir uma conta para ele no Twitter. Vender indultos do meu gato que as pessoas podem comprar sempre que se esquecerem do aniversário da esposa ou soltarem furões demais em uma loja por acidente. Tipo: “Eu sei que vocês ainda estão chateados comigo, mas recebi um indulto do Presidente. Isso tem que valer alguma coisa.”
- **Ideia nº 3:** Assistir a vídeos de cabras fazendo coisas engraçadas.

No fim das contas, Victor e eu queríamos a mesma coisa — que eu botasse a cabeça em ordem. É esse o nosso objetivo em

comum. E, quando Victor volta a falar sobre abrir uma galeria de arte que venda quadrinhos e crepes, respondo com alguma variante do que sempre digo: “Ótima ideia, Victor, mas neste momento estou muito ocupada escrevendo / me atualizando na TV / desenvolvendo glitter comestível para macaco / com O Presidente. Mas quem sabe na próxima vida?”

E falo sério. Talvez na próxima vida eu *de fato* abra um negócio bem-sucedido, e compre e venda ações, e memorize o número da minha identidade, e pague meus impostos em dia. *Ou* talvez na próxima vida eu abra uma delicatessen especializada em sanduíches de purê de batata (purê de batata e bolinhos fritos de batata dentro de um pão de batata quentinho) e tortas de espaguete (dispensam descrições) e tenha uma placa enorme dizendo “O Presidente come aqui!”. E vai ser verdade, pois gatos *adoram* espaguete. E pelo menos Victor não vai ficar com raiva de mim na próxima vida.

A menos que na próxima vida ele volte como um cliente. Aí ele vai balançar a cabeça um tanto confuso enquanto afasta sua terceira esposa do gato comendo torta de espaguete no balcão da loja. Mas aposto que Victor vai se virar mais uma vez e ver uma mulher muito feliz entregando um sanduíche de batata a um garçom-macaco coberto de glitter, e imagino que vai sentir uma pequena pontada de arrependimento e tristeza. Provavelmente porque jamais saberá que sanduíches de batata são deliciosos pra caralho.

P.S.: Victor acabou de ler isso e concordou que “sanduíches de purê de batata **são** deliciosos”, mas declarou que seria mais provável ver uma mulher coberta de furões roubados sendo presa por não ter pagado os impostos dentro do prazo, pois nenhum de seus macacos comedores de glitter a amava o suficiente para fazê-la preencher a papelada.

Eu *odeio* quando ele tem razão.

O que eu digo à minha psiquiatra *versus* o que eu quero dizer

“Acho que estou fazendo mesmo algum progresso.”

FAZ SEMANAS QUE NÃO ENFIO UMA FACA NA CARA DE ALGUÉM. DEVIA GANHAR UM TROFÉU POR ISSO. MAS NÃO UM TROFÉU DE BOLICHE. JÁ TENHO UM.

“Tenho tido problemas para me concentrar. Acho que tenho TDA.”

TENHO PASSADO TEMPO DEMAIS NO YOUTUBE ASSISTINDO A VÍDEOS DE GATINHOS CAINDO QUANDO DEVERIA ESTAR TRABALHANDO, E SE A MINHA EDITORA DESCOBRIR VOU PRECISAR QUE VOCÊ ESCREVA UM BILHETE EXPLICANDO QUE ISSO É UM PROBLEMA DE SAÚDE.

“Sua sala de espera é tão alegre.”

POR QUE VOCÊ TEM TODAS AQUELAS REVISTAS SOFISTICADAS SOBRE GATOS NO SAGUÃO? É ALGUM TIPO DE ARMADILHA OU UMA FORMA DE TRAÇAR O PERFIL DAS PESSOAS?

“Mas eu não folhee aquelas revistas porque não sou uma dessas acumuladoras de gatos.”

ROUBEI O PÔSTER.



“Embora, é claro, eu ame meus bichinhos como qualquer pessoa normal.”

OUTRO DIA, TIVE INSÔNIA E FIZ UMA CAMA D'ÁGUA PARA MEUS GATOS COM UM SAQUINHO ZIPLOC E UMA CAIXA DE SAPATOS. ELES FURARAM O SACO COM AS UNHAS E QUASE SE AFOGARAM. DEPOIS TENTEI COLOCAR MEIAS DE BEBÊ NAS PATAS DELES, MAS ELES FICAVAM TIRANDO, ENTÃO TENTEI AMARRAR ELÁSTICOS AO REDOR DAS BAINHAS DAS MEIAS, MAS AÍ MEU MARIDO ACORDOU ENQUANTO EU ESTAVA SEGURANDO UM DOS GATOS PARA CALÇAR A MEIA E FICOU TODO: “O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? POR QUE ESSES GATOS ESTÃO MOLHADOS?” E RESPONDI ALGO COMO: “ESTOU TENTANDO AJUDÁ-LOS A CURTIR

AS CAMAS DE ÁGUA”, E VICTOR ME FEZ IR DORMIR. FOI UMA DECEPÇÃO PARA TODOS OS ENVOLVIDOS.

“Quem deixou todos esses esquilos entrarem?”

NÃO, É SÉRIO. QUEM DEIXOU TODOS ESSES ESQUILOS ENTRAREM?

“Eu posso jurar que vi dois esquilos se escondendo atrás da mesa da sua recepcionista.”

É SÉRIO. TEM ESQUILOS SE INFILTRANDO NO PRÉDIO.

“Não? *Mesmo?* Hum. Deve ter sido uma ilusão de ótica. Hahaha.”

QUE PORRA É ESSA, MINHA SENHORA? EU TENHO CERTEZA DE QUE ACABEI DE VER AQUELES ESQUILOS.

“Então, como você está?”

ISSO É ALGUM TIPO DE TRUQUE? VOCÊ DEIXOU ESQUILOS ENTRAREM AQUI DE PROPÓSITO PARA VER SE EU FINGIRIA NÃO TER VISTO SÓ PARA VOCÊ VER SE ESTOU FINGINDO NÃO VER COISAS QUE NÃO ESTÃO LÁ? PORQUE ISSO É GOLPE BAIXO E ANTIÉTICO PRA CARALHO. É PROVAVELMENTE ABUSO COM OS ESQUILOS.

“Tenho me sentido bem, obrigada.”

MELHOR QUE AQUELES ESQUILOS QUE VOCÊ ESTÁ MANTENDO COMO REFÉNS, PELO MENOS.

“Como assim? Pareço ‘distraída’?”

PUTA QUE PARIU. E SE NÃO TIVER NENHUM ESQUILO E EU SÓ ESTIVER VENDO ESQUILOS IMAGINÁRIOS? E SE OS ESQUILOS NEM EXISTIREM? ISSO SERIA POSSÍVEL?

“Eu *não* estou distraída.”

MERDA. EU PRECISO PROVAR QUE TEM ESQUILOS AQUI OU ENTÃO ESSA MÉDICA VAI ACHAR QUE SOU MALUCA MESMO. ESTE É O ÚLTIMO LUGAR DA FACE DA TERRA EM QUE EU DEVERIA ESTAR IMAGINANDO ESQUILOS INEXISTENTES. TALVEZ EU DEVESSE TRAZER ALGUNS ESCONDIDOS PARA ELA VER TAMBÉM.

“É verdade, estou *muito* bem.”

ONDE EU PODERIA ARRANJAR ALGUNS ESQUILOS A ESTA HORA?

“Quando estou hospedada num hotel com paredes finas, às vezes abro meu notebook e assisto a cenas de assassinato com o volume bem alto para ver se alguém liga para a polícia. Mas ninguém nunca faz isso. É como se as pessoas não se importassem mais.”

PUTA MERDA. NÃO ACREDITO QUE ACABEI DE FALAR ISSO EM VOZ ALTA.

“Não acredito que acabei de falar isso em voz alta.”

A CULPA É DAQUELAS PORRAS DAQUELES ESQUILOS, QUE A MINHA PSQUIATRA PROVAVELMENTE TROUXE ESCONDIDOS CÁ PARA DENTRO COM O OBJETIVO DE ME DESESTABILIZAR E ME FAZER ADMITIR QUE AINDA PRECISO DELA.

“Grande jogada, doutora Roberts. Ótima jogada.”

P.S.: É óbvio que isso foi um relato levemente exagerado de como minha psiquiatra garante seu trabalho, mas na semana passada fui para lá depois de receber um telefonema me lembrando de uma consulta que eu nem me lembrava de ter marcado. Quando cheguei, a enfermeira insistiu que eu não tinha marcado nada e que ninguém havia me ligado. Aí fiquei ali no consultório me perguntando se tinha acabado de imaginar alguém me telefonando para dizer que eu precisava de auxílio psiquiátrico, ou se haviam mesmo me ligado do consultório no intuito de me fazer ir até lá questionar a minha sanidade quando me dissessem que eu não tinha nada marcado. Parecia uma maneira muito questionável, mas ao mesmo tempo brilhante, de garantir a fidelidade de uma paciente.

Em seguida, saí do consultório e dei uma olhada no meu telefone. Foi quando percebi que havia marcado hora com meu outro médico e gritei “Mas que merda!” e fui correndo até o carro para não me atrasar. Nesse momento, olhei para trás e vi a

enfermeira me encarando com uma preocupação confusa. Foi como se eu tivesse aparecido lá só para mostrar a eles como tinha feito pouco progresso. *Além disso*, eu estava cansada demais para folhear as revistas de gatos.

Foi frustrante em todos os aspectos.

OLHA ESSA GIRAFA

Na semana passada, um estranho apareceu na casa dos meus pais com uma cabeça antiga de uma girafa de dois metros de altura na traseira da picape. Ele queria se desfazer dela. Isso soa *um pouco* menos estranho depois que explico que meu pai é um taxidermista profissional com a fama de receber animais mortos em troca de coisas estranhas. Ou talvez isso soe mais estranho ainda. Para ser honesta, não sou muito boa em avaliar qual impressão nossa vida deve causar em pessoas normais.

A girafa empalhada tinha cabeça, pescoço e só um pedacinho dos ombros, e era montada no chão como um cabideiro questionável com olhos. Meu pai decidiu deixar passar, pois a aparência dela era esquisita. Porém ele lembrou que gosto de animais empalhados antigos e horrorosos, e a girafa parecia exatamente o tipo de coisa ferrada que eu adoraria, então ele telefonou e disse: “Tem um cara aqui com um terço de uma girafa morta na traseira da picape, e ela parece bem acabada, então pensei em você.”

Até considerei perguntar “*Quem é?*”, mas estava óbvio quem era, e eu não sabia se deveria me sentir insultada ou lisonjeada por meu pai me conhecer tão bem.

— Qual terço? — perguntei. Ele explicou, e lhe pedi que comprasse para mim, mas só se ela tivesse morrido de causas naturais e fosse barata, e só se fosse esquisita *mesmo*. — Mas

quero estranha de um jeito “engraçado e excêntrico”, não estranha de um jeito “triste e deprimente”.

— Não sei qual é a diferença — respondeu ele. O amor pela taxidermia não havia pulado uma geração, mas a capacidade de avaliação, sim.

* * *

Victor ouviu parte da conversa e disse que eu **não** podia ter uma girafa, porque não tínhamos onde colocar,¹ e argumentei que era apenas um terço de uma girafa e que era a parte mais interessante, então era quase impossível dizer não. No entanto, Victor provou que eu estava errada dizendo “não” várias vezes. Ele alegou que não teríamos como levar a girafa para casa, porém expliquei que poderia pegá-la na casa dos meus pais e colocá-la no banco de passageiro do nosso carro. Aí eu poderia abaixar o vidro para que Madame Girafa colocasse a cabeça para fora, e até seria permitido que eu usasse as pistas exclusivas para veículos de alta ocupação. Victor discordou, *porque de repente ele sabia tudo sobre as regulações para veículos de alta ocupação*, mas não importava, pois meu pai ligou outra vez e disse que não tinha conseguido um bom negócio com a cabeça da girafa, então preferiu não comprar. Victor ficou aliviado, mas lembrei a ele que meu pai mente muito bem, então ainda havia uma pequena chance de ele ter comprado a girafa e estar preparando-a para mim como um presente de Natal esquisito. Esse é o meu pai. Nunca se sabe quando ele está escondendo uma cabeça de girafa gigante de surpresa para você. Não sei se isso é bom ou ruim — acho que é bom.

Victor parecia temer que pudéssemos receber uma girafa a qualquer momento, mas ele nem precisava ter se preocupado,

pois meu pai realmente havia rejeitado a cabeça. Contudo, por mais estranho que pareça, meu pai acabou indo pegar a cabeça quando a mulher que a comprou num leilão local o contratou para consertar os danos. Ele ficou chocado por ela ter pagado o dobro do preço pedido, porém quando estava levando a girafa para a sua oficina passou por outra mulher, que viu a crina esvoaçante e seguiu meu pai até em casa, oferecendo-lhe o dobro do preço pago. A dona não quis vendê-la, pois havia se apaixonado pela girafa, e meu pai só pôde balançar a cabeça, estupefato. Ele me ligou naquela noite e disse em tom baixo: “Meu Deus. *Tem outras de você.*”

Mas essa é outra história. Vamos voltar à história dos animais empalhados como presente. Sou muito boa em dar presentes. Anos atrás, no nosso aniversário de casamento, dei a Victor uma galinha de metal gigante chamada Beyoncé. No ano passado, eu o surpreendi com uma preguiça, um wallaby (que é tipo um minicanguru) e um porco-espinho soltos na nossa sala de estar. Este ano, foi Victor quem decidiu me surpreender. E surpreendeu mesmo. Primeiro porque faltava mais ou menos um mês para nosso aniversário de dezoito anos, e segundo porque, quando abri a caixa imensa que Victor havia deixado no chão da cozinha, um urso gigante me atacou. Em grande parte, porque minha manga enganchou no caixilho de madeira que prendia o urso na caixa e eu me desequilibrei, e quando caí de costas tudo rolou para cima de mim. De repente, eu estava presa com um inesperado urso por cima de mim no meio da cozinha.

Esse presente foi especialmente adorável, porque 1) Victor não gosta de taxidermia, e o fato de ter comprado uma cabeça de urso para mim faz dele o melhor marido de todos os tempos, 2) ele me garantiu que o urso morreu de causas naturais, e 3) passei a ter um quarto de urso para esconder pela casa. Às vezes, escondo-o em frente ao escritório de Victor, e é como se um urso estivesse ouvindo atrás da porta. Outras vezes, deixo a

cabeça dele aparecer rapidinho entre os arbustos na frente da nossa casa — assim, quem passa dirigindo pensa ter visto um urso, pois gosto de colocar um pouco de emoção nas vidas dos outros. Victor diz que é porque tenho tempo livre demais. Já eu acho que é porque *sou generosa*. Talvez sejam as duas coisas.

Ninguém sabe onde estão os outros três quartos do urso, mas não me incomodo por ter apenas a cabeça, embora eu *tenha mencionado* que gostaria que o urso viesse com braços, assim ele poderia dar abraços em quem estivesse tendo um dia ruim. Victor argumentou que ursos dão péssimos abraços já que são feitos de garras e dentes, porém ele está errado, pois todo mundo sabe que os ursos dão os melhores abraços. É por isso que chamamos um bom abraço de “abraço de urso”. Não mencionei isso para Victor porque provavelmente urso dado não se olha os dentes.

Em vez disso, comecei a procurar on-line por alguém vendendo as mãos empalhadas de um urso que tivesse morrido de velhice, pois achei que poderia pregá-las embaixo do urso, como se ele estivesse saindo da parede. Ou talvez colar tudo num espelho, como se houvesse um urso magicamente saindo de lá, e então Victor ficou todo:

— MAS QUE MERDA É ESSA? Você não pode colar um urso num espelho. Isso é insano pra cacete. Além disso, *POR QUE TEM UM URSO NA MINHA CAMA?*

— Porque ela está *na medida certa*.

Victor me dirigiu um olhar incrédulo. Ao que parece, a mãe nunca leu “Cachinhos Dourados” para ele. Ele ficou me olhando, então eu suspirei e disse:

— Porque eu não tenho um cavalo e sei como você adora *O poderoso chefão?*

Aí ele ficou irritado por eu querer gastar dinheiro com braços de urso, e eu argumentei:

— *Porque tenho o direito de portar braços, Victor.**

Em seguida, me dei conta do que tinha dito, e nós começamos a rir. O *que* aconteceu naquele momento? Foi quando me dei conta da sorte incrível que tenho por ter passado dezoito anos com um homem que consegue rir de piadas sobre a ineficiência do controle de armas com a cabeça decepada de um urso no travesseiro dele.

— O nome dele é Claude — falei. — Sacou? *Clawed*, tipo garras em inglês?

Percebi que ele entendeu, porque pude vê-lo revirando os olhos. Mas é possível que ele tenha revirado os olhos porque Claude não tem garras, então achou que eu estivesse sendo irônica. Não sei ao certo se isso é ironia ou não. Aquela música da Alanis Morissette acabou com a ironia para todo mundo.

— Você me ama *mesmo*, não é? — perguntei. — Você comprou um animal empalhado para mim. Você está *literalmente* expondo o seu coração.**

Victor coçou a cabeça.

— Não acho que seja assim que “literalmente” funciona. E esse com certeza não é o emprego correto da palavra “expor”.

E, bem, talvez não... mas acho que é assim que o *amor* funciona. Às vezes significa limpar a sujeira que você não fez, ou dirigir até o aeroporto três vezes na mesma semana para pegar quem se ama, ou até ursos inesperados e possíveis girafas de surpresa. É provável que os últimos exemplos não sejam para a maioria das pessoas. Porém, no fim das contas, não somos como a maioria das pessoas.

E eu agradeço a Deus por isso.

P.S.: Este é o Claude. Dê uma mãozinha a ele. (*Duas, de preferência.*)



¹ Na verdade, nós de fato não tínhamos espaço para uma cabeça de girafa, mas tínhamos um velho poste em estilo inglês decorando o nosso jardim que precisava ser substituído, e pensei em colocar a cabeça da girafa lá com uma luminária de jardim de pendurar na boca. Posso imaginá-la com um olhar silencioso que diria aos ladrões em potencial: “É melhor passar direto, seus cretinos. Estou no comando aqui.” Victor diz que é mais provável que ela dissesse: “Bem-vindos, vendedores. *Compraremos qualquer merda.*” Ele também mencionou que animais empalhados apodrecem na chuva, então escrevi um lembrete para perguntar ao meu pai se ele podia fazer um buraco na boca da girafa para que ela pudesse segurar um guarda-chuva. É claro que isso a impediria de segurar a luminária na boca, porque pareceria ridiculamente ocupada, mas talvez pudéssemos fazer seus olhos se acenderem tipo um raio laser? Talvez algo ativado por movimento, porque nada diz “seja bem-vindo” como uma cabeça de girafa segurando um guarda-chuva com raios laser no lugar dos olhos.

* No original, “to bear arms” significa ter porte de armas. Mas “bear arms” também pode significar “braços de urso”. (N. da T.)

** Outro trocadilho, agora entre “bear” (urso) e “bare” (expor). (N. da T.)

O medo

(Observação: Eu deveria ter colocado aqui um aviso não recomendando a leitura para pessoas de coração fraco por referências a automutilação. Mas, para ser franca, este livro todo — *e a vida em geral* — merece um aviso. Sinto muito por isso.)

Certas histórias não deveriam ser contadas.

Lembro-me de ter pensado que era sangue demais. Dava para sentir escorrendo pelo meu pescoço, então me apressei para pegar uma toalha, pressionando os cortes no meu couro cabeludo.

— Tudo bem aí? — perguntou Victor, falando baixinho do outro lado da porta do banheiro.

Eu estava bem. Eu estava bem. Eu estava... sangrando. Muito. E me sentia... aliviada? A pressão na minha cabeça havia passado. A dor dentro de mim estava se afastando, abrindo espaço para uma dor muito mais leve. O pânico ia embora aos poucos, e respondi a Victor que estava tudo bem e que ele podia voltar para a cama, mas já dava para ouvi-lo mexendo na fechadura. Ele era especialista em abrir a porta à força, e eu sabia que só tinha alguns segundos antes de ele entrar. Enfiei a toalha ensanguentada no armário e abri a torneira para lavar as mãos.

Tarde demais.

Victor entrou com aquele olhar. Nunca consegui interpretá-lo muito bem. Resignado? Irritado? Assustado? Provavelmente seria a mesma expressão que eu teria se me permitisse sentir essas coisas. Mas eu não me permitia. Em vez disso, me cortava. Sem usar faca. Escolhi uma arma muito mais pessoal e punitiva. Escolhi a mim mesma.

Já não era mais segredo. Fazia anos que Victor sabia que eu me feria. Mas nunca havia sido tão grave. Eu arrancava as minhas cutículas até elas sangrarem, mas e daí? Muitas pessoas fazem isso. Puxava cascas de feridas quando estava nervosa. É nojento, mas não é inusitado. Eu puxava meu cabelo. Arrancava. Pela raiz. E não conseguia parar até ter grandes chumaços no meu colo. Coçava o couro cabeludo e a testa. Profundamente. Com unhas lixadas num formato para cortar. Victor segurava as minhas mãos quando estávamos na cama para me impedir, mas eu não conseguia evitar. Nem explicar.

Transtorno do controle de impulsos. Tricotilomania. Dermatilomania.

Esses eram os termos usados pela psiquiatra. Ela disse que é comum para pessoas como eu, com transtornos de ansiedade e de personalidade esquiva. Eu achava que ela estava errada. Não me importo que me rotulem com um transtorno de ansiedade. Não tenho *problema nenhum* com isso. É simples: não consigo controlar minha ansiedade. Mas “transtorno de personalidade”? Isso queria dizer... danificada.

— Mas não estou danificada — expliquei à minha psiquiatra.
— É só que... é só que dói... lá dentro. E, quando me machuco por fora, sinto-me menos destroçada por dentro.

Ela assentiu com a cabeça, esperando.

— Eu não quero morrer.

Ela continuou esperando.

— É sério, não quero. Não é mentira. *Não* sou suicida. É só que às vezes não consigo evitar me ferir. É como se tivesse outra

peessoa dentro de mim que precisa arrancar fisicamente os pensamentos ruins da minha cabeça, e não tem outro jeito de entrar lá. A dor física me distrai da dor mental.

Ela continuou esperando.

— Parece maluquice quando digo em voz alta — sussurrei. — Às vezes, acho que posso ser louca mesmo.

— Se você fosse louca, não se daria conta de como parece loucura — respondeu ela com gentileza, mas categoricamente. — Você está reconhecendo um problema e está buscando ajuda para isso do mesmo modo que alguém são com um problema médico faria.

Minhas mãos coçavam para puxar meu cabelo, mas as forcei a ficarem no colo. Havia sangue seco debaixo das minhas unhas. “É por isso que colocam camisas de força nas pessoas”, pensei, “para impedir que se machuquem.”

Em seguida, iniciamos um longo processo de terapia comportamental, com medicamentos e visitas a médicos. Li livros com programas de doze passos para conter necessidades prejudiciais à saúde.

Às vezes, o impulso terminava com uma pontada... bastava um pensamento de que precisava me coçar ou me machucar, e então eu conseguia me conter redirecionando o pensamento. Em outras ocasiões, era mais difícil e eu usava elásticos ao redor das mãos, puxando-os contra os pulsos para imitar a dor dos cortes sem o risco de infecções ou algo pior. Algumas noites, eu acabava curvada sobre a pia da cozinha, chorando pateticamente enquanto me forçava a apertar as mãos cheias de gelo até arder como se eu tivesse enfiado o braço no fogo. E às vezes... eu tenho uma recaída. Essas noites são tenebrosas. Elas brilham como vidro quebrado na minha memória, quando flerto com o perigo e me permito me cortar, sangrar e arrancar pedaços deste corpo que tanto me traiu.

De vez em quando Victor me encontra na manhã seguinte com as mãos ensanguentadas ou uma pequena falha nos cabelos que vou ter que cobrir quando pentear, e me pergunta: “*Por que você simplesmente não para?*” Ele me pergunta por que me machuco intencionalmente e me olha como se eu pudesse mesmo explicar.

Não posso.

Não consigo explicar nem a mim mesma por que eu sou assim. Só sei que fui feita desse jeito... e talvez chegue um dia em que alguém consiga abrir esta minha cabecinha e descobrir o que é que há de errado lá dentro... e também o que há de certo.

Porque tem as duas coisas.

Sem a escuridão, não há luz. Sem a dor, não há alívio. E me lembro de que tenho a sorte de conseguir sentir tanta tristeza e também tanta alegria. Posso tomar cada momento de alegria e viver esses momentos, porque já vi o grande contraste da passagem da escuridão para a luz, e também do caminho contrário. Sou privilegiada por conseguir reconhecer que o som do riso é uma bênção, é música. Por perceber que as horas felizes passadas com minha família e meus amigos são tesouros extraordinários a serem guardados, porque esses momentos são como medicamentos, como bálsamos. São uma promessa de que vale a pena lutar pela vida, e essa promessa é o que me faz prosseguir quando a depressão distorce a realidade e tenta me convencer do contrário.

Talvez as balanças que medem as emoções das pessoas não funcionem para mim. Talvez as minhas balanças sejam maiores. Ou menores. Talvez, em vez de uma balança, eu tenha me afastado para um daqueles lugares desertos onde se espera. E talvez um dia eu seja encontrada e alguém possa me explicar por que sou como sou.

Ou talvez não.

Afinal de contas, algumas histórias não deveriam ser contadas.

Intervenções de pele e franjatox

Nunca fui muito de embelezamentos cosméticos ou retoques. Não entendo a necessidade de se encher de Botox, implantes ou injeções de colágeno; por outro lado, entendo *perfeitamente* a necessidade de se livrar de coisas em nome da beleza. Sou obcecada por lixas para os pés, derreter gordura com ondas de rádio de alta frequência, bandagens que fazem você suar suas toxinas e purgantes que fazem você cagar até ficar com o cólon limpo. De certa forma, isso tudo me parece mais saudável. Ou pelo menos me torna diferente de quem sou. O que, pensando bem, provavelmente não é tão saudável.

Acho que preciso ligar para minha psiquiatra e contar que acabei de fazer uma descoberta. *Um momento.*

Ok, voltei. Acabou que minha psiquiatra direciona todas as chamadas para um serviço de recebimento de chamadas depois das duas da manhã, e eles não ficaram nada impressionados com minha epifania sobre o motivo da minha dermatilomania. Nem devem saber o que isso significa. Na verdade, nem o corretor ortográfico sabe o que é isso, e quando pedi sugestões ele disse “*APRENDA A SOLETRAR*” — o que é ao mesmo tempo grosseiro e inútil, corretor ortográfico. Dermatilomania é um transtorno do controle de impulsos que faz você querer coçar a pele até arrancá-la. Ele aparece quando estou estressada e

acabo coçando cada imperfeição. Geralmente, passo a unha no couro cabeludo até não parar de sangrar, ou ataco meu polegar, que já está deformado depois de anos de automutilação. É uma merda e não recomendo.

Encontrei formas mais sadias de lidar com a necessidade de cutucar a pele — como enrolar fita adesiva nos dedos ou cobrir o cabelo com óleo de coco, o que serve de lembrete quando começo a coçá-lo inconscientemente. Também encontrei formas não tão sadias, como quando ouvi falar de “microdermoabrasão”, que suspeito ser o termo em latim para “quero arrancar sua pele e transformá-la em um casaco”. Meu dermatologista me mandou um e-mail sobre isso que dizia algo sobre como minha pele nova estava sufocando sob camadas de pele velha e morta, e de repente senti como se estivesse usando uma máscara de ácaros e sujeira. Eu precisava fazer aquilo de imediato, e não podia ir só.

— ENTÃO, OUVI FALAR NUM LANCE NOVO EM QUE ARRANCAM A SUA PELE — devo ter gritado no telefone para minha amiga Laura.

Ela ficou em silêncio por algum tempo, então expliquei:

— **PARA DEIXAR VOCÊ MAIS BONITA.**

Ela não parecia muito convencida. Continuei:

— Recebi um cupom para esse negócio, microdermoabrasão. Pelo que entendi, eles arrancam a pele do seu rosto e a deixam bonita. Não sei o que têm contra a pele do rosto, mas parece que está muito fora de moda. Como pelos pubianos. E Gwyneth Paltrow.

— *O que todo mundo tem contra a Gwyneth?* —perguntou Laura, parecendo um pouco chateada.

Havíamos saído do assunto. Era óbvio que eu não estava explicando bem. Prossegui:

— Laura, eles esfoliam seu rosto com *DIAMANTES*. É tipo um FODA-SE gigante para os sem-teto. Tipo ESTOU USANDO

DIAMANTES PARA ARRANCAR O MEU PRÓPRIO ROSTO. Vejam como não dou a mínima para diamantes *nem para o meu rosto*. Embora eu esteja planejando *guardar* meus resíduos de diamantes e filtrá-los, como os mineradores fazem quando estão procurando ouro. Assim, fico com um pote cheio de diamantes e um pouco de pele do rosto. É QUASE COMO SE OS ARRANCADORES DE PELE ESTIVESSEM ME PAGANDO PARA FAZER ISSO. Além do mais, você recebe uma consulta no dermatologista e uma análise da pele. Então, basicamente, tem a cara arrancada e depois lhe dizem como sua aparência está uma merda. Mas esse é o preço da beleza. Isso e 45 dólares para o site de descontos. Aparentemente.

— Espera aí — respondeu Laura. — Então vou pagar para alguém arrancar minha cara e *ainda me humilhar*? É como se tivessem feito isso *sob encomenda* para as mulheres. QUEM PODERIA RECUSAR?

— *Não é mesmo?* — concordei. — Eles devem até convidar pessoas que estejam passando na rua para rir de nós. Vai ser como voltar aos tempos de escola. QUEM PODE REJEITAR UMA OFERTA DESSAS?

Laura tinha topado.

— Pode dar meu nome. Vou desligar antes que você me convença de que ser sua amiga é bom *demais* para minha autoestima. Ligue se tiver mais alguma tortura medieval para oferecer. Tipo depilação de mamilo. Ou sangria.

E bastou isso, porque éramos mulheres quebradas dispostas a pagar quantias estúpidas de dinheiro para proteger a sensível pele do nosso rosto até alguém se oferecer para queimar tudo por mais dinheiro ainda.

Não sei ao certo por que mulheres costumam ser tão vulneráveis a qualquer sugestão envolvendo seus rostos, mas para mim é como ter um relacionamento abusivo com a minha própria cabeça. Não uso nada além de sabonete e água até uma

daquelas esteticistas de shopping me parar enquanto vou ali comprar um pretzel, dizer como a minha aparência está ruim e me convencer a usar um creme caro que imediatamente deixa minha pele cheia de erupções cutâneas, provavelmente porque meu rosto não está acostumado a esse tipo de cuidado e entra em pânico. Então tenho que comprar vários cremes caros para me livrar das feridas. Alguém me diz que preciso de algo para abrir os poros, pois eles têm que respirar, e na semana seguinte sou atacada por comerciais que usam a vergonha como estratégia afirmando que meus poros estão tão abertos que toupeiras caíram dentro deles, aí compro alguma coisa para isso também e de repente pareço estar com um tipo sofisticado de lepra. É nesse momento que meu dermatologista diz: “*O que você fez com sua pele?* Pare tudo que estiver fazendo. É só usar esse creme para limpá-la.” Mas quando o coloco no armário do banheiro percebo que é *exatamente o mesmo creme* que causou todo esse caos, mas dez vezes mais caro, já que veio do meu médico. Então digo: “FODA-SE, ROSTO. VOU QUEIMAR VOCÊ COM ÁCIDOS DE FRUTAS E DIAMANTES.”

Contudo, na verdade eu estava um pouco apreensiva em relação ao processo. Lembrei-me de ter visto Slim Goodbody [Magrinho do Corpão] na TV, um cara branco esquisito com um cabelo baixinho estilo afro e um collant de corpo inteiro estampado com o interior do corpo humano que o fazia parecer ter sido esfolado vivo. Era como um terrível precursor daqueles cadáveres exibidos nas exposições de anatomia dos museus-que-desistiram-de-ser-museus-de-verdade, e temi acabar parecendo uma irmã distante dele, Fatty Noskin [Gorda sem Pele].

No dia seguinte, Laura e eu chegamos à clínica e de cara nos sentimos deslocadas ao nos sentarmos juntas no sofá e vemos mulheres que pareciam ter tido a gordura sugada das clavículas e injetada diretamente nos lábios.

Assinamos um folheto que explicava os riscos, mas que também prometia nos deixar com uma “pele mais espessa”, o que achei que significava que nossos rostos ficariam enormes e que não nos magoariamos mais com tanta facilidade. Fiquei em dúvida. “Então vou *umentar* minhas medidas... mas no rosto. Estou pagando para ficar com a cara gorda.” Laura olhou para mim parecendo preocupada e pensamos em sair correndo, mas então uma enfermeira veio nos levar para a sala de análise. Ela era simpática e agradável, e parecia ter uns 35 anos, mas disse ter mais de cinquenta. Laura presumiu que ela fosse a garota-propaganda do procedimento. Já eu presumi que ela fosse uma mentirosa compulsiva.

A enfermeira fez cada uma colocar a cabeça em uma máquina luminosa que tirou uma série de fotografias dos nossos rostos e em seguida usou essas fotografias para nos aterrorizar. Ela nos mostrou os danos e as marcas causadas pelo sol. Uma das fotos mostradas me fez levantar e gritar:

— QUE PORRA É ESSA?

Era uma colônia de bactérias que moravam no meu rosto.

— Puta merda — xinguei enquanto olhava os enormes acúmulos verdes no meu nariz e na minha testa. — Isso é uma raça alienígena inteira acampada na minha cara. É como uma versão de horror de *Horton e o Mundo dos Quem!* SÓ QUE OS QUEM SÃO POSSEIROS MORANDO NA MINHA CARA.

— É muito comum — assegurou a enfermeira. — São só bactérias.

Olhei bem para ela:

— TEM CRIATURAS VIVAS OCUPANDO O MEU ROSTO E VOCÊ VAI MATÁ-LAS.

— *Bem.* Isso é... um jeito estranho de interpretar — disse a enfermeira, parecendo pouco à vontade. Ao que parece, ela já tinha visto muitas pessoas com nojo daquelas fotos, mas nenhuma teve uma crise ética.

— HORA DE EVACUAR, GALERA! — Tentei gritar para o meu próprio rosto. — VÃO PARA O PESCOÇO — ofereci. — Espera aí, você não vai fazer nada com o meu pescoço, não é? — perguntei à enfermeira.

— Ah, larga essa vida de acumuladora — disse Laura.

— Não sou acumuladora — protestei. — *Estou tentando impedir uma chacina no meu rosto.*

— Não — explicou ela. — Você é uma acumuladora de rosto. Está acumulando bactérias na cara. Precisamos fazer uma intervenção de pele.

Olhei para a enfermeira, que parecia chocada e um pouco desanimada (provavelmente por causa da piada horrível de Laura).

— A PETA não tem nenhum problema com isso, considerando que você está matando todas essas pequenas formas de vida?

Ela balançou a cabeça.

— Posso afirmar com toda a honestidade que nunca *ninguém* teve algum problema com isso até agora. Não são criaturas *nem um pouco* boas de se ter na pele. Suas porfirinas não estão saudáveis e podem...

— Mas que porra é essa? — Interrompi. — O TERMO CERTO É “*POBRES FELINAS*”? *Você quer que eu assassine “pobres felinas”?*

— Não. Você está pronunciando errado. É só uma limpeza de rotina.

— É UM *GENOCÍDIO*.

A enfermeira respirou fundo e tentou mudar de assunto.

— Então, o que você *espera* como resultado para o tratamento?

Parei e pensei por um segundo.

— Eu meio que espero ter minha cara arrancada e encontrar John Travolta debaixo dela. Mas só por hoje. Depois disso, vai perder a graça.

Laura tinha um motivo muito mais normal para querer o tratamento.

— Quero me livrar de algumas rugas, mas não quero nunca usar Botox.

— Bem, Botox *pode* ajudar muito — explicou a enfermeira.

— Não preciso de Botox — discordou Laura. — Uso *franjaxtox*. É quando você decide ter uma franja para cobrir as rugas da testa. Funciona muito bem, e ninguém injeta veneno no seu rosto.

Assenti com a cabeça.

— Sim. Eu também gostaria de evitar uma injeção de veneno perto do meu cérebro.

Laura acrescentou:

— Preciso do meu cérebro. É onde guardo as minhas melhores coisas.

A enfermeira parecia um pouco confusa e concluiu nosso tratamento rápido. Foi algo parecido com uma limpeza dentária, mas no rosto inteiro.

Ela relutou em me dar o filtro depois que terminou, mas não vi nenhum rosto ou poeira de diamantes nele. Não era nem o bastante para filtrar. No fim das contas, acabei com um pequeno frasco de sujeira de pele com alguns Quens sem-teto, uma escova de dentes cara para o rosto e centenas de dólares gastos no que presumo ser vaselina.

Também fiquei com uma nova perspectiva do que a dermatilomania estava fazendo com meu rosto e passei um mês inteiro sem cutucá-lo. Ainda mais porque não queria perturbar as “pobres felinas” que com certeza estavam tentando corajosamente reconstruir seus lares depois do trágico ato divino que havia se abatido sobre elas.

Mesmo assim, meu rosto de fato parece muito limpo.

Limpo e *muito, muito* solitário.

É como se suas calças estivessem zombando de mim

Existem poucas coisas no mundo que me irritam mais do que a pobreza, a falta de direitos civis básicos e o fato de que a maioria das roupas femininas não tem bolsos. É óbvio que as duas primeiras são mais graves, mas a coisa dos bolsos também me irrita muito.

Victor alega que mulheres não precisam de bolsos porque têm bolsas, então precisei explicar:

— Não. Somos forçadas a usar bolsas *porque* não temos bolsos. Imagine se eu arrancasse todos os bolsos das suas lindas calças de bolsos e então você tivesse que levá-los por aí. Você tem... tipo... *sete* bolsos nessas calças. Imagine carregar sete bolsos no parque de diversão. Não dá. Você precisaria de uma bolsa. Aí entraria no Kamikaze e tudo ficaria bem por um minuto, até a bolsa se abrir e todas as suas coisas começarem a voar como poltergeists pela gaiola, como se você fosse um gatinho numa secadora cheia de pilhas, e aí seu celular deixaria seu olho roxo. Aliás, isso é tudo baseado em fatos reais.

Victor pareceu ter sido pego de surpresa, mas argumentou que “calças de bolsos” não existem, e que “*o nome certo é calça cargo*”. Mas isso é só semântica.

— Vocês têm calças com *várias* bolsas masculinas por todos os lados — devo ter gritado. — Francamente, é como se essas calças estivessem zombando de mim.

Nesse momento, Victor desistiu, provavelmente porque não queria parecer estar tomando as dores das calças.

O que chega mais perto de um equivalente a calças de bolsos para mulheres são bolsas carteira, e, para ser honesta, isso é um insulto. Bolsas carteira não são bolsas *nem* carteiras. Elas são mentirosas. Basicamente, são bolsas que você precisa carregar na mão até ficar cansada, desistir e comprar uma bolsa de verdade para colocá-las dentro. É como se os caras da indústria da moda tivessem acabado de terminar mal um relacionamento e estivessem discutindo ideias numa amargura raivosa pós-bebedeira. “Ei, sabe como as garotas odeiam ter que carregar bolsas e nos usam para guardar o batom e todas as merdas delas nos nossos bolsos e depois elas nos trocam por um sujeito chamado Brad? Vamos fazer uma bolsa no formato de uma carteira. Mas vamos fazê-la grande demais para caber no bolso, então precisarão comprar *outra* bolsa. E PODEMOS CHAMÁ-LA DE **BOLSA CARTEIRA**. AQUELAS VADIAS NUNCA ESPERARIAM POR UMA COISA DESSAS E VÃO TER QUE PAGAR POR ISSO.” Posso estar exagerando, mas parece que eles fizeram isso de propósito. Eu nem conheço nenhum Brad.

E, sim, você deve estar pensando que garotas podem usar calças cargo sem problemas se quiserem, mas eu discordo. Garotas magrinhas até podem vestir aqueles troços, porém garotas como eu parecem estar usando calças com um monte de bolsas coladas nelas, e isso é a última coisa de que precisamos quando estamos procurando algo que nos faça parecer mais magras na sessão de tamanhos especiais. Na verdade, a maioria dos bolsos que vemos nas calças femininas são só ilusões feitas para implicar com você. Ou às vezes são bolsos de verdade, mas que têm as aberturas costuradas de propósito, como se dissessem “Vou deixar vocês ficarem com esses bolsos, mas vou costurá-los para o seu próprio bem”. E a maioria de nós os deixa costurados, porque preferimos parecer magras a ter bolsos.

O único jeito de eu usar calças de bolsos seria se elas me fizessem parecer mais magra e ao mesmo tempo carregassem muita coisa. Acho que o que eu quero é magia. Num tamanho 52. Quero que meus bolsos sejam como uma TARDIS, ou como a bolsa da Mary Poppins. Falando nisso, por que Mary Poppins precisava de uma bolsa gigante se ela foi magicamente projetada para carregar tudo? É sério. Meu palpite é que Mary pediu um bolso mágico e os feiticeiros disseram: “O quê? *Como um homem? Acho que não, senhorita.* Vamos lhe dar uma bolsa.” Esses caras eram uns filhos da puta. Eles deviam ser os mesmos que disseram: “Então, só para ficar claro... você precisa viajar magicamente longas distâncias para encontrar criancinhas e a sociedade diz que você só pode usar vestidos? *Entendemos. TOMA UM GUARDA-CHUVA VOADOR.*” Obrigada, feiticeiros. Eu não achava que era possível criar algo com um design pior que o avião invisível da Mulher Maravilha, *mas vocês conseguiram.* Graças a Deus os celulares não existiam na época, porque aí haveria uma tonelada de fotos dos fundilhos da Mary Poppins espalhadas pela internet. E é por isso que não confio em feiticeiros.

A notícia boa é que ontem coleí um saquinho ziploc do lado de dentro da minha saia para ter um lugar onde guardar *tudo-que-não-coube-no-meu-sutiã*, e deu certo, então passei a trabalhar numa capa feita apenas de saquinhos ziploc grampeados. Vai ser fantástica, porque poderei ver todas as coisas dentro dos meus bolsos de plástico (ao contrário do que acontece com a minha bolsa, que devora tudo como um pequeno buraco negro). E também vai servir como um poncho para chuva. *E posso colocar um canivete e um manual de “Como esfaquear pessoas” nele para que os babacas saibam que é melhor não mexer comigo, e não vou nem ter que puxar o canivete para ameaçá-los. Não há lado negativo nisso.*

Em resumo, vou fazer uma fortuna vendendo ponchos de bolsos. (Que vai ter bolsos para tudo e ao mesmo tempo vai ser compacto o bastante para ser enfiado em um dos bolsos. Assim, se você rasgar um poncho de bolsos, pode simplesmente puxar um extra de dentro do primeiro.) E vou usar esse dinheiro para investir em magia e demitir aqueles malditos feiticeiros misóginos. Além do mais, acabei de me dar conta de que homens têm canivetes e mulheres só têm curvex. Essa coisa toda é uma maluquice do caralho.

Obrigada por nada, feminismo.

Belo robalo

Às vezes, as pessoas sentem necessidade de sair um pouco da vida comum para relaxar e se recuperar. Particularmente, prefiro fazer isso me trancando no meu quarto com uma garrafa de rum, vários livros e muitos programas de TV britânicos de gosto de duvidoso, mas a maioria das pessoas prefere sair de casa e ir à praia ou algo assim. Por outro lado, é provável que as férias da *maioria* das pessoas não tenham pequenas gangues tentando arrombar seus quartos de hotel às duas da manhã.

Mas estou me adiantando.

Victor visita o Japão todos os anos porque estuda coisas japonesas. Eu poderia ser mais descritiva, mas tenho a tendência de ficar ainda mais desligada do que de costume quando ele começa a falar em outros idiomas. De toda forma, um dia ele decidiu que eu precisava ir junto pelo menos uma vez, apesar de eu detestar viajar. Acabei concordando, porém só se minha mãe ficasse com nossa filha, porque eu não confiava em mais ninguém para isso. Hailey tinha sete anos na época, com aquela combinação de independência confiante e estupidez perigosa que só encontramos em crianças pequenas e bêbados, então hesitei em deixá-la. Mas eu sabia que minha mãe é muito responsável e saberia lidar com qualquer instabilidade criada pelas ideias insanas de entretenimento do meu pai, que me deu um abraço forte quando fui deixar Hailey. Ele sentou-se à mesa da cozinha e retornou à inspeção do novo conjunto de olhos de

vidro que havia acabado de chegar. Ele me garantiu que minhas preocupações em relação a deixar Hailey eram normais, mas infundadas, e que férias têm o objetivo de manter as pessoas saudáveis e sãs.

— Lembra quando tiramos férias e eu levei um monte de bassariscos em uma lata de café?

Era estranho, mas eu não lembrava. Respondi:

— *Por que alguém sairia de férias e levaria um monte de bassariscos?*

Meu pai parece ter ficado um pouco ofendido e assegurou que nunca levaria “um monte” de *bassariscos* de férias, e que foram só dois, porque “*quem sai de férias e leva um monte de bassariscos?*”. Uma pergunta melhor seria “*Quem sai de férias e leva algum bassarisco?*”, mas me dei conta de que já sabia a resposta.

— Bem, não podíamos confiar neles sozinhos em casa — continuou meu pai. — Da última vez que fiz isso, eles invadiram nossos arquivos e fizeram ninhos com nossos papéis de impostos.

— *Por que eu não me lembro de nada disso?* — perguntei, e minha mãe explicou sem muita preocupação que eu não os acompanhei naquela viagem.

— Então você levou um monte de lêmures *no meu lugar?*

Minha mãe me encarou como se eu estivesse exagerando outra vez.

— Bem, não foi um caso de *ou um ou outro*.

— E bassariscos não são lêmures — disse meu pai, parecendo um pouco desapontado por ter que explicar isso. — Eles são mais como pequenos guaxinins. Como se um guaxinim e um esquilo tivessem tido um filhote.

Era uma informação interessante, mas não estava me ajudando a entender por que alguém escolheria levar animais selvagens de férias e não eu.

— Pode apostar que a ideia de levá-los *não foi* minha — comentou mamãe, olhando feio para meu pai. — Eles ficaram órfãos e seu pai estava cuidando deles até crescerem o bastante para podermos soltá-los. Eu nem sabia que estavam no carro conosco até ver a lata de café gigante no banco de trás.

— Eles moravam em uma lata de café — disse meu pai. — Eles ***precisavam*** de férias.

Esse era um argumento difícil de contrariar — em grande parte porque era maluquice.

No entanto, me fez hesitar por um instante antes de deixar Hailey. Mas aí pensei que minha irmã e eu (e os bassariscos) havíamos sobrevivido, então as probabilidades estavam em favor dela. Além disso, Hailey adorava a loucura estranha e inesperada da casa dos meus pais. No ano anterior, ela havia passado uma semana lá com os primos aprendendo *noodling*. Para aqueles que não sabem o que é *noodling*, saibam que provavelmente tiveram uma vida muito protegida, e também é provável que não tenham filhotes de bassariscos em uma lata de café. *Noodling* é a pesca de bagres, mas em vez de usar uma vara de pescar você enfia as mãos em buracos submersos onde espera encontrar peixes escondidos em vez de crocodilos, cobras ou tartarugas que mordem. É assim que as pessoas pescam quando ficam sem isca, dinamite e *qualquer tipo de bom senso*. Há histórias de pessoas que foram arrastadas para a morte por bagres gigantes, o que é um jeito bem merda de morrer. É como ser arrastado para a morte por sereias, só que, em vez de sereias, é um peixe com gosto de lama. Meu pai é esperto o bastante para saber que ensinar os netos a enfiarem as mãos em buracos escuros em lagos seria algo que minha irmã e eu acharíamos questionável, então levou para casa um balde de bagres vivos, colocou-os dentro de uma canoa no quintal e encheu a embarcação com água. É mais ou menos o oposto de como devemos usar barcos, mas era uma forma segura para os

netos praticarem pegar Winston McFishface muitas vezes. (T tecnicamente, havia vários peixes lá dentro, mas todos os bagres são idênticos, então eles deram o nome de Winston McFishface a todos.)

É estranho, mas é o que meus pais têm em vez de um trampolim — nos viramos com o que temos. Além disso, as crianças ficaram felizes e meu pai me assegurou que no final todos os Winston McFishfaces foram devolvidos à natureza (o que suspeito ser um código para “nós os comemos”), e acho que isso é o mais importante.



E foi disso que tentei me lembrar enquanto estávamos no Japão. Mas, ainda assim, passei a maior parte do tempo preocupada com Hailey. A única vez que finalmente parei de me preocupar foi no terceiro dia, quando pegamos o trem-bala para Kyoto. Depois de muito jet lag e pouco sono, enfim caímos na nossa cama no hotel. Eu estava tão exausta que nem troquei de roupa, mas Victor ao menos conseguiu tirar a camisa e o jeans

antes de adormecer profundamente. Algumas horas depois, Victor ouviu um barulho e me sacudiu, sussurrando:

— Acho que alguém está tentando invadir nosso quarto.

Eu balbuciei:

— Tudo bem. Só diga para deixarem as luzes apagadas. — E me virei para voltar a dormir enquanto Victor saía da cama se arrastando de tão grogue.

Ele viu que nossa porta estava entreaberta e que havia um alicate de vergalhão entrando para cortar o trinco de segurança, que era a única coisa que impedia a entrada dos intrusos. Victor não é o tipo de pessoa com quem se deve mexer nem quando ele está de bom humor. Mas mexer com Victor irritado depois ter sido acordado no meio da noite por uma tentativa barulhenta de roubo é como perturbar ursos hibernando para atirar fogos de artifício nos seus filhotes usando o vestido de carne da Lady Gaga.

Ele ficou observando enquanto o alicate deslizava pela porta e disse: “Nem a pau!” Agarrou o alicate e o puxou com força. A pessoa que estava do outro lado foi pega de surpresa e se chocou contra a porta com um baque. Victor a escancarou e gritou “*QUE MERDA É ESSA?*”, acenando com o alicate furiosamente para quatro asiáticos assustados, que soltaram exclamações de horror e dispararam pelo corredor como se estivessem sendo perseguidos pelo Godzilla. Talvez fossem só ladrões incompetentes, ou talvez estivessem surpresos por ver um americano grandalhão e desgrehado só de meias e um par de cuecas modernas com um peixe enorme estampado no traseiro dizendo “*BELO ROBALO!*” enquanto acenava um alicate de vergalhão ameaçadoramente na direção deles. (Eu pagaria um *bom* dinheiro pela fita da câmera de segurança, e ela provavelmente é muito famosa no que quer que seja a versão japonesa de programas de vídeos de trapalhadas.) Os ladrões em potencial desapareceram pelas escadas, então Victor voltou

para o quarto, apoiou uma cadeira embaixo da maçaneta e voltou a dormir. Ele afirma ter me contado que uma pequena gangue estava invadindo o quarto e que aparentemente eu respondi que ele estava tendo alucinações com ninjas. E acho que isso não faz muito sentido, pois *é provável que* ninjas fossem muito mais sutis. Por outro lado, nem *todos* os ninjas ficam bons no trabalho logo de cara. *Alguém* deve ser o pior ninja da classe. Isso é óbvio.

Na manhã seguinte, rolei para perto dele e disse: “Meu Deus, você estava tão cansado ontem à noite que pensou que havia alguém arrombando a porta do quarto.” E ri até Victor apontar para o alicate de vergalhão, para a tranca danificada e para uma carta que havia sido enfiada por baixo da porta. Nela o gerente do hotel dizia que queria conversar conosco o mais rápido possível sobre “o incidente ocorrido na noite passada”. Presumimos que seríamos presos, mas parece que os terríveis ninjas que arrombaram nosso quarto eram funcionários do hotel convencidos a usar o alicate quando um hóspede furioso afirmou ter ficado trancado fora do próprio quarto. Acontece que ele errou o andar, e duas das pessoas aterrorizadas que Victor perseguira pelo corredor de cuecas enquanto agitava o alicate em sua direção eram ele e a esposa. O gerente pediu desculpas pelo mal-entendido e nos transferiu para um quarto maior com a fechadura intacta e um vaso sanitário tão complicado que não consegui usá-lo. Pensei até em chamar o serviço de quarto só para me trazerem um balde.

Para ser sincera, os vasos no Japão são intimidantes e desconfio que no futuro seremos todos substituídos por privadas japonesas, porque elas podem fazer quase tudo que podemos, só que melhor. Uma das funções de uma privada japonesa sofisticada é que o assento é aquecido, o que parece agradável, mas é perturbador. É como se outra pessoa tivesse acabado de usá-la, mas você está sozinho. É como se seu banheiro fosse

assombrado por um fantasma. Ninguém quer isso. É o oposto daqueles plásticos que dizem “Higienizado para sua segurança” e que temos que cortar antes de usar o banheiro num hotel de beira de estrada. Além disso, os vasos sanitários têm todo tipo de botões e alavancas e mecanismos, e tenho certeza de que um deles lança bombas nucleares ou telefona para o Pentágono. Aí está uma foto de apenas alguns dos botões das privadas japonesas:



Não sei ao certo para que serve tudo isso, mas acho que o de cima, parecendo um boneco de palito, serve para alertar que a Bruxa de Blair foi encontrada. E o botão ao lado significa: “O cocô não vai descer. Use o pé.” Presumo que o botão na extremidade esquerda é para começar uma guerra, e aí tem dois botões que, por alguma razão, servem para lavar os peitos, e então há um para levitar sobre uma fonte, e acho que o último talvez sirva para pedir bacon. Para ser franca, fiquei com muito medo de experimentar todos os botões, pois bastou eu sentar para que o vaso começasse a cantar. Foi perturbador. Como uma cantiga de cagar. Acho que já fomos longe demais quando alguém precisa cantar para nós no banheiro. Na verdade, sinto que os vasos sanitários foram mais assustadores do que toda a viagem, inclusive o fato de nosso quarto ter sido arrombado por não ninjas.

Eu estava me sentindo desnorreada com tudo, então telefonei para minha mãe para mostrar a privada cantando, mas também

para saber como Hailey estava. Quando falei com ela pelo telefone, Hailey garantiu que estava se divertindo *demais* e contou que havia passado a tarde “enrolando elásticos nos passarinhos do vovô e *lançando-os no ar*”. Logo depois ela desligou, porque tem baixo limiar de atenção e viu uma nuvem que parecia alguém conhecido.

Liguei outra vez para perguntar à minha mãe se Hailey estava amarrando galinhas em aglomerados de aves e arremessando-as no ar como bumerangues ineficientes, mas mamãe rejeitou a possibilidade, dizendo que era mais provável que ela e papai estivessem amarrando mensagens aos pombos-correios que ele treinava* e soltando-os. Ou talvez ela estivesse *mesmo* fodendo a vida das galinhas da família. É difícil dizer quando se trata de crianças de sete anos — ainda mais quando se trata da minha família. De toda forma, suspeito que Hailey estivesse se divertindo mais do que eu.

Foi nesse momento que decidi que dali em diante me limitaria a férias que não incluíssem banheiros intimidantes e ninjas incompetentes. Férias em casa, onde eu podia relaxar de verdade e me recuperar na minha cama quentinha cheia de livros e gatos, e que não me fazem tirar férias para me recuperar das férias. Minha mãe disse que eu deveria incluir também “e sem bassariscos em latas de café” nos meus requisitos. Bem colocado — uma colocação estranha, mas que obviamente precisava ser feita.



* **Uma observação interessante:** Meu pai está sempre trocando, oferecendo cuidados e soltando animais na natureza. Então o lince-pardo manco que estava com ele na semana passada dá lugar a um pavão resgatado nesta semana, e na próxima, a uma iguana de três pernas. No entanto, há anos ele

tem dezenas de pombos-correios que saem de suas gaiolas e se sentam em cima delas, nos encarando com olhares penetrantes até serem alimentados. Eu ficava um tanto impressionada com a dedicação do meu pai até me dar conta de que provavelmente não é possível se livrar de pombos-correios. Eles voltam sempre. É como um filme de terror com pássaros — pensando bem, esse filme existe. Ele deve ter sido escrito por alguém que cansou de ter pombos. Se pudéssemos vendê-los, seria um excelente esquema em pirâmide, mas com pombos em vez de dinheiro. Exceto pelo fato de que ninguém quer pombos. Basicamente, é como ter um filho que nunca sai de casa e caga em toda parte, e você pede: “Vá. Seja livre!” E ele responde: “Não. Estou muito bem aqui, obrigado. Onde está a comida? Quer que eu leve um recado para alguém?” Meu pai os ama mesmo assim e continua amarrando bilhetes às perninhas deles.

“*Você nunca ouviu falar em e-mail?*”, perguntei a ele. “É muito rápido e há muito menos gripe aviária e fezes envolvidas. No geral.” Mas ele só sorriu e voltou a consertar a porta para cachorro que fez para os pássaros.

Só Deus sabe para quem ele manda os bilhetes entregues pelos pombos. Quem usa pombos para mandar recados? Harry Potter? Porque é a única resposta que consigo pensar. Já é difícil eu responder aos meus e-mails, e nem preciso lutar com um pássaro e amarrar um bilhete ao pé dele para fazer isso.

Victor ponderou que papai pode estar mandando bilhetes pelos pombos para mim, o que é muito legal, porque agora vou ficar olhando para todo pássaro que eu vir à procura de uma carta para mim, e isso vai me fazer parecer ainda mais maluca do que de costume. Além disso, é muito provável que as cartas sejam correntes dizendo que preciso mandar seis dos meus próprios pombos com uma mensagem sobre Jesus, ou então serei amaldiçoada com... sei lá... algo pior do que ter que amarrar cartas a seis pássaros. *Muito obrigada, papai. Aguarde para*

receber muitos pombos-correios apenas com um “CANCELAR ASSINATURA” escrito neles com marcador permanente.

É difícil dizer quem de nós sofre de doença mental

Sempre fui fã de terapia. Passa-se uma hora falando de si mesmo e alguém tem que fingir estar fascinado pela estranha combinação de minúcias que é você. Faço pesquisa à procura de bons terapeutas do mesmo jeito que dependentes químicos procuram médicos dispostos a distribuir receitas. Não estou interessada em drogas. Estou interessada em bons atores. Ou pessoas tão chatas que minha vida possa parecer interessante para elas. Tanto faz. Não sou exigente.

Gosto tanto de terapia que estou sempre tentando convencer Victor a fazer, mas ele se recusa. Por fim, declarei que faríamos terapia de casal. Assim, ele seria *obrigado* a ir, e eu poderia assistir. Eu seria voyeur de consultórios psiquiátricos. Victor foi contra até eu explicar que um terapeuta seria como um árbitro que poderia decidir quem de nós estava mais errado nas discussões recorrentes que vínhamos tendo ao longo dos últimos vinte anos. Geralmente, quando estávamos brigando, eu acabava dizendo algo como “Se estivéssemos num desses programas de TV com barracos entre família, todo mundo estaria vaiando você agora”, mas Victor não assiste a essas coisas, então mudei para “Se você estivesse numa psicóloga, ela estaria balançando a cabeça de tão decepcionada com você e jogando dólares em cima de mim em sinal de admiração pela minha paciência sobre-humana”. Ela era como uma amiga imaginária

que ficava sempre do meu lado, e também tinha mais educação do que nós dois. No fim das contas, Victor caiu no meu blefe e marcou ele mesmo uma terapeuta para nós dois, o que era o meu objetivo — até o dia em que se tornou realidade.

A psicóloga agendou a sessão dele primeiro e a minha para a semana seguinte. A ideia me pareceu perfeitamente razoável até o momento em que Victor saiu para a sessão e eu de imediato imaginei cada segredo terrível que ele poderia estar contando. Eu jamais sequer teria a chance de encantá-la com minhas (de acordo com o nível de atenção da minha última psicóloga) fascinantes histórias sobre como era ser eu. E Victor ia arruinar minhas chances de fazê-la gostar de mim contando sobre o funeral surpresa em que eu entrei de penetra por acidente na semana anterior.

Não foi um funeral estilo “festa surpresa”. O funeral havia sido planejado. A surpresa, na verdade, fui eu. *Surpresa! Você está em um funeral!* Foi o mais perto que já cheguei de uma festa surpresa, mas com mais cadáveres do que seria de se esperar.

Para resumir, fui a um cemitério aqui perto porque adoro o silêncio. No entanto, por azar, sem querer entrei no cemitério minutos depois do início de um cortejo fúnebre. Eu teria ido embora, só que a estradinha do cemitério estava cheia de pessoas de luto e carros estacionados, e um funcionário que orientava o tráfego fez sinal para que eu estacionasse e me juntasse a eles. Aí entrei em pânico e fiz um aceno em sua direção como se dissesse: “Ah, não. Não posso.” Mas, quando comecei a dar ré, vi uma fila de carros atrás de mim, e foi quando percebi que estava fodida. Ao que parece, o cortejo fúnebre havia sido separado por um semáforo fechado e eu tinha conseguido me enfiar bem no meio dele, e foi assim que acabei presa no meu carro, acidentalmente feita de refém pelos enlutados.

Até queria explicar que eu estava só passeando, mas achei que isso soaria estranho, então apenas saí e fui para o funeral, o que foi esquisito, porque costumo evitar a maioria dos eventos sociais de pessoas que conheço e amo, e lá estava eu, participando de livre e espontânea vontade do enterro de um desconhecido morto. Eu era como a Patty Hearst dos funerais, aquela da síndrome de Estocolmo. Além disso, Victor não parava de me ligar para saber onde eu estava, mas eu não podia atender, pois tenho certeza de que é falta de educação atender a uma ligação no meio de um funeral para o qual você não foi convidada.

Quando voltei para casa, Victor veio com um:

— EU ESTAVA MORRENDO DE PREOCUPAÇÃO. ONDE VOCÊ ESTAVA?

E respondi:

— NÃO GRITE COMIGO. EU ESTAVA EM UM FUNERAL SURPRESA E ESTOU ME SENTINDO MUITO VULNERÁVEL.

Aí ele disse que eu não poderia mais dirigir sem supervisão, porque, aparentemente, “pessoas normais não se permitem serem abduzidas por funerais”. Era exatamente o tipo de coisa que Victor mencionaria fora do contexto apropriado durante a terapia.

A semana seguinte inteira foi um desastre. Victor recusava-se a me dizer sobre o que havia conversado com a terapeuta e achava que eu era louca por sequer perguntar. Ele não pareceu persuadido quando eu ameacei enfiar uma faca no joelho dele se ele não me contasse o que tinha dito a ela, porém suspeitei que ele anotaria tudo isso para a próxima sessão.

Por fim, chegou a minha vez de visitar a terapeuta. Ela parecia o tipo de psicóloga que fazia o paciente segurar o bastão da fala e tocar os “bongôs das emoções”, mas eu não dava a mínima, porque imediatamente dei início a um longo e aleatório discurso sobre como Victor não era confiável, pois *quem fica com raiva de*

alguém que compareceu a um funeral? Pessoas loucas que querem que você questione a sua própria sanidade, *isso sim*.

Então, a terapeuta me interrompeu para dizer que Victor só tinha dito coisas positivas sobre mim e que estava óbvio que ele me adorava. Eu, por minha vez, acusei-a de ser uma infiltrada, pois uma psicóloga de verdade teria percebido que Victor obviamente só havia feito aquilo com o propósito de me fazer pensar que era o tipo de louca no estilo *Gaslight*. A moça dos bongôs (recuso-me a chamá-la de terapeuta depois disso) não revelou nada, mas posicionou a caneta para escrever no bloco de “merdas que as pessoas têm na cabeça” enquanto fazia uma pergunta inofensiva. Já fiz terapia tempo o suficiente para conhecer os truques e estava ciente de que psicólogos nunca escrevem nada quando o paciente diz algo muito louco, porque aí ele saberá que é louco. Em vez disso, esperam até fazerem a pergunta seguinte, mais fácil, e então fazem as anotações. Presumo que isso tenha o objetivo de fazer as pessoas relaxarem, só que para mim o efeito é o contrário, pois quero desmascará-los, só se fizer isso eles acrescentarão “paranoia” à minha lista de problemas. Assim, enquanto ela se preparava para registrar suas anotações, respondi à pergunta fácil que ela fez para me fazer relaxar (“Você gosta do seu emprego?”) da seguinte forma:

— Se eu fosse uma assassina em série, deixaria bilhetes nas minhas vítimas dizendo “Só esfaqueio babacas, então é só não ser um idiota e você estará a salvo. Abraços, Bebezinho.” Acho que esse é o melhor nome para um assassino em série, porque o âncora do noticiário terá de dizer “Toda a nação está com medo do Bebezinho”, e “Bebezinho suspeito de esfaquear babacas. Polícia encoraja todos a ficarem calmos e tomarem as precauções de segurança padrão contra o Bebezinho. Tranquem as portas e parem de ser imbecis”. E as manchetes dos jornais

seriam algo como: “BEBEZINHO AINDA SOLTO. PROTEJAM-SE DO BEBEZINHO.”

Parei de falar e olhei para a terapeuta, que me observava parecendo confusa, e me senti mal, porque ela provavelmente já tinha esquecido a última coisa que precisava escrever e agora teria que fazer outra pergunta inofensiva para registrar todas as outras coisas que eu havia acabado de dizer. Por sorte, estávamos no fim da sessão.

Ela não tinha secretária, então paguei direto a ela. Foi constrangedor, pois aquela é a pessoa que escolhi para contar meus segredos mais profundos e obscuros, e no final preciso dar a ela duzentos dólares para compensá-la por ter me ouvido. Sem dúvida é o relacionamento mais doentio que existe, e deve precisar de terapia. Parece no mínimo contraditório consultar um psicólogo para tratar baixa autoestima e, depois de passar uma hora ouvindo-o tentar convencê-lo de que você tem valor, se dar conta de que lhe deve tanto dinheiro por isso. Fico me perguntando se existe algum terapeuta tão bom a ponto de no final da sessão um paciente com baixa autoestima dizer: “Não. Desta vez não, doutor. Meus problemas são tão fascinantes que desta vez quem vai cobrar sou eu.” Não sei ao certo se um psicólogo consideraria isso um caso de sucesso, mas acho que é.

Voltei direto para casa e falei para Victor que não gostei daquela pegadinha, e ele pareceu inocentemente chocado, então tivemos uma briga sobre como foi errado ele ter fingido que eu era uma pessoa legal na terapia. Foi aí que Victor disse que eu tinha algum problema, e me dei conta de que era possível que eu fosse louca demais para terapia. Ou, pelo menos, louca demais para terapia de casal.

Ele estava certo. E aquela foi a última vez que vimos a psicóloga. No lugar da terapia, simplesmente criamos algumas regras para conseguir enfrentar o resto do nosso casamento.

Para resumir, prometi não deixar mais copos d'água pela metade espalhados pela casa toda, e Victor prometeu me perdoar quando eu inevitavelmente *ainda assim* deixasse copos pela metade espalhados pela casa. Foi um acordo estranho, mas nós dois ficamos felizes com ele, e às vezes só é preciso encontrar algo que dê certo para os envolvidos.

Às vezes, sinto-me tentada a passar naquela terapeuta de casais e contar que continuamos casados e felizes, mas aí penso que ela provavelmente gosta muito de comentar com as pessoas que elas têm um casamento maravilhoso em comparação àquele casal de malucos com a história sobre o funeral surpresa que não aguentou nem o primeiro mês de terapia sem implodir. Suspeito que, se dissesse a ela que estamos bem sem terapia, eu acabaria com a história. Então deixo pra lá. *Porque sou uma pessoa legal.*

Pelo menos de acordo com a minha nova psicóloga.

Deixei meu coração em São Francisco
(mas substitua “em São Francisco” por “na casa
dos lêmures” e “coração” por uma interrogação
triste)

Sabe quando você está andando até a lata de lixo do zoológico segurando alguma coisa importante em uma mão e outra coisa que vai jogar fora na outra, e está um pouco distraída porque acabou de identificar a verdade universal de que *tudo no mundo ou é ou não é um panda* e está tentando decidir se isso é uma epifania importante ou não, e isso a distrai tanto que só quando já está na metade do caminho para a casa dos lêmures é que você se dá conta de que ainda está com o lixo na mão e que acha que jogou fora as chaves do carro?

Aí você corre de volta até a lata de lixo para pegar as chaves, mas parece que elas foram sugadas para o fundo, então você precisa se abaixar enquanto hesita em examinar o lixo dos outros, e as pessoas estão começando a olhar, e você quer explicar que não é louca, só que não estaria sendo sincera, porque *tem* transtornos mentais, mas certamente não foi isso que a levou a jogar as chaves no lixo e você não gosta do julgamento deles? E aí você considera a possibilidade de explicar isso, mas suspeita que vai parecer ainda mais desequilibrada se começar a gritar com completos desconhecidos por eles estarem julgando seu transtorno mental enquanto você mexe no lixo do zoológico?

Aí você se dá conta de que vai precisar usar as duas mãos para encontrar as chaves, então procura um lugar onde colocar o que está na sua outra mão e vê que ainda está segurando o lixo que deveria ter jogado fora, e para os outros deve parecer que você estava xeretando o lixo e que ficou feliz por encontrar o resto de churros que queria jogar fora antes de ter sido sugada para essa confusão?

Aí você vai jogar o resto de churros fora, mas para no meio do movimento porque se dá conta de que, se colocá-lo no lixo, só vai criar *mais* volume para dificultar a busca pelas chaves, então você fica lá mexendo no lixo com uma mão só enquanto olha indecisa para os churros que a colocaram nessa situação?

Aí seu marido chega procurando por você e diz: “*O que diabos você está fazendo? Por que está mexendo no lixo?*” E você responde: “Estou procurando as minhas chaves.” E ele diz: “*A maioria das mulheres guarda as chaves na bolsa.*” E você olha feio para ele, mas ele continua: “É sério, pare com isso. Você está parecendo uma louca.” E você responde: “EU JOGUEI AS MINHAS CHAVES AQUI PORQUE ACHEI QUE ELAS FOSSEM OS CHURROS, ENTÃO VOCÊ PODE ME AJUDAR?”

Aí ele olha para você sem fala, chocado e preocupado, e balança a cabeça com incredulidade enquanto mostra as chaves do carro, que você parece ter acabado de deixar na mesa da casa dos lêmures? E você se sente aliviada por um segundo, mas então olha para a lata de lixo e pensa: “*Então o que eu joguei aqui?*” E você não consegue decidir se deve continuar procurando, pois talvez tenha sido alguma coisa importante, mas agora não pode nem dizer “Estou mexendo no lixo porque estou procurando as minhas chaves” e vai ter que dizer “Estou mexendo no lixo porque estou procurando alguma coisa minha que acabei de jogar aqui, mas nem sei o que foi”?

Aí não dá nem para receber ajuda, porque iriam perguntar: “Como é essa coisa?” E você seria forçada a responder: “NÃO

FAÇO A MENOR IDEIA. ACHO QUE SERÁ UMA SURPRESA PARA TODOS NÓS.” Mas a multidão começa a aumentar, e então você deixa seu marido arrastá-la para longe e *você nunca descobre o que deixou na lata de lixo*, e isso vai persegui-la para sempre, porque você se intimidou pelos desconhecidos e não arregaçou as mangas e despejou a lata de lixo na calçada para poder resolver o mistério de o-que-estou-procurando?

Aí no caminho para casa você revira a bolsa tentando desesperadamente dar falta de algo, mas está tudo lá, e é enlouquecedor não saber o que diabos você deixou no lixo? E aí seu marido resmunga que talvez tenha sido a sua dignidade, e ele não deixa de ter razão, porém você explica que se lembra de ter sido algo pesado e substancial, ou seja, é óbvio que *não foi* a sua dignidade, e acrescenta que a única razão por ter se distraído e jogado alguma coisa fora que não foram as chaves foi o fato de ter acabado de descobrir uma verdade universal incrível. Só que, quando ele olha para você cheio de expectativa, dá um branco e você não consegue se lembrar do que foi,¹ e agora perdeu duas coisas importantes que não sabe o que são?

Pois é.

A minha semana inteira foi assim.

¹ No fim das contas, me lembrei da verdade universal (de que tudo no mundo ou é ou *não é* um panda), mas, quando contei para Víctor, ele ficou todo: “MEU DEUS DO CÉU, SÃO TRÊS DA MANHÃ. POR QUE VOCÊ ME ACORDOU PARA ISSO?” E aí eu tive que me desculpar, porque ninguém está preparado para esse nível de epifania arrasadora quando nem se acordou direito. Na manhã seguinte, porém, ele continuou nem um pouco impressionado, e tentei explicar, mas ele insistiu que aquilo era uma porcaria. Ainda assim, acho que fui eu quem riu por último, porque a minha epifania acabou de ser citada em um livro publicado, o que é bastante impressionante.

Comece a estocar globos de neve: aí vem o apocalipse zumbi

Se você quer encontrar um monte de babacas em um só lugar, sugiro que faça uma visita ao aeroporto. Num ambiente normal, eu diria que cerca de 5% da população de qualquer lugar nas proximidades é composta por babacas. Para a sua informação: outros 2% são compostos por completos filhos da puta. Já 10% são pessoas legais, mas que se consideram melhores do que você. Outros 10% são demais, a não ser que você os pressione muito, pois isso vai deixá-los meio pentelhos. Provavelmente 0,0001% são assassinos em série ou pessoas que intencionalmente fabricam calças pequenas demais. Cerca de 32% são incríveis, porém no fundo suspeitam que há algo de muito errado com eles (e há mesmo, é por isso que são incríveis). Outros 6% estão questionando a validade dessa divisão neste exato momento e querem ver os dados brutos. Mas não vou fornecê-los porque este não é um livro sobre estatística. Além do mais, 37% de todas as estatísticas são inventadas na hora, portanto não sei o que querem de mim.

Como eu ia dizendo (antes de ter sido rudemente interrompida pela matemática), num ambiente normal cerca de 5% da população é babaca. Visite um aeroporto comum e de repente a população de babacas dá um salto exponencial. Talvez você discorde e afirme que você nunca viu nenhum babaca no seu aeroporto, mas isso costuma ser uma bela indicação de que você

é um deles. *Sinto muito*. Porém, eu não o culpo, já que isso pode estar além do seu controle. E, acredite em mim, eu me identifico. Sempre que tenho que resolver problemas de matemática, sou reduzida a um animalzinho assustado, e muitas vezes acabo escondida dentro de um armário, então não posso julgá-lo. Só que vou sim, porque o fato de eu me esconder da matemática em armários não prejudica ninguém (exceto, talvez, os armários), enquanto pessoas babacas em aviões me fazem querer cutucá-las com uma vara comprida.

É um fenômeno tão estranho. Pessoas que (fora dos aeroportos) geralmente mantêm portas abertas ou impedem carros de atropelar patinhos de repente não veem problema em empurrar senhoras idosas e chutar criancinhas para abrir caminho em direção aos seus assentos predeterminados e terrivelmente apertados. Eles formam multidões e ficam passando na frente do portão de embarque, bloqueando o caminho de outros passageiros com prioridade nos cartões de embarque, dirigindo olhares furiosos a qualquer um que tente passar. Algumas horas depois, vemos essas mesmas pessoas ofegando, com olhares de animais enjaulados e agarrando os cintos de segurança no momento em que o avião começa a descer. Elas pulam de imediato assim que a luz de manter os cintos apaga para serem as primeiras a agressivamente ocupar uma fila de pessoas *que não irão a lugar nenhum por um bom tempo*. Essas pessoas sempre me fazem refletir. Suspeito que tenham algum tipo de fetiche esquisito com filas.

Na minha opinião, as companhias aéreas poderiam fazer duas coisas para tornar as viagens melhores para todos. A primeira seria instruir os funcionários que recebem os cartões de embarque a reconhecerem o passageiro que parece mais irracionalmente determinado a sentar na aeronave, erguerem o braço e anunciarem pelo alto-falante: "SENHOR! O senhor é o ganhador do concurso da pessoa mais desesperada para entrar

em um avião *que não vai partir até cada passageiro embarcar mesmo*. Parabéns, senhor! O senhor poderia nos contar como se sente por ter vencido?” Na melhor das hipóteses, ele vai perceber que está sendo um pouco imbecil, rir da situação e se acalmar. Na pior, vai começar a gritar, e aí todos vão assistir a um belo espetáculo. Depois disso, ganhará uma pequena medalha e um tranquilizante leve. E um tranquilizante leve para quem for ficar do lado dele. E, se é você quem está distribuindo os tranquilizantes, também quero um. Aliás, tranquilizantes leves para todo mundo!

(Peço desculpas por ter usado estereótipo de gênero, mas, para ser justa, geralmente é um ele. Que costuma estar usando um terno executivo. E muitas vezes está na categoria diamante triplo. E de vez em quando é o meu marido.)

Para ser franca, se todos nós recebêssemos tranquilizantes, isso reduziria a necessidade da segunda parte do meu plano para tornar as viagens aéreas menos terríveis. Tem sempre uma pessoa provocando tumulto, furiosa porque suas malas enormes não cabem, ou então resmungando em voz alta um monte de baboseiras racistas sobre pessoas que não são terroristas, ou porque tomaram mais tranquilizantes do que deviam e não conseguem mais engolir direito. (Já estive nessa situação, mas, em minha defesa, misturei meus sedativos ansiolíticos com meu remédio para azia, então gosto de pensar que o problema não era bem o fato de eu estar babando, e sim de eu ser um pouco generosa demais com a minha saliva.) De toda forma, acho que seria bom para toda a comunidade de passageiros se os comissários de bordo tivessem permissão para bater na cabeça de uma pessoa (por voo) com um bastão de piñata por ela ser a porra da pessoa mais estúpida do avião. Isso não causaria danos permanentes a ninguém, mas, se acontecesse mais de uma vez com a mesma pessoa, ela provavelmente entenderia a mensagem, *porque DE QUE OUTRA FORMA APRENDERIA?*

Também acho que isso seria útil pelo fato de que somos *todos* um pouco estressados e intolerantes em aviões, e provavelmente mais cedo ou mais tarde todos seríamos vítimas do bastão de piñata para babacas, o que seria um bom lembrete para sermos mais compassivos com os outros. É mais provável que batam na minha cabeça com o bastão já que minha ansiedade aumenta muito em aviões, então acabo entrando um pouco em pânico. Costumo entrar no Twitter e dizer a todos que os amo, porque a essa altura os ansiolíticos começam a fazer efeito e me deixam muito sentimental, com medo de morrer. É como tomar ecstasy, mas, em vez de fazer sexo e ir para uma rave, quero que alguém faça carinho na minha cabeça e cante velhas músicas irlandesas de bebedeira. Infelizmente, sempre acabo sentada ao lado de pessoas que não conhecem nenhuma música de bebedeira e preferem passar seu tempo fazendo gráficos em pizza, que sem dúvida são os piores tipos de pizza que existem.

Durante a última turnê do meu livro, voei várias vezes, e isso fodeu meu transtorno de ansiedade a ponto de eu acabar tendo um leve colapso nervoso — que, por algum motivo, agora decidiram chamar de “exaustão vital”. Meu psiquiatra sugeriu que, se eu continuasse viajando tanto, seria melhor procurar um animal de serviço treinado especificamente para dar apoio emocional a pessoas com transtorno de ansiedade. Considerei treinar Hunter S. Thomcat, mas lembrei que ele tem diarreia nervosa espontânea sempre que está num carro em movimento, então imaginei que segurar um gato que parece sofrer de disenteria explosiva em aviões não ajudaria *muito* com a minha ansiedade, e sim me daria um novo (e terrivelmente anti-higiênico) motivo para ficar ansiosa.

Telefonei para vários especialistas em animais de serviço e conversei com uma mulher que disse que é melhor procurar um que já tenha sido treinado e possua o temperamento adequado. Ela também me contou que os gatos não são os animais de

apoio mais recomendados para o transtorno de ansiedade. Acontece que meus gatos odeiam cachorros, então concluí que estava fodida. Foi aí que ela me disse que a legislação americana tinha uma interpretação recente que permitia que “pessoas com distúrbios de ansiedade viajassem com um *pônei para apoio emocional*”. Então, se eu quisesse, *podia levar uma porra de um pônei a bordo comigo*. Tenho certeza de que um pônei não caberia debaixo do meu assento nem no meu colo, mas gostei da ideia de um pequeno cavalo medicinal ao meu lado no corredor enquanto eu penteava sua crina. Além do mais, Pony Danza seria um excelente animal de carga, e em vez de levar malas eu poderia simplesmente colocar minhas roupas extras em cima dele. Desse modo, não precisaria mais pagar para despachar uma mala. Fora o fato de que o pônei não ficaria com frio, pois estaria usando meu cardigã.

Tentei convencer Victor de que essa alternativa seria boa para todos, mas ele veio com um monte de merdas sobre criar um pônei dentro de casa, apesar de eu ter observado que seria por causa dos meus distúrbios mentais. Ele respondeu que não tinha dúvidas de que meus distúrbios mentais estavam envolvidos nessa decisão que sem dúvida acabaria com um monte de cavalos na cama conosco. Reiterei que eu só precisava de *um* pônei medicinal, mas ele argumentou que no fim das contas eu diria que o pônei estava solitário, e um dia ele chegaria e encontraria a casa cheia de pôneis. Não respondi, porque nós dois sabíamos que ele estava certo. Além disso, tenho certeza de que a garota que levar um cavalo no avião vai ser castigada com o bastão de piñata para babacas em todos os voos e que Victor só quer me salvar de mim mesma — e de uma concussão.

Para falar a verdade, cavalos em aviões seriam algo pequeno se comparados a algumas das coisas que já vi. Tipo uma vez que a senhora sentada ao meu lado ouviu cada toque disponível no seu celular no volume mais alto possível durante os trinta

minutos que passamos esperando o resto dos passageiros embarcarem. Ou certa vez que Victor estava sentado no pequeno cubículo de madeira do lounge executivo do aeroporto, onde profissionais se reúnem para trabalhar em seus notebooks durante escalas. Havia um homem mais velho na fileira de Victor que estava com os fones de ouvido ligados ao notebook enquanto assistia a *True Blood*, e de nada ele se inclinou sobre a tela e gritou “*CUIDADO, SOOKIE!*” tão alto que Victor acabou gritando um pouco também. Ou uma vez que o cara sentado duas fileiras à minha frente segurou o celular com todo o cuidado para que ninguém ao seu redor percebesse que ele estava assistindo pornografia hard-core no avião. Provavelmente ninguém *teria* percebido se ele tivesse se lembrado de ligar os fones de ouvido na entrada correta, o que ele não fez, então gemeu de frustração (espero) e foi aumentando o volume até perceber o problema. Ou a mulher na minha frente na fila de inspeção de segurança que perguntou se podiam passar seu gato, Dave, pela máquina de raios X, porque ela queria saber se ele havia comido um colar. (Porra, Dave. Vê se toma jeito.)

Preciso admitir que de vez em quando sou eu quem provoca confusão. Como quando comprei uma cesta vintage na Califórnia, mas ela não coube na minha mala, então decidi levá-la como uma bolsa. Só que era uma cesta feita com um tatu [*armadillo*, em inglês] morto e a alça era o rabo dele, então não coube embaixo do assento e tentei manter a cesta no colo, mas a comissária de bordo disse: “A senhora precisa colocar o seu... hum... tatu no compartimento superior.” E eu respondi: “Posso segurá-lo. Ele é bagagem de mão...” Ela me fez enfiá-lo debaixo do assento, mas ele não cabia direito, então acabei desabafando para o passageiro ao meu lado sobre ter acabado de quebrar duas unhas do meu tatu e é *exatamente* por isso que as pessoas detestam voar. Pensei em guardar uma lixa de unha no meu tatu para a próxima (enfiando a lixa embaixo de uma das cavidades

da carapaça dele, de forma que ficaria embutida enquanto eu não precisasse dela), e a ideia me pareceu tão boa que pensei em acrescentar uma faca de queijo e um saca-rolhas, produzindo um *Dillo Canivete Suíço*. Fiz uma anotação no meu celular para criar um Dillo Canivete Suíço, mas o corretor ortográfico mudou para “Criar um Dildo Canivete Suíço” — o que, para ser franca, soava doloroso e exagerado.

Victor acredita que a transformação das pessoas em babacas é um fenômeno recente, pois vinte anos atrás voar era muito mais fácil e menos estressante. Nesse assunto, preciso aceitar a palavra dele, porque minha família sempre fez viagens de carro ou acampou durante as férias. Isso incluiu uma viagem de verão a Lost Maples (aos nove anos), na qual ao voltarmos ao trailer-barraca dos meus avós depois de uma manhã pescando descobrimos que um bando de esquilos havia aberto um buraco na lona e cagado *por todos os lados*. Era como se um sprinkler de merda tivesse disparado ali. Ficamos horrorizados, mas também, a contragosto, impressionados. Talvez os esquilos da vizinhança estivessem com raiva por terem visto os campistas se aliviando na floresta e tenham dito: “Ah é, seus babacas? Vocês cagaram na minha sala de estar. E é isto que vocês vão ter na sua sala de estar. *Posso passar o dia fazendo isso, filhos da puta.*” É difícil afirmar com certeza. Esquilos podem ser um enigma.

Entretanto, merda de esquilos furiosos nem se compara aos furiosos de merda em aeroportos, e se alguma vez você duvidou disso provavelmente nunca viu uma pessoa se recusar a trocar de assento para um pai ou mãe poder ficar ao lado de uma criancinha que inexplicavelmente foi colocada num assento do outro lado do avião. Certa vez, em Chicago, vi um homem recusar-se a trocar de lugar com uma mãe que havia comprado um assento para uma bebê de dez meses, mas que não recebera um assento ao seu lado. Ela pediu ao homem que ficou

com o lugar ao seu lado se ele podia ocupar o mesmo assento da janela a algumas fileiras de distância, e ele se recusou. “Vou ficar com o assento que me deram *porque essa é a regra*. ESTE ASSENTO É MEU”, resmungou ele, e se sentou, ofendido. O que eu queria era que aquela mãe dissesse: “Sabe de uma coisa? *Tudo bem*. Esse é o assento do bebê, mesmo. Estou duas fileiras atrás de vocês. Tenha um bom voo, bebê. Espero que goste de gritos e urina, senhor.” É claro que os outros passageiros rapidamente ofereceram seus assentos antes que a situação chegasse a esse ponto, o que é uma pena, pois teria sido uma punição justa. Sentar no avião ao lado de um bebê que não para de chorar e chutar não é divertido e é *quase* tão insuportável quanto ser progenitor do bebê chorão, o que é praticamente tão terrível quanto *ser* o bebê chorando e chutando no avião.

No ano passado, a CNN me colocou ao vivo na TV para discutir a proposta de criar “aviões livres de bebês”, e expliquei que, se estávamos dispostos a começar a segregar passageiros, eu preferiria voar em um “avião proibido para babacas de m.”, porque é raro bebês convidarem alguém para fazer sexo no banheiro, ou cortarem as unhas do pé durante o voo, ou fazerem qualquer uma das inúmeras coisas horríveis que já testemunhei. O âncora da CNN pareceu um pouco chocado por eu ter dito “de m.” e “sexo no avião” ao vivo, mas eles deveriam ter esperado isso, já que meses antes haviam me perguntado sobre “mamães e política”, e eu expliquei (ao vivo) que não costumo escrever sobre nenhum desses assuntos, mas que achava que era um pouco condescendente qualquer pessoa me chamar de “mamãe” a menos que tivesse saído pessoalmente da minha “florzinha”. Também expliquei que gostaria que os candidatos a cargos políticos apresentassem seus planos de preparação para um apocalipse zumbi ou para a revolução dos robôs, ou ainda para quando a internet se tornar consciente, porque assim os debates finalmente ficariam mais interessantes.

Para minha surpresa, a CNN nunca mais me convidou para uma participação. (Embora eu deva observar que perguntei a uma moça da produção se eu podia falar “vagina” na TV, e ela respondeu que achava melhor não, então eu disse “Bem... posso falar ‘minha florzinha’?” O inglês não era seu primeiro idioma, então ela precisou de ajuda para responder, gritando “Tudo bem com ‘minha florzinha’?” para as pessoas ao redor, e então falou que ninguém parecia ter nenhum problema com a expressão. É claro que é possível que ninguém tivesse qualquer problema com a expressão porque não havia contexto, então ninguém sabia que era um eufemismo, ou talvez todo mundo no escritório tenha presumido que a mulher estivesse buscando elogios para a própria florzinha. Ainda assim, acho que tudo deu certo para a CNN, porque aquele clipe acabou se tornando o vídeo mais popular do dia, e foi legal poder telefonar para os meus pais e contar com todo orgulho: “A minha florzinha é viral.” Em retrospecto, talvez tenha sido uma escolha infeliz de palavras.)

Victor viaja pelo menos uma vez por semana a negócios e acha que o aumento da segurança nos aeroportos é o que está deixando as pessoas loucas, pois elas parecem perder toda a noção de lógica na fila de inspeção de segurança. Certa vez, ele viu um cara carregando um *galão* de chá gelado feito em casa na bagagem de mão. O agente de segurança pegou o recipiente, que estava vazando, olhou para ele como se fosse um braço decepado e então disse: “Senhor, *acabei* de perguntar se estava em posse de algum líquido.” Aí o homem respondeu, com impaciência: “*Não estou. Isso é chá gelado.*” O agente fez uma pausa, suspirou e explicou: “Chá gelado é um líquido.” Ao que o passageiro respondeu em tom condescendente: “*Não, seu imbecil. É UMA BEBIDA.*”

Então o agente o atingiu com um bastão de piñata.

Espera aí. Seria assim no meu mundo.

Na verdade, todo mundo já foi pego tentando passar com coisas estranhas pela segurança. Um amigo nosso, Jason, viaja muito conosco e está sempre levando coisas inapropriadas para aeroportos. No mês passado, Victor e Jason foram para uma conferência em Vegas, e Jason tentou levar um pote de tamanho industrial de gel para cabelo.

— *Era como uma coisa saída de um curso para barbeiros* — contou-me Victor mais tarde. — E os seguranças disseram algo como “*O senhor está uns **dois litros** acima do limite*”. Jason só deu de ombros, pegou uma mão cheia de gel e passou no cabelo para mais tarde. Era como uma lata de gordura hidrogenada. *Você poderia ter colocado as duas mãos ali dentro.*

Tentei convencer Victor de que Jason provavelmente fez isso de propósito para irritá-lo.

— Não. Ele fez a mesma coisa na China no ano passado. Ele me disse que comprou uma garrafa de vinho e que não o deixaram levá-la, então ficou com raiva e bebeu tudo na fila de inspeção para não desperdiçá-la.

— Bem — falei —, *isso deu uma lição neles.*

— É. Ensinou a eles como um americano bêbado tenta calçar os sapatos. E ele fez a mesma coisa quando estávamos no México no ano passado. *Você se lembra de quando ele comprou dois litros de molho apimentado no aeroporto?*

— Sim, aquilo foi incrível — respondi, balançando a cabeça. — Mas tenho certeza de que estávamos todos bêbados demais para lembrar que ainda não havíamos passado pela segurança. Além disso, molho apimentado não é uma bebida?

Victor me dirigiu um olhar irritado, mas eu aposto que estava rindo por dentro.

* * *

No entanto, para fechar o círculo, estou começando a desconfiar que talvez a razão para as pessoas serem babacas em aeroportos é o apocalipse zumbi.

Deixe-me explicar:

Já percebeu que todas as coisas nos cartazes de objetos proibidos no terminal são praticamente as *mesmas* coisas que seriam muito úteis se tivéssemos um apocalipse zumbi? Espadas, pistolas, granadas, cutelos, fogo, desinfetante, bebidas alcoólicas, serras elétricas — eu gostaria de ter todas essas coisas à mão se houvesse uma epidemia zumbi no Terminal B. Basicamente, se formos atacados dentro do aeroporto, estaremos todos fodidos, então talvez as pessoas estejam apenas com medo por terem sido desarmadas. Até o termo que denomina o local para onde se está indo (“terminal”) é um sinônimo de “morte iminente”.



Você está com itens perigosos? Aqui estão itens restritos em nossas viagens aéreas: corrosivos, gases, líquidos inflamáveis, materiais oxidantes, peróxidos orgânicos, substâncias tóxicas, materiais radioativos, substâncias infecciosas, explosivos, itens variados incluindo gelo seco e motores à gasolina, sólidos inflamáveis, materiais magnéticos.



Globos de neve. Por favor, esteja ciente de que é proibido passar pela inspeção da segurança com globos de neve.

Mas o lado bom é que a segurança do aeroporto deve ter um estoque gigante de socos-ingleses, granadas e serras elétricas que foram confiscados das pessoas, então provavelmente ainda poderíamos nos armar caso necessário. (Uma pergunta: ainda é possível *comprar* um soco-inglês hoje em dia? Eu ficaria puta da vida se tivesse que entregar o meu no aeroporto. São muito caros.)

Costumo tirar fotos dos cartazes mostrando os itens que não podemos carregar quando passamos pela segurança para usá-los como guias na preparação do meu kit contra zumbis, e é interessante como existem diferenças sutis de um aeroporto para o outro. Alguns podem ser muito intimidantes, cheios de itens que não se acharia sequer necessário citar, como metralhadoras e dinamite. Outros se concentram mais na quantidade de loção hidratante que se leva. Nosso aeroporto avisa que não podemos

viajar com globos de neve. Juro por Deus. *Globos de neve*. Isso é estranho. Imagine ser atacado por um zumbi e pensar: “NOSSA. *Se eu ao menos eu tivesse um globo de neve...*”

Recentemente, Victor deu uma olhada na minha lista em eterno desenvolvimento de “Coisas proibidas pela segurança do aeroporto que seria bom ter durante o apocalipse zumbi” e achou que ela era questionável.

— Por que tem birita na sua lista? — perguntou ele.

— Você acha que eu vou passar por um apocalipse zumbi sóbria? — respondi, abanando a cabeça. — *Acho que não*. Além do mais, álcool é um bom antisséptico.

— Tenho certeza de que licor de caramelo não é o ideal para ferimentos. — Ele me conhece muito bem. — E o que são essas outras coisas? *Pistolas d’água? Tacos de lacrosse?* Isso é só uma lista de coisas que você quer para brincar.

— *Não* — respondi, dirigindo-lhe um olhar que dizia quanto ele era estúpido. — São armas que não precisam de munição. Você pode usar o taco de lacrosse para manter os zumbis a distância, e aí pode disparar ácido neles.

— *Ácido... que derreteria a pistola d’água* — respondeu Victor.

— Ah, *certo*. Tudo bem. Então, podemos enchê-la com água benta para o caso de aparecerem vampiros.

— Vampiros?

Suspirei diante da ignorância dele.

— Bem, acho que, se no fim das contas os zumbis forem reais, então devemos nos preparar para tudo, Victor. Aliás, acho que preciso começar a fazer uma lista intitulada “Para o caso de vampiros”, *PORQUE SOU PRECAVIDA*.

Victor riu e disse que eu estava começando a ficar na defensiva, mas tenho certeza de que “na defensiva” é um bom estado mental quando estamos concentrados em nos prepararmos para ataques de monstros. Babacas e na defensiva. E não dando a mínima para bebês, que provavelmente só vão

atrapalhar. E com bastões de piñata que afiamos e transformamos em estacas para o caso de vampiros. É assim que se sobrevive.

Então talvez o aeroporto não seja um lugar tão ruim para se estar.

APÊNDICE: UMA ENTREVISTA COM A AUTORA

O que eu quero que você saiba:
Morrer é fácil.
Humor é difícil.
Depressão clínica não é um passeio, porra!

Quando meu livro anterior foi lançado, passei muito tempo evitando pessoas que me procuravam para fazer entrevistas porque eu temia dizer alguma coisa errada, ou talvez porque não conseguia encontrar minhas calças. Decidi que desta vez eu simplesmente incluiria um capítulo inteiro com perguntas e respostas, para que possam usar caso estejam atrasados com uma matéria ou precisem de uma citação. Parece uma forma estranha de usar um capítulo, mas é legal porque sempre há coisas que acabamos não escrevendo e pedidos de desculpas que precisam ser feitos, e tudo isso se encaixa bem aqui.

Sei que o fato de este apêndice estar no meio do livro, e não no fim, onde os apêndices devem estar, é estranho. Mas ele funciona melhor aqui, e, *tecnicamente*, o apêndice fica no meio do corpo, então isso meio que faz sentido. Provavelmente Deus teve o mesmo problema quando Adão veio dizendo “Não quero parecer ingrato, mas dói quando ando. Isso é *normal*? Essa coisa no meu pé é um tumor?” E Deus respondeu: “Não é um tumor. Isso é o seu apêndice. Apêndices ficam no fim. Cara, leia livros.” Então Adão ficou todo “*Sério?* Porque não quero contrariá-lo, mas esse design parece ter uma falha. Além disso, aquela serpente no jardim me disse que ele nem serve para nada.” E Deus abanou a cabeça e resmungou: “Jesus Cristo, aquela desgraça daquela cobra é quase um site de fofocas.” E aí Adão

perguntou: “Quem é Jesus?” E Deus respondeu: “Ninguém, por enquanto. É só uma ideia que eu estou analisando.” Em seguida, Deus tirou o apêndice do pé de Adão e o colocou no meio do corpo para o caso de decidir usá-lo mais tarde. Mas é provável que no dia seguinte Adão tenha pedido uma namorada e Deus tenha dito, tipo, “Vai custar uma costela”. E Adão respondeu: “Mas eu não preciso dessas coisas? Você não pode fazê-la do meu apêndice?” E a serpente apareceu e sibilou: “Sério, por que você está tão preso a essa ideia de apêndice? Essas coisas não acabam explodindo algum dia sem nenhum motivo?” E Deus ficou irritado: “ISSO NÃO É DA SUA CONTA, JEFFERSON. ESTOU COMEÇANDO A ME PERGUNTAR POR QUE EU FIZ VOCÊ.” E Adão ficou todo “Espera aí... como é que é? *Isso explode?*” E Deus respondeu: “NÃO VOU DISCUTIR COM VOCÊ, ADÃO.” E é *por isso* que os apêndices ficam no meio e deveriam ser retirados.

Pedi a Victor para fazer o papel de entrevistador porque não tem mais ninguém aqui além dos gatos, que são péssimos para se concentrar em qualquer assunto. (Victor é o que está em negrito e não muito feliz por ter sido forçado a participar. Eu sou a que está sem negrito e sem calças.)

Para começar, o que estou fazendo aqui?

Você está fingindo ser um repórter de uma publicação de prestígio. Preciso que você me faça perguntas de entrevista para que outras pessoas possam pegar essas citações quando eu estiver estranha demais para conversar com elas.

Não faça ideia do que você quer de mim.

Por sorte, estou aqui para ajudar. Comece com um elogio. Talvez alguma coisa sobre meu cabelo.

Ok. Esse é o seu cabelo de verdade?

Parte dele sim. Mas é falta de educação perguntar isso.

Ah, desculpa.

Tudo bem. Eu o perdoo. Só se lembre desse ato de bondade quando escrever uma resenha do meu livro. Lembre-se também da palavra “revolucionário” e da frase “compre uma dúzia de livros para todo mundo que você conhece”.

Por que eu escreveria uma resenha do seu livro? Sou seu marido.

Você está fingindo ser um repórter. *Meu Deus. Você é um péssimo ator.*

Certo. Parece que, a esta altura, em um livro sobre depressão, você já deve ter explicado o que é depressão.

É difícil definir.

Bem, isto é um livro, *então talvez você deva tentar.*

Certo.

Depressão é... é como quando você usa a barra de rolagem meticulosamente para subir centenas de páginas de um documento no computador procurando um parágrafo específico que precisa consertar, e então tenta digitar, mas é levado automaticamente de volta para o fim do documento porque se esqueceu de colocar o cursor onde queria digitar. Aí você bate com a cabeça na mesa, porque esqueceu o lugar onde estava, e aí sua chefe entra enquanto você está com a cabeça sobre a mesa, e quando vê os sapatos dela atrás de você diz na mesma hora: “Não estou dormindo. Eu só estava batendo com a cabeça na mesa porque fiz uma merda aqui.”

Hum.

Espera. Não. Não é isso. A depressão é como... quando você não tem uma tesoura para cortar aquela amarra de segurança de plástico grosso da tesoura que acabou de comprar porque não conseguia encontrar nenhuma outra. E aí você diz “Foda-se” e tenta usar todas as outras coisas do mundo para soltar a tesoura, mas tudo que tem são facas de plástico para manteiga e elas não ajudam em nada, então você se vê de pé na cozinha segurando uma tesoura que não consegue usar porque não encontra uma tesoura, e aí fica frustrada e joga a tesoura na lixeira e dorme no sofá por uma semana. A depressão é assim.

Então...?

Não. Espera aí.

A depressão é como... quando você não quer mais queijo.
Mesmo sendo queijo.

Quero ajudar, mas não sei se isso significa que eu devo lhe pedir para explicar melhor ou para não explicar mais.

Ok. Deixe-me colocar de outra forma. Às vezes, ser louco é como enfrentar o demônio. E às vezes o demônio sou eu.

E visito calçadas tranquilas e festas barulhentas e filmes obscuros, e um diabinho olha para o mundo lá fora comigo. Às vezes, ele dorme. Às vezes, brinca. Às vezes, ri comigo. Às vezes, tenta me matar. Mas está sempre comigo.

Acho que todos somos possuídos de alguma forma. Alguns de nós pela dependência de remédios ou de vinho. Outros, pelo sexo ou por apostas. Alguns de nós, pela autodestruição, pela raiva ou pelo medo. E alguns de nós só carregamos um diabinho que instaura o caos em nossas mentes, abrindo velhos baús empoeirados de memórias ruins e deixando coisinhas espalhadas por todos os lados. Escondendo-se sob a pele de

peessoas que já magoamos e de pessoas que já amamos. E às vezes, quando está pior, sob as nossas próprias peles. Esses momentos são os mais difíceis. Quando você se vê confinado a uma cama porque não tem forças nem vontade de sair. Quando se vê gritando com alguém que ama porque essa pessoa quer ajudá-lo, mas não consegue. Quando você acorda na sarjeta depois de ter tentado acabar com a dor (ou a falta dela) bebendo, fumando ou dançando. São momentos em que você é mais o demônio do que você mesmo.

Nem sempre eu acredito em Deus. Mas acredito em demônios.

Minha psiquiatra sempre diz: “Mas, se você acredita que existem demônios, a conclusão lógica é que pode existir um deus... É como... acreditar em anões, mas não em ciclopes.”

Penso em pontuar que conheci vários anões durante a minha vida, e quase nenhum ciclope. Porém entendo o que ela quer dizer. Não pode haver escuridão sem luz. Não pode haver um diabo sem o Deus que o criou. Não pode haver o bem sem o mal.

E eu não posso existir sem meu demônio. Acho que aceito isso.

Ou talvez seja meu demônio que aceita. É difícil dizer.

Minha psiquiatra me disse que, quando as coisas ficarem difíceis, eu deveria encarar minha batalha contra o transtorno mental como se estivesse “exorcizando um demônio”. Logo respondi:

— Não é de se surpreender que eu esteja me sentindo tão infeliz. Sou uma *merda* me exercitando.

Ela chamou a minha atenção por me esquivar através do humor e explicou:

— Você está exorcizando um demônio. Isso não é uma coisa que se possa fazer sozinha. Algumas pessoas fazem com um padre e água benta. Outras, com a fé. Outras, com substâncias químicas e terapia. Seja como for, é difícil.

— E as pessoas costumam terminar vomitadas.

Estou começando a ver uma conexão mais clara. Pergunto-me se sou o padre nesse cenário. Espero que não, porque ele quase sempre morre exatamente quando pensa que está bem. Essa analogia está começando a me assustar.

Você acabou de começar a compor um ensaio bem no meio da nossa entrevista?

Comecei. Sinto muito. Mas você é o entrevistador, então, tecnicamente, é sua culpa por não ter me conduzido bem.

Certo. Culpe a vítima. Não tenho depressão, mas já vi você lutar contra isso. Que conselho você daria a quem está procurando ajuda neste momento?

Todo transtorno mental é diferente, porque toda pessoa é diferente. Não existem curas fáceis, mas há muitas ferramentas disponíveis agora que as pessoas finalmente estão começando a falar sobre o assunto. É preciso descobrir como *sobreviver* à depressão, o que não é fácil, já que, quando se está deprimido, você se sente mais exausto do que jamais esteve na vida, e seu cérebro mente para você, que não se sente digno do tempo e da energia (que muitas vezes sequer tem) necessária para procurar ajuda. É por isso que você precisa contar com amigos, familiares e estranhos para lhe dar uma mão quando não consegue fazer o que precisa ser feito.

Muitos pensam que são um fracasso quando a primeira ou segunda ou oitava solução para depressão ou ansiedade não funciona como queriam. No entanto, uma doença é uma doença. Não é sua culpa se o medicamento ou a terapia que indicaram para tratar seu transtorno mental não funciona perfeitamente ou se funcionou por um tempo, mas depois parou de funcionar. Você não é um problema de matemática. *Você é uma pessoa.* O que

dá certo para você nem sempre vai funcionar para mim (e vice-versa), porém acredito que existe um tratamento para cada um que se der o tempo e a paciência necessários para encontrá-lo.

Além disso, os psiquiatras estão sempre mudando essas merdas, então nem eles sabem ao certo o que está acontecendo. Um transtorno mental pode ser reclassificado como fobia. Uma fobia pode ser reclassificada como transtorno. Na verdade, pedi à minha psicóloga para ler este livro e consertar tudo que estivesse desatualizado, mas já estará desatualizado na próxima semana, quando a *Grande Enciclopédia da Loucura* for atualizada outra vez. Ela concordou que é difícil acompanhar, mas observou que o nome certo é *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Em minha defesa, esse título é entediante e acho que venderiam mais cópias se usassem a minha ideia. Ou talvez *Game of Thrones, Parte 14*.

O que considero útil: luz do sol, antidepressivos, ansiolíticos, injeções de vitamina B, caminhadas, me permitir ficar deprimida quando preciso estar, beber água, assistir a *Doctor Who*, ler, pedir ao meu marido quando preciso de alguém para me vigiar, fazer uma playlist de músicas que me fazem me sentir melhor e não me permitir ouvir o que quero ouvir, mas que sei que vai me fazer piorar. Converso com as pessoas pelo Twitter quando tenho medo de sair. Quando não consigo ser uma mãe ativa, abraço minha filha e assisto à TV com ela, ou peço-lhe que leia para mim. Substituo os momentos em que deveria estar numa reunião de pais e mestres por uma memória que espero que seja lembrada com carinho de nós duas num forte de cobertores com os gatos. Lembro a mim mesma que a depressão mente e que não posso confiar no meu próprio julgamento quando estou em crise. E, se as coisas ficam muito ruins, ligo para o auxílio aos suicidas. Não sou suicida, mas já liguei várias vezes para ser dissuadida de me machucar. Eles ajudam. Ouvem. Estão sempre lá. Dão conselhos. Dizem que você não é louca. Ou, às vezes,

dizem que você é louca, mas de uma forma boa. Uma forma que faz você se sentir especial.

Ok. O que *não* ajuda quando se está deprimido?

Todo mundo é diferente, então a melhor coisa a se fazer é perguntar à pessoa com quem você está lidando do que ela precisa.

Tipo, algumas pessoas recomendam Deus para depressão ou automutilação, e acredito que isso pode ser muito útil para pessoas que não são eu. Algumas afirmam que a depressão pode ser “afugentada pela prece” ou que é causada quando você não tem Deus o suficiente na sua vida. Tentei Deus uma vez, mas não funcionou, então cortei a dose pela metade e fiquei só com “Dê”. *Dar o quê?*, perguntei. Ninguém respondeu. Devia ser porque eu não tinha Deus o suficiente na minha vida. Outra pessoa me disse que me entregar à depressão me fazia parecer ingrata, pois Jesus morreu para não termos que sofrer, mas, francamente, ele mesmo parece ter tido mais do que a sua cota de papo furado durante a vida. Prenderam o cara com pregos para ele *morrer*. Aposto que as pessoas que passavam por Jesus diziam: “Uau. Se esse cara tivesse mais Deus na vida dele...” Ou talvez elas simplesmente lhe enviassem aqueles e-mails que dizem: “Entregue a sua vida a Deus” ou “Ora que melhora”. Talvez não, porque o e-mail ainda não era muito popular naquela época, mas acho que foi melhor assim, afinal não há *nada* mais chato do que alguém lhe dizendo que tudo estaria bem se você rezasse mais. Ou se sorrisse mais, ou parasse de beber Coca-Cola Zero.

Eu posso dizer que “Anime-se” é quase universalmente visto como o tratamento mais inútil para a depressão. É quase o equivalente a dizer a alguém que acabou de ter as pernas amputadas: “Dá no pé!” Algumas pessoas não entendem que,

para muitos de nós, o transtorno mental é um sério desequilíbrio químico, e não só uma “melancolia de segunda-feira”. Essas mesmas pessoas bem-intencionadas me dizem que estou impedindo a mim mesma de me recuperar porque “só preciso me animar e sorrir”. É nesse momento que considero a possibilidade de decepar os braços delas e em seguida culpá-las por não conseguirem pegar seus braços decepados e os levarem para serem reimplantados.

“É só pegá-los e levá-los para fazer um reimplante. *NÃO É TÃO DIFÍCIL, SARAH. Pego coisas o tempo todo. Todos pegam.* Não, não vou ajudá-la, porque você precisa aprender a fazer isso sozinha. Nem sempre estarei por perto para ajudá-la, sabe? Tenho certeza de que você conseguiria se tentasse. *Olha, é como se você nem **quisesse** ter braços.*”

Admito que a analogia não é *perfeita*, porque não é comum as pessoas perderem os braços por desequilíbrios químicos. Mas, se eu cortar os seus braços por causa do meu transtorno mental, então *tecnicamente* um desequilíbrio químico *provocou* a perda dos seus braços. Portanto, desequilíbrios químicos são perigosos para todo mundo. Acho que o que quero dizer aqui é que *todos nós* sofremos quando um transtorno mental não é levado a sério.

Como você lida com pessoas que não entendem a depressão?

Às vezes, as pessoas dizem: “Como você pode se sentir mal quando há pessoas passando fome na Groenlândia?” E eu respondo: “Não sei. Será um talento?” E é impossível sair ganhando, pois perguntam a mesma coisa quando se está bem. “Como você pode rir quando tem pessoas passando fome na Groenlândia?” Mais uma vez, *eu não sei*. Não pergunto às pessoas que estão passando fome na Groenlândia como elas podem rir quando há pessoas na Suécia com câncer e sem

mãos. (Não sei se estou certa em relação à Suécia ou à Groenlândia. Não acompanho assuntos de geografia.) A questão é que às vezes merdas acontecem, e às vezes não. A minha regra é: “Aproveite o que não está na merda agora, porque há merdas a caminho.” E vice-versa. Isso é só o manual básico da vida. Um familiar adoece. O cachorro precisa sair. Você encontra um nódulo. As pessoas lhe dizem para parar de comer glúten. Nunca vai parar de acontecer, então seguimos o fluxo e não nos desculpamos pelas pessoas que estão passando fome. A não ser que você esteja matando as pessoas de fome. Aí com certeza deveria se desculpar.

Muito bem. Desculpe-se se está matando alguém de fome. Isso tudo é muito bom.

Não é? Ah, preciso que você me faça a pergunta que está neste cartão, porque tenho certeza de que será pertinente.

Ok. Isso parece muito antiético, mas dane-se. “Muitas pessoas criticaram este livro, por causa de [preencher aqui com o que quer que esteja irritando as pessoas a meu respeito neste momento]. O que você diz?”

Essa é uma pergunta *excelente*.

Bem, foi você quem escreveu.

Muito justo. Mas, de volta à pergunta... Em primeiro lugar, peço desculpas por esse negócio que fiz. Foi uma estupidez *incrível*, e eu era jovem e devia estar drogada. Isso não parece muito autêntico já que não sei muito bem a que você está se referindo, porém posso lhe assegurar que há ao menos uma coisa neste livro que acredito que será ridiculamente horrível em poucos anos. Esse é um problema que estou tentando combater.

É tentador começar cada frase com um pedido de desculpas ou um aviso. Introduzir tudo com “ao longo da minha vida, concluí” para evitar que as pessoas gritem comigo por estar errada (acontece com frequência), desinformada (é claro) ou por ser emotiva demais (COMO VOCÊ OUSA). Mas este livro é sobre a minha vida, então só posso esperar que o aviso esteja implícito. Esta é a minha vida e estas são as minhas observações, que mudam à medida que eu mudo. Ninguém conta isso, mas essa é uma das coisas assustadoras quando se escreve um livro. Você precisa pontuar pensamentos e opiniões, e eles passam a existir em uma página, imutáveis, *para sempre*. Você pode até se convencer de que em nenhum momento *you* foi estúpida, grosseira ou ignorante, mas um dia vai reler seu diário da sétima série e redescobrir aquela pessoa que em algum momento se tornou *you*, e vai ficar dividida entre querer abraçar essa estranha inacabada e confusa e querer dar um sacode para ver se coloca algum juízo nela. Aliás, se *you* ler este livro e detestar alguma coisa que escrevi, é provável que eu também deteste. Como minha avó sempre disse: “Suas opiniões são válidas e importantes. A não ser que sejam alguma merda estúpida e que *you* esteja de mimimi. Nesse caso, vá se foder.”

Tenho certeza de que nenhuma das suas avós disse isso.

Bem, estou parafraseando, mas ainda assim...

Certa vez alguém disse que, se *you* faz alguma coisa que ninguém detesta, ninguém vai amar também, o que é verdade. O mesmo se aplica à arte, à escrita e às pessoas. *Ainda mais às pessoas*. Na verdade, a maioria das minhas pessoas favoritas é perigosamente fodida da cabeça, mas *you* nunca vai imaginar isso, porque ou nos tornamos adeptos de nos esconder, ou aprendemos a lidar com isso com tanta honestidade que se torna o novo normal. Tem uma fala em *O Clube dos Cinco* que diz:

“Somos todos bem bizarros. Alguns de nós só são melhores em esconder.” Tenho essa frase escrita num cartaz, mas peguei uma caneta e substituí “em esconder” por um “nisso”, porque me lembra que há certo orgulho e certa liberdade em se usar a sua bizarrice como uma medalha de honra.

Nenhum de nós está imune a sentimentos de fracasso. Brené Brown é minha amiga há mais anos do que sou capaz de contar e é extremamente bem-sucedida. É uma ph.D. que passeia com a Oprah e escreve best-sellers sobre autenticidade, vulnerabilidade e ser ousado. Ela é a própria definição de “estar com a vida sob controle”. Mas sei que posso ligar para ela à meia-noite e dizer “Estou morrendo de medo de estar fodendo tudo” e que ela responderá: “Eu também. Parece que isso está na moda. O que está acontecendo conosco?” Então conversamos e por fim nos sentimos melhor pelo fato de as duas se sentirem uma merda já que respeitamos uma à outra e, se *nós duas* nos sentimos fracassadas, tudo indica que *todo mundo* se sente assim. Aí digo a Brené que seu medo do fracasso é uma coisa boa, pois ninguém pode escrever bons livros sobre emoções honestas se já é perfeito. Assim, tecnicamente, ela sentir-se fodida é só o primeiro passo para o próximo best-seller. Em seguida, ela me lembra que meu sustento depende do meu hábito de me envergonhar publicamente. Portanto, se de repente eu ficasse sã, também ficaria desempregada. Ela está certa. Mas ainda temo ter escrito alguma coisa terrível neste livro, então decidi cometer um erro *intencionalmente* por aqui; esteja avisado. E aí posso relaxar, porque se fizer alguma merda poderei explicar que esse foi o meu erro intencional e dar nota 10 para quem encontrar. Brené diz que é uma ótima ideia. Então, em tese, acho que isso significa que posso foder as coisas de propósito *conforme receitado pelo médico* — ou pela doutora.

Isso é estranho. Você soa paranoica.

Você só acha que é estranho porque nunca escreveu algo ofensivo por acidente. Escrevo coisas intencionalmente ofensivas o tempo todo e estou pronta para sofrer as consequências por isso, mas sempre tenho medo de escrever ou dizer algo que não faço ideia que é terrível. (Por exemplo, certa vez escrevi que um amigo havia *welched* [passado um calote] na hora de pagar uma aposta e o corretor ortográfico veio me dizendo: “Isso não é uma palavra. Você quis dizer ‘*Welsh*’ [galês]?” E eu pensei: “*Nossa, corretor ortográfico*. Isso é um pouco racista, não é? Escrevo sobre alguém que não pagou uma dívida e você vem todo ‘*Aposto que foi o galês*’. Se toca, corretor ortográfico.” Aí fiz uma pesquisa on-line e li que a provável origem de “*welch on a bet*” [passar um calote numa aposta] é uma expressão ofensiva “relacionada à suposta desonestidade dos galeses”. Eu nem sabia que essa relação existia. É como quando na infância eu dizia: “Minha irmã ganhou um pedaço maior de torta, então agora me sinto *gypped* [tapeado].” Quando cresci, descobri que *gyp* [trapacear] é um termo derogatório que vem de “*Gypsy*” [cigano], então parei de usar a expressão. Mas a melhor substituição que o dicionário me ofereceu foi “*flimflam*” [ludíbrio], e me parece ridículo dizer: “Sua sobremesa é maior. Sinto-me *flimflammed* [ludibriada].” Ninguém vai levar essa reclamação a sério. Em vez disso, engulo a mágoa por causa da torta e não digo nada. Além disso, temo que o termo “*flimflam*” seja ofensivo para os flamengos.

Você gastou tempo demais pensando nisso.

Bem, tenho um transtorno de ansiedade. *É isso que acontece na minha cabeça o tempo todo.*

Também fico com medo de deixar as pessoas putas quando escrevo sobre lutar contra o meu peso, porque a sociedade *já*

está concentrada demais na aparência, e não ajuda ficar falando sobre como me sinto gorda às vezes. Além disso, tenho medo de ficar magra demais sem querer, e aí as pessoas que me virem em turnê vão ficar putas porque não vão perceber que o meu peso tem uma variação de trinta quilos dependendo de quão doente, cansada ou deprimida eu esteja. Daí, terei que levar fotos minhas nada lisonjeiras como evidência e também as observações por escrito do meu médico, que diz o tempo todo que preciso perder peso até eu ficar doente por uma semana ou deprimida demais para comer, e aí ele vem me dizer: “Você está ótima! Mas por que está no pronto-socorro outra vez?”

Sou sensível em relação ao meu peso, porém, de modo geral, amo quem sou e prefiro ter curvas, porque quando estou mais gorda minhas rugas desaparecem. Ninguém conta isso, mas, quando se fica velha e de repente se emagrece, também de repente se envelhece cinco anos, pois a gordura não está mais preenchendo todas as rugas. Às vezes me enchem o saco por usar o termo “gorda”, mas também uso “louca” para me descrever e não tenho problemas com isso, porque estou me reapropriando da palavra. Também estou me reapropriando da palavra “sexy”, porque, francamente, Justin Timberlake já ficou com ela por tempo demais e ele nem precisa. E estou me apropriando de “flustrada” porque essa palavra não existe. Pare de usá-la.

Para resumir, costumo ser maluca e às vezes fico acima do peso. Nem sempre é o ideal, mas me faz ser quem sou. *Literalmente*. Além do mais, não terei que me sentir mal por comer muitos rolinhos primavera, porque se de repente ficar muito magra será difícil de explicar. É por isso que comi cheesecake ontem à noite. *Porque isso faz parte da minha profissão*.

Existe algum limite para sua escrita?

Sou relativamente sem filtro, mas tenho limites. Quando meu último livro foi publicado, todo mundo sobre quem escrevi pôde lê-lo antes da impressão, e dei total permissão para tirarem qualquer coisa que quisessem. Para lhes dar crédito, ninguém teve nenhum problema com nada — e, na verdade, foram as primeiras pessoas a declararem: “Ei, tenho fotos do anel de campeão de Corrida de Tatus do seu pai, e dos guaxinins de estimação de shorts que moravam na nossa casa. Você quer?”

Tenho limites. Não conto histórias que acho que algum dia uma garota cruel de quatorze anos poderia usar contra Hailey. Não escrevo sobre nada que seja motivo de conflito com alguém no momento, nem onde eu não seja o maior alvo da piada. Há muitas histórias que não escrevo porque não são minhas, mas acredito que contar as minhas histórias ajuda a encorajar o relato de outras. Quando comecei a escrever, meu pai não falava sobre os próprios problemas, mas, depois de ter visto as respostas das pessoas que leram as minhas histórias, ele se tornou muito mais aberto. E isso é maravilhoso. Quando compartilhamos nossas batalhas, outras pessoas reconhecem que podem compartilhar as suas. E, de repente, percebemos que as coisas que nos envergonhavam são as mesmas que todo mundo enfrenta uma hora ou outra. Estamos muito menos sós do que pensamos.

Você tem medo de passar seu transtorno mental para Hailey?

Eu já tive, mas ela está com dez anos e dá para ver que não tem os mesmos problemas de ansiedade que eu tinha nessa idade. É possível que ela tenha que enfrentar algum transtorno mental, e se for assim tentarei entendê-la e provavelmente não vou conseguir, mas vou insistir até acertar. Seria quase mais fácil se ela tivesse os mesmos problemas que tenho, porque eu

poderia ajudá-la e ensinar a ela as ferramentas que descobri, mas ela é quem nasceu para ser.

Minha irmã e eu fomos criadas exatamente da mesma forma e não poderíamos ser mais diferentes. Uma das filhas dela é mais parecida comigo e minha filha é mais parecida com ela. Isso nos impressiona. Mas não é nossa culpa. Somos como nascemos. Uma das melhores coisas que acontecem com os pais é perceber quanto os filhos são ao mesmo tempo *nada* parecidos conosco e *completamente* iguais.

Você recebe muitos convites para palestras e aparições na TV. Isso a faz se sentir famosa?

Eu acabei de limpar vômito de gato agora há pouco. O que me sinto é bastante enjoada.

Deixe-me reformular. Em algum momento você já teve a impressão de que todo mundo quer uma parte de você?

Como se estivessem putos e quisessem acabar comigo?

O quê?

Tipo “*Ei, sua imbecil, vou comer seu fígado*”?

Não. Não dessa forma.

Ou você quer dizer que *literalmente* os outros querem um pedaço meu? Tipo, meus rins? Ou simplesmente querem me esquarterar? Porque isso ainda faz parecer que as pessoas estão com raiva de mim. A gente não costuma querer esquarterar pessoas à toa. Acho que você confundiu “famosa” com “desprezada”.

O que eu quis dizer foi uma parte *metafórica* de você.

Ah, certo. Sinto muito. Essas perguntas estão me deixando paranoica, aí eu acabo ficando na defensiva.

É, dá pra ver.

O QUE DIABOS ISSO QUER DIZER? VOCÊ QUER COMER MEU FÍGADO?

Agora entendo por que você não dá entrevistas.

Para ser franca, estou fazendo isso pelo bem da humanidade. Alguém deveria me dar uma medalha.

Não consigo pensar em mais nenhuma pergunta.

Não consigo pensar em mais nenhuma resposta.

Somos uma boa equipe.

Amém, senhor.

Estou me transformando num zumbi, um órgão de cada vez

No ano passado, minha amiga Laura acordou com o marido cutucando a cabeça dela às duas da manhã, mas quando ela tentou afastá-lo percebeu que ele estava dormindo profundamente do outro lado da cama. Então Laura colocou a mão na cabeça e sentiu algo quente se movendo. Ela achou que fosse o porquinho-da-índia do filho, acendeu a luz e se deparou com um gambá no travesseiro arrancando com a boca parte do seu cabelo para fazer um ninho. Ela gritou e o bicho sibilou, furioso, e fugiu para a sala de estar. Laura fez o marido persegui-lo, apesar de ele ter certeza de que ela havia sonhado tudo. Ela ficou toda: “É SÉRIO? ESTOU SONHANDO COM TODO ESSE CABELO BABADO NO MEU TRAVESSEIRO?” Aí o gambá atacou, e eles tiveram uma batalha com o bicho na sala de estar — que *não* acabou bem para o invasor. Mas não se sinta *muito* mal por ele, porque, de todo o reino selvagem, os gambás do Texas são os animais mais babacas. Meu pai me fez cuidar de um que era órfão quando eu tinha dez anos, e sempre que eu lhe dava comida ele sibilava e olhava para mim como se quisesse que eu morresse queimada. Era um gambá muito criativo e mordedor e também um completo escroto. Quando ele ficou mais velho, nós o libertamos, mas alguns meses depois ele voltou e morreu na varanda da nossa casa. Provavelmente só de sacanagem. É difícil dizer ao certo quando se trata de gambás.

A história do gambá no cabelo de Laura sempre me pareceu uma das piores formas de se acordar às duas da manhã, até o dia em que acordei nessa exata hora e descobri que meu braço direito havia sido arrancado e substituído por abelhas. Ou pelo menos era essa a sensação. Permaneci deitada por um tempo, pensando que devia estar morrendo e que, se um gambá tivesse arrancado o meu braço com os dentes, era certo que eu me esvairia em sangue em questão de minutos, e esse era bem o tipo de morte que eu teria. Pensei em me aninhar devagarzinho perto de Victor, de modo que seus últimos momentos comigo fossem românticos e cheios de carinho, mas aí tive um espasmo no peito, e é possível que tenha socado o pescoço dele sem querer com toda a força que pude. Para a sorte dele, não foi tão forte (já que eu estava frágil e morrendo), então ele perguntou, sonolento:

— Nossa. Você acabou de me dar um soco no pescoço?

E eu gritei:

— UM GAMBÁ ACABOU DE COMER O MEU BRAÇO! — E essa provavelmente é a pior forma de acordar.

Eu tinha certeza de que estava perto da morte. Victor acendeu as luzes e afirmou que não havia sangue, que eu só devia estar com cãibra no peito, o que tenho quase certeza de que não existe. Eu estava com dificuldade de respirar e falei para Victor que estava tendo um infarto. Ele disse que eu estava apertando o lado errado do peito, e foi nesse momento que me dei conta de que devia estar tendo um infarto tão sério que meu coração estava tentando fugir. Ou talvez meu seio direito estivesse explodindo. Tentei explicar isso a Victor, mas ele estava ocupado demais gritando para que eu me acalmasse, então fui explicar que precisava ir para o hospital, só que o que saiu foi: “EU ENGOLI UM DUENDE E ELE ESTÁ COMENDO MEU PEITO DE DENTRO PARA FORA.” Foi aí que Victor presumiu que eu havia

tido algum tipo de derrame e me levou para o carro junto com Hailey o mais rápido possível.

Hailey ainda estava sonolenta, então tentei ficar em silêncio porque não queria assustá-la. Victor ficava me mandando respirar, e eu respondia que já sabia respirar e *por que as pessoas dizem isso, já ninguém se esquece de respirar*. Ele observou que talvez esqueçam sim, e talvez seja por isso que tem sempre alguém morrendo, e então outro espasmo me atingiu, mordi o lábio e desmaiei. Quando recobrei a consciência, havia lampejos de luzes de viaturas e Victor estava sendo preso por excesso de velocidade. Só que ele explicou que dirigiu em alta velocidade porque sua esposa estava tendo um infarto, e os policiais vieram até a minha porta, olharam para mim e chamaram uma ambulância. Em seguida, começaram a gritar com Victor pela estupidez de dirigir tão rápido quando ele poderia simplesmente ter chamado uma ambulância. Contudo, em defesa dele, não dá para pensar direito quando se acabou de receber um soco no pescoço de uma mulher que afirmava ter um duende dentro dela.

A ambulância chegou e os paramédicos tentaram me fazer caminhar até a maca. Mas meu corpo inteiro estava desligando e eu não conseguia ficar de pé por causa do que presumia ser uma escoliose retroativa espontânea. Os vinte minutos seguintes foram confusos, porém me lembro de ter olhado para os meus pés enquanto a ambulância trepidava pela rua e pensar que deveria tuitar uma foto daquilo. Aí percebi que estava com dor demais para usar o Twitter, e foi quando constatei que estava morrendo.

O paramédico conectou monitores ao meu peito, verificou meus sinais vitais e disse ao motorista para ir mais rápido. Em seguida, perguntou: “Querida, você é alérgica a nitroglicerina? Porque preciso lhe dar um pouco.” Isso pareceu bastante bizarro, porque eu me lembrava muito bem daquele episódio de Os

Pioneiros em que a safra de trigo não vingou e o pai teve que aceitar um trabalho conduzindo uma carroça de nitroglicerina altamente explosiva e quase teve as bolas detonadas. Aí o paramédico repetiu a pergunta e respondi: “Sou alérgica a explodir.” E ele me olhou com uma cara engraçada e voltou a pedir ao motorista para acelerar. É provável que ele tenha pensado que eu estava alucinando porque não havia assistido a *Os Pioneiros* o suficiente. Em vez disso, ele me fez manter nitroglicerina debaixo da língua. Tinha muito gosto de dor, mas isso meio que fazia sentido, já que eu estava deixando um explosivo derreter na minha boca como uma balinha venenosa.

Momentos depois, eu estava sendo levada às pressas para a emergência enquanto uma horda de médicos tentava descobrir qual era o meu problema.

— Paciente queixou-se de fortes dores no peito. Pressão sanguínea alta — disse o paramédico.

— E eu comi explosivos — sussurrei, mas ninguém estava me dando atenção, porque estavam ocupados demais arrancando a minha blusa e fazendo um eletrocardiograma.

Aparentemente, o resultado informou ao médico que meu coração estava perfeitamente bem e que a provável causa das dores eram gases. Fiquei aliviada por não estar tendo um infarto, só que eu ainda tinha certeza de que estava morrendo, então gritei um “FAÇAM ISSO PARAR OU VOU CORTAR TODO MUNDO” bem na hora em que Victor entrou correndo na sala.

“Ela não lida muito bem com a dor”, explicou meu marido enquanto o médico se afastava da maca. Em seguida, o doutor concordou balançando a cabeça e pediu que me dessem alguma coisa diluída. Eu disse que queria o mais forte e ele explicou que na verdade havia pedido Dilaudid, um analgésico fortíssimo. Após alguns minutos excruciantes, uma enfermeira injetou Dilaudid¹ em mim. Como a dor diminuiu, decidi que no fim das contas não incendiaria o hospital. Na verdade, fiquei tão grata

que pensei em compensar meu comportamento terrível compartilhando algumas curiosidades.

— Vocês sabiam — perguntei a nenhuma pessoa em particular — que os tubarões são atraídos por urina?

— Ela vai ficar meio altinha durante algum tempo — disse a enfermeira a Victor.

— Então não importa quanto você fique assustada — continuei —, NÃO URINE.

— E é *assim* que se vê que as drogas estão funcionando — afirmou a enfermeira.

— Não — respondeu Victor com um suspiro. — Na verdade, não. Essa é a sua gorjeta. Ela faz a mesma coisa em restaurantes.

Tentei protestar, mas estava enjoada demais para observar que só faço isso quando temos um serviço excelente ou quando o garçom reabastece meu copo de Coca diet sem eu ter que pedir.

Aí eu pisquei e estávamos em casa. Talvez tenha ficado um pouco chapada. Além disso, também estava morrendo de vergonha por ter confundido gases com um infarto, mas confiei no médico e fiquei aliviada por não ter que voltar a passar por isso.

Até duas semanas depois, quando voltei a passar por isso.

Dessa vez, tinha certeza de que estava morrendo, mas fiquei calma o bastante para deixar Victor me levar até o hospital dentro do limite de velocidade, pois, apesar de ter doído mais do que quando eu entrei em trabalho de parto, eu estava convencida de que o médico diria que eu só precisava peidar muito. Quando chegamos, eles me reconheceram imediatamente. Acho que foi porque eu tenho um tipo de rosto que é inconfundível — ou talvez porque a maioria das pessoas não dá bons conselhos sobre tubarões em troca de serviços prestados.

Expliquei calmamente que aquilo não eram gases, e que parecia que eu estava em trabalho de parto no peito, e que era possível que houvesse desenvolvido uma vagina extra e precisasse empurrar. Ninguém acreditou, então gritei: “ESTOU COM DOR E VOCÊS TÊM QUE ME CONSERTAR, ENTÃO ALGUÉM ME DÊ DILAUDID.” E aí Victor me disse para calar a boca, porque eu parecia um caçador de drogas. Expliquei que ele tinha sido muito perspicaz, porque eu *era* uma caçadora de drogas e estava em busca de substâncias para fazer a vagina invisível no meu peito parar de ser tão imbecil. Ele, por sua vez, explicou que “caçador de drogas” é um código médico para dependentes químicos que vão ao hospital à procura de uma dose, e que gritar o nome do remédio que eu queria não estava me ajudando. Por sorte, um médico lá fez vários exames de sangue e percebeu que havia algo de errado, que eu provavelmente tinha uma pedra saindo da vesícula. Eles me deram medicamentos e me disseram para procurar um especialista em vesícula para ter certeza de que a pedra tivesse saído. Eu disse a eles que os hamsters só podem piscar um olho de cada vez. Considerei essa uma troca justa, mas ainda assim eles mandaram a conta para o meu plano de saúde.

Consultei um grupo de especialistas em vesícula e todos disseram que era melhor não operar, pois talvez eu não voltasse a ter outra crise. No entanto, acredito que tirar partes do corpo que querem matar você é uma coisa boa, então eles me indicaram o doutor Morales, conhecido por tirar vesículas adoidado. Talvez ele seja um colecionador. É difícil saber. O que eu sabia era que o doutor Morales não tinha um consultório próprio e usava um da clínica local de cirurgia colorretal, o que era desconcertante por algumas razões. A primeira razão era que eu tinha certeza de que não queria que minha vesícula fosse removida pelo reto. A segunda, porque as fotos na sala de espera eram de cus. Literalmente.

O doutor Morales tinha mais de oitenta anos, só falava inglês quando precisava e já retirava vesículas antes mesmo de a minha mãe nascer. Ele era esquisito, mas brilhante. Depois de dar uma olhada nos meus exames, disse que minha vesícula estava preguiçosa e doente. Expliquei que não era exatamente “preguiçosa”, e mais “vagabunda”, e que eu queria tirá-la. Eu me perguntei se dá para entrar com uma ordem de restrição contra a sua vesícula por vagabundagem, já que ela é indesejada e tem intenção de matar. Assim, seria possível chamar a polícia e ter a vesícula retirada sem ter que pagar por isso, uma vez que ela estava causando desordem pública. A não ser que seja necessário pagar à polícia para remover desordeiros. Não sei. Para ser franca, nunca estive do lado do reclamante nesse cenário.

O doutor Morales disse que me encheria de dióxido ou monóxido de carbono (seja lá qual for o que não é venenoso) e arrancaria minha vesícula por um buraco no meu umbigo, mas quando perguntei se poderia ficar com as pedras (para fazer um colar) ele respondeu que não dava, já que as novas regulações são uma merda, e disse que nem podia entregar as balas que tirava de dentro das vítimas de tiros, pois depois de serem tiradas do seu corpo elas são consideradas “lixo hospitalar”. Isso parece um pouco hipócrita, porque minha filha saiu de dentro do meu corpo e eles me deixaram levá-la para casa sem problemas. E há pessoas que levam a placenta para casa e fazem a família comê-la (é sério... isso existe) e ninguém reclama. (É provável que a exceção sejam as pessoas que têm que comer a placenta). Expliquei que eu tinha certeza de que usar as pedras da minha vesícula era menos ofensivo do que fazer a família comer placenta sem saber, e o doutor Morales concordou comigo e disse que havia tido essa discussão dezenas de vezes, embora pareça estranho discutir isso mais de uma vez. No entanto, ele aceitou tirar várias fotos e compartilhá-las comigo. Minha amiga

Maile se ofereceu para fotografar a cirurgia e eu quase aceitei, porque ela é uma fotógrafa incrível. Mas aí me lembrei de ter ouvido falar que depois da cirurgia o médico empurra o restante do gás não sei o que lá de carbono para fora do seu umbigo. Não acho que eu gostaria que alguém me visse peidar à força pelo umbigo, pois, se alguém é seu amigo, é exatamente desse tipo de merda que se quer protegê-lo. É como diz na Bíblia: *Ser amigo significa nunca ter de testemunhar umbigos peidando*. Ou algo assim. Talvez eu não esteja lembrando direito.

Enquanto aguardava o início da cirurgia no quarto do hospital, fiquei um pouco preocupada, pois sempre ouvi histórias de terror sobre pessoas que têm coisas esquecidas dentro delas ou a parte errada do corpo extraída. “E se eu acordar com um pênis?”, perguntei à enfermeira.

Ela me garantiu que isso não aconteceria. Disse que minha preocupação era normal e que era comum ver pessoas escreverem “ESTA PERNA NÃO” nas pernas boas quando vão operar o joelho. Considerei a possibilidade de fazer a mesma coisa, mas em toda partes. Pequenos bilhetes espalhados pelo meu corpo dizendo coisas como “Não, aqui não”; “Tá esquentando”; “Que porra é essa? Preciso disto”; “Não mexa aqui, isto é meu”. Mas Victor se recusou a me dar uma caneta permanente, porque disse que eu não sou confiável nem quando estou completamente sóbria, que dirá altinha por causa do efeito de analgésicos.

Então, em vez disso, peguei meu mamilo da sorte. (Observação: Certa vez, quando estava em turnê promovendo meu livro, uma mulher me trouxe um dos mamilos falsos que ela faz para pessoas que querem mamilos maiores ou estão se recuperando de uma mastectomia. É incrivelmente realista e costumo usá-lo saindo da blusa para ver se alguém vai me avisar que estou pagando peitinho. Se alguém diz, tiro o mamilo e agradeço à pessoa por ser decente. É um jeito excelente de

identificar pessoas legais. Além disso, se estou num bar e o atendente não olha para mim, coloco o mamilo na testa, porque isso sempre chama a atenção das pessoas.) Colei o mamilo na minha barriga e, quando a enfermeira voltou, falei “Acho que estou tendo alguma reação alérgica. Isso deveria estar aqui?” apontando para o mamilo extremamente realista na minha barriga que não estava ali minutos antes, quando ela tinha começado a me preparar para a cirurgia. Para lhe dar o devido crédito, ela não ficou nem um pouco surpresa, o que me faz acreditar que há muito mais pessoas desenvolvendo mamilos extras do que nós pensamos, e também que ela não deve ser a enfermeira mais observadora do mundo.

Alguns dias depois, me levaram de cadeira de rodas e a cirurgia provavelmente foi muito cirúrgica, mas não lembro porque estava doidona. A recuperação foi um pouco dolorosa já que a minha vesícula estava mais infectada do que o esperado, mas também foi divertida para quem não era eu.

— Preciso de drogas — gemi para Victor da cama no hospital.
Ele olhou para o relógio.

— Só daqui a vinte minutos.

— Por que você me odeia?

— Eu não a odeio — respondeu ele enquanto voltava a olhar para a revista. — Só não quero que você tenha uma overdose de morfina.

— Está certo — concordei. — Então me distraia.

— Ok. Esta revista diz que é possível afirmar o que se deveria fazer da própria vida quando se para de pensar nos riscos. Então o que você faria se soubesse que é impossível fracassar?

— Eu seria um pégaso.

— Não é assim que funciona.

— Mas seria um pégaso marrom, porque um Pégaso branco seria perseguido por fãs de Lisa Frank e crianças de nove anos. E pégasos pretos são tão ruins quanto os brancos, pois são

sinistrões e as bandas de metal provavelmente iriam sequestrá-los. Mas ninguém quer um pégaso marrom sem graça. Eu poderia só ficar voando pelo bairro que ninguém daria a mínima. E talvez eu quisesse ter herpes nas costas, porque aí não teria gente me enchendo o saco por um passeio.

Victor voltou a olhar para a revista.

— Não vou conversar com você se não vai levar a sério.

— Eu *estou* levando a sério — respondi. — Eu seria um pégaso marrom e desgrenhado com herpes nas costas se soubesse que nada daria errado.

— Não é assim que funciona — repetiu Victor. — O objetivo é descobrir o que você quer mesmo da vida.

— Mas é *isso* o que quero.

— ESCOLHA ALGUMA COISA REAL.

— Tá bom — bufei. Pensei por alguns segundos. — Então acho que eu escolheria fracassar. Eu escolheria fracassar, mas seria *impossível* fracassar, e isso criaria um buraco de minhoca ou algum tipo de paradoxo, e aí o mundo inteiro explodiria.

Victor ergueu uma sobrancelha.

— Você explodiria o mundo inteiro porque não conseguiu o que queria? Não acha isso meio exagerado?

— Acho que preciso de mais morfina.

— Acho que esta conversa prova que você já tomou o bastante.

Cruzei os braços.

— Vou dizer à enfermeira que você me trata mal e que quer me impedir de ter herpes nas costas ou tomar drogas.

Victor baixou os olhos para a revista.

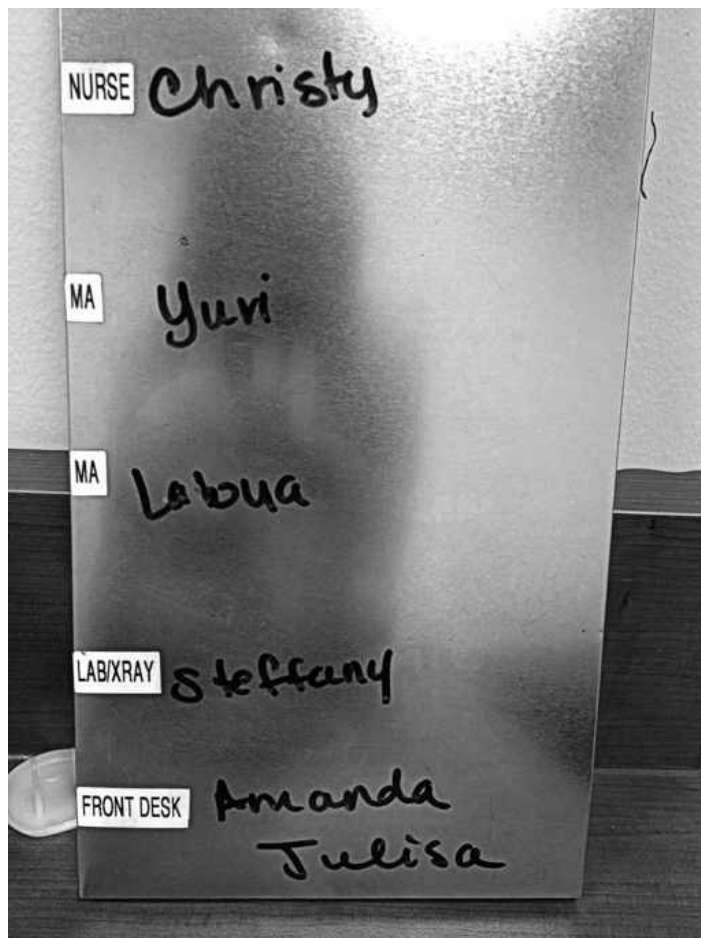
— Boa sorte.

Dei uma olhada na escala de serviço das enfermeiras no meu quarto e fiquei muito confusa pelo fato de que havia uma enfermeira responsável por mim cujo nome era “Labya” (quase igual a *labia*, “lábios vaginais” em inglês), e não pude evitar me

perguntar se a pronúncia era algo como “lábua” ou se a sílaba forte estava no “i”, como em “la-bi-a”.

Quando a enfermeira voltou para me dar uma injeção na bunda, presumi que todas as convenções sociais haviam sido derrubadas, então perguntei:

— Preciso perguntar... A pronúncia é “Lábua” ou “Labi-a”?



Ela balançou a cabeça, confusa, e respondeu:

— Pensei que você estivesse aqui por causa da sua vesícula.

— Não — expliquei. — Estou me referindo ao menu. É Lábua?

E ela indagou:

— Você está me perguntando se *tem lábua no menu*?

Victor afundou na cadeira e tentou fingir que não estava lá.

Expliquei que não estava dando em cima dela e sim me referindo à escala de serviço na mesa. Então ela olhou para a escala e em seguida para mim, franzindo as sobrancelhas numa expressão confusa, provavelmente ofendida porque eu não estava dando em cima dela.

Em seguida, respirou fundo e disse:

— *Latoya*. Está escrito *Latoya*.

Eu olhei mais perto e ficou claro que era Latoya. Mas, em minha defesa, parecia “Labya” de longe. Como acontece com tacos. Ou com pinturas de Georgia O’Keeffe.

Aí o doutor Morales veio até o quarto e me mostrou as fotos da minha vesícula nojenta extraída, que estava cheia de pedras. Ele disse que foi muito bom termos feito a cirurgia, porque ela estava praticamente morta e havia começado a afetar outras partes do meu corpo, já que estava gangrenando.

— Gangrenar? — perguntei. — Eu nem sabia que isso ainda acontecia. É como se eu estivesse jogando *Oregon Trail*.

Victor explicou que eu estava confundindo com disenteria, que havia num jogo da Rota para Oregon, e o doutor Morales perguntou:

— *Você teve disenteria na Rota para o Oregon? Isso não está no seu prontuário.*

— Acho que você não brincou com muitos jogos educacionais quando era criança, né? — respondi.

Ele disse que não tinha jogos de computador quando era garoto, e eu expliquei que provavelmente era por isso que ele nunca tinha arrumado disenteria num jogo eletrônico.

Doutor Morales abanou a cabeça.

— Isso parece anti-higiênico. Onde você estava colocando esses jogos?

Expliquei que não era aquilo que queria dizer e reconduzi a conversa para a minha vesícula zumbi.

Victor tentou argumentar que minha vesícula não havia se tornado um zumbi, mas discordei. Ela estava meio viva, mas predominantemente morta, e infectava tudo que tocava. Era de fato uma morta-viva. Essa é a definição de zumbi. Então, basicamente, eu estava me transformando num zumbi, um órgão de cada vez. E havia um monte de tubos em mim para drenar todas as coisas ruins, o que era uma merda, porque eu precisaria ficar com eles por uma semana. Quando fui para casa, os gatos pensaram que os tubos saindo da minha barriga eram excelentes brinquedos e ficavam batendo e tentando se pendurar neles. É engraçado até o efeito dos analgésicos passar. Não recomendo para a recuperação.

Victor, que já havia retirado a vesícula e tinha saído do hospital no mesmo dia, disse que não estava surpreso pela minha cirurgia ter se transformado em algumas semanas de problemas, porque meu corpo sempre foi tão complicado e esquisito quanto eu. Mas não sou a única com partes esquisitas no organismo. Por exemplo, Victor insiste que tem “protetores de ouvido internos”, o que é ridículo. Quando mergulho, sempre acabo com uma infecção nos ouvidos, e Victor me culpa por eu não ter fechado os meus protetores. E ele está certo, porque *eles não existem*. Ele discorda e afirma que meus protetores só são fracos. Já os dele são quase super-humanos. “Eu os uso para filtrar suas maluquices, então eles têm muita experiência.” Não acredito em protetores de ouvido, mas, se eu já tive algum, provavelmente perdi quando era criança e tive tantas infecções que perfurei os tímpanos. Minha mãe sempre tentava curá-las à moda antiga, colocando bolinhas de algodão com azeite de oliva nos meus ouvidos. Na primeira vez que experimentei azeite de oliva num restaurante, pensei “Isso parece remédio para ouvido” — porque é remédio para ouvido. É por isso que não gosto de azeitonas nem de azeite de oliva. Têm gosto de inflamação de ouvido.

Uma semana depois da cirurgia, minha amiga Maile me levou até a clínica de bundas para a retirada dos tubos cirúrgicos. O doutor Morales estava com tudo e começou a falar sobre catacumbas e sobre o aumento da dívida pública. Ele concluiu o papo dizendo: “Estamos condenados. É o fim dos tempos. Graças a Deus vou morrer logo, então não terei que testemunhar o que vocês vão ver.” Isso é tudo verdade, sem nenhum exagero. Mas ele falou num tom muito alegre. O cara sabe distrair um paciente *como ninguém*.

Por fim, o doutor Morales bateu palmas, como se para avisar que a conversa havia acabado, e pediu que Maile *me segurasse na mesa*. Ela o encarou por um segundo para ver se ele estava brincando, mas o doutor Morales explicou que eu precisava ser segurada por alguém, senão poderia socá-lo quando ele arrancasse os tubos da minha barriga. Aí ela deu de ombros, parecendo não ter nenhum problema com isso, e me segurou. É assim que identificamos uma boa amiga. Ou uma péssima amiga. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

Em seguida, o médico tirou meus pontos e arrancou os tubos. Senti como se tivesse uma corda de pular amarrada no meu fígado. Ou como se fosse uma daquelas bonecas que falam quando se puxa a cordinha nas costas delas. E o que eu disse foi: “*Ughaaah*.” A tradução aproximada é: “Agora eu sei como um ioiô se sente e por que você acha que seus pacientes irão socá-lo.”

Quando estávamos voltando de carro para casa, Maile disse: “Quer saber? Essa merda toda só poderia acontecer com você. É como se você tivesse conjurado o tipo *exato* de médico fantástico e maluco para combinar com a sua vida. Eu nunca acreditaria se não estivesse lá.” E, sim, é mais ou menos assim que toda a minha vida tem acontecido.

¹ O corretor ortográfico fica tentando me convencer que “Dilaudid” não existe, e que é mais provável que eu esteja procurando a palavra “desiludido”. *Não gosto do que você está insinuando, corretor ortográfico.*

Gatos são preguiçosos egoístas e estão se safando muito bem

A quarta discussão que tive com Victor esta semana

EU: Estava pensando aqui. Quando vejo as outras pessoas bocejarem, bocejo também, porque me contagia, mas, quando vejo gatos bocejando, nunca bocejo.

VICTOR: Você entende que não precisa me contar tudo que passa pela sua cabeça, né?

EU: Aí fui pesquisar na internet o motivo disso, e parece que bocejamos quando outras pessoas bocejam porque as vemos inspirando um montão delicioso de ar e nosso cérebro diz: “CARALHO, ISSO PARECE DELICIOSO. PEGUE UM POUCO, RÁPIDO, ANTES QUE AQUELA VADIA PEGUE TUDO.”

VICTOR: Então você boceja porque é egoísta. Entendi.

EU: Não sou só *eu*. *Todo mundo* boceja porque é egoísta. Mas acho que não bocejamos quando vemos gatos bocejarem porque eles têm bocas tão pequenininhas que não nos sentimos ameaçados quando eles pegam o nosso ar. Além disso, já

percebeu que os gatos não fazem aquele barulho de aspirador de pó quando bocejam?

VICTOR: O quê?

EU: Você sabe. Quando uma pessoa boceja, você ouve essa aspiração de ar altona, como quando um pneu esvazia, só que ao contrário. Mas, quando os gatos bocejam, eles não fazem nenhum barulho. Por quê?

VICTOR: Você está realmente me perguntando por que os gatos não bocejam direito?

EU: É porque eles não estão bocejando *mesmo*, mas só alongando os músculos da bochecha? Ou porque aprenderam a não fazer o som que diz “estou roubando um montão de ar e só deixando dióxido de carbono” para ninguém engolir todo o ar deixado depois que eles bocejam?

VICTOR: Eu não sei nem aonde você quer chegar.

EU: Só quero saber: os gatos bocejam sem fazer barulho porque querem todo o ar para si?

VICTOR: Pare. Pare de falar.

EU: Se você não sabe, é só avisar. EU TAMBÉM NÃO SEI, VICTOR. Não há motivo para se envergonhar.

VICTOR: Acho que teremos que concordar em discordar sobre isso.

Vencedor: os gatos, porque estão consumindo toneladas de oxigênio e ninguém está concorrendo com eles.



Hunter S. Thomcat devorando todo o seu lindo oxigênio sem nenhum remorso.

Coalas têm clamídia

— Então, parece que vou *mesmo* para o outback australiano amanhã — comentei com o stormtrooper ao meu lado. Ele parecia surpreso. Ou horrorizado. Para ser honesta, é difícil prever o que um stormtrooper está pensando, mesmo quando você já está casada com ele há dezessete anos. A culpa é do capacete.

— Você não consegue nem encontrar o caminho no *shopping* sem pedir ajuda — respondeu Victor com ceticismo, inconscientemente pegando sua pistola de cano PVC. — Essa viagem é a coisa mais ridícula de que já ouvi falar.

— Você comprou uma fantasia usada de stormtrooper para poder se juntar a uma tropa de estranhos que visita crianças doentes em hospitais. *Você não gosta nem de crianças saudáveis*. Tenho certeza de que não está em posição para julgar o que é ridículo.

Ele balançou a cabeça, ainda chocado por eu estar disposta a ir até o fim com aquilo.

Mas ele tinha razão. Eu estava fodida.



Era Halloween e eu estava passando o que poderia ser a minha última noite viva nos Estados Unidos correndo atrás de uma Chapeuzinho Vermelho zumbi de nove anos turbinada com

açúcar enquanto meu marido stormtrooper marchava pela vizinhança conosco. Eu havia tentado surpreendê-lo no último segundo me vestindo de Darth Vader. Assim, quando ele estava pronto, pude pular e gritar: “Victor... eu sou seu... chefe!” Ele não achou engraçado. Tentei o aperto da morte, mas ele se recusou a inclinar-se para trás pela asfixia invisível. É provável que isso tenha acontecido porque, depois de vestir a fantasia de *vinte e sete peças*, ele tenha descoberto que não conseguia se sentar, recostar, abaixar nem sequer calçar os próprios sapatos sem ajuda. Não é algo muito diferente do que acontece com a maioria das mulheres depois de colocar uma cinta para um encontro romântico. Mas, como homem, ele estava completamente fora do seu contexto. Era como um cavaleiro, mas usando PVC e uma segunda pele de corpo inteiro em vez de armadura. Olha, se os rebeldes soubessem o que **eu** sei, teriam só empurrado todos os stormtroopers como dominós, deixando-os balançar como tartarugas com os cascos para baixo. Desconfio que as esposas dos stormtroopers (que obviamente precisavam ajudá-los a se vestirem e se despirem todos os dias) se casaram sabendo que era muito provável que ficassem viúvas cedo. É triste, mas aposto que o lado negro tinha bons seguros de vida. O lado negro sempre pareceu muito organizado e vagamente republicano.

Essa coisa toda de viagem à Austrália começou um mês antes, quando Laura me pediu para acompanhá-la numa viagem patrocinada pelas Pessoas que Querem que Você Vá para a Austrália. Eu disse não, já que sou a única pessoa do mundo que detesta viajar, e porque eu sabia que tudo na Austrália quer nos matar com o máximo de violência e dor possível. Laura suspirou e me disse para manter a mente aberta, e, em minha defesa, é muito difícil ficar dizendo não a uma pessoa que certa vez voluntariamente espantou abutres com uma pá e a ajudou a desenterrar um cadáver em decomposição no calor escaldante

do Texas bem no seu quintal. Eu explicaria a última frase, mas está tudo no meu primeiro livro. Vá comprar e leia. Deve estar com desconto. Eu espero. Além disso, arrume alguns donuts. Você emagreceu demais. Coma alguma coisa.

Pronto? *Excelente*. De volta à história.

Esse negócio da Austrália foi um evento “faça coisas da lista de sonhos” financiado pela Tourism Australia, e a viagem sairia de graça contanto que escrevêssemos sobre ela mais tarde. Lembrei à Laura que a primeiríssima coisa na minha lista é *nunca escrever uma porra de uma lista de sonhos*. Ela, por sua vez, lembrou que eu estava sendo cínica e ressaltou que era uma passagem gratuita para fazermos *tudo que quiséssemos*, com a condição de que fossem itens da nossa lista de sonhos.

— Sério? — perguntei com ceticismo. — Posso socar um canguru?

Laura me dirigiu um olhar irritado.

— Você *quer* socar um canguru?

— Bem, não. Não mesmo — admiti. — Mas eu queria saber que tenho *a opção* de fazer isso. Exceto pelo fato de que eu não quero que nenhum canguru saia machucado. Então, talvez... luta com cangurus no pudim? Isso existe?

— O problema é que não sei se cangurus são naturalmente tão dispostos a lutar.

— Não — respondi com veemência —, cangurus são filhos da puta maus que sem dúvida trocam socos na selva. No mínimo, estamos deixando o mundo mais seguro ao colocar luvas nas mãos deles. Eles também fumam cigarros enquanto brigam, então, além de tudo, estão poluindo o meio ambiente. Os cangurus não dão a mínima para os fumantes passivos.

Laura ergueu uma sobrancelha.

— É sério. Vi isso num desenho animado dos anos 1950.

Ela deu um suspiro profundo.

— Tudo que você sabe sobre a Austrália vem de desenhos animados. É *exatamente* por isso que precisamos ir. Sabia que tem uma cidade na Austrália cheia de fantasmas, e talvez também com vários assassinos em série?

Eu me animei:

— Deveríamos conferir.

— Isso está na sua lista de sonhos?

— Bem, *agora* está — resmunguei, meio acusatória. — Podemos abraçar coalas fantasiadas de coalas? E a chance de você dizer sim vai ser maior se eu falar que já tenho as fantasias?

Laura me olhou séria.

— Você tem *duas* fantasias de coala?

— Bem, sim. É bom ter uma reserva para o caso de a outra estar suja.

— Humm...

— *Estou brincando* — respondi. — Mas tenho uma fantasia de coala e outra de panda. E os dois são ursos, então deve valer.

Laura não respondeu, mas devia estar estava pensando que coalas na verdade não são ursos. Os pandas parecem mais guaxinins gigantes do que ursos, então desconfio que ela decidiu não abordar o assunto porque sabe escolher suas batalhas.

Laura sugeriu que atravessássemos a Austrália de trem noturno, já que eu odeio voar, e fui forçada a confessar que *sempre* quis viajar no Expresso do Oriente, mas que meio que consideraria uma oportunidade desperdiçada se não houvesse um assassinato. Não que eu tenha sede de sangue. É só que tenho critérios, e me parece que a experiência de um trem noturno não estaria completa sem um assassinato. Considerei que, se escrevesse isso na minha lista de sonhos, a Austrália seria forçada a providenciar um assassinato para mim, mas então achei que eles viriam com a história da diferença entre “ajudar” e “apoiar” e iriam *me* responsabilizar pelo planejamento

do assassinato, e eu não consigo organizar nem minha gaveta de meias, que dirá um assassinato. Laura pareceu preocupada por eu estar perdendo tempo demais pensando nesse possível assassinato, mas acho que é só porque ela é organizadora profissional de eventos, e esse tipo de coisa é natural para ela. Laura precisa perceber que nem *todo mundo* nasceu com o talento para a organização que ela tem. Se fosse assim, assassinatos comemorativos aconteceria o tempo todo. Assassinatos com petiscos, doações para a caridade, fontes de chocolate, potes de vidro com canudos de papel e lembrancinhas com orelhas humanas. Laura me olhou de um jeito estranho quando eu disse isso, mas acho que é porque ela não sabe lidar com elogios. Ou talvez porque lembrancinhas com orelhas sejam “tão 2011”. Não sei ao certo. Sou *péssima* para acompanhar tendências.

Eu disse não à Austrália umas oito bilhões de vezes até que Laura por fim argumentou:

— Você *sempre* fala sobre se forçar a ser ALUCINADAMENTE FELIZ e sair da sua zona de conforto para viver uma vida de verdade. *Bem, esta é uma oportunidade, irmã, então aperte os cintos, queridinha, e pegue o seu visto de trabalho.* — Ela ergueu a voz, gritando vitoriosamente (e de forma um pouco intimidadora) — VAMOS VER A VIDA SELVAGEM, SEUS PUTOS!

Então eu disse sim. E a Austrália disse sim. E minha terapeuta disse que eu precisaria de mais sessões. E a mulher que fez nosso itinerário disse: “Vou providenciar tudo e informar o que vocês farão menos de doze horas antes de deixarem os Estados Unidos.” E foi o que ela fez.

A viagem seria baseada em objetivos de vida que quiséssemos riscar da nossa lista, então Laura e eu começamos a colocar no papel o que de fato queríamos realizar, mas que provavelmente nunca conseguiríamos se fôssemos arcar com as

despesas sem ajuda. Principalmente porque somos sovinas e muito ruins na hora de reservar quartos de hotel.

Minha lista original era a seguinte:

1. Lamber a cara do David Tennant.
2. Montar um unicórnio dourado.
3. Ter mais desejos.

Laura observou que listas de sonhos para realizar na vida não são o mesmo que desejos para um gênio e me fez recomeçar.

Eu a modifiquei para “Andar de camelo”, “Assistir a uma corrida de baratas gigantes” e “Ver onde *O Hobbit* foi filmado”, mas aí a Austrália veio com: “Isso é a Nova Zelândia. *Vou repetir*, a Nova Zelândia não fica na Austrália, então, por favor, pare de pedir.” Com isso, eu simplesmente acrescentei “Colocar a Nova Zelândia na Austrália para eu poder ver hobbits”.

— Acho que eles serão forçados a fazer isso — expliquei a Laura. — É como se eu fosse Alan Rickman em *Duro de Matar* e a Austrália fosse o negociador de reféns meio confuso. Acho até que eu poderia pedir a eles que me trouxessem um caminhão cheio de lóris lentos vivos e um Sean Connery jovem, e eles teriam de me atender. ESTOU INEBRIADA PELO PODER.

Laura achava que eu também estava bêbada de *frappé* de vinho. No fundo, nós duas estávamos certas.

Ocorreu-me que era possível que a coisa toda fosse um truque e que, quando chegasse lá, eu seria forçada a passar uma semana presa em algum tipo de apresentação horrorosa de pacotes turísticos. Ou talvez fosse apenas uma isca para me prender pelas multas que não paguei. Mas também era possível que eu fosse andar de camelo na Terra Média, o que compensava o risco. Afinal de contas, é a NovaStrália. *Tudo poderia acontecer.*

(“NovaStrália” é o nome que inventei para quando alguém perceber que a coisa mais lógica a se fazer é colocar a Nova Zelândia na Austrália. De nada, comissão australiana de turismo. Essa é cortesia da casa.)

Fomos avisadas de que tudo na Austrália quer matar você, mas acho que é exagero. A Austrália não quer matar ninguém. É mais um clube exclusivo para pessoas que não estão nem aí para permanecerem vivas. A Austrália seria muito parecida com o Texas se o Texas estivesse furioso com você, e bêbado, e talvez armado com uma faca. Tipo, na Austrália tem a aranha-teia--de-funil. No Texas, temos bolo de funil. Não sei o que são aranhas-teia-de-funil, mas soa muito menos delicioso do que bolo frito. Porém é provável que sejam igualmente prejudiciais à sua saúde.

Avisaram-nos também sobre os “drop bears” — ursos míticos que caem das árvores e nos devoram. É necessário colocar garfos no cabelo para mantê-los longe da sua cabeça. Não sei ao certo por que a Austrália sente vontade de inventar criaturas mortais quando já está cheia delas. Provavelmente, é para identificar os turistas pelos garfos nas cabeças. Fazemos isso no Texas com a caça aos gambuzinos, mas você sempre acaba encontrando alguma coisa em que atirar, então ninguém fica chateado quando descobre que gambuzinos não existem. Por outro lado, na Austrália é bom ficar de olho bem aberto quando se está perto de árvores, e colocar garfos no cabelo é recomendável por causa das raposas voadoras. Essas são reais. Megamorcegos gigantes com envergaduras de um metro e meio que vivem nos parques e deveriam ser chamados de “ratos gigantes com asas que podem envolver você”.

Vimos algumas raposas voadoras perto de Darling Harbour [“Porto Querido”], o que é um nome horrível. Não gosto de um lugar que elogia a si mesmo. Um australiano prestativo tentou me explicar que esse nome foi dado em homenagem a um cara cujo

sobrenome era Darling, mas não engoli a história. “Não gosto muito”, falei. “É uma *forçação de barra*.” O homem concordou com a cabeça sem muita convicção, concluindo que era melhor não discutir com uma estrangeira desconhecida usando uma fantasia de coala de corpo inteiro porque estava frio e ela não queria levar um casaco.

Mas estou me adiantando.

Laura e eu pensamos em deixar armadilhas espalhadas por toda a Austrália (caixas de papelão apoiadas em varas com bebês embaixo) para ver se conseguíamos capturar dingos, mas Laura observou que provavelmente seria necessário levar seus próprios bebês, e não me lembro de levar nem carregadores de celular, então riscamos essa. Perguntamos se Greg, da banda de música infantil *The Wiggles*, podia passear conosco no seu Big Red Car, e a comissão australiana de turismo pareceu um pouco hesitante. Assim, decidimos facilitar as coisas escolhendo opções mais simples.

Objetivo número 1: abraçar um coala vestida de coala

Eu planejei me vestir de coala para que os coalas soubessem como é ser abraçado por um coala, porque a gente colhe o que planta. Só que, para ser honesta, acho que eles só querem que os deixemos em paz. As pessoas estão sempre os agarrando sem pedir. Coalas são os novos anões. Só porque são menores não quer dizer que você tem o direito de pegá-los sem pedir. Mas isso também não significa que eu não queira visitar uma reserva com toneladas deles, juntá-los num montinho e pular em cima como se fossem uma pilha de folhas peludas. (Estou falando dos coalas, não dos anões.) Não que eu fosse pular em cima de pilhas de coalas *ou* de anões. Às vezes, somos feitos das coisas que queremos fazer, mas não necessariamente fazemos. É como quando alguém é babaca e você quer tocar fogo na garagem

daquela pessoa, mas não faz isso por ser ilegal, e também porque você não consegue encontrar fósforos. Sou feita de muitos incêndios criminosos não concretizados. E de pilhas de coalas em cima das quais não pulei.

Eu disse a Laura que estava me sentindo tentada a fazer um coala se apaixonar por mim para poder levá-lo para casa escondido na minha mochila, mas aí ela lembrou que eu nem havia levado uma mochila. Sou péssima para planejamento.

— Talvez eu devesse me vestir como um eucalipto, porque eles gostam muito de ficar pendurados neles, e ficarão à vontade. E aí vou esfregar pomada descongestionante por todo o corpo, porque mentol e eucalipto devem ser praticamente a mesma coisa. E vou dar cigarros de menta para eles fumarem. Porra, aqueles coalas vão me *amar*.

Laura concordou.

— Li que eles são lerdos porque o eucalipto que comem é venenoso, então eles passam a vida inteira tentando digerir as toxinas. É bem provável que *queiram* ser salvos. Comem merdas tóxicas o dia todo. Alguém precisa dar um bife para mastigarem.

— Ou umas fatias de bolo inglês e um multivitamínico — acrescentei.

— Além disso, muitos deles têm clamídia. Por sorte, a clamídia dos coalas não é contagiosa para humanos.

— Humm... Parece clamídia humana?

— Não sei. Nunca tive clamídia humana — respondeu Laura.

Às vezes ela pode ser uma grande fanfarrona.

Quanto mais refletia, mais eu percebia quantas coisas tinha em comum com aqueles coalas. Somos imunocomprometidos, meio adoentados, exaustos e cheios de toxinas. Sou muito uma coala.

— Sou mais parecida com um canguru — comentou Laura depois de pensar por um tempo. — Sou tranquila até você me

pressionar um pouco além dos limites, porque aí eu abro seu estômago e dou as costas enquanto você sangra até a morte.

— E é por isso que quero ser sua amiga para sempre. Também sou da Lufa-Lufa, porque sou intolerante à lactose e me distraio com passarinhos.

Laura não respondeu, mas, em sua defesa, era muita coisa para absorver.

No entanto, minha esperança de tirar um coala escondido do país diminuiu quando levou duas semanas só para os cuidadores dos coalas aprovarem a minha fantasia, pois temiam que a roupa felpuda fosse assustar os animais. Ela acabou sendo aprovada, mas quando chegamos ao zoológico de Sidney disseram que não estávamos na lista e que com certeza não abraçaríamos nenhum coala. Talvez a fantasia de coala não tenha agradado muito. Expliquei que fomos informadas especificamente que poderíamos ir até lá para abraçar coalas e que a minha roupa fora aprovada com semanas de antecedência. Eles olharam para mim de um modo que me fez pensar que haviam chamado a segurança. (Estou *muito* familiarizada com esse olhar.) Pegamos nossos papéis, e os funcionários suspiraram de alívio quando nos avisaram que havíamos ido ao lugar errado e que estávamos procurando o Wild Life Sydney Zoo, que não é a mesma coisa que o zoológico de Sydney.

— *Afinal, de quantos zoológicos vocês precisam?* — perguntei.

— Só há pouco tempo começaram a se denominar zoológicos, então as pessoas se confundem — explicou o atendente. — Peguem o ônibus e peçam ao motorista para levá-las ao aquário.

— Fantástico — disse Laura. — Vamos abraçar um monte de coalas aquáticos. Eu nem sabia que isso existia.

— Mas *não* existem — respondeu o atendente.

— Ótimo — intervi. — Então, vamos abraçar um monte de coalas afogados. Não é *exatamente* o que eu esperava.

Meia hora depois, chegamos ao lugar certo e descobrimos que o zoológico fazia parte de um conglomerado com um aquário e um museu de cera. Era legal, mas minúsculo se comparado ao zoológico de onde tínhamos acabado de ser expulsas. Encontramos o caminho até uma confinção de coalas. (O corretor ortográfico diz que “confinção de coalas” não existe e quer que eu mude para “escravidão de coalas”. Está óbvio que o corretor ortográfico tem uma opinião *muito* bem formada sobre coalas em cativeiro. Victor diz que “confinção” não é uma palavra de verdade, mas eu a coloquei num livro, então agora é real, Victor.)

Contei às pessoas que trabalhavam lá que eu havia ido para abraçar um coala, e me olharam como se eu tivesse dito que estava lá para amputar os membros de bebezinhos. Acontece que há anos é ilegal acariciar coalas naquela parte da Austrália, mas eu não estava disposta a desistir, porque já haviam aprovado a fantasia, então deviam saber que eu estava lá para esfregar o rosto no focinho de um coala. Chamaram a administração e viram que a aprovação era só para *usar a fantasia* enquanto olhava para os coalas.

Tentei argumentar educadamente, porém me disseram que até David Hasselhoff, estrela de *Baywatch*, só havia recebido permissão para ficar perto deles, e foi aí que desisti, porque se Hoff não pôde abraçar um coala eu não tinha qualquer chance. E acho que tinham boas razões para proteger os coalas, já que era óbvio que alguém havia passado clamídia para muitos deles. Mas, pensando melhor, se já vivem uma epidemia de clamídia, é improvável que peguem *mais* clamídia. No mínimo, deveriam estar preocupados com a possibilidade de os coalas transmitirem clamídia para *mim*, mas eu estava disposta a correr o risco, pois queria muito dizer que tinha abraçado um coala, e também porque tinha certeza de que já existem injeções para curar clamídia. Para a minha surpresa, esse argumento provocou uma

reação de choque nos protetores dos coalas, mas eles foram muito gentis e pediram desculpas pelo desapontamento e me deixaram entrar no confinamento para fazer *photobomb* num coala.

Não foi *tão* romântico quanto eu esperava, mas pelo menos o coala não entrou em pânico quando me viu. Ele parece aterrorizado, não é? Resposta: Não, não parece. *Porque o filho da mãe está dormindo*. Suspeitei que estivessem todos chapados de calmante e fiquei com um pouco de inveja. Acho que eu poderia ter desenhado um bigode na cara dele que ele continuaria viajando nas fantasias loucas que os coalas têm.



Acho que a lição aqui é que você não deve criar grandes expectativas sobre o abraço de um coala. Mas eles têm um cheiro estranho e vários deles têm clamídia. Então talvez essa tenha sido a forma de o universo me salvar de mim mesma. Ou da clamídia.

(Observação: Vários amigos meus visitaram locais da Austrália onde ainda é possível abraçar um coala, e todos disseram que foi lindo, porém os bichos são muito pesados e fedem um pouco

mais do que seria de se esperar. Eles sugeriram que, se alguém quisesse muito abraçar um coala mas não puder, é só pegar uma fronha e enchê-la com um bocado de areia de gato pouco usada. Ou um amarrado de guaxinins sedados. Ou talvez abraçar um coala morto. Eu devia ter perguntado: “Vocês têm algum coala que morreu depois do choque de ter sido abraçado? Porque ficaríamos satisfeitas com isso. Não somos muito exigentes. *Ao contrário dessas porras desses coalas.*” Tenho certeza de que teria dado certo. Pensando bem, é possível que os coalas dormindo no cercado nem estivessem dormindo. É provável que eles tenham sido empalhados e colados com cola quente num galho. Deve ser por isso que não podemos nem acariciá-los, porque a cola quente derrete no calor escaldante da Austrália. E é por isso que você não pode encostar nos coalas mortos das árvores: eles vão cair duros, e aí todo mundo vai descobrir o truque.)

Objetivo número 2: ver alguma coisa que é a maior do mundo

A Austrália ama coisas grandes, como o Grande Camarão (nove metros) ou o Grande Copo de Slurpee (onze metros). Eu queria ver a Grande Banana (treze metros). Laura nem sabia que isso existia, mas quando ouviu falar quis ir também. Infelizmente, estávamos na parte errada da Austrália para ver a maioria das Grandes Coisas, porém ouvimos rumores na internet sobre a Grande Batata, e só levaríamos um dia para chegar até ela. Assim, alugamos um carro para podermos dirigir por *muitas, muitas* horas e ver a Grande Batata australiana. Só que não é uma batata. É uma escultura de cimento em forma de batata. Fica ao lado de um posto de gasolina, e, quando perguntamos aos habitantes locais onde poderíamos encontrá-la, eles perguntaram: “O quê? *Aquele cocozão?*”

Parece que esse é o apelido carinhoso(?) da Grande Batata. Uma grande batata de cocô.

Uma bacaca.

Foi fantástico. Não estou nem sendo sarcástica. Dê uma olhada.



(Cortesia de Laura Mayes)

Foi necessário trabalhar em conjunto no caminho de carro até a Bacaca, porque a Austrália é cheia de rotatórias e todo mundo dirige do lado errado da estrada. No fim das contas, decidimos dividir as funções, e eu vigiava freneticamente o GPS e gritava “Esquerda! Direita! ROTATÓRIA!” enquanto Laura seguia minhas instruções segurando firme no volante e olhando feio para as pessoas que dirigiam com facilidade do lado errado da estrada. A maior dificuldade estava nas rotatórias. Em vez de semáforos

vermelhos e placas para dar a preferência, todo mundo só dirige em círculos até encontrar o lugar onde quer sair. Tenho certeza de que existe algum tipo de regra para isso, mas não conhecíamos nenhuma, então dirigíamos com as janelas abertas, apontando e gritando “ESTAMOS INDO NAQUELA DIREÇÃO, POR FAVOR, NÃO BATA EM NÓS” para as pessoas nos carros em volta. Um bando de cachorros poderia ter dirigido melhor do que nós.

Nunca usávamos o pisca-alerta adequadamente, porque na Austrália a alavanca que pensávamos ser a do pisca-alerta é a que liga o limpador de para-brisa. Assim, tínhamos pouca habilidade como motoristas e um limpador de para-brisa que ligava o tempo todo *sem nenhuma razão óbvia*. Aposto que as agências de aluguel de carros sabem quando eles foram alugados por americanos porque os limpadores sempre precisam ser substituídos.

Além disso, tudo é medido em quilômetros, metros e litros, e nem Laura nem eu sabíamos como converter do sistema métrico para o inglês. Assim, quando o GPS indicava que precisaríamos virar em dois quilômetros, eu dizia: “Prepare-se para virar em dois minutos ou duas horas. Não sei bem.” Laura me dirigia um olhar frustrado, mas também não sabia fazer a conversão, então não podia reclamar muito.

— Tem matemática demais nesta viagem — reclamei como uma americana chorona. — Passei 39 anos sem aprender o sistema métrico e não vou amarelar agora. Se eu aprender, será como admitir para a senhora Johnson que acabei *precisando* usar um dia.

Laura concordou com a cabeça.

— Que se foda — declarei. — De agora em diante, vou medir tudo em bebês. Pelo comprimento. Todo mundo sabe qual é o tamanho de um bebê, então é uma unidade de medida universal. O pessoal da matemática deve ficar meio irritado por ter que

converter tudo. Provavelmente foi assim que Deus se sentiu quando as pessoas deixaram de medir arcas em côvados.

— Ou de medir arcas — respondeu Laura.

Acabamos dirigindo mata adentro para passar a noite acampando.

— Este lugar é muito matoso — falei, usando palavras para descrever coisas.

— Supermatoso — acrescentou Laura. — *Matosíssimo*.

Tive certeza de que a Austrália ficaria grata por terem escolhido pessoas com vocabulários tão ricos para essa viagem.

Quando chegamos à área de camping, percebemos que não era exatamente “camping”, e sim “glamping”, um “acampamento com glamour”. A barraca já estava pronta, havia uma banheira ao ar livre e telas mosquiteiro. Também tinha um grande alojamento que oferecia pratos sofisticados, bebidas alcoólicas, chá quente e carregadores para os nossos aparelhos. Nós nos encontramos com Ben (cujo nome pode muito bem ser Ben — ou qualquer outro), cuja família era proprietária do acampamento e cuidava do lugar. Ele jantou conosco. Comemos sorvete de abacate com pipoca e sopa de molho Tabasco. (“*Tem muita merda estranha acontecendo ao mesmo tempo aqui.*” — Laura, sobre a cozinha australiana. “*O que é isso dentro da minha boca?*” — Eu, sobre a mesma coisa.)

Ben nos contou sobre uma festa a fantasia à qual tinha ido na semana anterior, na qual havia se vestido de vagina, enquanto o cara que foi com ele se fantasiou de pinça para combinar. Foi quando comecei a suspeitar que Ben não sabia como vaginas funcionam. Em seguida, ele exclamou: “Não, espera aí, não é uma pinça; é aquela outra coisa. Hum... um... um... ESPÉCULO!” Nesse momento, todas as outras pessoas que estavam jantando deram um pulinho e olharam para nós. Acho que estavam com inveja.

Ben garantiu que nosso medo de dormir na mata era infundado. Suas exatas palavras foram:

— Sem grilo, colegas. Ela vai ficar sussa. — O que parece ser australiano para “Sossega o rabo”.

Perguntei se havia algum rinoceronte na área e expliquei que tudo que eu sabia sobre o interior australiano vinha de ter assistido a *Os deuses devem estar loucos* na segunda série. Ben observou que o filme era sobre Botswana. Então, basicamente, tudo que eu sabia sobre a Austrália era Botswana.

Explicamos que o nosso principal medo de ficar na natureza vinha dos gambás, pois eles gostam de fazer perucas com o cabelo da Laura. Ben hesitantemente admitiu a possibilidade de *nem tudo* ficar sussa, porque havíamos sido colocadas para dormir num lugar chamado “Barraca do Gambá”. Mas garantiu que os gambás da Austrália eram adoráveis, e não os monstros dentuços e sibilantes que tínhamos no Texas.



Caso você ache que estou exagerando, este é um gambá americano se comportando bem. (Cortesia de Andrew Kantor)

— Mas vocês precisam tomar cuidado com uma coisa — disse ele. — Não deve ter *absolutamente nenhuma comida na barraca*

de vocês, porque vai atrair animais selvagens.

— Sim. — Fiz uma pausa. — Mas nós duas somos *feitas* de carne.

Ben garantiu que ficaríamos bem e acrescentou gentilmente:

— Por favor, não assassinem nossos gambás. Os nossos são bem-comportados e não vão comer seus rostos.

Ben nos entregou o que chamou de “lanterna”, mas que chamamos de chaveirinho com luz que parece defeituoso, pois desligou várias vezes enquanto Laura e eu atravessávamos a mata densa, sozinhas e tremendo. Em seguida, viramos bem num lugar com UM GAMBÁ GIGANTE. Laura ficou tão aterrorizada que gritou “AMANDA!” — o que foi estranho, porque *quem diabo é Amanda?* Mais tarde, ela disse que só havia gritado uma frase sem sentido composta de puro medo e muitas vogais, porém suspeito que ela tenha assuntos inacabados com essa tal de Amanda. Seja como for, foi quando a lanterna desligou e ficamos no meio da escuridão total com o som de um animal rastejando em nossa direção ou se afastando de nós. “PROTEJA SEU CABELO”, gritei, e pensei em cobrir o cabelo dela com as minhas mãos, mas fiquei com medo de ela pensar que eram gambás e enfiar uma faca em mim. Laura é incrível, apenas perde o controle quando se trata de gambás no cabelo dela. Só que aí a lanterna acendeu outra vez e o bicho havia sumido. Considerei a possibilidade de dizer a Laura que provavelmente havia sido só um fantasma, mas achei que ela poderia ficar ainda mais assustada.

Por fim, chegamos à nossa barraca e vestimos as fantasias de canguru e de coala que eu tinha levado, porque não esperávamos que estivesse tão frio e também porque pensamos que, se animais selvagens entrassem durante a noite, pensariam que fazíamos parte da turma e não iriam nos devorar. Não tenho vergonha de admitir que, em certo momento, fizemos vídeos no estilo *A bruxa de Blair* nos despedindo das nossas famílias para

o caso de não voltarmos. Por outro lado, o que *dá* vergonha de admitir é que tentei distrair Laura com histórias que ouvira no dia anterior, durante uma viagem para ver golfinhos. Infelizmente, tudo o que aprendi foi que os golfinhos são estuprentos. Fato real. Não sei por que alguém gostaria de nadar com eles. O corretor ortográfico está tentando abafar o caso dizendo que “estuprento” não existe, mas é mentira. Golfinhos machos podem ter ataques de fúria assassinos por frustração sexual e chegam até a cometer estupros grupais de golfinhos-fêmeas. Laura me olhou como se eu tivesse enlouquecido, e percebi que havia voltado a falar de animais assustadores australianos, mas ressaltei que não era muito provável que golfinhos terrestres viessem nos procurar em nossas barracas. Pelo menos não tão longe do mar. Provavelmente.

— Por favor, pare de falar de golfinhos estuprentos — pediu Laura.

— *Okay* — respondi, mudando de assunto para algo mais leve. — No passeio também falaram de uma ilha particular aonde ninguém pode ir, porque é habitada por pinguins que, de acordo com os cientistas, precisam ser protegidos. Mas isso parece meio suspeito... pinguins na Austrália, que ninguém tem permissão de ver? Acho que os cientistas estão mentindo e só querem ter sua própria ilha particular. Deve ter sido assim que os Cullen conseguiram a deles.

— Ou talvez seja melhor parar de falar de uma vez — sugeriu Laura.

Então parei.

Na manhã seguinte, toquei uma família de cangurus selvagens na direção de Laura enquanto ela tomava banho do lado de fora da nossa barraca. Fiz isso por amizade. Às vezes é necessário explicar essas coisas. *Ou é o que parece.*

Objetivo número 3: investigar se as descargas dos banheiros australianos realmente giram ao contrário

Tentei descobrir, mas todas as privadas da Austrália são de baixo fluxo, então basicamente a água desaparece e depois volta. Desculpe-me se você ficou desapontado. Garanto que não está só. Porém de certa forma isso é bom, porque, se as descargas dos banheiros australianos realmente corresse ao contrário, você receberia um jato de água de vaso sanitário na cara toda vez que desse descarga, como se fosse um bidê furioso. Além disso, parece que a Austrália achou esse objetivo ridículo demais para levá-lo a sério e decidiu nos mandar para o outback para ver coisas mais interessantes.

Passaríamos vários dias no outback, o que parecia uma aventura excitante até eu ler sobre o lugar no avião e perceber que seriam só rochas e deserto. Parece com o oeste do Texas se o oeste do Texas tivesse bilhões de milhas e se tirássemos todos os celeiros com bar e pessoas e os substituíssemos por cobras assassinas que querem matar você.

A única diferença *verdadeira* entre o oeste do Texas e o outback é o orgulho que os australianos têm de suas rochas. E eles devem se orgulhar *mesmo*. Há rochas *enormes* na Austrália, e fomos ver a segunda maior do mundo, Uluru. Eu a vi quando voávamos em direção ao aeroporto (que foi construído especificamente para que as pessoas vissem uma rocha grande ao chegarem). Eu me virei para Laura.

— Ei... Lá está aquela rocha grande. — Fiz sinal com a cabeça na direção da janela do avião.

Laura se inclinou para ver.

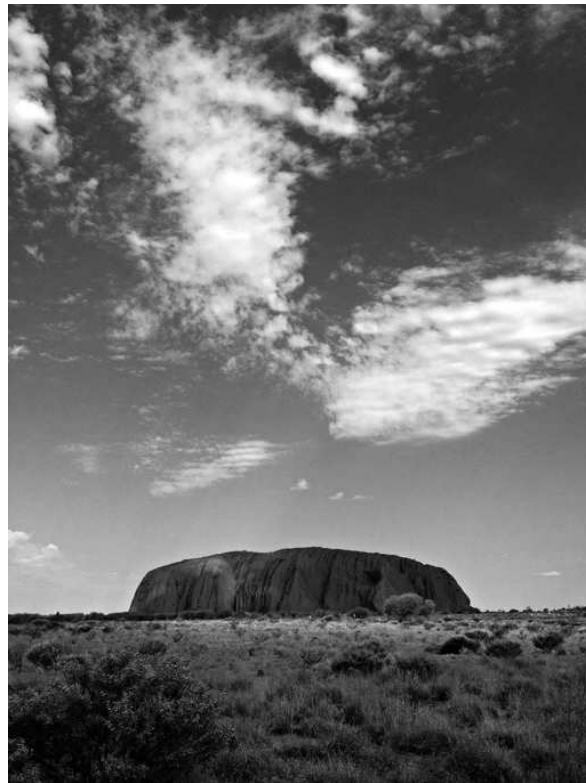
— Ah. Aquilo é *mesmo* uma rocha grande.

Ela balançou a cabeça como se estivesse impressionada, do mesmo modo que qualquer pessoa faria se visse um macaco dançar “Macarena” no *YouTube*, e em seguida folheou

desesperadamente o guia de viagem para ver se havia algum bar no outback.

— Então, agora o que vamos fazer no *resto* dos nossos três dias aqui?

Mas eu não devia ter duvidado da Austrália, porque quando chequei nosso itinerário com mais atenção descobri que faríamos *muita* coisa no outback. Como ver outras rochas quase tão grandes, mas não *tão* grandes quanto Uluru. Ou comer ouvindo as rochas. E andar ao redor das rochas. E fazer um passeio ao amanhecer entre as rochas, e outro ao pôr do sol. E comprar fotos de rochas.



Não tínhamos muitas expectativas para essa parte da viagem.

No entanto, eu suspeitava que estivéssemos sendo um pouco injustas, pois todos os guias diziam que Uluru era fantástica e que as variações sutis da luz sobre a rocha a transformavam em

algo completamente diferente quando o sol mudava de posição. Presumi que as pessoas que escreviam os guias usassem LSD, porque uma vez eu disse a mesmíssima coisa sobre biscoitos quando estava muito doida.

Acontece que os guias estavam certos. Uluru é mesmo fantástica. É o segundo maior monólito do mundo, e eu não perguntei o que é um monólito, mas chuto que é latim para “rocha grande pra caralho”. Nossa guia nos levou até lá de carro partindo do resort, que era um pequeno aglomerado de hotéis dos níveis mais variados onde se podia escolher um lugar para não dormir do lado de fora e ser comida por dingos. O risco de sermos devoradas por dingos não estava no folder do hotel, mas acho que estava implícito. “É provável que não aconteçam mordidas de dingos aqui. Água corrente à vontade.” Algo assim. O pequeno aeroporto, o resort e algumas barracas que nunca visitamos eram as únicas coisas ao redor, então não tínhamos escapatória. Porém descobrimos que nosso hotel de preço médio era muito agradável e oferecia serviço de bar completo, então ficamos bem. Além disso, o quarto onde estávamos tinha um tapete interessante cujo objetivo era nos lembrar dos riachos ancestrais de fundo avermelhado. Só que a mancha cor de sangue serpenteando pelo tapete marrom dava a impressão de que uma vítima de assassinato havia sido arrastada pelo quarto e jogada da varanda. Mas de uma forma bonita.



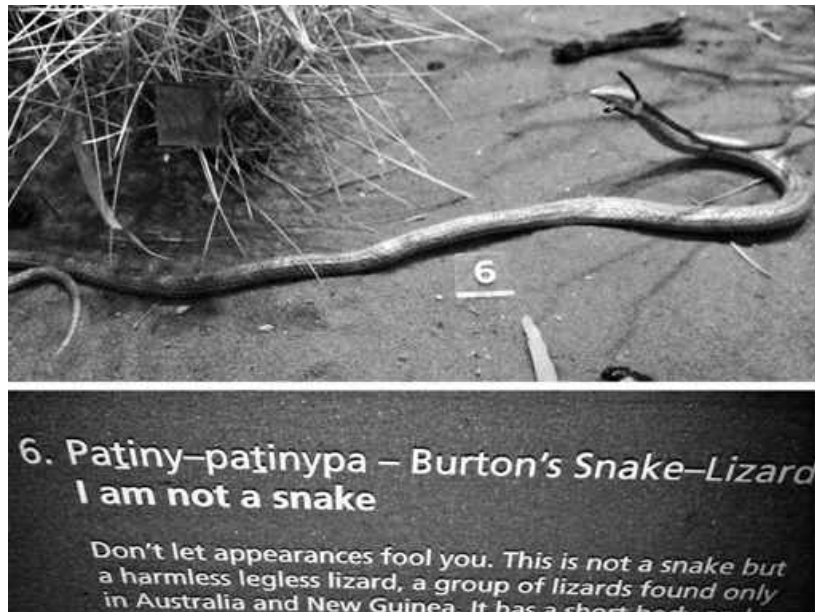
Nossa guia era uma mulher muito gentil e informada, ansiosa para compartilhar a magia cultural de Uluru, que se tornou propriedade do povo aborígine, os proprietários originais antes de os brancos aparecerem e soltarem um: “Vocês não têm conceito de propriedade? Maravilha! Somos donos de tudo isso agora. Mas não se preocupem. Como estão? Será que podemos escoltá-los até outro lugar e tratá-los como lixo por um tempo?” É uma história longa e sórdida que só agora está começando a ser retificada (o que envolve a devolução de Uluru e o pagamento aos povos nativos locais pelos passeios), mas isso se resume ao mesmo caso no mundo inteiro: que os brancos são uns bostas e não deveriam poder descobrir nada que já não tenha sido descoberto por pessoas que habitam o lugar desde o surgimento do mundo. Em nome dos brancos, eu gostaria de oferecer um extremamente atrasado mas completamente sincero “Sinto muito

por sermos filhos da puta. Estamos aprendendo. Ouvi umas histórias sobre alguns de vocês terem comido alguns de nós na Tasmânia, porém posso garantir que não guardamos ressentimentos. Provavelmente também nos comeríamos se tivesse dinheiro o bastante envolvido.” Não tenho nenhuma foto dos adoráveis aborígenes que conheci porque eles acham que fotos aprisionam o espírito. Se estiverem certos, o Facebook está criando um inferno na terra. Isso não surpreende tanto agora que estou dizendo isso em voz alta.

Nossa guia, que chamarei de Jessica porque sou uma péssima jornalista e não anoto nomes, levou-nos (junto com um casal americano mais velho e uma jovem dinamarquesa) pela curta distância até o sopé de Uluru, onde começou a explicar que a parte da rocha que vemos é “só a pontinha” (bate aqui se você riu) e que a maior parte da rocha ainda está no subsolo. Jessica usou uma vara para desenhar na areia vermelha o formato de Uluru: a longa parte principal escondida, erguendo-se lentamente até só a pontinha penetrar a superfície. Olhei para Laura com os olhos arregalados e ela devolveu o olhar porque nos demos conta de que a nossa guia sem querer havia desenhado um pênis no chão, para o qual todos olhávamos embasbacados. Tirei uma foto dele, mas o desenho não aparece muito bem em preto e branco. Além disso, ela já estava apagando o desenho com os pés. Mas, se você quiser uma foto colorida de uma jovem pisando em um pênis no chão, posso mandar. Não que você queira isso. Prefiro pensar que ninguém iria querer.

Partimos para explorar o deserto e descobrir o que poderia querer nos matar. Após uma hora no calor, suspeitamos que era a própria Jessica, que não parava de apontar para rochas novas. Era a mesma rocha. Não sou idiota. Só que eu estava no deserto numa caminhada forçada, vendo cobras imaginárias em cada graveto, então não posso ter certeza de nada.

Não vi nenhuma cobra viva, porém parece que a Austrália está cheia delas. Aliás, tem tantas que até os lagartos são cobras. Uma observação: Se você for um lagarto, mas não tiver pernas, você é uma cobra. É assim que as cobras funcionam.



“Eu não sou uma cobra.”

Essa cobra é uma maldita mentirosa.

Não existe uma temporada *sem* cobras na Austrália. No Texas, pelo menos tiramos uma folga dos escorpiões no inverno, quando todos parecem desaparecer. Eu presumo que eles devem hibernar com os ursos, o que é meio assustador. Imagine só acordar um urso mal-humorado que está todo coberto por escorpiões raivosos. Isso seria a pior coisa que poderia acontecer e, *pensando melhor*, provavelmente é algo que acontece bastante na Austrália.

Laura e eu iniciamos nossa caminhada ao redor da grande rocha e foi muito agradável, fora as moscas, que nos seguiam em hordas como um cortejo furioso determinado a se instalar em nossas narinas. Acabei tampando o nariz, porém comi duas moscas por acidente. Talvez você pense que isso tenha ensinado

as outras moscas a me respeitar, mas não. Essas moscas estúpidas e imprudentes continuaram seguindo os turistas estúpidos e imprudentes. Nós nos merecíamos.

Uluru era muito legal e um bocado misteriosa. Tanto eu quanto Laura ouvimos cantos que achávamos estarem saindo de algum sistema de som, mas Jessica garantiu que estava nas nossas cabeças. Ela desconfiava que estivéssemos bêbadas. Não estávamos, mas gostamos da sugestão e não demoramos a encontrar um pub. Descobrimos que se embebedar na Austrália ganhou os apelidos de “calçar as botas escorregadias” [*putting on the wobbly boot*] e “tirar a cara” [*getting off your face*] e até fazer o “bocejo em tecnicolor” [*Technicolor yawn*], o que achei ser o eufemismo para vomitar mais engraçado *da história*.

Também aprendemos a pronunciar palavras com sotaque australiano. Por exemplo, se você diz “Good eye, might”, soa como “Good day, mate” [Bom dia, amigo]. “Raise up lights” = “razor blades” [giletes] e “Dee yoon un-duh” = “Down under” [lá embaixo]. Basta trincar os dentes como se tivesse ATM e jogar erres aleatoriamente aqui e ali. Honestamente, a Austrália desperdiça muitos erres. É um tanto idílico.

Objetivo número 4: descobrir se é verdade que os cangurus-fêmeas têm três vaginas

Você sabia que os cangurus-fêmeas têm três vaginas? É verdade, e deve ser por isso que elas estão sempre se espancando. Devem ter TPM a porra da semana inteira. Mas, pelo lado positivo, elas têm muitos lugares onde esconder coisas, porque têm muitos buracos no corpo. Na verdade, são tão cheias de buracos que é um milagre não vazarem.

Curiosamente, as fêmeas têm três vaginas, mas os machos só têm um pênis bifurcado. É como se tivessem começado o jogo darwiniano de demonstração de superioridade e as meninas

estivessem ganhando. (Um factoide fascinante: os cangurus também se babam para se refrescar. Mas é bom saber disso, porque, quando você vir um canguru babando, não significa necessariamente que ele tem raiva. Só significa que está quente [no que diz respeito à temperatura, e não ao desejo sexual]. Se você acha um canguru babando sexy, provavelmente precisa de ajuda.)

Eu queria perguntar no Wild Life Sydney Zoo se os cangurus-fêmeas realmente têm três vaginas, mas não quiseram me deixar sequer tocar nos coxas, então deduzi que um exame ginecológico num canguru-fêmea estava fora de questão. Além do mais, eu não estava com o meu fórceps. Em vez disso, Laura e eu dirigimos pelo mato à procura de cangurus selvagens para eu dar uma olhada nos traseiros deles quando se inclinassem. Não consegui enxergar nada através dos pelos, embora um dos cangurus tenha tido uma ereção. Era uma coisa cor-de-rosa e nada atraente. Pelo menos, não para mim. Mas eu não sou um canguru. Apesar de ter me *vestido* assim para deixá-los mais à vontade. Aqui tem uma foto minha mostrando a um canguru uma foto dele mesmo. Ele não ficou impressionado. Os cangurus não entendem selfies.

Também *comemos* canguru, e fiquei meio mal por isso. Em parte porque eles são tão fofos e em parte porque o gosto é horrível. Bem, talvez não *horrível*, mas tem um gosto muito forte de sangue, já que, se não for servida muito malpassada, a carne fica dura como sola de sapato. Essa analogia sempre me pareceu estranha, porque quem é que come sola de sapato? Como sabem qual é o gosto? Por que não bolsa ou calças de couro?



Desisti da ideia de examinar vaginas e decidi **ser** um canguru **melhor** do que um canguru.

(Cortesia de Laura Mayes)



Arrasei.

(Cortesia de Laura Mayes)

A Austrália é um país muito estranho, pois passamos dias correndo de um lado para outro à procura de cangurus selvagens para poder vê-los em sua majestade, e então acabamos comendo-os numa pizza uma hora depois. Uma pizza ensanguentada, sob medida para um vampiro. As pessoas na Austrália parecem gostar de carne de canguru, mas a única vez que comi e não detestei foi quando ela foi servida muito fina e

temperada com uma bebida alcoólica. Acho que só gostei porque quase não tinha carne. Se tivessem cortado a carne em fatias tão finas que eu pudesse ler através delas, teria gostado até mais, e provavelmente teria pedido para repetir se tivessem passado um garfo com caldo de canguru perto dos meus lábios. Ou talvez não. Não sou uma gourmande.

Objetivo número 5: jogar bumerangue

Tivemos a oportunidade de aprender a atirar dardos no outback, mas isso sempre era marcado logo depois de bebermos. Na verdade, tudo era marcado logo depois de termos bebido, mas era *o outback*. Não tem muita coisa para fazer além de ficar bêbado. Experimentei lançar um bumerangue de plástico que estava dentro de uma lata em frente à loja de presentes, mas ele não voltou, e aí me dei conta de que havia acabado de jogar uma mercadoria não paga o mais longe que podia. Pensei em pegar, mas fiquei com medo de apanhá-lo e isso ser considerado roubo, algo que me pareceu ter uma pena muito mais rígida do que só jogar mercadorias no deserto. Então, em vez disso, entrei na loja para ver se alguém diria alguma coisa. Ninguém falou nada. Talvez porque isso acontecesse o tempo todo. Não dá para deixar bumerangues jogados do lado de fora e confiar que as pessoas não vão lançá-los. É tipo uma armadilha australiana. Pensei em pagar pelo bumerangue, mas então me lembrei de que ele não havia voltado, então devia estar quebrado. No fim das contas, o que eu havia feito fora testar o bumerangue sem receber nada por isso. Laura não concordou e sugeriu que a minha técnica não tivesse sido boa, mas ela estava no banheiro quando tudo aconteceu, então não tinha o direito de me julgar.

— Olha, bumerangues são feitos para fazer as pessoas se sentirem inadequadas e mal-amadas. Eles deveriam voltar, mas nunca voltam. São como cachorros maus e desleais, ou ex-

namorados que sua mãe garante que vão voltar quando perceberem que cometeram um erro terrível, mas que não voltam.

— Tenho certeza de que os bumerangues funcionam — respondeu Laura. — Vi na TV.

— E eu vi gatos comerem uma travessa inteira de lasanha numa bocada só em desenhos animados, mas isso não significa que um de verdade não morreria na vida real se o forçasse a comer tanto queijo. acredite em mim. Os bumerangues não funcionam a não ser que você os lance para fora.

Laura me olhou séria.

— Bem, aí está o seu problema.

— Não, quero dizer jogá-los no ar. Não vomitar — expliquei.

— Ah — respondeu Laura, balançando a cabeça. — Eu estava me perguntando como isso ajudaria.

— *Tudo* é um bumerangue se você lança no ar.

— Fora os dirigíveis — discordou ela, com uma velocidade surpreendente se considerarmos quantos drinques havia tomado.

— *Touché* — respondi. — Sempre me esqueço dos dirigíveis.

Objetivo número 6: sair da maldita casa

Isso parece absolutamente ridículo, só que sair da minha casa foi a parte mais difícil de toda essa viagem esquisita. Para alguém que passa semanas em casa e luta até para jogar conversa fora com o carteiro, dizer sim à oportunidade de deixar meu porto seguro foi uma verdadeira conquista. E valeu a pena. Às vezes, é necessário se forçar a sair de casa, mesmo que sua essência introvertida queira se isolar e transformar você em uma geleia humana. Mas forcei a barra. E foi incrível. E aterrorizante. E incrível de novo. E estranho. E desconcertante. E fantástico.

Vimos gêiseres perigosos, pulamos com wallabies na praia, brincamos em poças de maré, aprendemos a pintura pontilista

dos aborígenes no outback e abraçamos camelos no deserto. Depois, vimos seis atores shakespearianos vomitarem simultaneamente no palco da Ópera de Sydney. (Foi no palco menor. Só uns trezentos bebês de comprimento.)

E foi bom.

Mas ainda quero lambar a cara do David Tennant.¹ Comece a trabalhar nisso, Inglaterra. A Austrália está na frente.

¹ Ou respirar o mesmo ar que ele num elevador. Ou passar a mão no cabelo dele enquanto ele estiver dormindo. Qualquer uma dessas coisas. Não sou exigente.

Vagina vodou

Na semana passada, minha amiga (Kim) me mandou pelo correio uma vagina de feltro educacional feitas por ela mesma (com um bebezinho de feltro dentro para as crianças entenderem de onde vêm os bebês). Minha primeira impressão foi que eu não queria mais entender de onde vêm os bebês. A segunda foi: “Espera aí... esses pelos pubianos são de verdade? Por que, se forem, acho que preciso lavar as mãos. Além disso, não é assim que fazem bonecas vodou? Acho que, se você acrescenta cabelos humanos a uma boneca, ela se torna uma boneca vodou. Assim, pela lógica, isso não seria uma vagina vodou? O QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO AQUI?”



(Cortesia de oneclassymotha.com)

Deixei a vagina em cima da minha mesa e fui pegar a câmera para tirar uma foto dela (porque ninguém acreditaria que eu havia recebido uma vagina vodou pelo correio e todo mundo ficaria dizendo “Só acredito vendo”). Mas, quando voltei, MINHA VAGINA TINHA DESAPARECIDO. Quer dizer, não a *minha*

vagina. A vagina que ganhei de presente. (Não que a *minha* vagina não seja um presente. Ela é ótima. *Isso não é uma competição.*)

Na mesma hora me lembrei de uma história que ouvi quando era criança sobre uma mão humana decepada que ganhava vida e realizava desejos, mas assassinava pessoas no processo. Sempre pensei que não poderia existir nada mais assustador do que uma mão decepada correndo pela vizinhança e assassinando pessoas, até me deparar com a ideia de uma vagina vodu solitária perambulando pela minha casa. Só que a vagina tinha um formato oval, e não tinha dedos, então acho que ela precisaria rolar. Isso a tornava um pouco menos assustadora — mas só um pouco.

Em seguida, lembrei que Hailey estava em casa, e eu não queria que ela encontrasse uma vagina vodu jogada em algum canto, porque sou uma boa mãe. Assim, tive que pedir ajuda a Victor, “porque alguém me mandou uma vagina pelo correio, mas ela foi vagar por aí enquanto eu fui pegar a câmera, e agora pode estar em meio a um surto homicida”. Ele presumiu que eu havia bebido, porém deve ser só porque sabe como é difícil para mim pedir ajuda.

Expliquei que era uma vagina artesanal cujo objetivo era explicar como os bebês nascem, mas que eu acreditava que a coisa tinha pelos pubianos de verdade, o que poderia ter lhe dado vida, permitindo que ela fugisse antes de eu poder fotografar a vagina da minha amiga. Victor balançou a cabeça, só que em vez de fechar a porta me acompanhou e me ajudou na caça à vagina, porque, vamos combinar, *quando vamos ter outra oportunidade de fazer isso?*

Quinze minutos depois, encontramos a vagina perdida no meio da escada, sendo mastigada pela gata. Fiquei com um pouco de nojo, mas ainda mais preocupada com a minha amiga,

porque se fosse *mesmo* uma vagina vodú ela provavelmente havia caído de vagina num triturador.

Olhei mais de perto e percebi que os pelos eram feitos daquele cabelo de plástico para bonecas que se compra em lojas de materiais para artesanato, então fiquei um tanto aliviada, porém Victor disse que eu não poderia ficar com a vagina mesmo que não fosse feita de pelos pubianos. Para mim, isso era desperdiçar uma vagina perfeita, mas então me dei conta de que a gata a desgastara um bocado e tinha arrancado a cabeça do bebê de feltro. Então concluí que era uma causa perdida.



Fiquei com medo de a gata ter comido a cabeça do bebê e ter uma obstrução intestinal, mas depois encontrei a cabeça no vaso sanitário. Isso não foi uma grande surpresa, porque essa gata adora carregar coisas pequenas pela casa e jogá-las na privada. Brinquedos de gato, Polly Pockets, cabeças de Barbie, batons. Todos acabam no vaso se não deixarmos a tampa abaixada. É

como se fosse a fonte dos desejos particular dela. Não faço ideia do que a gata achou que ganharia em troca de uma cabeça de bebê arrancada de uma vagina, mas ainda assim ela parecia otimista e miou alegremente esfregando-se nas minhas pernas enquanto eu olhava para dentro da privada. Dei descarga, entregando seu pequeno sacrifício a seja qual for o deus do sanitário para quem ela estava clamando. Só Deus sabe o que ela desejou. É provável que seja mais vaginas de feltro.

P.S.: Por algum motivo, as pessoas parecem concluir este capítulo com mais perguntas do que tinham antes de iniciá-lo, então me deixem reiterar que Kim faz essas vaginas de feltro com bebês como ferramentas educacionais para crianças pequenas. Ela as chama de Beaver Babies, e passaram a ter “pelos pubianos aperfeiçoados”. Você também pode usá-las como carteiras muito grosseiras se quiser evitar que qualquer pessoa sequer pense em roubar seu troco.

P.P.S.: Não fiz uma única piada com “xaninha” neste capítulo. Alguém deveria me dar uma medalha.

O mundo precisa entrar numa dieta. Literalmente.

Ontem, meu médico disse que eu preciso perder uns dez quilos para ficar com um “peso saudável”. Não gostei nem um pouco de ouvir isso, porque já havia batido a minha cota de vergonha por estar gorda em um provador essa semana. Isso vai soar ridículo, a não ser que você seja mulher. Nesse caso, deve estar balançando a cabeça em concordância, pois conhece a luta.

Todos os provadores não passam de cubículos minúsculos de vulnerabilidade com espelhos para ajudar a aumentar a vergonha. Os piores provadores são aqueles que sei lá por que estão sem porta. É como um pesadelo, mas real. Havia uma loja no shopping quando eu estava no primeiro ano do ensino médio (antes de os shoppings se tornarem deprimentes e perigosos) que tinha provadores abertos, sem porta, localizados ao redor da sala com um grande quadrado aberto no meio, de forma que todo mundo podia testemunhar você não percebendo que havia um zíper, ou vê-la com o vestido preso na cabeça, ou suando enquanto lutava para puxar calças pequenas demais pelos quadris, ouvindo aquele terrível som de rasgado e torcendo que as pessoas pensassem que eram só gases.

Mesmo em provadores particulares a atendente inevitavelmente acaba vindo até a sua porta quando você está mais atrapalhada e diz: “Posso ajudar?” E você responde: “*Não, está tranquilo!*” com aquela voz trêmula, estridente e falsa esperando dar a impressão de que *não* tem uma camiseta presa

nos seus ombros. E você sabe que todas as vendedoras devem estar vendo você por uma câmera e sabem que a camiseta está presa, o que torna tudo ainda mais constrangedor. Meu palpite é que várias lojas têm fitas inteiras comigo caindo e quebrando coisas.

Sinto-me quase tão mal como quando levo umas oito peças para o provador e nenhuma cabe, mas não quero dizer isso à atendente, porque “Nenhuma ficou bem” parece um código para “Desculpe, sou mais gorda do que imaginava”. Em vez disso, só fico com uma, que coloco de volta no lugar quando não tem ninguém olhando. *Porque parece que a opinião de uma completa estranha que passa o dia entregando números de plástico às pessoas é muito importante para mim.* Já experimentei dizer “Essas roupas não funcionaram”, pois aí parece que a culpa está nas roupas. Tipo, *essas roupas nem se esforçaram.* Mas o lado negativo disso é que a atendente pode oferecer ajuda, o que é pior, porque aí começam a trazer coisas que acham que você vai gostar e que *nunca* são do tamanho certo, e isso sugere que o fato de você não ter comprado as coisas significa que está rejeitando quem a ajudou também. Ainda assim, isso é melhor do que aquelas lojas que só vão até o tamanho 44, onde só me resta fingir que fui olhar os cachecóis e as joias junto com todas as outras mulheres cheias de curvas que também se sentem insultadas. Geralmente é um insulto *acidental*, mas às vezes é intencional, como quando a atendente olhou para mim como se eu fosse o boneco da Michelin e disse: “*Acho que nós não temos o seu tamanho.*” Eu me senti uma merda, como em *Uma Linda Mulher*, e então expliquei que só estava ali para comprar roupas para cachorros de rua, porque gosto de lhes dar roupas quentes, mas não bonitas o bastante para serem roubadas. Isso calou a boca dela.

Tento me amar exatamente como sou, mas é difícil não se sentir um *pouco* lixo quando seu médico está concentrado na

“saúde” e em toda essa besteira. E, sim, talvez eu esteja um pouco acima do peso, mas tenho certeza de que isso não é só minha culpa. É culpa do mundo.

Em tese, se eu estivesse mais longe do centro da Terra estaria sob o efeito de uma gravidade menor, então pesaria menos. Assim, na verdade, eu não sou gorda. Só não estou alta o suficiente. Victor disse que já estou alta demais, mas acho que ele só está tentando me ofender.

O fato é que essa coisa de peso não existe *de verdade*. Só massa. O peso depende inteiramente da gravidade de onde quer que se esteja, e é por isso que, se alguém se pesar no topo do Everest, estará mais perto do espaço sideral e pesará um pouco menos do que pesa em casa. No entanto, seria preciso arrastar uma balança até o cume do Everest para provar isso, o que seria uma droga. Deveriam deixar uma balança por lá para as pessoas. Mas talvez já tenham uma, porque quem é que vai descer o Everest com uma balança? Seria loucura. Para começo de conversa, nunca entendi por que as pessoas escalam aquela coisa, mas, se existe uma balança lá que indica um peso menor, então acho que consigo entender a atração. Eu ~~escalaria~~ subiria uma montanha de helicóptero por uma balança que dissesse que eu preciso comer mais. Ou por um feijão mágico que me transformasse na Jennifer Lawrence. Ou por uma bela cesta de queijos. De preferência cheddar.

Seja como for, na Lua eu tenho mais ou menos o mesmo peso de uma torradeira grande. Então, usando essa lógica, não estou com sobrepeso. Só estou com *sobregravidade*. O corretor ortográfico disse que *não posso* estar com “sobregravidade”, pois essa palavra não existe, e que provavelmente queria dizer que estou “*sobre agravando*”. Victor disse que o corretor ortográfico fez uma colocação pertinente.

O corretor ortográfico e Victor estão mortos para mim.

Se as pessoas estão preocupadas com a obesidade, talvez elas deveriam tentar fazer a Terra ter menos massa, então haveria menos gravidade. “***Eu preciso fazer uma dieta, doutor Ryker? Acho que não. Acho que a porra do planeta precisa fazer uma dieta.***” Victor disse que esse é um caso claro de “deflexão”, e eu concordo, porque presumo que “deflexão” seja um termo científico para retirar a massa da Terra e, assim, nos tornar mais leves. Victor falou que acha que eu não sei o que “deflexão” significa. Acho que ele não sabe o que “apoiar as pessoas” significa. (Significa deixar que eu me apoie um pouco nele quando subo na balança do banheiro.) Acho que isso faz parte do senso comum. Victor disse que não.

Foda-se. Alguém me traga uma balança. E uma montanha.

E um helicóptero.

E alguns queijos.

Louca como uma raposa ao contrário

A bilionésima discussão que tive com Victor esta semana

Victor me acusou de ser insana, porém na verdade eu sou louca como uma raposa. Mas uma raposa louca. Não uma raposa normal que age de forma maluca, só que não é mesmo maluca.

Victor disse que o significado da expressão “louco como uma raposa” é o fato de que raposas não são loucas, que quando agem assim, é por esperteza para encobrir algo. Mas expliquei que sou como uma raposa ao contrário. As pessoas acham que sou louca e depois descobrem que é tudo um esquema e que sou superinteligente. Então, elas passam mais algum tempo comigo e descobrem que na verdade só sou louca mesmo, porém tenho muita sorte, porque mesmo assim tudo dá certo. Sou louca como uma raposa que realmente enlouqueceu. Essas são as raposas mais perigosas.

“Não acho que você tenha escutado”, respondeu ele. Então falou alguma outra coisa, mas não ouvi porque estava ocupada demais sentindo raiva por causa das acusações dele. Tipo, esse cara só pode estar de brincadeira. E aí eu me dei conta de que ele havia parado de falar e estava esperando uma resposta, então presumi que devia ter pedido desculpa e declarei: “Eu o perdoo. Mas que isso não volte a acontecer.” Aí ele gritou um pouco mais, provavelmente porque não está acostumado com tanta magnanimidade. Ele parecia confuso, e, pela minha

experiência, isso sempre deixa um homem com raiva de si mesmo.

Alguns homens são como vulcões adormecidos, sempre prontos para explodir de raiva. E também para ejacular por todos os lados sem aviso. Além disso, muitas vezes são cascudos. Assim, metaforicamente. Ninguém quer para si um homem literalmente cascudo ejaculando. Isso não seria seguro, e deve ter sido como a praga se espalhou. Mas o que eu queria dizer desde o início é que alguns homens aparentemente calmos ficam furiosos com mais facilidade. (Sinto muito. A metáfora fugiu um pouco do controle. Eu poderia consertá-la, mas é para isso que servem os editores.)

Vencedor: todo mundo que não é meu editor. Além das raposas, porque ninguém sabe qual é a delas, então não se espera nada de especial das raposas. Sortudas filhas de uma puta.

Um ensaio sobre salsa, wasabi, cream cheese e sopa

(Observação: Tive um bloqueio criativo, então me embebedei. Quando fiquei sóbria, descobri que havia escrito um ensaio sobre salsa, wasabi, cream cheese e sopa. Garanto que fiquei tão confusa quanto você, mas decidi mantê-lo, porque a esta altura a eu bêbada escreve muito melhor do que a eu sóbria. Ela é uma *grande* filha da puta.)

Salsa

Não sou fã.

Ninguém come de verdade, então ela acaba sobrando no prato como um marcador de livro simbólico que diz que você vai pagar 25% a mais pelo prato do que o esperado. Não sei nem se é comestível, mas tenho certeza de que plástico é feito de salsa derretida. Aliás, suspeito que não existam mais do que mil pedaços de salsa no mundo inteiro, e os chefs ficam reciclando-as.

Talvez elas continuem aparecendo nos nossos pratos porque não as comemos. Talvez os chefs continuem servindo-as noite após noite como uma punição, algo muito semelhante a quando sua mãe servia a vagem que você havia se recusado a comer por três noites seguidas, até que finalmente você se forçava a engolir e depois vomitava no prato, respingando vagem em todo mundo em volta.

Mas não é nossa culpa. Desde a primeira vez que jantamos fora, aprendemos duas coisas: Isso é manteiga, e não sorvete. Isso é salsa, e não comida.

Contudo, pensando bem, quase não vemos mais salsa. Talvez seja porque estejamos comendo menos comida americana de uns tempos para cá. Em vez disso, a salsa foi substituída por aquele grande monte de wasabi servido nos menores sushis.

Wasabi

Você nunca come até o fim.

Ninguém nunca come até o fim.

Já viu alguém pedir mais wasabi? *Não*. Ele sempre acaba voltando para a cozinha, onde é provável que o chef só o reincorpore à enorme bola de massinha de modelar na bancada.

Provavelmente é feito de salsa.

Cream cheese

Se o cream cheese é um creme feito de queijo, então por que creme facial não é feito de rostos?

Aliás, espera aí. Talvez seja.

Talvez eu só esteja espalhando pedaços de rosto pelas minhas rugas. O que é brilhante. Eles devem pegar a pele em lugares que fazem microdermoabrasão e em adesivos removedores de cravos. Que filhos da puta enganadores. Tirando nossa própria pele para depois nos vendê-la de volta. É quase tão ofensivo quanto tirar gordura da bunda para injetar nos lábios. Isso existe, e é um grande sinal de que a civilização está entrando em colapso. É exatamente por isso que não sou fã de beijos forçados da tia-avó. É possível que se esteja *literalmente* beijando a bunda dela. Mais ou menos. Não sei ao certo o que “literalmente” significa nesse contexto. Continua sendo

literalmente a bunda se a bunda estiver nos lábios? Esse é o tipo de coisa que ninguém ensina na faculdade de jornalismo.

Sopa

Certa vez, fui a um jantar onde os garçons circulavam com canapés, que acho que é o termo em francês para “hors d’oeuvres”, que, pensando bem, também é francês. Parece que os franceses gostam muito de comidas pequenas, o que meio que faz sentido, porque eles são muito magros. Aquela garota de *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* é tão magra que caberia dentro da minha vagina. *Não que eu vá testar*. Eu teria dito “bolso”, mas não tenho nenhum neste vestido. Mas tenho uma vagina, que é quase um bolso, embora não se possa guardar dinheiro de papel ali. Ou moedas, provavelmente. Acho que depende da força dos seus músculos vaginais. Você é poderosa se consegue guardar uma pilha de moedas lá dentro. *Tiro o chapéu para você, amiga*.

Mas chega de falar da sua vagina poderosa e convencida. Eu estava falando de canapés. Nunca posso comê-los, pois sou perigosamente intolerante à lactose e sempre tenho medo de ter algum tipo de creme escondido ali que vá me mandar para o hospital. O problema é que os garçons não param de passar e oferecer canapés, mesmo que eu tenha dito dois minutos atrás que não posso comê-los. Parece que estão só me provocando com comidas que não posso aceitar. Resolvi essa questão há pouco tempo, porque me dei conta de que o segredo para não ser forçada a dizer não o tempo todo para uma comida deliciosa é falar em voz alta: “Não, sinto muito. Não posso comer isso POR CAUSA DA DIARREIA.” É desagradável para todos ao redor, mas descobri que a maioria dos garçons fica perguntando se você quer comida não porque querem mesmo que você coma, mas porque estão distraídos ou doidões (isso tem base na minha

experiência pessoal com serviços de buffet, então parem de me julgar. A menos que você esteja me julgando por estar doidona, o que é justo) e já se esquecem de quem disse não. Mas *ninguém* se esquece de diarreia. “POR CAUSA DA DIARREIA” vai fazer *todos* os garçons passarem a evitá-la completamente. Assim como muitos dos convidados do jantar, mas esses são os riscos da diarreia.

Certa vez, eu estava em uma festa num jardim quando ouvi que estavam servindo *sopa* como petisco e me perguntei como aquilo era possível. Então vi que os garçons estavam carregando colheres grandes e de fundo reto com uma única colherada de sopa. Particularmente, acho o conceito meio escroto, não importa quem seja e qual alergia tenha. Pessoas com ternos sofisticados servindo sopa uma colher de cada vez é *bem* a definição de “babaquices dos superprivilegiados”, e tenho certeza de que isso foi inventado por funcionários bêbados dos serviços de buffet, que pensaram que seria engraçado ver se as pessoas se deixariam levar por esse tipo de artifício. Suspeito que o próximo passo será torradinhas umedecidas pela saliva do garçom e depois servidas direto na sua boca, como se você fosse um filhote de passarinho. Na verdade, quando esse livro tiver sido lançado é provável que isso tenha se tornado a mais nova moda, e quero registrar que *eu disse*.

E não era nem sopa *quente* que estavam servindo. Era gaspacho. Experimentei uma vez e é basicamente o que chamamos de sopa de tomate, mas depois de ter esfriado tanto que se desiste dela e tenta fazê-la se passar por Bellini de tomate sem álcool. Ou picolé de sopa derretido. Um *sopolé*. Ainda assim, todo mundo na festa experimentou, porque ninguém quer admitir que gaspacho tem gosto de sorvete de tomate derretido. O problema foi que o garçom já havia sumido quando as pessoas terminavam de engolir seu sopolé, e ficavam todas segurando uma colher suja enquanto usavam roupas

elegantes, como se fosse um acessório péssimo e indesejado. Algumas pessoas deixavam as colheres usadas nos beirais das janelas ou no chão quando achavam que ninguém estava olhando. Mas a maioria dos convidados só ficou procurando em desespero por um garçom que podia nunca mais voltar, forçados a segurar a colher de ladinho, fingindo que eram cigarros ou cachorros de madame.

Vi quando uma mulher olhou ao redor cheia de expectativa por um minuto e, percebendo que ninguém voltaria para pegar a colher, deu de ombros e a jogou na piscina. Isso me pareceu babaca, mas não dá para deixar de respeitar esse nível de *não-dou-a-mínima-para-talheres-que-nem-são-meus*. Com aquele único arremesso de colher, ela disse a todo mundo na festa: “Se vocês não vão cuidar das suas coisas, então não contem comigo para me responsabilizar por essas merdas.”

Foi nesse momento que decidi que adorava aquela mulher e a sua atitude. Eu provavelmente não me sentiria assim se fosse um recém-nascido abandonado na porta dela, mas eu não era. Eu era uma mulher que havia acabado de ver outra mulher passar na prova da colher, *uma prova que eu nem sabia que existia e para a qual ninguém mais havia estudado*. E foi aí que prometi *nunca* assumir responsabilidade pela colher / atitude / estupidez de outras pessoas, porque, vamos ser francos, já tenho muita merda com que me preocupar. Desconfio que essa seja uma daquelas lições da vida que ninguém jamais coloca em prática, mas mesmo assim me sinto pronta.

Tente só me dar uma colher.

P.S.: Acabei de ler este capítulo para a minha amiga, Karen, e ela gostou muito dele, porém em determinado ponto me interrompeu e disse:

— *Espera aí*. Você não pode dizer que colocaria a garota de *Amélie Poulain* dentro da sua vagina.

— Concordo. Eu disse que *poderia* colocar. E não que *colocaria*. Ela sufocaria lá dentro, e ela é um tesouro nacional da França.

Então Karen respondeu:

— Você precisa tirar a vagina.

— Em público? Eu quase nunca tiro minha vagina em público.

Você está bêbada?

— Jenny, é sério, você precisa cortar a parte da vagina.

Eu me contraí um pouco por causa dessas palavras, mas ela explicou que eu precisava apagar porque meus livros também são lidos por homens, e eu respondi:

— Karen, homens *amam* vaginas. Não se cansam delas. E até os homens que não têm uma preferência por elas vieram delas. Vaginas são como o lar. De um tipo meio viscoso.

Aí foi ela quem se contraiu com as minhas palavras. Observou que nem todos os homens amam histórias sobre vaginas e que o pai dela iria ler este livro e talvez ficasse um pouco ofendido. Eu disse que acrescentaria uma pequena observação me desculpando com o pai dela pela minha vagina. É *chocante* pensar em quantas vezes preciso fazer isso. Estou começando a achar que é uma daquelas coisas com que os escritores precisam se acostumar.

P.P.S.: Sinto muitíssimo pela minha vagina. É estranho que eu tenha que dizer isso com tanta frequência. Acho que vou escrever isso em uma camiseta.

Aí eu recebi três gatos mortos pelo correio

*Esta é uma conversa que tive certo dia com minha amiga Maile. (Pronuncia-se Miley, como Miley Cyrus. Exceto pelo fato de que minha amiga tinha esse nome antes da Miley Cyrus. Maile gostaria que eu fizesse essa observação. Ela nasceu **muito** antes da Miley Cyrus. E ela também gostaria que eu retirasse essa última frase.)*

EU: Adivinha o que eu recebi pelo correio ontem.

MAILE: Alguma coisa nojenta.

EU: *MEU DEUS, COMO VOCÊ SABIA?*

MAILE: Sou médium. *Além disso, eu conheço você.* Então, o que recebeu ontem pelo correio?

EU: Uns gatos mortos.

MAILE: Hum. Empalhados?

EU: Não.

MAILE: Ah. *Que merda.*

EU: *Não é?*

MAILE: Você recebeu uns cadáveres de gatos em decomposição pelo correio?

EU: Bem, eles não estão se decompondo. Todo o conteúdo foi retirado, então eles são tipo... *capas de gato?*

MAILE: Quem lhe mandaria capas de gato?

EU: Não tinha nenhum bilhete. Eles estavam numa sacola de compras.

MAILE: *E o mistério aumenta.*

EU: *Só que* eu tive uma conversa por e-mail no mês passado com uma mulher que disse que tinha algumas peles de gato que queria me mandar. Mas...

MAILE: E o mistério foi solucionado, *porque nunca foi um mistério.* Foi só uma questão de não ter informações o bastante, porque você é péssima para contar histórias.

EU: Não é bem assim. A senhora disse que tinha esses gatos mortos de forma completamente ética...

MAILE: *Pare.* Isso não existe.

EU: Não, é sério. Ela disse que trabalhava num hospital veterinário, mas que quando gatos eram atropelados ou precisavam ser sacrificados por câncer, ninguém vinha buscar e eles acabavam com um monte de gatos mortos, e não queriam *desperdiçá-los*, então vendiam os órgãos para faculdades de veterinária, que os usavam para dissecar. Mas aí ficavam com todas essas peles, que eram secas e usadas como material de proteção para o que quer que precisassem mandar pelo correio.

MAILE: Eles usavam gatos mortos como bolinhas de isopor? Isso é nojento. O que eles mandavam? *Troncos humanos?*

EU: Em tese, é uma técnica sustentável, mas do tipo mais nojento de todos os tempos. Enfim, ela disse que queria fazer luvas de gatinho para mim, por causa da vez que escrevi sobre isso.

MAILE: Um minuto... por que gatinhos precisariam de luvas?

EU: Não. Luvas *feitas de gatinhos*. Para os sem-teto, sabe?

MAILE: Já me arrependi do que vou perguntar, mas... *que porra é essa?*

EU: Uns anos atrás, tive a ideia de reaproveitar bombas tira-leite para sugar as entranhas de gatinhos mortos, porque aí... TADÁ! *Luvas com revestimento de pele para pessoas sem-teto*. Conversei com meu amigo Gregg sobre isso, e ele disse: "Isso é... estranho." E eu respondi: "O que é estranho é ninguém ter pensado nisso ainda. Porque ninguém quer gatinhos mortos nem bombas tira-leite usadas, então assim estaríamos evitando que as duas coisas fossem parar em aterros sanitários e ajudando os

sem-teto ao mesmo tempo. *É praticamente carbono zero!*" Aí, Gregg mencionou alguma coisa sobre o PETA e coquetéis Molotov, e eu disse: "Só usaria gatinhos que já estivessem mortos por causa de doenças não transmissíveis, Gregg. Eu não sairia por aí virando gatinhos vivos do avesso. Não sou um monstro, pelo amor de Deus." Para ser sincera, fiquei um pouco ofendida só por precisar dar essa explicação. Estou fazendo isso para ajudar os sem-teto, e não para fazer uma coleção *particular* de luvas de gatinhos. Quer dizer, moro no Texas. Eu nem *preciso* de luvas.

MAILE: Uau. Você é tão... altruísta.

EU: *Exatamente*. Eu já esperava receber um par de luvas de gatinhos feito por meios éticos, mas aí recebi esses gatos esfolados sem costura... e *a parte estranha é que...* são três gatos.

MAILE: A parte estranha de você ter recebido gatos mortos pelo correio é a quantidade?

EU: Sim, porque tenho duas mãos... e *três gatos para colocar nelas*. O que isso significa?

MAILE: Talvez sejam para usar como perneiras.

EU: Não tenho três pernas, Maile.

MAILE: Talvez sejam duas perneiras e uma meia para pênis.

EU: Eu não tenho um... VOCÊ ESTÁ PRESTANDO ATENÇÃO?

MAILE: *Você está prestando atenção?* Você quer usar gatinhos mortos como perneiras. Não sou eu quem deveria estar se defendendo aqui.

EU: *Touché.*

MAILE: Como é que você consegue gatos “eticamente esfolados”?

EU: Bem, sempre pode ser um gato escaldado.

MAILE: Vou fingir que você nunca disse isso.

EU: Está brincando? Eu estava esperando para fazer essa piada desde o início da conversa.

MAILE: Eu sei. E continuo sendo sua amiga, apesar disso.

EU: AI MEU DEUS. Eu tenho três gatos. E tenho três gatos mortos esfolados de forma ética. FANTASIAS DE HALLOWEEN PARA GATOS.

MAILE: Que vão de...?

EU: ...Gatos diferentes?

MAILE: Que fantasia *péssima*.

EU: As peles são compridas e apertadas. Talvez eu pudesse usá-las como capas térmicas para garrafas de vinho.

MAILE: E não veio nenhum recado?

EU: Não. Só três gatos mortos em uma sacola de supermercado.

MAILE: De lona ou de plástico?

EU: Plástico.

MAILE: Bem, isso não é *bom* para o meio ambiente. Tenho certeza de que a mulher estava mentindo para você e que só está tentando esconder seus crimes contra a humanidade.

EU: Tecnicamente, são crimes contra gatos. *Gatomanidade*.

MAILE: Acho que essa palavra não existe. Soa como o resultado da cruzada entre um gato e um manati.

EU: E SE VESTIRMOS UM MANATI PEQUENO COM UMA ROUPA DE GATO?

MAILE: Acho que você está procurando por pistas que não existem.

EU: TENHO UMA SACOLA CHEIA DE GATOS MORTOS. NÃO DÁ PARA ESPERAR QUE EU PENSE USANDO LÓGICA. *Você acha que essa mulher estava usando a lógica quando me mandou uma caixa de gatos mortos? Você precisa pensar como uma assassina em série para capturar uma assassina em série, Maile.*

MAILE: Você acha que ela é uma assassina em série?

EU: Não. Usei uma analogia ruim. Só quero dizer que você precisa pensar como uma esfoladora de gatos para descobrir por que tem três gatos mortos na sua garagem.

MAILE: Por que eles estão na sua garagem?

EU: Eu por acaso deveria levá-los para dentro da casa? Só se fosse para fazer meus gatos se cagarem de medo, mãe de gatos desnaturada. Isso seria o equivalente a levar para casa peles de criancinhas e deixar seus filhos vê-las. Se bem que os gatos iam passar a me levar mais a sério quando eu mandasse eles pararem de fazer xixi no sofá se vissem uma pele de gato dando sopa por aqui. *AI MEU DEUS, é uma ótima ideia colocar uma no sofá onde Ferris Mewler está sempre fazendo xixi, e aí eu diria algo como “POIS É, FERRIS. OLHE BEM. ISSO FOI O QUE ACONTECEU COM O ÚLTIMO GATO QUE FEZ XIXI AQUI NESTE SOFÁ”.*

MAILE: É por isso que seu gato está me encarando? Estou me sentando no sofá do xixi?

EU: Só porque você demarcou não quer dizer que ele é seu, Ferris. Pare de encarar.

MAILE: Eca.

EU: Não se preocupe. O sofá já foi limpo. E eu sei o que você está pensando. Está pensando que Ferris Mewler diria algo do tipo: “Todos os gatos são culpados, e eu moro aqui desde o início

dos tempos. Não vou cair nessa conversa.” Mas o negócio é o seguinte: os *gatos têm péssima memória*. Ferris não consegue nem se lembrar de onde fica a caixa de areia. *Ou pelo menos é o que parece*.

MAILE: Na verdade, só estou pensando que gostaria de sentar em outro sofá.

P.S.: Acabei de ir até a garagem para pegar as peles dos gatos mortos e incluir uma foto no livro, mas **NÃO CONSEGUI ENCONTRÁ-LAS**. Eu disse a Victor que perdi alguns gatos na garagem e ele ficou todo:

— *Você perdeu os nossos gatos na garagem?*

— É claro que não. Como eu poderia ter perdido todos os nossos três gatos na garagem? Isso faria de mim uma mãe irresponsável. Aqueles gatos já estavam mortos — respondi.

Aí eu e Victor tivemos uma discussão sobre se era *mais* ou *menos* irresponsável perder gatos mortos, e eu ganhei, porque **AQUELES FILHOS DA PUTA NÃO FICARÃO MENOS MORTOS, VICTOR**. Então liguei para nosso serviço de faxina e falei que, em vez de limparem os banheiros este mês, eu preferiria que fossem direto para a garagem e procurassem gatos mortos. Aí o gerente me telefonou para dizer que “A Merry Maids não procura gatos mortos”. E também não limpa janelas. Eu nem sei por que temos um serviço de faxina.

Coisas que posso ter dito sem querer em momentos de silêncio desconfortável

Quando eu trabalhava no departamento de recursos humanos, usávamos uma técnica para fazer as pessoas admitirem as merdas que faziam, e dava tão certo que muitas vezes elas confessavam coisas que podiam nem ser verdade.

Funciona assim:

Convida-se a pessoa para ir até a sala e, depois de fazê-la se sentar, basta ficar olhando para ela como se estivesse esperando alguma coisa e se forçando a não dizer nada. A maioria das pessoas que não são sociopatas geralmente tem problemas com silêncios constrangedores e preenche esses vazios com detalhes incriminadores sobre o que quer que elas presumam ser o motivo de terem sido chamadas até o RH. Tenho certeza de que essa técnica tem um nome, mas eu a chamava de “imaginar uns amassos no Alan Rickman”, porque era isso que eu fazia durante aqueles silêncios constrangedores. De toda forma, Alan Rickman e eu resolvemos *muitos* dos casos arquivados no RH.

A mesma técnica é usada em investigações de homicídios e por vários psiquiatras, inclusive a minha. Suspeito que ela a utilize para me fazer admitir algumas lembranças reprimidas ou abusos, mas tenho problemas mentais por natureza, então acabo resmungando coisas sem sentido cujo único resultado é demonstrar que não estou frequentando um consultório psiquiátrico por acidente.

Coisas que posso ter dito à minha psiquiatra após breves pausas constrangedoras

“Estou tendo uma daquelas semanas em que só quero arrancar as roupas e me deitar na rua. Isso é uma condição clínica? Porque parece.”

“Consigo sentir o gosto das coisas com os meus olhos. Quer dizer, coisas como remédio para os olhos. Não experimento o gosto de alimentos sólidos com os meus globos oculares. *Isso seria loucura. Mas eu provavelmente conseguiria fazer isso se quisesse. Merda. Que superpoder horrível.*”

“Preciso de um incendiário talentoso. Não necessariamente quero incendiar nada. Só desejo ter a opção. Preciso de um incendiário de prontidão. Tenho certeza de que isso é legal, contanto que eu não o use.”

“Ontem descobri que Barack Obama não está no Twitter *de verdade*. Para ser honesta, eu me sinto traída. É tipo quando Clinton fodeu aquela garota com um charuto. Só que pior.”

“O primeiro pensamento que tenho durante as festas de fim de ano são ‘Esfaquear. Esfaquear. Esfaquear. Fugir.’”

“Tenho raiva de todo mundo que nunca me falou da House of Pies [Casa das tortas] antes de a franquia falir.”

“Noite passada fiquei limpando vômito de nove anos. Quer dizer, o vômito de uma criança de nove anos. Não um vômito com nove anos de idade. Não sou uma dona de casa *tão* ruim assim.”

“Estou tendo um daqueles raros dias em que amo as pessoas e todas as coisas maravilhosas que elas são capazes de fazer, e se alguém ferrar com esse sentimento vou enfiar uma faca na cara desse infeliz.”

“Victor odeia o Natal. Ele acha que o problema dos cenários da natividade é que não há samurais o bastante nelas.”

“Terminei de ler a Bíblia na noite passada. Alerta de spoiler: Jesus se dá mal. Ou talvez não, pensando melhor. Talvez eu tenha parado de ler antes da hora certa. Em minha defesa, estava ficando muito deprimente. Sério, aquele livro é a minha Batalha de Waterloo. Mas acho que, *tecnicamente*, Jesus não morreu. Ele só fingiu. Ou talvez tenha sido uma sequência de sonho. Ou seria possível que ele fosse um zumbi, ou alguma coisa do tipo? Mas é confuso, porque se Jesus morreu pelos nossos pecados, mas Deus não aceitou sua morte, então isso significa que nossos pecados ainda estão em destaque? E quando digo ‘em destaque’ quero dizer que estão... sublinhados nos livros contábeis. Não tipo ‘FANTÁSTICO! ESSES PECADOS ESTÃO EM DESTAQUE!’ Algumas pessoas pensam que coisas assim são sacrilégios, mas tenho certeza de que Jesus acharia essa merda toda hilária. Além disso, poderíamos nos unir pela bosta que é fazemos aniversário tão perto do Natal.”

“Detesto quando está quente demais para se usar um cobertor, porque tenho medo de flutuar até o teto se não usar um e aí ser triturada pelo ventilador. Isso é normal, né?”

“Eu pronunciava meu nome do meio errado até uns 22 anos. É Leigh. Eu pronunciava ‘Leia’. *Como a princesa*. Eu também errava de propósito a pronúncia do meu último nome desde a sexta série, porque era Dusek, e na pronúncia tcheca começava com ‘Douche’ [“babaca”, em inglês]. Eu poderia ter me safado sem ninguém perceber, mas minha irmã e minha mãe (que era a merendeira) pronunciavam certo. Eu dizia a todos na escola que elas tinham a língua presa.”

“Vi Anne Frank nos assuntos mais comentados do Twitter e pensei que ela tivesse morrido. *De novo*. Acontece que a pessoa que encontrou o diário dela havia morrido. Isso é bom. E por ‘bom’ quero dizer que ‘ela continua morta’. Não que eu ache bom que ela tenha morrido. Só acho que é bom que ela não tenha voltado dos mortos. Ninguém precisa de uma Anne Frank zumbi.”

“No caminho para cá, vi uma nuvem parecida com um crânio. A primeira coisa que pensei? *Comensais da morte.*”

“Como estou me sentindo? Meio que no espírito de me sentir indignada com razão, mas não tenho nada pelo que ficar indignada. Acho que estou irritada porque as pessoas não são estúpidas quando eu preciso que sejam.”

“É normal se arrepender por *não* ter gravado um filme fazendo sexo quando era mais nova e os seios ainda apontavam para o teto quando você estava deitada? Porque acho que ninguém fala disso.”

“Por que no Texas dizem ‘map colors’ em vez de ‘colored pencils’ para se referirem a lápis de cor? *Quem colore os mapas? Quem compra mapas em preto e branco?* Por que ninguém nunca responde às minhas perguntas?”

Preciso dar crédito à minha psiquiatra: ela nunca parece chocada ou surpresa e geralmente continua tranquila, dizendo “E como isso faz você se sentir?” ou “Fale mais sobre isso”. Por outro lado, ela deve só ficar pensando em dar uns amassos no Alan Rickman e não deve prestar nenhuma atenção no que digo. Pensei em testar essa hipótese declarando que assassinei meus vizinhos e os enterrei no meu porão, mas não fiz isso porque uma parte minúscula da minha mente teme que talvez eu *tenha* assassinado meus vizinhos e os enterrado no meu porão. Só que isso é improvável, já que eu nem tenho um porão, então seria fácil provar minha inocência se ela de fato estivesse ouvindo. A não ser que de fato haja um porão na minha casa e eu tenha bloqueado essa informação para poupar meu cérebro da lembrança de todos os corpos que enterrei lá. Então basicamente, não posso testar minha teoria de que a médica está imaginando Alan Rickman pelado porque é possível que o porão que não tenho esteja cheio de pessoas que não me lembro

de ter assassinado. E é exatamente esse o tipo de coisa que eu deveria mencionar na terapia. Assim que eu me certificar de que não tenho um porão.

Meu esqueleto é potafantástico

Quando eu estava nos últimos anos do ensino fundamental, a maioria das garotas na minha sala se concentrava em ser os Três Ps: popular, perfeita e pequena. Era óbvio que eu não tinha a menor chance de me sair bem em nenhum deles, então resolvi criar os meus próprios três Ps. Sem querer, monopolizei o mercado do “peculiar”, mas não consegui pensar em nenhuma outra palavra boa com “P”.

Minha mãe sugeriu “papilhosa”, que seria “possuidora de mamilos”, mas achei que seria mirar baixo demais, até para mim. Ela ofereceu “palmípede” (cujos pés têm os dedos unidos por membranas) e disse que, se meu pai colasse os meus dedos dos pés na oficina de taxidermia, ninguém jamais suspeitaria que fossem falsos. Provavelmente porque a maioria das pessoas não finge ter os dedos colados. Ela também sugeriu “pécora” (relativo a cabeça de gado) e “potafantástico”, que é uma palavra que nem existe, mas “é muito divertido dizer”. (E é mesmo. Diga. *Potafantástico*. É incrível.) Depois disso, desisti, mas não sem antes fazer uma nota mental de que minha mãe é inútil quando se trata de conselhos sobre popularidade superficial, e também perigosa para jogar Scrabble.

Quando eu já estava no final do ensino fundamental, todas as garotas populares da minha classe deram uma festa do pijama superexclusiva no final de semana, e algumas semanas depois todas estavam com escabiose. Se você não sabe o que é isso, é

melhor parar de ler agora, porque é tão nojento que vai querer atear fogo na própria casa. A escabiose é uma infecção causada por criaturas minúsculas que entram na sua pele, colocam ovos e acampam *na sua carne*. Elas fazem os piolhos parecerem tranquilos, e a mesma infecção nos animais causa sarna. Seria de se pensar que o fato de todas as garotas legais terem sido infestadas por parasitas devoradores de carne era um ótimo equalizador, porém a maioria delas exibiu as marcas como um sinal de terem sido convidadas para um evento exclusivo cujo brinde por acaso foi uma doença contagiosa. De repente, infestações de parasitas eram a nova pulseira da amizade, e alguns chegaram a *fingir* ter escabiose para se enturmar com as garotas legais. Estavam *literalmente* se gabando de uma infecção QUE *ELES NEM TINHAM*.

E foi aí que me dei conta de que a popularidade é uma grande merda.

Reconhecer que popularidade de vez em quando é o equivalente à sarna humana meio que me curou de querê-la. Mas continuei tendo dificuldades com os outros dois Ps: perfeita e pequena. Tenho uma boa aparência, mas não há nada de notável em mim. Quando éramos meninas, minha irmã tinha cabelos louros e olhos azuis, e desconhecidos falavam que ela parecia “angelical”, dizendo em tom de piada que iriam sequestrá-la. (Aliás, essa é uma piada esquisita que precisam parar de fazer. Outra piada horrível é “Dá até vontade de morder”, que se parece muito com “Só de olhar para você estou me transformando em um canibal”. Por favor, parem com isso. É assustador.) Eu, por outro lado, sempre ouvia “Você é *igualzinha* ao seu pai” (um homem grande, intimidador e barbado que costumava estar coberto de sangue).

Hoje o que mais ouço é: “*Não nos conhecemos de algum lugar?*”

Não, não nos conhecemos.

É só o meu tipo de rosto. Isso era uma imensa merda quando eu estava na faculdade e sempre era confundida com outra garota do campus que aparentemente era idêntica a mim e tinha um nome parecido. Nunca a conheci, mas parece que ela era bem popular, e estranhos acenavam para mim e me perguntavam se eu tinha um cigarro. Eu tinha que explicar: “Não sou eu. Eu nem fumo. Você está me confundindo com outra garota parecida comigo.” E aí o estranho achava que eu estava de brincadeira com ele ou que eu era egoísta com os meus cigarros. Às vezes eu tinha um pouco de inveja dessa minha versão mais perigosa, que recebia high fives por roubar mascotes de fraternidades e vencia em jogos com bebidas, enquanto a verdadeira eu estava enterrada na biblioteca. Mas aí a outra eu começou a dormir com homens casados e vender drogas. Eu queria encontrá-la, sacudi-la e dizer: “Pare de fazer isso. *Nós não somos assim.*” Mas nunca a encontrei. Por outro lado, encontrei várias pessoas furiosas que ela havia prejudicado e que nunca acreditavam que ela não era eu, então eu meio que me ressentia da minha dublê por ter me arrastado para a zona que era a sua vida. No final das contas, decidi assumir as rédeas da situação, dizendo aos estranhos que insistiam ter tido uma transa bêbada comigo que deveriam fazer um exame para checar se haviam contraído um tipo particularmente virulento de herpes. Várias pessoas me paravam na rua para perguntar discretamente se eu tinha “alguma”, e eu respondia que o novo regulamento me obrigava a informá-los que eu *podia ou não* ser uma policial disfarçada, em seguida perguntando o que queriam exatamente. “**VOCÊ PRECISA FALAR EM VOZ ALTA PARA O MICROFONE CAPTAR**”, eu anunciava devagar, apontando para o meu peito enquanto eles se afastavam apressados. Eu soube que a outra eu se mudou no semestre seguinte (talvez por causa dos rumores sobre ter herpes sinistra e ser uma policial disfarçada que ela pode ter ouvido), e nunca a vi, o que era triste,

porque teria sido interessante saber se tinha uma aparência tão comum quanto a minha. Embora, pensando bem, eu provavelmente a tenha visto várias vezes sem saber.

De todo modo, tento não me preocupar muito com a aparência, porque a minha vó sempre dizia: “É o que está dentro de você que importa.” E isso deve ser verdade, pois, do jeito que tenho sorte, a minha melhor característica deve estar *bem lá dentro*. Suspeito que seja o meu esqueleto, o que é uma pena, porque ele deve ser o esqueleto mais elegante e assustadoramente gracioso de todos os tempos, mas nunca vou receber elogios por isso enquanto minha carne não deixar as pessoas o apreciarem. É por isso que eu gostaria que daqui para a frente as pessoas dissessem: “Belo esqueleto.” Só me dê o benefício da dúvida, ok?

Comecei a fazer elogios parecidos para desconhecidos, mas não sobre seus esqueletos, porque isso poderia parecer falso ou até sarcástico, já que tenho certeza de que meu esqueleto é o mais sensual do mundo. Ele é mortalmente sexy. Sacou? Vou dar o crédito dessa piada ao meu esqueleto. Inteligente e lindo. Não, em vez disso, digo coisas como “Aposto que você tem um pâncreas esbelto” ou “Tenho certeza de que os seus tendões são *fantásticos*”. As pessoas costumam ficar tão emocionadas que se afastam bem rápido ou dizem que não têm nenhum dinheiro. Ninguém está preparado para aceitar elogios de desconhecidos sobre seus órgãos internos, o que só mostra como elogiamos pouco.

A alma é uma exceção à regra aqui. As pessoas estão sempre elogiando “almas antigas” ou “almas lindas” ou “almas puras”, mas isso parece um subterfúgio, pois almas são completamente invisíveis e nunca entram em concursos de biquíni. Mesmo assim, as pessoas se importam demais com almas, sempre tentando atraí-las para seu deus particular ou sacrificá-las para vulcões ou vendê-las para ganhar presentes do diabo. Assim,

almas são legais, mas superestimadas. Tipo clavículas. Ou a capacidade de dobrar a língua. São importantes, mas estamos ignorando tantas outras partes que sem dúvida também são dignas de elogios e sensuais, porque estamos ocupados demais elogiando peitorais firmes, cinturas finas e almas puras. A única coisa que peço é para variarmos um pouco. Não faria mal. Aposto que o seu intestino delgado é *adorável*.

É claro que só agora que escrevi sobre como meu interior é incrível me dei conta de que tornei meu futuro esqueleto uma tentação para os ladrões de túmulos, então vou ter que fazer armadilhas para proteger meu cadáver. Tipo, talvez eu deva fazer planos para ser enterrada em um caixão cheio de glitter, porque aí se alguém no futuro me desenterrar, vai pensar: “Mas que porra é esta? Isso é *glitter*? Essa merda não sai *nunca*. Foda-se. Vamos roubar o cara do lado dela.” (*Sinto muito, Victor.*) É assim que vou me precaver contra ladrões de túmulos. E, se eu for cremada, vou pedir ao coveiro que deixe as cinzas no fundo do meu caixão cheio de glitter. Ou seja, se ainda assim alguém decidir me desenterrar, não vai me encontrar até estar coberto por glitter. Então encontrará um bilhete nas minhas cinzas dizendo: “**E ISSO É O QUE ACONTECE QUANDO VOCÊ ROUBA TÚMULOS, SEU FILHO DA PUTA.**” Ou talvez eu coloque um caixão menor dentro do meu caixão, e outro menor ainda dentro do primeiro, e assim por diante, como uma boneca russa. E no menor caixão de todos haverá um envelope selado cheio de manchinhas e com um pedaço de papel dizendo: “Parabéns. Agora, você está com escabiose.” Vai ser como quando os pais dão um presente de Natal imenso, mas quando você abre o embrulho tem um presente menor dentro dele, e isso se repete até que você acaba com um monte de papéis de presente, um par de meias novo e muita raiva reprimida. E é exatamente isso que vai acontecer quando alguém tentar

perturbar o meu cadáver. Só que, em vez de meias, encontrará glitter e escabiose. Vai ser o *Pior. Natal. De. Todos. Os. Tempos.*

* * *

Já experimentei muitas técnicas torturantes para fazer meu exterior se encaixar nos padrões ridículos que a sociedade estabeleceu, porém isso nunca acaba bem, porque meu corpo vive na realidade, e lá tem muito queijo.

— A culpa é do Photoshop — comentou minha amiga Maile certa vez. — Uso o Photoshop para deixar minha cintura mais fina e meu pescoço mais longo, e aí sinto que preciso fazer essas coisas acontecerem na vida real para que as pessoas não me vejam marcada numa foto na internet que não tenha sido retocada e digam “*Meu Deus do céu, o que aconteceu com você?*” e eu tenha que fingir que estive num incêndio, ou algo assim.

— O Photoshop é um facilitador terrível — concordei. — Sempre me deixo mais magra e meu cabelo menos horroroso quando publico uma foto on-line. E aí quero substituir meus ombros pelos de outra pessoa, e diminuir as celulites nos meus joelhos, e colocar uma roupa com menos pelos de gato. Seria mais fácil dizer “Foda-se” e inserir um gato caindo de uma janela em cima de mim e partir para o “Pois é. Uma selfie perfeita. Essa merda está pronta. *PUBLICAR*”.

Citei o ditado da minha avó sobre o interior ser mais importante do que o exterior, e Maile ergueu as sobrancelhas em admiração.

— Eu nunca vi as coisas desse jeito — disse ela. — Talvez o meu útero seja *estonteante*.

— Aposto que ele é magnífico. Você fez algumas das minhas pessoas favoritas lá dentro.

Maile aquiesceu com a cabeça.

— Devo fazer uma transmissão on-line do meu útero pela webcam e chamá-la de *Tudo em Cima, Maile?*

Eu não sabia ao certo se exibiriam a transmissão no horário nobre, mas ela com certeza atrairia mais audiência do que as Kardashians.

Recentemente, estive num spa que oferecia remoção de rugas, mas eu tinha acabado de ler que alguns lugares usam a pele doada de pessoas mortas para preencher as rugas, o que é ultrajante, já que é como dizer: “Você está tão feia que achamos que injetar pele de gente morta na sua cara deve ser um progresso.” Apesar de que, pensando bem, aposto que a pele doada só ajuda quando é arrancada de um cadáver jovem e ainda cheio de colágeno, o que lembra um pouco banhar-se com sangue de virgens, mas com menos sangue e mais injeções.

De onde vem a pele? E se for do pênis? Ou do saco? Ninguém quer a pele das bolas de alguém injetada nas rugas dos lábios. Aliás, quando vejo pessoas que fazem muitas intervenções estéticas, a primeira coisa que penso é: “Que porcentagem da cara dela é composta por genitais?” A segunda é que provavelmente conseguem a pele de cadáveres com ladrões de túmulos. É por isso que pedi a Victor para deixar um aviso no meu caixão de sarna e glitter solicitando aos ladrões em potencial que não injetem meu cadáver na cara de pessoas velhas e ricas. Aí Victor disse que vai colocar uma tranca na porta do escritório dele, já que eu não entendo o que é aceitável ou não de se comentar quando ele está em uma conferência on-line.

Isso não quer dizer que eu seja completamente contra cirurgias plásticas ou que já não tenha feito alguma. Há pouco tempo Victor encontrou uma foto descrita como: “Jenny, aos sete. *Depois do procedimento.*” Eu estava inconsciente e com um curativo enorme na cabeça.



(Cortesia de Nelda Dusek)

— *O que diabo aconteceu com você?* — indagou ele. — *E isso são grades de ferro nas janelas?*

Eu me inclinei para dar uma olhada na foto.

— *Acho que as grades são da cama do hospital, para impedir que eu caísse. Eu sempre caía da cama nessa época.*

Ele olhou para o curativo gigante no meu cérebro, e depois para mim, e aí balançou a cabeça.

— *Isso explica tanta coisa* — sussurrou.

Parece pior do que de fato foi. O médico que retirou as minhas amídalas decidiu aproveitar que eu já estava anestesiada para consertar minha orelha de abano. Suspeito que essa não era a especialidade dele, e que só estava entediado ou doidão, e aí pensou: “*Espera aí, quero tentar fazer uma parada*”, porque acordei com um curativo torto na cabeça de onde tufo gigantes de cabelo saltavam de forma esquisita. Parecia que uma criança bêbada tinha tentado fazer um chapéu de papel machê num Senhor Funga-Funga, dos Muppets, zangado. Uma semana depois, tiraram o curativo, parte dos meus cabelos e o pouco de dignidade que havia me restado. Minha orelha estava

exatamente igual, então o médico recomendou dormir com uma faixa sobre a orelha por um ano, pois funcionaria como uma contenção. E funcionou mesmo — se o objetivo das contenções é não fazer a menor diferença.

Vinte anos depois, tentei outra cirurgia eletiva quando me cansei de usar óculos e decidi operar os olhos com laser. A clínica tentou me empurrar o que chamavam de “visão sobre-humana”, mas eu disse que não queria conseguir enxergar através das roupas das pessoas, pois isso arruinaria o jantar de Ação de Graças. Explicaram que isso significava que eu teria uma visão melhor do que 20/20, mas era caro demais e, para ser honesta, prefiro enxergar as coisas um pouco mais suaves e difusas nas bordas. O mundo sempre parece melhor quando está um pouco embaçado — é por isso que tantos de nós tomam uma segunda taça de vinho no jantar.

A cirurgia ocular correu bem, exceto pelo fato de que usaram uma ferramenta de sucção mais antiga que me fez ter cegueira temporária no olho em que eles estivessem trabalhando, o que foi perturbador.

“ISSO É O OPOSTO DO QUE EU QUERIA”, posso ter gritado durante o procedimento.

Parece que essa é uma reação rara, por isso não avisam às pessoas com antecedência que pode acontecer. Além disso, também fiquei toda: “Pessoal? Estou sentindo um cheiro de queimado.” E aí percebi que era eu. O médico mais tarde explicou que era o cheiro de uma reação química que por acaso tem um cheiro *idêntico* ao de carne queimada. E é por isso que não confio mais em médicos. Por causa disso e da história da orelha.

De toda forma, a cirurgia ocular deu certo, pois pude deixar de usar óculos por muitos anos, até meus olhos ficarem uma merda outra vez. Acontece. Você espera ter sido consertada para sempre, mas aí sua visão continua diminuindo à medida que se

envelhece, o que acaba sendo uma boa coincidência, porque, quanto mais velho se fica, menos se quer enxergar espelho.

Algumas semanas atrás, minha amiga Brooke Shaden veio tirar fotos minhas. Já planejávamos isso havia alguns anos, mas eu sempre esperava ficar mais magra no mês seguinte, então fui procrastinando e adiando até que Brooke decidiu aparecer. Ela é uma das minhas fotógrafas favoritas. O trabalho dela é escuro, perturbador e lindo, e eu imaginei que a sessão de fotos seria glamorosa e inspiradora. E foi pelo menos metade disso.

Dirigimos até um pântano, e lá eu pus um vestido de gala de um bazar de caridade e uma capa feita de toalha de mesa. Brooke queria que eu me sentasse no galho de uma árvore que batia alguns centímetros acima da minha cabeça. Victor e Hailey nos acompanharam, então ele decidiu me segurar pelos pés e me dar impulso para subir na árvore, o que deu certo. Mas, quando chegou a hora de descer, fiquei presa. Victor juntou as mãos e sugeriu que eu pisasse nelas e em seguida, me jogasse em cima dele. Só que parece que eu não estava fazendo direito, porque Victor não parava de gemer e gritar “*É só se jogar na minha direção, Jenny*”. Eu dizia “*EU ESTOU ME JOGANDO*”, e ele dizia “*NÃO, VOCÊ SÓ ESTÁ SE AGACHANDO NAS MINHAS MÃOS. SE JOGA EM CIMA DE MIM*” e eu dizia “*ESTOU ME JOGANDO O MÁXIMO QUE CONSIGO, VICTOR*”, e ele gritou “*VOCÊ NÃO ESTÁ SE JOGANDO CERTO*”, e eu “*ME JOGAR É A ÚNICA COISA QUE EU SEI FAZER BEM. NÃO POSSO ME JOGAR MELHOR DO QUE ISSO*”. Aí, Hailey gritou: “*EI, ENCONTREI UM GATINHO.*” E isso foi desconcertante, pois estávamos num pântano, e a maioria dos gatinhos de pântano são cangambás com raiva. Mas aconteceu em uma boa hora, porque me pegou desprevenida e eu me joguei no ombro de Victor. Infelizmente, a pressão do ombro de Victor foi como um soco no estômago e me fez soltar um peido extraordinariamente alto.

E lá estava eu: peidando, gritando e me debatendo de cabeça para baixo, e me segurando no cós das calças de Victor para conseguir me apoiar e examinar o chão à procura de cangambás infectados. Não sei se há uma palavra certa para descrever aquele momento, mas se houvesse uma que significasse o contrário de “dama” seria um bom começo. Fiquei mortificada, porém Brooke deu uma risada e disse que foi perfeito, porque ela achou que tinha capturado a minha essência. Victor sugeriu que era difícil *evitar* a minha essência, mas tenho certeza de que ele estava só fazendo uma piada ruim sobre peido.

Uma semana depois, Brooke concluiu meu retrato, uma fotografia que me exhibe como um Pássaro (paradoxal) da Felicidade, trancada em minha gaiola, mas alegremente otimista, mesmo enquanto nuvens negras se espalham ao meu redor.

Era eu, com todas as minhas rugas e protuberâncias, e até um pedacinho da minha orelha de abano. E não era perfeita. Era *melhor* do que perfeita.

Era *potafantástica*.



(Cortesia de Brooke Shaden)

Isso se chama “gatuflagem”

Há alguns meses, uns caroços do tamanho de ovos de ganso têm aparecido na minha cabeça. Liguei para minha irmã (que foi paramédica por muitos anos) para perguntar se podia ser câncer. Lisa suspirou e disse que eu precisava parar de cogitar que tudo era câncer. Era mais provável que os caroços fossem gêmeos que eu tinha absorvido no útero e que agora estavam começando a brotar como novas cabeças que ela esperava não herdarem meu hábito de telefonar às três da manhã para perguntar se tinha câncer. Aí ela desligou, porque não sabe manter uma boa relação médico / paciente. Ou talvez sua licença como paramédica tivesse vencido e ela não tivesse mais permissão para dar um diagnóstico de câncer pelo telefone. Não sei ao certo. Eu meio que preferia o emprego que Lisa tinha antes de se tornar paramédica, quando era palhaça profissional, pois sempre tinha bala nos bolsos e fazia balões em formato de poodle para mim quando eu estava triste.

Os caroços apareciam quase que da noite para o dia. Tinham a metade do tamanho de bolas de golfe e coçavam, porém depois ficavam menores. Eu achava que eram produto do meu transtorno de ansiedade. Minha psiquiatra concordou, mas sugeriu que eu visitasse o dermatologista que atendia do lado do consultório dela só para me certificar de que não era nada sério.

Alguns dias depois, fui à consulta. O médico deu uma olhada no meu couro cabeludo e disse com um tom de desdém: “Ah,

isso é só uma foliculite estafilocócica.” Olhei para ele, que explicou: “Sua artrite reumatoide é uma doença autoimune, o que a torna mais propensa a esse tipo de infecção. Tome esses comprimidos.” Expliquei que eu estava preocupada porque sempre ouvira que os estafilococos podem ser fatais, mas ele disse: “Você vai ficar bem. É como acne, mas no seu couro cabeludo. Ninguém nunca morreu de acne.”

Achei que ele estava sendo indiferente demais, e ele achou que eu estava fazendo tempestade em copo d’água. Observei que ele havia acabado de me contar que eu tinha uma infecção estafilocócica se espalhando em direção ao meu cérebro, e ele veio com um “*de onde você tirou isso? Você está com uma irritação cutânea na cabeça*”. Expliquei que meu cérebro habita minha cabeça e fiquei um pouco apreensiva por ter que esclarecer isso, já que era *ele* quem devia ser o médico. Então ele balançou a cabeça quase do mesmo jeito que Victor faz, me mandou ficar longe da internet e saiu da sala para trazer minha receita. É claro que eu imediatamente peguei o celular para ver o que ele tinha tanto medo que eu procurasse, pois tenho quase certeza de que “fique longe da internet” quer dizer “eu *desafio* você a procurar essa merda no Google”.

“Que jeito preguiçoso de dizer que estou morrendo”, pensei.

Quando o médico voltou, mostrei o telefone num gesto acusatório e perguntei por que ele estava prescrevendo um medicamento que tratava “malária, antraz e cólera”. Ele disse que tinha sido *exatamente* por isso que ele não queria que eu pesquisasse na internet, e que aquele remédio específico também era usado no tratamento da acne. E ele está certo, mas mesmo assim é desconcertante. É como tomar um comprimido para uma topada, mas que também serve para curar a peste negra e fazer crescer braços amputados. Eu não sabia o que pensar. Seria aquilo um problema de saúde sério que me tornaria alvo de pena e me faria ficar em repouso absoluto ou não era

nada? Ele garantiu que não era “*quase nada*” e me mandou tomar os comprimidos para malária duas vezes por dia. Em seguida, eu lhe mostrei um caroço esquisito que já tinha na perna há oito anos, e ele disse “É, isso é um caroço”, e aí comecei a me perguntar se aquele homem era médico mesmo.

Ainda assim, é bom ouvir “não é câncer”. E suponho que também seja bom não ter que se preocupar com a possibilidade de pegar malária, mesmo que antes da consulta isso não fosse uma preocupação para mim.

A parte mais perturbadora da consulta, no entanto, foi quando o médico casualmente perguntou se eu já havia considerado a possibilidade de passar por algum procedimento, já que eles estavam com uma promoção de botox. Aí eu cravei uma caneta no joelho dele. Mas só na minha cabeça, porque nunca se encontra uma caneta quando se precisa muito. Na verdade, eu só disse a ele que não curtia muito pagar para injetarem um veneno paralisante no meu rosto e que tinha orgulho das minhas marcas de sorriso, que vejo como uma honraria que diz às pessoas que não sou babaca. Ele argumentou que havia pensado no vinco entre as minhas sobrancelhas. Falei que tinha vivido *muito* para conseguir aquela ruga de preocupação e que não iria apagá-la.

“FOI O MEU MARIDO QUE *FEZ ESSE VINCO*”, anunciei, assumindo uma posição de defesa que surpreendeu até a mim mesma. “Esse vinco representa todas as vezes que já discuti com ele por todos os motivos da porra do mundo. É um vinco que diz ‘É melhor não me contrariar, porque senão eu te mato. É praticamente uma medalha por tempo de serviço e *EU FIZ POR MERECEER*.”

Ele aceitou meu argumento surpreendentemente rápido e voltou a preencher minha ficha. “Mas”, admiti, “eu não me importaria se você tirasse esse caroço esquisito da minha perna. Não tenho nenhum vínculo emocional com ele.” O médico olhou

mais de perto e disse que poderia removê-lo, mas que deixaria um buraco grande e uma cicatriz. Decidi deixar pra lá, porque parecia um desperdício pagar para ter um tipo diferente de deformação quando eu podia manter a que havia crescido espontaneamente e de graça.

Enquanto o médico me conduzia até a saída, ele me disse que parasse de “me preocupar tanto”, porque é possível que a irritação tenha sido em parte causada pelo sistema nervoso, e fiz uma anotação mental para não me esquecer de contar à minha psiquiatra que o mundo da medicina enfim encontrara uma cura para meu grave transtorno de ansiedade, e que a prescrição era “só pare de se preocupar tanto”.

Meu Deus, como a ciência evoluiu.

Mais tarde, liguei para Lisa em busca de uma segunda opinião, e ela lembrou outra vez que não era médica, que vivíamos em fusos horários diferentes e que começaria a desligar o telefone depois de meia-noite. Mas acabou se animando quando mencionei o caroço da perna, pois percebeu que tem *exatamente* o mesmo caroço na dela. Perguntei se ela já tinha mostrado a um médico, e ela disse algo como: “*Por que eu mostraria? É só um caroço, bobinha.*” E foi então que me dei conta de que ela teria sido uma ótima médica. Ela achou que era bom que eu estivesse tomando comprimidos para malária, já que, com a minha sorte, provavelmente já deveria estar com malária mesmo, e ela não deixa de estar certa. Lisa também afirmou que eu deveria fazer a cirurgia para remover o caroço da perna, porque aí poderia deixar pessoas que quisessem tomar *body shots* usarem o buraco deixado por ele. Eu tinha quase certeza de que ninguém gostaria de tomar uma bebida alcoólica no buraco da cicatriz enrugada na minha perna, e ela disse: “Venha para Los Angeles. Tem sempre demanda por qualquer coisa.” E é provável que ela esteja certa, mas desconfio que as pessoas que gostariam de se embriagar no buraco da minha

perna *não* seriam as mesmas que *eu* gostaria que ficassem bêbadas usando o buraco da minha perna. Essa é só mais uma daquelas verdades incontestáveis da vida. Lisa disse que eu nunca conseguiria um emprego como um copo de shot feito de uma perna viva com essa atitude. Prefiro pensar que esse trabalho não existe com nenhuma atitude.

Seja como for, agora me sinto velha e cheia de rugas, e provavelmente *consideraria* colocar botox o quanto antes se uma amiga minha não tivesse acabado de injetar e ficado com uma sobrelha um pouco mais baixa do que a outra por estar relaxada *demais*. Ela me perguntou se dava para notar a diferença, e eu respondi que não, que só parecia que ela estava constantemente intrigada com alguma coisa. Assim, no máximo, só a fez parecer mais pensativa e intelectual. Acho que ela ficou satisfeita com a minha resposta. Ou com muita raiva. Esse é o lado ruim de conversar com alguém com o rosto parcialmente paralisado. Não dá para saber se estão se inclinando na sua direção para dar um abraço ou um soco no pescoço.

Lisa absorveu tudo isso cheia de sono e ressaltou que parecia um pouco suspeito o fato de a minha terapeuta ter me encorajado a visitar um médico que me fez sentir velha, o que me forçaria a marcar outra consulta com ela para discutir a crise de meia-idade que eu nem sabia que tinha até ele abordá-la.

Concordei com um aceno da cabeça.

— E, quando eu for à minha psiquiatra de novo, é provável que ela esfregue urtiga na minha cadeira para eu continuar visitando o dermatologista. Em algum momento vou acabar suspeitando que fui manipulada, mas ninguém nunca vai acreditar que a minha psiquiatra estava me envenenando, então Victor vai me forçar a fazer *outra* consulta com ela para tratar minha “paranoia *infundada*”.

— *Bingo* — respondeu Lisa. — Agora você está pensando como uma médica. Ou talvez uma psicopata.

A segunda opção era mais provável, porque a minha psiquiatra é adorável e tem a cara límpida e inocente de alguém completamente livre de uma consciência pesada. Ou de alguém com vício em botox, que está sendo financiado pela indicação de mais clientes para o dermatologista.

De toda forma, preciso parar de pensar nisso. Vai me deixar com rugas.



P.S.: Meu médico me assegurou que o tratamento de uma infecção estafilocócica na cabeça é bem fácil e que é improvável que se espalhe para o rosto, o cérebro ou o resto do corpo. Mas (só para garantir) tenho usado um gato como camuflagem. Chamo isso de “**gatuflagem**”, pois a pronúncia é mais engraçada. Basicamente, basta levar um gato para onde quer que se vá e colocá-lo na frente do rosto para cobrir qualquer imperfeição, mancha, papada etc.

Infelizmente, também passei a ter que usar a gatuflagem para cobrir arranhões de gato, então estou num ardil-22. Isso é legal porque dá para usar peles sem ninguém do PETA esbravejar por causa disso. A não ser que eu grampeie Ferris Mewler no pescoço. Aí eles provavelmente vão ficar um pouco putos por grampeamento de gato. Mas eu nunca faria isso, porque seria

ridículo e cruel, e deve causar *mais* infecções, e aí o doutor *É-isso-é-um-caroco* vai dizer: “É, eu sei que você *acha* que essas marcas são mordidas de vampiro, porém é provável que você só esteja com uma infecção por ter grampeado um gato no pescoço. Não faça mais isso. Tome um comprimido. Ele também cura envelhecimento testicular e a perda dos globos oculares.” É por isso que estou pensando em comprar um sling de bebê para colocar Ferris Mewler e poder usá-lo no peito sem grampos.

Alguém me arranje um canguru para bebê com buraco para rabo.

E algum tempo de repouso absoluto.

E um pouco de malária.

Só para compensar o dinheiro que eu gastei.

Você está melhor do que Galileu. Porque ele está morto.

Eu aprendi que todas as pessoas do mundo se encontram de alguma forma no espectro dos transtornos mentais. Várias mal se pesam na balança, enquanto outras têm que lidar com muito mais do que poderiam esperar. Até mesmo distúrbios específicos são incrivelmente individuais. Por exemplo, meu transtorno depressivo vai e vem, e quando ele desaparece tenho dificuldade de me lembrar de como posso ter me sentido tão perdida ou entorpecida quanto me sinto nesses períodos. Meu transtorno de ansiedade, por outro lado, está sempre comigo e vem acompanhado de todos os tipos irritantes de distúrbios e fobias “bônus”, como uma espécie horrível de edição de colecionador.

Enfrento uma série de fobias, como a agorafobia — medo de se encontrar numa situação em que é impossível fugir se der alguma merda. Tenho transtorno de ansiedade social agudo (também chamado de antropofobia), que é medo de gente. Eu *não* tenho aracnofobia (medo irracional de aranhas), pois ter medo de aranhas é perfeitamente racional, então me recuso a reconhecê-lo como um “distúrbio”. Também tenho aracnoantropofobia, que é o medo de pessoas cobertas de aranhas. Eu inventei essa, contudo ela não deixa de ser uma preocupação válida.

Acredito que o medo de pessoas é algo que a maioria dos indivíduos mais introvertidos e com menos traquejo social

entenda, mas costumo ir um pouco além... a um lugar cheio de uma vergonha bizarra. O distúrbio se manifesta de maneiras estranhas, porém, quando estou passando por um período difícil, não consigo interagir com o mundo lá fora. Chego ao ponto de me esconder na minha própria casa, os batimentos cardíacos retumbando em meus ouvidos quando alguém aparece à porta.

Seria mais fácil lidar se eu estivesse em outro cômodo, mas quando alguém toca a campainha sempre estou sozinha em casa e sentada no meu escritório, que fica logo ao lado da porta da frente. Minhas cortinas costumam ficar fechadas e sempre com alguns centímetros de folga para que os gatos possam contemplar o mundo que estou evitando.

“Será que podem ver meus pés?”, me pergunto, travada e prendendo a respiração, esperando que quem quer que esteja lá fora vá embora. “Talvez pensem que sou um manequim”, sussurro para mim mesma.

Coloco os pés para cima da cadeira lentamente, os joelhos sob o queixo. Faço isso sem produzir nenhum barulho, em câmera lenta para não chamar atenção. Fico de olho nos pés da pessoa para ver se demonstram alguma reação, se ela me viu.

Então fico ali sentada, encolhida em posição fetal, e me sinto ridícula ao me esconder fisicamente do mundo. Os gatos me olham de um jeito esquisito. Estou sendo julgada pelos gatos — que se perguntam aonde foi parar o meu colo, já que ele é a poltrona preferida deles.

O pior é quando quem está do lado de fora espera e toca a campainha outra vez. Alguém que toca uma vez só está fazendo o seu trabalho, mas alguém que toca duas vezes está fora de si. Os verdadeiros psicopatas ficam esperando e às vezes chegam ao ponto de ligar para o telefone da minha casa enquanto fico sentada pensando: “A ligação está vindo de fora da casa.”

Nunca atendo.

No fim das contas, a pessoa vai embora e fico me perguntando quem era. São momentos terríveis. Poderia ter sido um assassino em série. Ou um membro da igreja local. Alguém para avisar que atrasei uma conta. Um mágico com uma carroça cheia de truques. Um técnico para alertar sobre um vazamento de gás.

Ou talvez seja só uma pessoa curiosa para saber quem sou. Quem era aquela garota que levantou os pés e *quase* se escondeu de um completo estranho sem qualquer motivo aparente? *Quem faria esse tipo de coisa?*

Honestamente, eu também gostaria de saber.

* * *

É difícil explicar o que é um transtorno de ansiedade. Não me assusto com as coisas que assustam os outros. Não tenho problemas com cobras, palhaços nem agulhas. Posso entrar num necrotério e fazer companhia aos mortos numa boa. Posso olhar para baixo de alturas alucinantes ou caçar fantasmas em hospícios abandonados.

A maioria das pessoas tem medo de falar em público, mas fico bem em palcos e posso conversar confortavelmente com mil pessoas. O que me assusta não é o palco... o terror, o pavor, encontra-se nas milhões de coisas que podem dar errado até eu *chegar* a esse palco. E se eu me perder? E se alguém me reconhecer? E se ninguém me reconhecer? Onde posso me esconder até dar a hora de entrar? E se, enquanto eu estiver me escondendo, as pessoas virem quem eu sou de verdade... a Jenny aterrorizada, que é entediante e estranha e olha tudo como um animal assustado, em pânico, até chegar ao palco e saber que está no lugar certo e não tem outra opção além de falar? Nesse momento, o terror se dissipa por alguns minutos, pois não preciso tomar decisões ou me perguntar o que meu

rosto está fazendo. Posso relaxar, porque por esse breve momento não tenho escolha a não ser respirar e seguir em frente.

Alguns têm medo de voar. Eu também tenho, mas não do jeito que você deve estar pensando. Tenho medo de ficar presa, perdida e paralisada a cada passo do caminho da minha casa até o avião. Meu medo só diminui quando estou sentada e o avião decola. É só quando chega o momento em que não tenho qualquer escolha a fazer ou nenhum erro a cometer que posso relaxar por alguns minutos enquanto as pessoas que têm um medo normal e compreensível de voar de repente ficam tensas e agarram os braços dos assentos em pânico. Olho para elas com pena e fico com vontade de explicar que esse medo é irracional. Que ficaremos bem, e mesmo se não ficarmos vai ser rápido, e não haverá nada que possamos fazer. Penso em lhes dizer isso, mas aí temo que não parem de falar comigo já que eu não conseguiria lidar com essa situação, pois preciso ficar em silêncio por uma hora antes de aterrissarmos, tempo suficiente para estudar e memorizar os mapas do terminal do aeroporto onde pousaremos e para checar e confirmar se minhas anotações sobre a viagem estão certas e me preocupar com o lugar desconhecido para onde estamos indo e com os vários lugares onde posso me perder. As pessoas que têm medo normal de voar saem do avião com um alívio óbvio, e não posso evitar invejá-las — tanto porque seu medo racional é algo que todo mundo entende quanto pelo fato de que ele acaba quando elas saem do avião. Já o meu medo começa a voltar e vai durar até o momento em que eu voltar para minha própria casa e puder relaxar.

O corpo não foi feito para lidar com tanto medo por tanto tempo, então quando viajo muito fico doente — física e emocionalmente. Explico às pessoas que é minha doença autoimune e elas entendem, mas essa é só uma parte do

quebra-cabeça. Também é o terror de deixar a segurança da minha casa, onde construí um frágil verniz de proteção que pode quebrar com facilidade. O terror consome cada minuto até eu por fim ficar um bagaço e não conseguir mais me mexer de exaustão.

É uma mistura de emoções contraditórias. Quando faço turnê para promover um livro, conheço as pessoas mais fantásticas. Algumas amam o humor. Outras amam o drama. Algumas olham para mim com uma expressão aterrorizada como a minha e sussurram que é a primeira vez que saem de casa em semanas. Essas são as minhas favoritas... Aquelas que, como eu, estão com medo, mas saem mesmo assim, sozinhas, e acabam fazendo amizade com outras pessoas na fila que são iguais a elas. É o que acontece todas as semanas na seção de comentários do meu blog, mas é muito mais bonito ver acontecendo ao vivo.

Durante a turnê do meu primeiro livro, eu não sabia o quão esgotante e assustador seria. Em uma das viagens, depois de uma semana e meia, perdi o controle. Não foi um colapso nervoso *absoluto*. (Isso aconteceria mais tarde, quando cheguei em casa e passei semanas sem conseguir me mexer.) Foi só um excesso de estímulos e o fato de não ter nenhuma rotina para me acalmar. Quando as coisas ficavam muito ruins, Victor e Hailey pegavam um avião e iam para onde quer que eu estivesse naquele dia, então nós nos escondíamos no quarto do hotel e assistíamos à TV abraçados. Era exatamente disso que eu precisava. Melhor do que as massagens que eu tinha medo demais de marcar, ou do que as festas às quais não conseguia convencer a mim mesma a ir, ou do que as viagens de férias que eu dispensava.

É difícil escrever sobre isso sem dar a impressão errada, o que é algo que me preocupa. Eu *amo* o fato de uma tribo especial de pessoas entender e gostar do que escrevo e tenho

uma sorte incrível por tê-la encontrado. Adoro entrar numa livraria para uma noite de autógrafos e ver que todos os lugares foram ocupados, que os vendedores estão chocados pelo efeito de centenas de desajustados estranhos e maravilhosos de pé, sorrindo e usando vestidos vermelhos de baile e segurando galinhas de ferro. Amo o fato de um livrinho tão esquisito ter se tornado um best-seller pela avalanche de leitores que compraram o livro e que o recomendaram a outros leitores, os quais, por sua vez, descobriram o livro ou o blog e também o seu lugar na nossa estranha comunidade.

É difícil compreender como alguém pode ficar deprimida ou ansiosa depois de ter recebido algo que outras pessoas seriam capazes de matar para ter. Isso me faz parecer, na melhor das hipóteses, ingrata. Na pior das hipóteses, deplorável. Ainda assim, é o que acontece. Alguns momentos que (da perspectiva de uma pessoa normal) deveriam ter sido os melhores da minha vida na verdade foram os piores. Ninguém fala disso. Provavelmente porque parece loucura. Mas não deixa de ser verdade.

Eu queria que alguém tivesse me contado essa verdade simples, mas difícil de entender: mesmo quando *tudo está dando certo*, ainda dá para se sentir triste. Ou ansiosa. Ou desconfortavelmente entorpecida. Afinal, nem sempre se pode controlar o cérebro ou as emoções, mesmo quando as coisas estão perfeitas.

O que é mais assustador é que às vezes isso torna tudo mais difícil. É de se esperar que alguém fique triste quando as coisas estão uma merda, mas e quando se está triste mesmo tendo tudo que deveria querer? Isso é simplesmente aterrorizante. Por que estou encolhida como uma bola na cama do meu quarto de hotel, insegura demais para curtir a vida, sentindo-me um fracasso, uma fraude, enquanto todo mundo se diverte numa festa dada

em minha homenagem? Como posso me sentir tão mal, enojada, culpada e transpirando de pânico quando tudo está perfeito?

Se tudo está perfeito e eu estou infeliz, esse é o máximo que posso esperar?

A resposta é não.

Tudo melhora.

Você melhora.

Você aprende a reconhecer que o que faz *você* feliz é muito diferente do que as pessoas *dizem* que deveria fazer *você* feliz. Você aprende que não há problema em preferir a sua ideia particular de paraíso (tuitar sobre filmes de zumbi coberta por gatinhos) à ideia de outra pessoa de que fama / fortuna / festas são o auge que todos nós deveríamos almejar. E há algo surpreendentemente libertador nisso.

* * *

É um dom maravilhoso ser capaz de reconhecer que as coisas que fazem *você* mais feliz são muito mais fáceis de conseguir do que *você* imaginava. Há tanta liberdade em poder celebrar e apreciar os momentos únicos que recarregam as suas energias e lhe dão paz e alegria. É claro que alguns preferem tapetes vermelhos e paparazzi. Acontece que eu só quero picolés de banana mergulhados em rum. Isso não significa que não sei apreciar as coisas boas da vida. Significa que sei reconhecer quais são as coisas boas da vida *para mim* . Isso faz sentido porque, no fim da vida, ninguém diz coisas como “Graças a Deus fiz um passeio de elefante”. Em vez disso, dizem “Eu queria ter passado mais tempo com as pessoas que eu amo”. Então, se *você* passa uma hora brincando de “o chão é feito de lava” com sua filha, está melhor do que a garota que viajou para o Sri Lanka. Além disso, *você* não pegou cólera. Provavelmente. Depende, eu acho.

Isso não quer dizer que não me forço a ir a conferências, sair em turnê e fazer viagens de férias, porque eu me forço sim. Sei que me tornaria uma ermitã se não fizesse um esforço para sair de casa, então tento dizer sim a experiências maravilhosas e conhecer pessoas incríveis sem me sobrecarregar. Sou muito seletiva em relação ao que faço, pois sei que não tenho colheres o bastante para tudo.

Sabe o que quero dizer quando me refiro às colheres? Pois deveria.

A Teoria da Colher foi criada pela minha amiga Christine Miserandino para explicar os limites de uma pessoa que sofre de uma doença crônica. A maioria das pessoas saudáveis tem um número aparentemente infinito de colheres à sua disposição, cada uma representando a energia necessária para uma tarefa. Você se levanta de manhã. Isso é uma colher. Você toma um banho. Mais uma colher. Você trabalha, brinca, limpa, ama, odeia, e lá se vai uma montoeira de colheres... Mas, quando somos jovens e saudáveis, ainda temos colheres sobrando ao deitarmos e esperamos pela próxima entrega de colheres na manhã seguinte.

Mas, se você está doente ou sofrendo, sua exaustão muda você e o número de colheres que tem. Doenças autoimunes ou dores crônicas como as que tenho por causa da artrite eliminam colheres. Depressão ou ansiedade eliminam ainda mais. Pode ser que só restem seis colheres para se usar em um dia. Às vezes, menos ainda. Aí você pensa nas coisas que precisa fazer e percebe que não tem colheres o bastante para fazer todas elas. Se limpar a casa, não terá mais colheres para se exercitar. Pode visitar um amigo, mas não terá colheres suficientes para dirigir de volta para casa. Pode fazer tudo que as pessoas normais fazem por horas, mas acaba batendo num muro e cai na cama pensando: “Eu queria parar de respirar por uma hora, porque todo esse negócio de inspirar e expirar é exaustivo.” E aí seu

marido vê você deitada na cama, ergue uma sobrancelha sedutoramente, e você diz: “Não posso transar com você hoje, não tenho colheres o suficiente”, e ele lhe dirige um olhar estranho, pois isso soa safadinho, e não de uma forma legal. E você sabe que deveria explicar a Teoria da Colher para ele não ficar zangado, mas não tem energia para explicar direito porque usou a última colher da manhã para pegar as roupas dele na lavanderia. Então, em vez disso, você se limita a gritar na defensiva: “GASTEI TODAS AS MINHAS COLHERES COM AS SUAS ROUPAS!” E ele diz: “Mas o que... Não dá para pagar a lavanderia *com colheres*. Qual é o seu problema?”

Aí você fica irritada porque isso também é culpa dele, porém está cansada demais para discutir em voz alta, então discute na sua cabeça, mas não se sai tão bem porque está cansada demais para se defender até mesmo na sua cabeça, e as críticas das vozes dentro de você vêm à tona e você está cansada demais para não acreditar nelas. E aí você fica *mais* deprimida e no dia seguinte acorda com *menos* colheres ainda, então tenta fazer mais colheres com cafeína e força de vontade, mas a verdade é que isso nunca funciona. A única coisa que funciona *mesmo* é admitir que a falta de colheres não é sua culpa e se lembrar disso várias vezes enquanto compara sua vida fodida à vida igualmente fodida, mas de forma menos perceptível, dos outros.

As únicas pessoas com quem você deveria se comparar são aquelas que, quando comparadas a você, fazem-na se sentir melhor. Por exemplo, pessoas que estão em coma, pois elas não têm nenhuma colher, e não se vê ninguém as julgando. Particularmente, sempre me comparo a Galileu, porque todo mundo sabe que ele é fantástico, mas que não tem uma única colher, já que está morto. Então, tecnicamente, estou melhor do que Galileu, porque a única coisa que fiz foi tomar um banho e já conquistei mais do que ele hoje. Se estivéssemos numa

competição, eu o venceria com a minha produtividade todos os dias da minha vida. Mas não estou me gabando, porque Galileu não pode controlar seu suprimento atual de colheres mais do que eu posso e, se ele não conseguiu descobrir como preservar esse suprimento minguante, acho que é muito injusto me julgar pelo meu.

Aprendi a usar minhas colheres com sabedoria. A dizer não. A me forçar, mas não demais. A tentar saborear toda a maravilhosidade da vida mesmo no limite do terror e da fadiga.

Esse final de semana foi um exemplo perfeito disso. Fui convidada para falar numa conferência e aceitei o convite. No entanto, só ir de casa para o hotel em São Francisco foi exaustivo, então fiquei cansada demais não apenas para ir à conferência, como também para comer ou sequer pegar um táxi. Não deixei a arrumadeira entrar porque precisava ter a sensação de que meu quarto no hotel era um lugar protegido, que nenhuma outra emoção com a qual eu tivesse que lutar se misturaria com as minhas.

Isso parece loucura, mas é verdade. Posso sentir as emoções das pessoas. Ou talvez sua força vital? Algo assim. É desagradável, só que de um jeito difícil de definir. É como um suéter do qual não dá para gostar porque pinica e causa uma reação alérgica que você não consegue explicar. Tomo comprimidos para reduzir minha sensibilidade, e eles me fazem poder adorar os suéteres, as pessoas e a vida. Mas, quando o efeito dos comprimidos passa, volto a ficar aterrorizada e quero sair correndo, gritando, e que alguém me salve. No entanto, a única pessoa que pode me salvar sou eu mesma, o que é um problema, pois não sou confiável e estou paralisada, e meu estômago fica revirado, então sei que vou vomitar... uma manifestação física do meu cérebro que leva meu corpo a se livrar de tudo que pode. Antes, eu achava que era lutar ou correr.

Nos meus piores dias, acho que é a forma de o meu corpo se rebelar... de me abandonar de todas as maneiras possíveis.

O hotel onde foi feita a reserva ficava na parte ruim do bairro de Tenderloin — decadente, fascinante, assustador, deprimente e excitante. Também era cheio de sem-teto que pareciam reunidos em grupos por todas as ruas. Consegui não encontrar ninguém, mas não tinha serviço de quarto, então, se eu quisesse comer, teria que sair. O problema era que eu não conseguia dar mais do que alguns passos sem ser bloqueada por um homem ou uma mulher com um grave transtorno mental ou muito doido, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Eu andava alguns metros e via um homem sem camisa sentado a uma porta gritando “ME DÁ UM DÓLAR” para as pessoas enquanto as agarrava pelos pés e cuspiam nelas. Então eu dava meia-volta e me afastava, e aí via uma mulher furiosa, gritando cheia de ira para alguém que não existia. Isso acontecia em todas as ruas, e eu sempre dava a volta até não ter mais nenhuma rua para onde ir. Assim, eu simplesmente voltei para o quarto para comer os biscoitos de manteiga de amendoim que havia levado.

Não que eu tenha mais medo de pessoas sem-teto do que tenho de pessoas com teto. Tenho medo de uma coisa mais complicada. Olho para elas e penso: “Esse é o meu futuro?” Porque é isso que eu me tornaria se eu travasse e fosse forçada a conviver com pessoas sem fazer uma pausa. Gritando, aterrorizada, paralisada em alguma sarjeta todos os dias. Perdida. Sem me mexer. Sem opções. É como me sinto agora, só que tenho a sorte de estar paralisada num quarto com lençóis limpos e um frasco de comprimidos que está sempre comigo e que espero me dar a coragem entorpecida para, em algum momento, chamar um táxi e ir para um aeroporto fazer uma série de coisas em que as pessoas normais sequer pensam, mas que me deixam cada vez mais obcecada até eu ter me perdido no

aeroporto centenas de vezes na minha mente antes de precisar enfrentá-lo de verdade.

A ideia de travar me deixa em pânico. Fico parada na porta do meu quarto no hotel olhando para o mundo real, e a possibilidade de eu simplesmente travar é aterrorizante. A possibilidade de eu não conseguir sair. Ou chamar um táxi. Ou entrar no avião. De ficar travada, para sempre, como aquelas pessoas nas ruas.

Tenho a sorte de ter muitas opções. Tenho medicamentos, ferramentas terapêuticas e técnicas de respiração. Tenho amigos e familiares para quem posso ligar para virem me salvar se as coisas ficarem muito ruins. E tenho a internet. Isso parece estranho, mas o Twitter é como uma imensa turma de pessoas igualmente perturbadas que se escondem com você em banheiros e a fazem rir dentro do forte de travesseiros que você construiu num quarto solitário de hotel. Muitas delas sofrem dos mesmos medos, o que as mantêm igualmente isoladas, mas encontramos uma forma de estarmos sozinhas juntas.

Há algo de maravilhoso em experimentar a vida com estranhos amigáveis e amigos estranhos que cabem todos no seu bolso. Eles celebram seu sucesso. Mandam vídeos de ouriços em banheiras quando estamos mal. Dizem que não estamos sós. *E de repente... não estamos.* Eles transformam experiências horríveis em outras das quais posso rir com meus amigos, esses estranhos esquisitos que caminham conosco, que nos fazem companhia tarde da noite durante um ataque de pânico. Ou quando estamos sozinhos numa mesa num local público e acidentalmente nos expomos ao ridículo — o que, por coincidência, foi o que aconteceu comigo naquele fim de semana na conferência.

Como o hotel onde eu estava não oferecia serviço de quarto, eu estava sobrevivendo à base de biscoitos de manteiga de amendoim que havia levado comigo. Porém no último dia concluí que precisava comer comida de verdade antes da minha

palestra, portanto decidi enfrentar o mundo e ir até o restaurante anexo ao hotel. O que se seguiu foi uma série humilhante de eventos que teriam me deixado devastada se eu não pudesse ter rido deles no Twitter. (E é isso que é fantástico nos introvertidos. Eles estão sempre nos seus celulares ou computadores, então é como se estivessem com os amigos mesmo quando estão sós.)

Para resumir, tentei tirar uma selfie discreta para mostrar como eu estava só no restaurante escuro, mas esqueci que o flash estava ativado. Então, quando tuitei a foto, meu celular fez um som alto de fiu-fiu. Na pressa para sair, tropecei na borda do lago ornamental de carpas koi deles e pisei num peixe. O peixe ficou bem, mas molhei o pé direito do meu sapato, então tentei usar o ventilador de teto do meu quarto para secá-lo. Só que estava demorando muito e eu não podia fazer a palestra com um sapato que fazia barulho cada vez que eu pisava. Aí enfiei o sapato na pá do ventilador, porque achei que a inércia forçaria a água a sair. Parecia estar funcionando, até que aumentei demais a velocidade do ventilador e o sapato pulou da pá e bateu no meu rosto. Foi como ser chutada na cabeça pela minha própria estupidez.

Mas o Twitter estava lá o tempo todo, lembrando-me de que, se eu conseguisse me recompor, ninguém mais saberia quem eu era.

E é *por isso* que eu amo a internet — porque eles transformaram um momento absolutamente horrível numa lembrança que me faria rir mais tarde, porque eu o vivi com pessoas que se solidarizavam, ou pelo menos reconheciam como uma tremenda tragédia. E foi bom. E assustador. E eu sobrevivi, apesar de ter subido ao palco com um sapato que fazia barulho e me escondido no meu quarto assim que acabou.

Continuo fazendo o que faço porque isso é a vida, e porque um dia talvez eu me acostume. Talvez um dia eu vá ter a mesma reação à vida que tenho quando estou trancada num avião ou no

palco. Talvez consiga relaxar e curtir minha vida sem deixar o medo me impedir de aproveitá-la. Talvez um dia eu admita facilmente a verdade... que não tenho escolha além de respirar e seguir em frente.

Coisas que meu pai me ensinou

- Sempre puxe um cachorro-tanque de um buraco pela cauda. Além disso, “cachorro-tanque” é um nome incrível para um tatu.
- Você não pode deixar um burro no carro. Mas PODE levá-lo para um bar. E depois nunca mais vai poder voltar naquele bar.
- Se você tem grama demais e seu vizinho tem cabras demais, basta alugar algumas das cabras do seu vizinho para comer sua grama. Mas certifique-se de pegar só fêmeas, porque senão também vai acabar com cabras demais. Grama demais e nenhum controle de natalidade: é assim que se fazem cabras.
- Se quiser aprender como os nativos americanos esfolavam um búfalo, deve deixar alguns deles morarem no seu jardim. Tipo, os nativos americanos, e não os búfalos. Nós mal tínhamos espaço para aquelas cabras.
- A grama do vizinho é sempre mais verde, mas só porque a maioria das pessoas não tem um monte de cabras alugadas no quintal. Aquelas merdas daquelas cabras comem *tudo*.

- Você pode trocar três cabras por uma motocicleta seminova de algum garoto.
- Você pode trocar uma motocicleta seminova e agora levemente batida de algum garoto por aquelas cabras de novo se você tomou o cuidado de trocar as piores cabras no primeiro trato. Deveriam mudar a frase “Você não vai suportar a verdade” para “Você não vai suportar essas cabras”, porque é mais realista. Lidar com cabras é péssimo.
- Quando a vida lhe der um limão, você deve congelá-lo e usá-lo para atirar nos seus inimigos com um tipo de trabuco. Além disso, você nunca deve perguntar ao seu pai o que é um trabuco, porque ele vai acabar mostrando. É tipo uma catapulta, só que mais complicado, e inevitavelmente o trabuco acaba quebrando, ou as cabras passam na frente e saem correndo tontas.
- Do outro lado do medo está a liberdade. E, geralmente, menos dedos do que você tinha.
- Todo mundo nasce com dedos extras. Deus espera que você arranque alguns durante a sua jornada. Do contrário, Ele não teria feito ferramentas tão incríveis.
- Se você larga um cervo que acabou de ser morto na mesa da cozinha com a barriga no tampo, as patas dianteiras de um lado e as traseiras do outro, não vai parecer que ele está voando, mas que caiu na corrida de obstáculos. É um pouco engraçado e horrível ao mesmo tempo. Como a vida.

- Sempre atire primeiro, porque ursos não atiram. Eles só devoram você. Não dá para sair ganhando se deixar o urso dar o primeiro tiro. Essa é uma regra básica de caça.
- Haverá momentos em que você terá que ser adulta. São armadilhas. Não caia nelas.
- Geladeiras são boas para deixar aguardentes caseiras menos nojentas. Congeladores são bons para deixar cascavéis menos irritadas. Garagens são boas para se esconder quando sua mulher descobre alguma dessas coisas.
- Se você deixar o congelador aberto, as cascavéis vão acabar descongelando e picando a sua mão. (Não sei ao certo se isso é um fato ou se foi só uma maneira que meu pai encontrou de fazer eu e minha irmã fecharmos o congelador rápido antes de o ar frio sair. Isso gera uma economia tão grande de eletricidade que estou pensando em usar a mesma tática com minha filha. Mas sem as cascavéis de verdade. Afinal, isso seria loucura.)
- Não cometa os erros que todo mundo comete. Cometa erros maravilhosos. Cometa o tipo de erro que deixa as pessoas tão chocadas que elas não têm outra opção a não ser ficarem impressionadas.
- Às vezes, um silêncio aturdido é melhor do que aplausos.
- Você não precisa frequentar uma escola particular especial para ser artista. Veja a beleza complexa das teias de aranha. E olha que elas fazem isso com as bundas.

- Seja feliz na frente das pessoas que detestam você. Assim, elas saberão que não a afetaram. Além do mais, vão ficar putas da vida.
- Você pode fazer um chapéu com o focinho de um gato, mas isso não faz dele um bom chapéu. A não ser que o forre primeiro.
- Não se sabote. Muitas pessoas já estão dispostas a fazer isso de graça.
- Você pode largar um fogão quebrado no jardim, contanto que o chame de arte.
- Se você vai comprar globos oculares de vidro, deve comprá-los no atacado, pois vai precisar de mais. Globos oculares de vidro são como salgadinhos. Ninguém consegue pegar um só. Principalmente porque é raro empalhar animais de um olho só. A não ser que os faça piscando uns para os outros. Ou talvez como piratas.
- Se você enfiar dois globos oculares gigantes feitos para empalhar cabeças de vacas por dentro dos seus óculos, vai assustar um monte de gente. E provavelmente também deve acabar caindo e fraturando o quadril. Mas vai valer a pena.
- Chega um ponto em que os animais atropelados estão decompostos demais para serem empalhados. E chega muitas semanas depois do que uma pessoa normal esperaria.

- Dá para fazer um Pé-Grande empalhado muito convincente com uma bunda de cervo. Não vende muito bem na loja, mas é bem divertido quando pessoas inocentes ficam a uma polegada do ânus de um cervo para analisá-lo com admiração e ceticismo.
- A maioria das aparições de Pés-Grandes provavelmente não passaram de cervos fugindo de caçadores bêbados.
- Normal é chato. Esquisito é melhor. Cabras são incríveis, mas só em pequenas quantidades.
- Passe esses globos oculares pra cá.

Vou morrer. Algum dia.

- Então — disse minha psiquiatra —, como estamos hoje?
Respirei fundo.
- Vou morrer.
- Ah — respondeu ela, arregalando os olhos com surpresa.
- Quer dizer... *algum dia* — acrescentei.
- Ela apertou os olhos.
- *Certo*. Então está tudo normal.
- Não está normal. *Eu estou morrendo*. **Você** está morrendo.
- ESTAMOS TODOS MORRENDO.**
- Ela cruzou as pernas.
- Essa é uma fase normal da vida.
- Morrer? *Não*. Morrer é, tipo, *o oposto da vida*. — Cruzei os braços. — Você não é médica? Acho que deveria saber disso.
- Não — respondeu ela. — O que eu quis dizer foi que pensar na mortalidade é uma fase normal da vida.
- Não posso mais confiar em nada do que você diz. Acabou de descobrir que está morrendo, e é óbvio que você está em choque.
- Ela ergueu uma sobrancelha.
- Eu *já* sabia que estava morrendo.
- Meu Deus! Sinto muito.
- *Não*. Não estou morrendo *agora*. Estou morrendo como todo mundo. Isso se chama “envelhecer”. *E isso é bom*. Cada dia é outra chance de aproveitar a vida.

— Também é outra chance de ser sequestrada por um assassino em série — argumentei. — Ou de acabar no fundo de um poço. **Ou as duas coisas.** Deve ser onde os assassinos em série jogam suas vítimas. O que provavelmente é a razão pela qual não usamos mais poços.

— Hum... — respondeu ela distraidamente, e escreveu alguma coisa no bloco de anotações. — E quanto aos poços dos desejos?

— Sabe de uma coisa? Sempre achei que eram as garotas mortas nos poços que concediam os desejos. E é por isso que meus desejos nunca se realizaram. *Porque garotas mortas não realizam desejos.*

— Ah.

— Sabe? Tem muito silêncio vindo de você, e isso está com cara de julgamento.

Ela soltou a caneta.

— Ok. Esse medo da morte é uma coisa importante sobre a qual precisamos discutir, ou...?

— Na verdade, não. Só estou puxando assunto. O que é meio esquisito, porque estou pagando para você conversar comigo, e sou **eu** quem tem que encontrar tópicos para discutir.

Ela fez uma pausa.

— Você quer que eu conduza a conversa?

— Só estou dizendo que você deveria se esforçar mais.

— Você parece um pouco na defensiva hoje. O que está acontecendo?

— Ok. — Respirei fundo. — Passei o tempo no caminho para cá pensando no que queria discutir hoje, e pela primeira vez *estou completamente bem*, e agora não sei como distraí-la nos próximos quarenta minutos.

Ela olhou para o relógio.

— Na verdade, *trinta minutos*.

— Certo. Eu vinha mesmo pensando em perguntar... por que a hora da terapia só tem cinquenta minutos? Porque isso é muito fodido. E se eu tentasse pagar a consulta com uma nota de cinco dólares e dissesse que era uma “nota de terapia de seis dólares”? Isso só existe na terapia, e acho que deve ser porque vocês sabem que estão lidando com malucos, então têm certeza de que podem se safar.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— É mesmo sobre isso que você quer conversar ou só está se colocando na defensiva outra vez?

— Estou me colocando na defensiva. — Suspirei. — **Droga, você é boa.**

— Sim. — Ela concordou com a cabeça. — É o meu trabalho. Não tem nada sobre o que queira falar?

— Ok. Lá vai. Sempre que entro num banheiro público, faço isso com cuidado e hesitação, pois sempre tenho certeza de que encontrarei um cadáver na cabine. Todas. As. Vezes.

— Por que você acha que isso acontece?

— Não faço ideia. Quase nunca encontro cadáveres, mas encontro muitos cadáveres *em potencial*. São aqueles sacos plásticos pretos abandonados nos acostamentos. Sempre fico com vontade de abri-los já que estou convicta de que pode ter um corpo lá dentro, mas não abro, já que não sou responsável o bastante para cuidar de um cadáver. Quer dizer, tipo, para chamar a polícia e entregá-lo a eles. Não tipo “este é o seu novo peixinho dourado, então cuide dele”. Não precisamos cuidar de cadáveres. Esse é um dos poucos pontos positivos deles. Se você não alimentar um cadáver, ele não olha feio para você e nunca fica mais morto do que já está. Aliás, cadáveres seriam bichos de estimação muito melhores do que peixinhos dourados, porque alguém já os matou por você, então não há muito potencial de culpa associado a eles.

Minha médica ergueu o lápis como se estivesse se perguntando por onde começar.

Continuei, tentando me explicar:

— Sempre fico com medo de encontrar um cadáver e desenvolver uma nova mania, porque nunca mais vou parar de abrir sacos de lixo depois que o primeiro compensar, e a polícia vai acabar me apontando como suspeita. Deve ser por isso que tantas pessoas não confiam na polícia. Ela prefere presumir que você é uma assassina do que só achar que tem sorte em encontrar cadáveres.

A médica tirou os óculos e esfregou o nariz.

— Bem... esse é um ponto de vista incomum, mas, na verdade, a fobia de cadáveres é muito comum.

— Ah, eu não tenho fobia de cadáveres — protestei. — “Fobia” sugere um medo irracional, e esse medo é perfeitamente racional. Você *deve* ter medo de cadáveres. Isso impede que você tenha muito contato com eles e pegue cólera. É claro — admiti — que o medo de encontrar cadáveres em banheiros e sacos talvez seja uma variação mais incomum, mas as pessoas acham cadáveres em todos os lugares.¹ Uma amiga minha que é DJ certa vez foi para a estação de rádio à meia-noite porque a transmissão havia ficado em silêncio e encontrou o chefe morto de um ataque cardíaco na mesa de som. Ela teve que continuar a transmissão por cima do corpo dele enquanto esperava pela polícia, gesto que os colegas de trabalho dela acharam corajoso e dedicado, mas que achei um pouco bizarro e perturbador. *Era só colocar um áudio longo e ir se esconder num cômodo com menos cadáveres, moça.* Se eu posso dizer alguma coisa, é que *ela* é estranha. Não eu.

— Mais alguma coisa?

— Sempre que vou lavar as mãos e a torneira automática não funciona, imediatamente presumo que morri na cabine do banheiro e que é o meu fantasma tentando lavar as mãos.

— Hum.

— Afinal, os sensores automáticos não vão funcionar se eu for um fantasma — acrescentei.

— Sim, você está certa.

— Além disso, sou muito, muito boa em fazer xixi... tipo, quase boa *demais*. É como um superpoder.

Ela me dirigiu uma expressão de crítica:

— Isso é um problema?

— Sim, porque faço xixi tão rápido que sempre preciso contar até vinte antes de sair do banheiro para que as pessoas do lado de fora não achem que deixei de lavar as mãos. — Esperei que a expressão dela mudasse para uma de surpresa, mas já parecia ter esperado muito tempo. — Além disso, não consigo parar de pronunciar o “pi” de “hamster”.

— Não tem “pi” em “hamster”.

— Bem, você obviamente nunca apertou um com força o suficiente. Há *toneladas* de pipi neles.

Ela me encarou.

— Isso foi uma piada — expliquei. — Não muito boa — admiti. — Mas, falando sério, deveria ser “hampister”. Todo mundo fala assim mesmo.

— Então, acha que já terminamos a sessão? — perguntou ela.

— Sempre que aparece uma espinha, acho que é o início de um novo mamilo.

Ela ficou me olhando em silêncio.

— E essa *não* era a resposta para a sua pergunta. Desculpe, eu me adiantei.

— Ao me falar sobre os seus mamilos? — perguntou ela calmamente.

— E aí acho que o mamilo vai se transformar em outra pessoa, e eu vou me tornar uma gêmea siamesa tardia. Penso nisso quase O TEMPO TODO.

— Então, posso marcar uma sessão para a próxima semana?

— Sim — respondi, balançando a cabeça positivamente. — Vou deixar o dia inteiro livre.

¹ É muito libertador escrever sobre isso, porque percebi que as chances de encontrar um cadáver no banheiro são muito pequenas, mas parece ainda *menos* provável que alguém que acabou de *escrever* sobre seu medo de encontrar cadáveres no banheiro de fato descubra um cadáver no banheiro. Portanto, este capítulo está reduzindo as chances de algo assim acontecer comigo.

E aumentando as chances de acontecer com você.

Sinto muito, mas é assim que as estatísticas funcionam. Escrever isso não vai impedir que as pessoas morram no banheiro. *Eu não sou Jesus, minha gente*. Não posso trazer cadáveres de banheiros de volta dos mortos. Eles vão continuar lá e alguém precisa encontrá-los, e as probabilidades indicam que é mais fácil ser você do que eu, já que acabei de escrever isso.

Por outro lado, pensando bem, quais são as probabilidades reais de você (*que acabou de ler sobre as chances mínimas de se encontrar um cadáver no banheiro*) encontrar um cadáver no banheiro agora? Vão diminuindo à medida que falo isso. Na pior das hipóteses, estou ajudando você.

De nada.

Aliás, você deveria encorajar todos os seus amigos e familiares a lerem este livro para também diminuïrem as chances *deles* de encontrar um cadáver no banheiro. É o que fazemos pelas pessoas que amamos. Seguramos os cabelos delas quando vomitam, ajudamos na mudança e as protegemos de cadáveres no banheiro. Sugiro comprar esse livro para todas as pessoas que você ama e escrever nele: “Comprei isto para protegê-lo de cadáveres de banheiro, *porque eu amo você*.” Assim saberão que você está falando sério.

E é por isso que prefiro cortar eu
mesma o meu cabelo

EU: Só preciso aparar, e talvez fazer umas luzes.

ESTETICISTA: Você sabe o que deveríamos fazer? Deveríamos
fazer uma escova progressiva brasileira.

EU: ***NEM MORTA.***

ESTETICISTA: Por que não? Ficaria ótimo. E estamos fazendo por
150 dólares esta semana.

EU: Sério? *Parece um tipo de tortura.* Não faço *ideia* de como
vocês convencem as pessoas a se darem esse trabalho, muito
menos a *pagarem* por isso.

ESTETICISTA: Não é tão ruim. Só leva algum tempo e você precisa
ter muito cuidado por um ou dois dias. Tipo não pode prender o
cabelo num rabo de cavalo ou nada assim, senão vai
comprometer o tratamento.

EU: QUE MERDA É ESSA? QUEM PRENDE OS PELOS
PUBIANOS NUM RABO DE CAVALO?

ESTETICISTA: O... o quê?

EU: Eu não consigo entender isso. Todos os anos, ouço falar que as mulheres estão fazendo cada vez mais coisas diferentes com os pelos pubianos, e não entendo. Decoração com cristais, depilação. Não quero ninguém me ajudando a transformar meus pelos pubianos num rabo de cavalo. E, para ser sincera, fico chocada por saber que há pessoas com pelos pubianos o bastante para fazer um rabo de cavalo. Assim, não estou aqui para julgar ninguém, mas eu nem sabia que pelos pubianos extralongos eram algo desejável. Não consigo cuidar do que rola na minha cabeça, muito menos no do meu jardinzinho feminino.

ESTETICISTA: Estou... *tão* confusa.

EU: Então somos duas.

ESTETICISTA: Certo. Escova progressiva brasileira é um tratamento em que usamos um secador nos cabelos da sua *cabeça*. Ela alisa e diminui o frizz.

EU: *Ah*.

ESTETICISTA: *É*.

EU: Então entendi por que você parece *tão* confusa.

ESTETICISTA: Pois *é*.

EU: Mas, em minha defesa, se eu pedisse para ficar como uma brasileira, você me levaria para os fundos e daria um jeito nos

meus pelos pubianos, então presumi que escova progressiva brasileira significava só que você os secaria com o secador primeiro.

ESTETICISTA: Ah. Isso seria... maluquice.

EU: Francamente, não é tão mais maluco do que eu pedir para você me levar para os fundos e arrancar todos os meus pelos pubianos pela raiz. É tudo uma questão de ponto de vista. *Seja como for*, você ainda cuida de pelos pubianos.

ESTETICISTA: Não cuido, não. Não fazemos nenhum tipo de depilação aqui. Só cuidamos dos cabelos da cabeça.

EU: *Ah*. Então entendi por que essa pode ter sido a primeira vez que você teve essa conversa.

ESTETICISTA: Prefiro pensar que foi a primeira vez que *qualquer pessoa* já teve essa conversa.

EU: *Touché*.

Tudo depende do seu ponto de vista (O Livro de Nelda)

Quando eu era criança, éramos muito pobres, mas nunca conversávamos sobre isso. Não havia necessidade. É o mesmo motivo de os hipopótamos não falarem sobre o fato de serem hipopótamos. Ou pelo menos um dos motivos. Contudo, na minha adolescência, mencionei para minha mãe (Nelda) que éramos muito pobres e ela prontamente parou de lavar os pratos, ergueu uma sobrancelha, surpresa, e disse:

— De onde você tirou isso? Somos podres de ricos. Até demais. Estamos praticamente enterrados na podridão. Na verdade, planejamos no futuro sermos enterrados nela. TEMOS TANTA ASSIM.

— Semítica — respondi, naquele tom sarcástico e entediado que só garotas estúpidas de catorze anos dominam.

— Acho que você quis dizer “semântica”. “Semítica” é... *sei lá...* quando você gosta muito de judeus, eu acho. Levante-se do chão da cozinha e vá pesquisar.

— Existe uma palavra só para quem gosta de judeus? — perguntei. — Isso parece estranho. Existe uma palavra para quem gosta muito de cristãos?

— Sim — suspirou minha mãe ateia, olhando de rabo de olho as imagens de Jesus que meu pai havia pendurado na parede. — “*Tolerante.*”

— A questão é que não somos *pobres* — continuou ela. — Temos riqueza em sujeira. Nossa casa inteira foi construída em cima dela, e suspeito que é isso que impede que os móveis desabem. É por isso que nunca devemos tirar muito a poeira. Porque ela é a cola do mundo. O mundo inteiro é feito dela. Poeira do vento. Poeira dos ossos dos dinossauros. Poeira das estrelas. Somos ricos de poeira. Posso garantir que estamos *longe* de ser pobres. *Tudo depende do seu ponto de vista.*

As palavras da minha mãe ecoam na minha cabeça há anos. Em primeiro lugar, porque são uma ótima desculpa para não tirar o pó. (E eu e minha irmã nunca nos importamos que ela não tirasse o pó, pois os panos que ela usava para limpar os móveis geralmente eram as cuecas velhas do meu pai. Era estranho saber que, quando a casa estava mais limpa, era porque havia sido esfregada com as cuecas do seu pai.) Além do mais, é uma maneira ótima de fugir da limpeza, pois sempre que tento explicar a teoria da minha mãe sobre tirar o pó para Victor ele aperta os olhos e me acusa de ser louca, e eu simplesmente grito: “É UMA TRADIÇÃO DE FAMÍLIA, VICTOR. VOCÊ NÃO ENTENDE.”

Ao refletir sobre isso, percebo que usar a poeira como uma metáfora para a vida é um velho cliché. Até Jesus usou isso na Bíblia durante o discurso “do pó ao pó”. Só que minha mãe leu isso por cima do meu ombro e me lembrou que, na verdade, Jesus não escreveu nada, e que a maior parte dos capítulos da Bíblia tinha o nome dos caras que realmente fizeram todo o trabalho (provavelmente sóbrios), editando e escrevendo todas aquelas coisas boas. *Meu Deus*, essa mulher sabe um bocado sobre Jesus para alguém que é ateia. Além disso, ela apontou muitos erros gramaticais. Se isto fosse a Bíblia, este capítulo seria chamado de “O Livro de Nelda”.

Mesmo assim, há razões para que a poeira e a vida se reúnam naturalmente. Às vezes, elas se juntam da forma mais

perfeita para produzir os próprios tijolos da vida. Às vezes, a poeira invade os lugares e deixa tudo turvo e escuro. Às vezes, cai no meu amaretto e eu tenho que pegar outra taça, mas isso acontece mais com os pelos dos gatos, o que não é a mesma coisa.

Tive uma vida muito estranha e esquisita, com mais altos e baixos do que uma mulher comum poderia tentar matar com uma cajadada. (O que seria estranho, porque, na minha experiência pessoal, mulheres comuns raramente usam cajados para enfrentar qualquer coisa. Mulheres estranhas como eu é que costumam usar um cajado para enfrentar moinhos de vento, pumas e arbustos que pensaram que eram pumas porque tinham tomado amaretto demais.)

Quando penso na minha vida, vejo pontos altos de felicidade, mas também os pontos baixos, em que precisei me convencer de que o suicídio não era a solução. E, entre uma coisa e outra, vejo minha vida. Vejo que a tristeza e a tragédia tornaram a euforia e o delicioso êxtase muito mais doces. Vejo que esticar minha alma para sentir cada centímetro da terrível depressão me deu muito mais espaço para crescer e saborear a beleza da vida que outras pessoas talvez nunca apreciem. Vejo que há poeira no ar, que acabará caindo no chão e sendo varrida para fora da casa como algo indesejado, mas antes disso, por *um momento brilhante*, vejo as partículas de poeira iluminadas pelo sol, brilhando e dançando como poeira das estrelas. Vejo o princípio e o fim de todas as coisas. Vejo minha vida. Ela é belamente feia e manchada bem do jeito que deveria ser. Ela brilha com detritos. Há encantamento e alegria nas coisas mais simples. Minha mãe estava certa.

Tudo depende do seu ponto de vista.

Bem, pelo menos seus mamilos
estão cobertos

A quinta discussão que tive com Victor esta semana

EU: Esta roupa está ok?

VICTOR: Sim. Está ok.

[*Saio bufando para me trocar.*]

VICTOR: *Por que você vai se trocar?* TEMOS QUE SAIR.

EU: Porque você detestou minha roupa, então preciso me trocar.

VICTOR: EU DISSE QUE VOCÊ ESTAVA BEM.

EU: *Não.* Você disse que eu estava “ok”, o que é o mesmo que dizer “*bem, pelo menos seus mamilos estão cobertos*”. Se você tivesse dito que eu estava “*bem*”, eu me sentiria melhor, mas provavelmente me trocava mesmo assim, porque “bem” é o equivalente a “é melhor você desistir”. E isso eu não vou fazer, porque me importo com minha aparência.

VICTOR: Essa é a merda mais maluca que você já disse.

EU: Nem de longe. Se você achasse *mesmo* que eu estava ok, deveria ter dito que estou linda.

VICTOR: VOCÊ ESTÁ LINDA. PARE DE SER MALUCA E ENTRE NA DROGA DO CARRO.

EU: *Não*. Não até eu estar ok.

VICTOR: EU **DISSE** QUE VOCÊ ESTÁ OK.

EU: EXATAMENTE. Mas o *meu* "ok" não é o *seu* "ok". NÃO ACREDITO QUE TENHO QUE EXPLICAR ISSO PARA VOCÊ.

VICTOR: ENTÃO SOMOS DOIS.

EU: Certo, vamos ver por outro ângulo. Imagine que tivéssemos acabado de fazer sexo pela primeira vez. Você me pergunta como foi e eu digo "*Foi ok*".

VICTOR: Ah.

EU: *Exatamente*.

VICTOR: Certo. *Você está incrível*.

EU: Sério? Então estou ok?

VICTOR: Não tenho ideia do que responder agora. Isso é uma armadilha?

EU: Não. É só balançar a cabeça e fazer algum elogio aos meus sapatos, ou ao meu cabelo, ou qualquer coisa.

VICTOR: Ótimo.

EU: ...Quanto mais rápido, melhor.

VICTOR: Estou pensando.

EU: *Uau.*

VICTOR: Gosto da sua pele, porque ela evita que seus órgãos caiam no carpete.

EU: Se eu ganhasse um centavo cada vez que um homem me diz isso...

Vencedor: Victor, porque ele aprendeu a usar as palavras.

Ser morta por cisnes não é tão glamouroso como seria de se esperar

Nós nos mudamos há pouco tempo, mantendo nosso padrão de comprar uma casa, consertá-la e colocá-la à venda uns quinze minutos antes de finalmente começarmos a nos sentir em casa. Quando Victor decidiu que deveríamos nos mudar outra vez, eu disse que a próxima casa seria a última, pois eu não me mudaria de novo, a não ser que fosse para o meu caixão. Então ele esperou que eu saísse da cidade, comprou uma casa velha (mas muito bonita) que precisava de inúmeros reparos, tinha vários problemas e provavelmente poderia nos matar. Para resumir, ele comprou a *Jenny* das casas.

Antes de nos mudarmos, Hailey, Victor e eu escolhemos uma coisa que queríamos na “casa perfeita”.

Victor queria algo seguro num condomínio fechado porque eu tive um pequeno problema com um *stalker* no ano passado. (Por favor, não fique me seguindo. Sou muito chata na vida real, posso garantir.) Eu queria um lugar menor com árvores grandes e um belo jardim. Hailey queria uma piscina.

Na semana em que nos mudamos para o condomínio fechado, um homem derrubou o portão da frente com o carro e trocou tiros com a polícia na garagem dele. Para a sorte do sujeito, os policiais tinham uma péssima mira e só o prenderam. O suposto atirador em questão mora na nossa vizinhança. *Conseguimos nos trancar com os malucos.* Além disso, recebemos um folheto

da associação de moradores dizendo que um puma havia descido de uma montanha nas proximidades e comido o cachorrinho de uma mulher ENQUANTO ELA PASSEAVA COM ELE. Disseram-nos para manter nossos animais dentro de casa, mas fiquei um pouco apreensiva de que isso só faria o puma ficar com ainda mais fome. E se o cachorro tivesse sido só a entrada e o puma quisesse comer gente? Isso tudo é verdade, aliás. (Presumo que o esgoto esteja cheio de panteras, porque parece que esse é o rumo que as coisas andam tomando.)

Algumas semanas depois, vi um homem borrifar vigorosamente o que presumi ser veneno para formiga por toda a nossa grama verde. Acontece que ele estava borrifando *veneno para planta*. Ao que parece, haviam passado o endereço errado. Ele deveria estar destruindo o jardim da rua seguinte para que depois pudessem plantar outro gramado. O homem executou um excelente trabalho ao fazer exatamente o contrário do que queríamos. Agora somos plantadores de areia e tivemos uma *colheita abundante*.



A vista da nossa porta. Tenho certeza de que nossos vizinhos ficaram muito felizes por termos nos mudado para cá.

Depois desse desastre, decidi tirar uma folga de toda a insanidade de canos estourados, trocas de telhado, leões da montanha furiosos e só relaxar na piscina.



Alguém me traga uma porra de um piña colada. *(Cortesia de Victor Lawson)*

Além disso, a casa era velha e estava cheia de problemas. Foi assim que conseguimos vir morar num bairro chique e exclusivo. Mas isso significou contratar muitos empreiteiros, que entravam e saíam o tempo todo para deixar a casa de acordo com a regulamentação, e tirar cada pedaço dela que parecia querer nos matar. Se você já remodelou sua casa, fez alguma reforma ou só

contratou empreiteiros de obra para checar se seu casamento pode sobreviver a isso, então já sabe o inferno que é. Se não, deixe-me esclarecer:

As sutis mudanças entre sua ideia inicial e as suas conclusões durante o processo de reforma de uma casa velha

Sua filha diz que viu um gatinho brincando perto da casa.

Tem um gambá gigante no subsolo da casa.

Tem um gambá gigante morto no subsolo da casa.

Tem um gambá gigante morto marcando o ponto onde está o vazamento de gás.

O vazamento de gás na verdade são espíritos saindo do cemitério indígena que foi profanado quando a casa foi construída.

Os espíritos furiosos pegaram suas serras elétricas. Além disso, mataram o seu gambá.

Os empreiteiros vieram resolver o problema do gambá / espírito furioso. Eles avaliaram o custo em quatro dólares e estimaram que levarão de doze a dezesseis minutos para concluir o trabalho.

Os empreiteiros têm que ir embora porque já escureceu, e vai levar mais tempo do que esperavam, pois eles não haviam se dado conta de que “púrpura é uma cor”, ou alguma outra besteira ridícula que parece inventada, mas que você não pode questionar, porque não entende nada sobre gambás ou espíritos furiosos.

Uma corrente de ar com a intensidade de um gatinho recém-nascido espirrando rasga a lona de plástico que os

empreiteiros afixaram sobre o buraco de seis metros que fizeram do lado da sua casa. Além disso, a lona foi colada com cuspe, ar e uma boa dose de desespero.

Agora, temos 42 gambás morando no buraco de seis metros na lateral da nossa casa. Eles e as entidades furiosas estão dando uma festa disco muito louca que vai durar a noite toda. Eles colocam “Call Me Maybe” e “Gangnam Style” para tocar sem parar e vendem ecstasy para as crianças da vizinhança.

Os empreiteiros dizem que virão em uma hora para consertar os problemas, que na verdade eles deixaram piores do que antes. Eles se referem a alguma hora que irá transcorrer em algum momento do ano de 2032. Eles mandam uma conta cobrando onzenta bilhões de dólares pelo trabalho feito até então. Os gambás comem a conta. Os empreiteiros a processam e você perde a casa. Você acaba indo morar embaixo dela com os gambás, que gostam muito de morder e que são os piores colegas de quarto da existência.

Você pede aos empreiteiros que, por favor, concluam o último parágrafo dessa postagem, já que agora eles são os donos do seu computador e **NÓS VOLTAREMOS PARA CONSERTAR ISSO “AMANHÃ”. HAHHAHA. VOCÊS NOS DEVEM ONZENTA BILHÕES DE DÓLARES.**

Sou o tipo de garota que acredita em sinais. Não necessariamente sinais de trânsito (que considero sugestões úteis, mas desnecessárias, de uma tia-avó que se preocupa demais) ou sinais de Deus (que só recebi uma vez, quando Deus mandou para o meu gramado um cogumelo que parecia um peito decepado, e meu avô, muito religioso, garantiu que não era um sinal divino, e sim que eu estava regando demais o gramado).

Não. Estou falando de placas gigantescas piscando do universo para dizer que você está se saindo maravilhosamente bem, ou que está estragando tudo para todo mundo e precisa tomar jeito. Recebi um desses sinais brilhantes uma semana depois de termos nos mudado para a casa nova.

Ela parecia perfeita. Era velha, mas as árvores eram lindas, a vizinhança era tranquila e havia um rumor de que Stone Cold Steve Austin morava no quarteirão ao lado. (A verdade: um cantor de bar famoso vive a quatro portas de mim. Tecnicamente, são três portas, um morro e um portão guardado por seguranças, e então outra porta, mas ainda assim... é a nossa chance de experimentar a fama, e nós a agarramos.)

Nossa antiga velha casa no campo era maravilhosa, mas depois de muitos anos de cascavéis, escorpiões e chupa-cabras estávamos prontos para algo um pouco mais urbano. Esse condomínio fechado parecia perfeito para o tipo de gente que estávamos fingindo ser (pessoas normais e bem-sucedidas). Eu estava certa de que descobririam que eu era uma impostora na mesma hora.

No dia em que nos mudamos, eu ainda me sentia deslocada enquanto percorria a estrada em direção ao pitoresco parque do bairro, tentando parecer que eu pertencia àquele lugar. Sentei-me no declive para um lago artificial, e foi então que vi o meu sinal. Dois lindos cisnes, brancos como a neve, viraram na extremidade do lago e começaram a vir na minha direção, olhando para mim com curiosidade. Fiquei paralisada, hipnotizada, enquanto as nobres aves nadavam juntas, formando corações acidentalmente com os pescoços dobrados enquanto se cruzavam no caminho. Foi nesse momento que soltei um suspiro que sequer sabia que estava prendendo e descobri que ficaria bem.

Então um bando de cisnes tentou me devorar.

A esta altura você deve estar relendo a última linha e se perguntando qual é o meu problema, e a resposta para isso é que CISNES TENTARAM ME COMER. ESSE É O MEU PROBLEMA. É claro que você deve estar pensando: “*Que exagero! Cisnes não comem pessoas.*” Pois me deixe esclarecer que *ah, mas esses malditos comem sim.*

Os cisnes pularam para fora da água, urrando e sibilando e correndo na minha direção como leopardos. Leopardos bons de futebol que haviam sido treinados para marcar sua vítima. Gritei e corri para casa, certa de que podia ouvir os barulhinhos dos pés com membranas entre os dedos deles logo atrás de mim. Quando cheguei perto da casa, vi Victor regando a grama e gritei: “ELES ESTÃO ATRÁS DE MIM?” Ele se virou e olhou para mim. Eu tinha certeza de que ainda deveriam estar, pois Victor parecia aterrorizado, mas então olhei para trás e vi que não havia nada. Na verdade, ele estava aterrorizado porque sua mulher estava correndo pela rua e gritando “ELES ESTÃO ATRÁS DE MIM?” como se fosse o início do apocalipse zumbi e ninguém tivesse lembrado de avisá-lo. Parei para recuperar o fôlego e estava prestes a contar que havia acabado de ser atacada por uma gangue de cisnes furiosos, mas então pensei em como isso soaria. Além do mais, não sabia se dois cisnes podiam ser considerados uma gangue, contudo concluí que sempre devemos ser honestos no casamento. Victor discorda, ainda mais porque minha honestidade muitas vezes termina comigo insistindo que acabei de ser atacada por cisnes. E, sim, eu sei que, se eles não encostaram em mim nem puxaram uma faca, *tecnicamente* não foi um ataque. Mas consigo identificar intenções e tenho certeza de que os cisnes não estavam me perseguindo furiosamente para gritar “QUEREMOS ABRAÇOS!!!” — principalmente porque cisnes não falam. E talvez seja por isso que sentem tanta raiva. Talvez seja porque não podem gritar seus sentimentos. Não entendo de psicologia dos cisnes.

Victor insistiu que eu não havia entendido o que os cisnes queriam, então fiz uma pesquisa na internet e a maioria das imagens que encontrei foi de cisnes graciosos e nobres, porém depois de algum tempo encontrei vários sites dizendo “Ah, aqueles filhos da puta podem dilacerar alguém. NÃO MEXAM COM AQUELES BABACAS”. Falando sério, eles podem quebrar um braço humano com um chute bem dado, e no ano passado afogaram um homem na Inglaterra. Isso é verdade, e não só uma historinha de tabloide. Cisnes são perigosos, mas nunca são responsabilizados. Suspeito que seja por causa dos preconceitos raciais. Além disso, de acordo com a internet, a melhor forma de reagir a um ataque é “agarrar o cisne pelo pescoço e arremessá-lo para o mais longe que puder”, o que parece um evento olímpico que o PETA boicotaria. Você também pode dar um tapa na cara dele com toda a força que tiver, mas tenho certeza de que eu não acertaria, pois as cabeças dos cisnes são notoriamente pequenas. Seria como jogar espiribol, só que o poste estaria em movimento, a corda seria um pescoço e a bola estaria tentando comer você. Seria o espiribol mais mortal de todos os tempos.

— Puta que pariu... esse site diz que posso ter engravidado — gritei para Victor.

— De um cisne que *correu* atrás de você? — perguntou ele, incrédulo. — Você se dá conta do quão maluca está parecendo?

— Bem, devo estar em choque. E talvez esteja grávida daquela ave aquática, *então só Deus sabe o que os meus hormônios estão fazendo*. Acabei de encontrar uma publicação médica que diz que você precisa procurar “prevenção” depois de um ataque de cisnes. **ESTÁ VENDENDO COMO ELES SÃO ARDILOSOS?**

Então Victor tentou explicar que “prevenção” se referia a “medidas preventivas” e não *necessariamente* a controle de natalidade, mas eu estava ocupada demais para ouvir, porque

me via diante da possibilidade de ter sido engravidada à força por uma manada de cisnes. Victor me corrigiu, dizendo que “manada” era o coletivo para gado, e comentou que um dos termos para o coletivo de cisnes era *lamentation* [lamentação], porém tenho certeza de que isso só prova o meu ponto de vista, pois os cisnes são mudos e ainda assim são chamados por um termo que significa “gemidos de dor”? Se isso não é um sinal, não sei o que mais poderia ser. Victor diz que concorda, mas não com o fato de ser um sinal, e sim com o de que não sei o que é um sinal.

Ainda assim, eu não podia mais chegar perto do lago sem temer um ataque dos cisnes, os quais passei a chamar de Branquelo e Klaus Bananasnatch. Branquelo era o mais violento, mas nenhum dos dois tentava nada quando tinha uma testemunha humana por perto. No máximo, se aproximavam semiagressivamente. Acho que a intenção era fazer as pessoas duvidarem de mim, então não suspeitariam deles depois do meu certo e prematuro futuro assassinato.

Depois daquele dia, eu passava dirigindo devagar pelo lago no caminho para casa, e os cisnes encaravam meu carro. Quando eu passava (enquanto eles provavelmente tramavam arrancar o para-choque ou sabotar os freios), abaixava a janela e gritava “NEM COMECE, BRANQUELO!”, o que, devo admitir, é uma das piores coisas que se pode gritar no meio de um bastião republicano cheio de pompa, mas eu não tinha qualquer esperança de me enturmar, então já havia desistido. (Por sinal, nossa nova vizinha convidou Victor e eu para uma festa de boas-vindas à vizinhança, o que soava assustador, mas então ela mencionou que também seria um evento de arrecadação de fundos para o Partido Republicano, o que foi um alívio, porque aí eu tinha uma ótima desculpa para não ir. Expliquei que eu era a parte não republicana do nosso casamento e ela disse que não havia problema, então eu lhe dei uma cópia do meu primeiro

livro. Uma semana depois, recebi uma bela carta em que ela dizia que depois de ler o livro entendia por que eu não deveria ir. Assim, basicamente, fui desconvidada por escrito, mas de um modo que não deixou nenhuma de nós constrangida.)

Victor botou a culpa pela minha perseguição “imaginária” por cisnes numa manifestação da síndrome do impostor, um problema de verdade que me aflige. Em essência, é quando a pessoa se convence de que qualquer sucesso que ela tenha é resultado da sorte, e que a qualquer momento todo mundo vai perceber que ela é uma tremenda perdedora e que não é tão legal quanto eles achavam. É desconcertante porque a maioria das pessoas pensa que no mínimo sou insana, então acho que isso significa que estou convencida de que não sou bem-sucedida nem em ser louca, o que é meio que a definição de ser louca. De toda forma, tenho certeza de que aqueles cisnes estavam atrás de mim. Eles haviam me identificado como uma invasora, o que deveria ter feito com que gostassem de mim, já que todos os cisnes começam como patinhos feios. Mas não. Aqueles cisnes obviamente tinham esquecido de onde vieram e faziam tudo que podiam para garantir que ninguém mais se lembrasse.

Ninguém mais parece ter arrumado nenhum problema com os cisnes, porém eu sei que eles devorariam você se tivessem uma chance. Victor discorda, mas tenho certeza da probabilidade de cisnes já terem comido muitas pessoas. Só que eles são muito bons nisso, então ninguém nunca suspeita deles. São como a Inquisição Espanhola das aves aquáticas que não voam. Meu palpite é que a maioria das pessoas desaparecidas do mundo inteiro foi devorada por cisnes. Victor suspeita que bebi demais. É possível que nós dois estejamos certos.

* * *

Mas esse não foi o único sinal.

Alguns meses depois de termos nos mudado, finalmente conseguimos consertar a piscina. Certa manhã, eu estava curtindo a piscina sozinha enquanto Hailey estava num acampamento de teatro e Victor estava viajando.

As pontas vermelhas das fotínias na borda da piscina bloqueavam o sol e farfalhavam ao sabor da brisa. Mas não havia brisa. E, mesmo assim, farfalhavam. Dei uma olhada nos densos arbustos de três metros de altura atrás da piscina e percebi que havia alguém por trás deles. As fotínias balançaram mais e ouvi um som de galhos quebrando. Eu estava tentando me afastar dos arbustos quando, de repente, ouvi alguma coisa tombar e vi que um esquilo imenso se agarrava desesperadamente a um galho que estava prestes a se partir. E o galho estava balançando diretamente acima da piscina. Então percebi que o esquilo na verdade era um maldito gambá selvagem.

Meu primeiro instinto foi gritar “Gambá!”, o que não ajudou em nada, porque ele já sabia que era um, e também porque só o fez ficar com mais medo. Ele tentava desesperadamente subir de volta pelo galho, só que não estava conseguindo. Eu *odeio* essas porras desses gambás, mas me vi torcendo por aquele carinha. Principalmente porque ele estava se agarrando com todas as forças ao galho, da mesma forma que aconteceu comigo quando fiquei pendurada de cabeça para baixo no trepa-trepa na segunda série e me dei conta de que não tinha força o suficiente para me reerguer. Precisei ser salva pela senhora Gilly, mas nenhuma professora de ensino fundamental viria salvar aquele gambá em sua acrobacia frenética. Era como se ele fizesse parte do Cirque du Soleil ou fosse um Base jumper apavorado. E eu não conseguia desviar o olhar.

Peguei a rede de tirar insetos da piscina para ajudar o gambá a dar impulso, porém era tarde demais, e num instante vi a

expressão dele mudar para: “Fodeu. Tô chegando, madame.” E aí deve ter pensado “OLHA A BOMBAAAA” e deu um belo mergulho, e eu pensei: “Droga, agora vou ter que ferventar.” (A piscina, e não o gambá. Eles têm um gosto horrível. Não dá para comer nem os miúdos, e miúdos são tipo o fim da linha em termos de comida.)

Gritei e saltei para fora da piscina, e o gambá saiu correndo atrás de mim em direção aos arbustos. Só que aí, de repente, ele se deitou de barriga para cima, como se quisesse pegar um bronze, mas acho que ele só estava se fingindo de morto. Liguei para o celular de Victor e gritei: “Tem um gambá nos arbustos!” Ele fez uma pausa e perguntou: “Essa é a sua ideia de sexo por telefone? Porque, vou dizer uma coisa, para mim não está dando certo.”

Eu não sabia se estava com mais medo de o gambá ainda estar vivo ou de já estar morto. Victor sugeriu que eu encostasse o pé nele, mas fiquei com medo de ele me atacar, então o cutuquei devagarzinho com um macarrão de piscina, dizendo: “Ei, gambá. Você está morto? *Oi?*” Mas ele continuou deitado lá, logo ou era *muito, muito* talentoso ou estava *muito, muito* morto, e não dá para ser essas duas coisas ao mesmo tempo. Para ser sincera, ele só teria sido melhor se fingindo de morto se tivesse umas tripas no bolso para espalhar ao redor dele, porque é assim que dá para dizer que um gambá está realmente comprometido com o seu papel. Fui lá dentro procurar uma pá e, quando voltei, o bicho havia sumido. É possível que ele tenha ressuscitado como Jesus. Ou que tenha se fingido de morto e ido embora quando saí. Ou ainda pode ter sido levado por um leão da montanha. Ou devorado por um cisne. As possibilidades são ilimitadas.

Seja como for, fiquei refletindo por um minuto e percebi que o bairro chique onde havia me sentido tão deslocada tinha acabado de jogar um gambá em mim, e é muito difícil respeitar o

esnobismo de um bairro que tem gambás,¹ e foi então que comecei a achar que talvez conseguíssemos nos ajustar. Ou que talvez pudéssemos nos fingir de mortos até os membros do country club irem embora. Parece funcionar com os gambás.

¹ Eu sei que parece ter muitos gambás no livro, mas é um livro de memórias, e ninguém pode escolher por quem será atacado. Se eu pudesse, escolheria um bebê pinguim, pois eles são lentos e adoráveis pra caralho. Mas aí ninguém acreditaria que um deles teria me atacado já que são tão fofos, o que é preconceito. É o mesmo que acontece com os cisnes, que as pessoas pensam que são graciosos e incapazes de devorar você. E o ciclo está completo, pessoal.

O grande questionário

Hoje escrevi um post no meu blog. Não foi muito bem escrito, mas eu precisava de ajuda, então pedi.

O post:

Ok. Este não é um post engraçado, então podem ficar à vontade para pulá-lo. Eu só preciso saber uma coisa e preciso que vocês me digam a verdade e não o que acham que vai me fazer sentir melhor. Portanto, sejam honestos.

Vejo que conquistei muito na vida, e lá no fundo sei disso, mas isso não muda o fato de que só em alguns dias no mês sinto que me saí bem. Sei que sou uma boa pessoa (tipo, “não má ou intencionalmente incendista”), mas não sou muito boa em **ser** uma pessoa. Não sei se isso faz sentido e não estou procurando elogios. Por favor, não citem as coisas que faço bem, porque não se trata disso. É só que, quando o dia acaba, geralmente eu me deito na cama e penso: “Merda. Tô estragando tudo. A única coisa que fiz hoje foi existir.” Sinto que só estou mantendo a cabeça fora d’água, que estou sempre meio dia atrasada na vida. Até as coisas boas são ofuscadas por vergonha e ansiedade — e, sim, percebo que isso pode estar relacionado ao fato de que tenho distúrbios mentais, mas continuo me sentindo um fracasso com mais frequência do que acho que estou me saindo bem.

Meu orgulho por Hailey ser a melhor aluna da aula de soletração é ofuscado pela minha vergonha de não ter energia para fazer parte da associação de pais e professores. Sinto-me feliz porque meu primeiro

livro fez tanto sucesso, mas tenho bloqueios criativos com tamanha frequência que vivo com a certeza de que nunca mais vou conseguir escrever e nunca vou terminar meu segundo livro. Sinto que, para quem vê de fora, pareço feliz e bem-sucedida, mas não consigo evitar de pensar que, se as pessoas olhassem mais de perto, veriam as rachaduras, a sujeira e a vergonha de um milhão de projetos que nunca são concluídos.

Parte da razão para isso está em mim. Tenho depressão, ansiedade e uma série de outros transtornos que não me deixam me enxergar direito. Outra parte está no fato de que me julgo com base nas pessoas bonitas e perfeitas que vejo nas reuniões de pais e professores, no Facebook ou no Pinterest e que parecem estar completamente no controle de suas vidas e nunca deixam de lavar o cabelo. Elas nunca esperam até a noite de quinta-feira para ajudar os filhos com as tarefas de casa da semana inteira. Não têm pilhas de caixas empoeiradas nos cantos, esperando para serem abertas desde a penúltima mudança. Têm lindas vidas em tons pastel e são felizes, e têm cestas de piqueniques, guardanapos e sabem reciclar, e nunca ficam sem papel higiênico ou têm a luz cortada. E a questão não é nem que quero ser uma dessas pessoas. Eu odeio piqueniques. Se Deus quisesse que comêssemos no chão, não teria inventado sofás. Só não quero me sentir um fracasso porque a maior conquista do dia foi ir ao banco.

Só preciso de uma análise sincera para saber se isso é apenas comigo (e que aí preciso encontrar uma forma de mudar ou tomar mais remédios), ou se é normal, mas as pessoas não costumam falar sobre isso.

Por favor, me digam a verdade (não tem problema se as respostas forem anônimas). Quantos dias em um mês vocês sentem mesmo que arrasaram, ou que de forma geral foram uma pessoa bem-sucedida? O que faz vocês se sentirem pior? O que fazem para se sentir bem-sucedidos?

Por favor, sejam honestos. Porque também vou ser.

Eu me sinto bem-sucedida de três a quatro dias por mês. Nos outros dias, sinto que mal alcanço o mínimo ou que sou uma perdedora. Tenho síndrome do impostor, então mesmo quando recebo elogios é difícil aceitá-los, e eu me sinto uma fraude ainda maior do que antes. Os momentos em que me sinto pior são quando estou tão paralisada pelo medo que acabo ficando encolhida na cama, e aí vou atrasando mais e mais o que tenho que fazer. Para me sentir bem-sucedida, passo algum tempo com a minha filha todos os dias, mesmo que seja encolhida com ela debaixo de um cobertor assistindo a reprises de *Doctor Who* na TV. Também tento lembrar que pessoas como Dorothy Parker e Hunter S. Thompson precisaram lutar assim como eu e que essa luta pode me tornar mais forte se ela não me destruir.

Espero que escrever e postar isto me faça enfrentar essa situação e mudar algumas coisas, seja me forçando a mudar o modo como percebo o sucesso, ou me forçando a fazer as coisas e parar de sentir tanto medo e ansiedade todos os dias. Espero receber dicas de todos vocês sobre o que fazer para me sentir uma pessoa boa e bem-sucedida ou sobre o que evitam para eu tentar evitar também. Espero calar as vozes na minha cabeça. Pelo menos aquelas que não gostam de mim.

É a vez de vocês.

P.S.: Para aqueles que são novos por aqui, já faço terapia cognitiva e tomo um montão de remédios para ansiedade, depressão e TDA, mas estou bem. É sério. Só quero ser melhor. Estou lutando para ser humana e seria útil ter alguns indicadores. Acho que isso ajudaria muitos de nós.

P.P.S.: O dicionário diz que a palavra “incendista” não existe, mas existe sim. É a mesma coisa que ser “artista”, porém, em vez de ser criativo ou bom em alguma arte, é ser bom como incendiário. Por outro lado, usei o mesmo dicionário que acabou de adicionar uma entrada para “twerk”. Depois disso, questiono tudo.

P.P.P.S.: Desculpem-me. Este post está um caos. Meus remédios do TDA ainda não fizeram efeito. Fracassei em escrever um post sobre como me sinto um fracasso. Acho que acabei de bater um recorde. E dos ruins.

Depois, sentei e esperei as pessoas dizerem: “Ah, você não é um fracasso. Alegre-se, pequena ninja!” Só que, em vez disso, milhares de pessoas responderam com: “Eu também. São essas coisas que sussurro à noite para o meu marido, ou para a minha namorada, ou para o meu gato. Essas são as coisas assustadoras que sei que são verdade. Esses pensamentos são os monstros debaixo das nossas camas. Talvez você seja um fracasso. Mas estamos nessa com você. Fracassando.” E foi incrível. E um pouco deprimente. Mas principalmente incrível.

Alguns comentaram que esse parece ser um problema americano, porque os lugares onde viviam (a maioria na Europa) julgava o sucesso mais pelos sentimentos do que pelas posses e realizações. A felicidade vinha da convivência com as pessoas, e aqueles que não eram americanos pareciam acreditar que passar algumas horas assistindo à televisão com os filhos no sofá era algo a se celebrar e curtir, e não para se sentir culpado.

Vieram ainda mais comentários. Alguns eram chavões para ajudar a lembrar às pessoas que não estavam sozinhas. Eles ajudaram, mas venho de um lugar de um profundo e contínuo sarcasmo, então acrescentei internamente minhas respostas.

“A comparação é a morte da alegria.”

Gostei tanto dessa que fiz uma pesquisa e descobri que ela foi dita por Mark Twain, mas aí me senti uma merda outra vez, porque todas as melhores citações são de Mark Twain, e ele já fez todas, então agora me sinto mal em comparação a Mark Twain no que diz respeito à sua citação sobre a comparação

fazer com que a gente se sinta mal, então só estou provando ainda mais que Mark Twain estava certo ao fazer com que eu me sentisse uma imbecil. Estou presa na espiral da vergonha de Mark Twain.

“Não compare o seu interior ao exterior dos outros.”

Essa faz sentido, porque já vi o meu interior e é nojento. É um monte de gordura, cartilagem e sangue, e um fígado que provavelmente abriria um caminho para fora do meu corpo se tivesse uma faca afiada. As pessoas quase nunca parecem tão mal no exterior quanto eu pareço no interior, porém isso é bom, pois me lembra que, mesmo quando estou tendo um daqueles dias de cabelo ruim, meu rabo de cavalo ainda é mais esteticamente agradável do que o duto biliar de Gwyneth Paltrow. Na verdade, acho que essa frase deveria ser reescrita como: “Até a celulite da pessoa mais feia é mais atraente do que o intestino grosso da mais bela supermodelo.” Poderia estampar uma camiseta com isso, mas Mark Twain já deve ter dito algo assim.

“Não compare os seus bastidores às melhores cenas de ninguém.”

Essa também faz sentido, porque os comentários do DVD nunca são tão bons quanto o filme, mas minha primeira reação foi: *“TODO MUNDO TEM UMA SELEÇÃO DAS MELHORES CENAS? Eu não tenho nem uma seleção dos melhores erros de gravação.”* Conclusão: Eu arruíno tudo.

“Você só precisa ser melhor do que uma pessoa: quem você foi ontem.”

Essa é boa porque estabelece um padrão mais baixo, já que a única coisa que fiz ontem foi comer muito salgadinho de cebola. Tipo, uma quantidade absurda. É quase impressionante. Mas o que tirei disso foi que, se eu tiver um dia muito bom, só estou me condenando ao fracasso, pois aí precisarei ter um dia melhor amanhã, então talvez seja melhor continuar sendo uma fracassada reclusa cujo único motivo de orgulho é o consumo de salgadinhos. Ou talvez assassinar uma vila inteira, e no dia seguinte assassinar uma pessoa a menos, e ir diminuindo até que sua ideia de ser bem-sucedido seja só chutar três pessoas cegas na cara. Deve ser assim que assassinos em série e tiranos começam.

No entanto, identifiquei algumas coisas em comum entre essas citações. Uma foi minha capacidade de foder todas elas. A segunda, que todas são melhores do que qualquer coisa que jamais vou escrever. E a terceira e mais importante foi que talvez eu estivesse me julgando pelos padrões errados.

Comecei a pensar no modo como encaro o sucesso e percebi que eu não queria diminuir os padrões (pois já estavam tão baixos que eu ficava tropeçando neles), mas pegá-los e arremessá-los como dardos olímpicos na perna de Mark Twain e de todas as pessoas perfeitas, bem-sucedidas e imaginárias com quem eu estava me comparando. E aí me dei conta de que isso seria ilegal e também que seria necessário ir lá fora e aprimorar minha mira, além de ter que arrumar um advogado. Então, em vez disso, só liguei o “foda-se” e decidi não me dar mais o trabalho de sequer olhar para as pessoas perfeitas (que só devem ser perfeitas porque escondem os podres que eu pagaria um bom dinheiro para ouvir) e em vez disso mudar a minha definição de sucesso. E você também pode fazer isso.

Você é bem-sucedido? Vejamos. Sou uma grande fã daqueles questionários em que você termina sendo um cachorro, ou uma

árvore, ou um personagem de *Game of Thrones*. Vamos fazer um agora:

Um questionário muito importante

Você está lendo ou ouvindo isto? Significa que quer ser uma pessoa melhor ou que quer conselhos sobre como atirar um dardo na perna de alguém. Seja como for, você está tentando se aperfeiçoar. Dê-se 10 pontos.

Agora acrescente 10 pontos para cada vez que tiver conquistado o seguinte:

- Não matar uma aranha. (Duplique a pontuação se a ajudou a fugir espantando-a e conversando com ela. Triplique a pontuação se a aranha pulou em você e você não a esmagou automaticamente.)
- Não dar um soco no pescoço de um babaca, apesar de querer muito.
- Cair e não brigar imediatamente com quem quer que estivesse perto de você.
- Não usar as palavras “possibilitadamente”, “libertadamente” ou “frustrado”.
- Cuidar de um animal. (Duplique a pontuação para cada vez que levou um cachorro para passear na chuva, resgatou um animal abandonado que estava no meio da rua ou limpou uma caixinha de areia. Limpar uma caixa de areia equivale a servir de banheiro para um gato. É a melhor forma de ser humilde. Acrescente mais 10 pontos por ser um vaso sanitário incrível.)
- Demonstrar compaixão. (Duplique a pontuação se for para consigo mesmo.)
- Não morrer. (Isso parece bobagem, mas as pessoas morrem o tempo todo. Os cemitérios estão cheios delas. Até Jesus morreu. Talvez alguns

argumentem que Jesus ressuscitou e você não, mas, em sua defesa, você ainda não morreu, então como saber? A não ser que *de fato* você tenha morrido e ressuscitado. Sendo assim, dê-se mais 10 pontos. Ou talvez você seja um vampiro. Acrescente mais 50 pontos se for o caso. Subtraia 40 pontos se você for um vampiro que brilha.)

Agora, some os pontos:

Se você fez entre zero e 8.000 pontos: Você é você. Você é mais do que foi ontem, mas não tanto quanto será amanhã. Siga em frente. Você está no caminho certo. Além disso, seu cabelo está ótimo hoje.

Em outras palavras, pare de se julgar usando como base as pessoas perfeitas. Evite as pessoas perfeitas. Elas são uma fraude. Ou tente conhecê-las o bastante para perceber que, no fim das contas, elas não são tão perfeitas. As pessoas perfeitas não são inimigas. Às vezes, *nós* somos os inimigos quando ouvimos nossos cérebros defeituosos que nos dizem que estamos sós em nossa insegurança, ou que está óbvio para o mundo que não sabemos o que diabos estamos fazendo.

Porra, provavelmente tem alguém por aí que nos considera pessoas perfeitas (*Deus abençoe seus corações idiotas*), e isso é uma grande prova de que nenhum cérebro é confiável na hora de avaliar o valor de ninguém, muito menos o próprio valor.

Como alguém pode esperar que julgemos a nós mesmos direito? Sabemos todos os nossos piores segredos. Nossa análise é tendenciosa, crítica demais e, de vez em quando, cheia de vergonha. Então vai ter que confiar em mim quando digo que você tem muito valor, que é importante e necessário. E inteligente.

Talvez esteja perguntando como eu sei disso, e vou responder. O que você está fazendo agora? **ESTÁ LENDO**. É o que as pessoas sexy fazem. Neste momento, pessoas menos interessantes podem estar nos seus jardins perseguindo e

socando esquilos, mas você não. Você está encolhido com um livro que foi escrito para torná-lo uma pessoa melhor, mais feliz e mais introspectiva.

Você venceu.¹ Você é incrível.

¹ A não ser que esteja lendo isso enquanto soca esquilos. Aí talvez seja necessário consultar um terapeuta, embora eu admire a sua capacidade de ser multitarefa. Não consigo nem responder mensagens de texto e falar ao mesmo tempo. Para ser sincera, estou com inveja. E preocupada. Solte esse esquilo agora mesmo.

Plastificação de gatos

A sexta discussão que tive com Victor esta semana

VICTOR: A parte de trás do seu vestido está completamente tomada por pelos de gato. Tipo, parece que você acabou de cagar um gato e não se limpou direito.

EU: É porque Ferris Mewler passa a noite sentado na minha cadeira do escritório. Comprei um novo rolo tira pelo, mas não funciona. Acho que devemos cortar logo o mal pela raiz e plastificar os gatos.

VICTOR: Isso... não parece uma boa ideia.

EU: Mas obviamente deixaríamos as cabeças, as patas e a bunda deles descobertas.

VICTOR: *Obviamente.*

EU: E um pedaço da pele, para eles não darem uma de *Goldfinger* com a gente.

VICTOR: Para eles não o quê?

EU: Sabe... aquela moça que pintaram de dourado naquele filme de James Bond e que morreu porque a pele dela não podia respirar?

VICTOR: Sim, isso é uma lenda urbana.

EU: Melhor ainda, porque significa que podemos plastificar um gato inteiro sem ficar com um pedacinho de gato de fora. Ficaria estranho.

VICTOR: Não sei nem por onde começar a discordar de você.

EU: A copiadora aqui perto faz plastificação? Você acha que eles plastificariam um gato?

VICTOR: Não. Além disso, não sei se ela existe mais.

EU: Deve ser porque eles se recusavam a plastificar gatos. *Vocês precisam acompanhar as mudanças, copiadoras.* Elas acontecem o tempo todo. E, ao falar em “mudança”, estou me referindo ao “meu gato”. Ele precisa ser plastificado. Reabra, copiadora. Estou prestes a salvar o seu negócio.

VICTOR: Não.

EU: Então que tal filme de PVC? Podemos fazer em casa.

VICTOR: Você está tentando me punir por alguma coisa?

EU: PAPEL LAMINADO! Porque eles vão ficar numa temperatura agradável, e vai parecer que estão usando armaduras ou que são pequenos robôs correndo atrás de raios laser. Além disso, se fizermos chapéus de papel laminado para eles, o governo não vai poder ler seus pensamentos de felinos. TODO MUNDO SAI GANHANDO.

VICTOR: Hum.

EU: Quer dizer, menos o governo. Eles provavelmente vão ficar preocupados quando três gatos desaparecerem do radar. Vai ser como em *Matrix*. Só que com gatos.

VICTOR: Certo. Vou vender você para um circo.

EU: Alguém me traga papel laminado e fita adesiva.

Vencedor: O governo, eu acho, porque os gatos se recusam terminantemente a ficar com os chapéus nas cabeças. É como se quisessem que o governo lesse seus pensamentos. O que, pensando bem, talvez seja verdade, pois eles podem estar mandando mensagens pedindo para serem retirados desta casa antes de serem plastificados. Entendo o lado deles.

Aquele bebê estava *delicioso*

Nem consigo me lembrar de quando foi a primeira vez que usei metanfetamina na frente da minha filha.

Deve ser porque eu nunca usei metanfetamina. Mas essa é uma boa forma de começar um capítulo sobre o medo de estarmos falhando como pais, pois estabelece um padrão muito, muito baixo para a criação dos filhos, e tudo que você faz que *não seja* usar metanfetamina na frente do seu filho passa a parecer incrivelmente impressionante.

Minha filha, Hailey, tem nove anos e até agora não exhibe nenhum sinal da ansiedade ou da timidez paralisante que eu já começava a dominar com maestria na idade dela. Quando as pessoas que me conhecem passam a conviver um pouco mais com ela, sempre ficam chocadas ao verem como Hailey é equilibrada e feliz. É um elogio extremamente ofensivo de se fazer, mas eu tenho dificuldade em contrariá-lo, então em geral só respondo: “Obrigada?”

Para ser franca, acho que os pais não têm muita influência na criação dos aspectos positivos da personalidade de seus filhos. Minha irmã e eu fomos criadas exatamente da mesma forma e não poderíamos ser mais diferentes. Isso não quer dizer que você não possa arruinar uma criança se for um babaca, pois elas são pequenas esponjas e vão imitar todos os seus piores comportamentos nos momentos menos oportunos. Porém acredito que, em geral, as qualidades dos seus filhos não se

devem às coisas que você fez para torná-los pessoas incríveis, e sim ao fato de você não ter destruído intencionalmente as características aleatórias que já nascem com eles e que *fazem* deles pessoas incríveis.

Algumas pessoas acham que isso é uma desculpa que gente como eu usa para justificar o fato de não ter matriculado sua filha em 287 atividades extracurriculares e cursos diferentes, e elas estão certas. Sinto muito. Vocês provavelmente esperavam que eu me defendesse corajosamente de alguma forma aqui, mas a verdade é que não consigo ser uma daquelas mães que ficam sentadas em arquibancadas ou academias de dança, forçando trocas de amenidades com pais que parecem todos conhecer (e secretamente detestar) uns aos outros e nunca aparecem de pijamas ou de sapatos trocados. Estou sempre falando coisas constrangedoras e inapropriadas, como “Pensei que isso fosse ser só por diversão” ou “Não, na verdade eu não acho aquela menininha gorda demais para dançar balé”.

Acho que foi Sartre que disse “O inferno são os outros” e suspeito que ele tenha escrito isso depois de passar uma hora com pais megaenvolvidos que não param de gritar com treinadores, professores ou crianças de quatro anos aos prantos que só queriam um sorvete.

Mesmo que matricule seu filho em um ou dois cursos ou clubes, você sempre vai ouvir falar de algum clube melhor e mais exclusivo onde as crianças aprendem a fazer malabarismo enquanto recitam poemas em mandarim. Sua primeira reação é temer que, se não matricular seu filho nesse novo clube, ele vai acabar nas ruas ou sem uma perna ou transformado num carpete, ou alguma coisa assim. Seja o que for, deve ser terrível, porque quase todos os pais que conheço parecem estar competindo para ver quantas merdas conseguem enfiar na vida do filho.

Contudo, não estou julgando essas pessoas, pois não posso dizer que nunca tentei seguir o mesmo caminho. Hailey já fez ginástica olímpica, piano, jazz, hip-hop, balé, *tumbling* e participou de um coral. Mas nenhuma dessas atividades prendeu a atenção dela por mais de um ano. Ela gostava bastante das aulas de dança, porém parecia estar quebrando um recorde de número de tombos. Para ser honesta, ela é inteligente, linda e gentil, mas conseguiria cair mesmo se colássemos suas costas com fita adesiva no chão.

Quando Hailey tinha cinco anos, fez balé num daqueles cursos que não permitem a entrada dos pais (porque alguns pais são babacas que gostam de gritar e a maioria das academias percebe isso), mas as aulas eram exibidas num circuito interno de TV no saguão para que todos pudéssemos assistir a crianças pequenas não seguindo instruções em francês durante uma hora. Victor e eu ficamos vendo as outras crianças saltarem pelo chão até chegar a vez de Hailey. E ela se saiu muito bem, exceto pelo fato de ter ficado tão concentrada no próprio reflexo no espelho que acabou se chocando diretamente contra a parede, quicou e caiu de cabeça numa imensa lata de lixo. Suas perninhas magricelas eram as únicas coisas que conseguíamos ver, e entramos em pânico, mas Hailey achou isso hilário (depois que a tiraram da lixeira). Quem não achou hilário foram os outros pais no saguão, que não ficaram felizes com a distração. Tentei melhorar o clima dizendo: “Uau, adoro aquela menina, mas ela *não* consegue se segurar com latinhas de cerveja, não é?” Ninguém riu.

Pouco depois, nós a transferimos para a única coisa em que ela se destacava: aulas de teatro. Hailey tem um talento natural no palco e adora se apresentar na frente de centenas de desconhecidos. Suspeito que ela tenha sido trocada na maternidade.

Quando eu era criança na zona rural do Texas, nenhuma dessas coisas parecia existir. Eu não conhecia ninguém que fizesse aulas de dança. Ninguém sabia artes marciais. Você podia ter aulas na banda da escola, mas só se tivesse dinheiro para comprar ou alugar um instrumento, e a minha família não tinha. Então, enquanto as outras crianças tinham aulas com a banda, eu ficava com as crianças mais pobres e assistia às aulas de uma disciplina chamada memória musical. Era basicamente uma sala cheia de discos velhos, com um professor que costumava ficar cochilando, e nós ouvíamos obras arranhadas de Mozart enquanto mostrávamos uns aos outros como canivetes funcionam e aprendíamos a abrir fechaduras. Isso parece um exagero cômico, mas não é. Eu sentia um pouco de pena de mim mesma na época, pois todas as crianças descoladas tinham suas caixas lustrosas de válvulas de saliva e flautas, mas aprendi muito nas aulas de memória musical e passei por mais ocasiões em que precisei abrir uma fechadura do que precisei tocar fagote. Acho que no final deu tudo certo.

Ainda assim, nós nos sentimos pais terríveis se nossos filhos não estão fazendo o que as outras crianças fazem. Minha mãe não poderia ter sido mais perfeita, mas ela nunca me levou para cursos ou dedicou dias inteiros se forçando a passar tempo comigo. Então acho que às vezes o exemplo que damos serve como lição, e a lição que tirei disso foi que o mundo não girava ao meu redor e que era eu quem tinha que preencher a maior parte do meu tempo. Mas minha mãe lia. Muito. Para mim e (o mais importante) na minha frente. E isso fez toda a diferença. Então acho que também aprendi que o tempo da minha mãe também era importante, e essa é uma lição que ainda estou tentando aprender enquanto sinto culpa por Hailey não ter uma vida perfeitamente planejada.

De vez em quando, Hailey reclama de estar entediada, mas o tédio é algo bom. Ele vai estar lá durante a maior parte da sua

vida e, se você não descobrir como superá-lo na infância, então vai estar fodido na vida adulta. Aprender a combater o tédio é uma lição em si, e você não precisa levar seu filho a nenhum lugar para que ele aprenda isso. O lado negativo, porém, é que seu filho provavelmente é como você — ou seja, o tédio muitas vezes vai levá-lo a fazer coisas *incrivelmente* estúpidas. A necessidade é a mãe da invenção, mas o tédio é a mãe de coisas de uma estupidez sem tamanho. Incendiar objetos, desmontar aparelhos de TV, montar cabras, comer talco para os pés por acidente, deixar 25 girinos que esqueci que tinha escondido debaixo da cama virarem sapos no meu quarto, explorar prédios abandonados, queimar minhas sobrancelhas com um isqueiro... todas essas coisas aconteceram comigo quando eu estava entediada e me fizeram responder com toda a sinceridade “*Eu não sei*” quando minha mãe perguntava chocada, depois de descobrir as evidências dos meus delitos, o que diabo eu estava pensando. Sinceramente, eu *até hoje* não sei o que estou fazendo ou por que estou fazendo algo na maior parte do tempo, mas ao menos aprendi desde cedo que esse é um estado de espírito normal (e também que ninguém deve me deixar sozinha com fogo).

O tédio leva você a confiar na sua imaginação, ou faz a gente se dar conta de como tem pouca imaginação. Minha irmã, Lisa, e eu passamos boa parte da nossa infância cavando buracos no terreno ao redor da casa sem nenhuma razão. Talvez no começo a ideia fosse abrir cavernas ou procurar corpos, mas no final o nosso único objetivo acabou sendo cavar buracos profundos o bastante para podermos pular dentro e desaparecer completamente, pois gostávamos de aterrorizar quem passava dirigindo e via uma criança acenar, frenética, de dentro de um buraco e depois desaparecer por completo, como se tivesse sido sugada para algum tipo de dimensão paralela. Ou pelo menos era isso que imaginávamos que parecia. Provavelmente parecia

só que duas garotinhas haviam pulado dentro de buracos, o que também não deixa de ser uma visão desconcertante. Mais tarde, Lisa reparou que o lugar onde costumávamos cavar buracos com vontade estava bem em cima do tanque enferrujado de propano enterrado no jardim, o que talvez não fosse muito seguro.

Por sorte, o deus de “como as crianças sobreviviam nos anos 1970” estava cuidando de nós, e nunca viramos bolas de fogo gigantes. Por outro lado, certa vez perdemos vários buracos que foram cobertos pela grama alta e nos esquecemos totalmente deles, e meses depois vimos nossa mãe dirigir o cortador de grama para dentro do que parecia uma cratera. Ela gritou: “POR QUE TEM TANTOS BURACOS AQUI?” Pensamos em dizer que o povo toupeira havia criado um tipo de armadilha ao estilo Scooby-Doo, mas não tivemos tempo para combinar os detalhes, então apenas explicamos com calma que tínhamos cavado os buracos. Ela perguntou por quê, e honestamente olhamos uma para a outra e respondemos “*Eu não sei*”. E era verdade. Estávamos tão chocadas quanto ela. E talvez seja por isso que hoje as pessoas encham os filhos de atividades. Talvez seja para evitar a possibilidade de um dia cair com seu cortador de grama dentro de um pequeno abismo feito por crianças toupeiras.

Ainda assim, eliminar qualquer chance de tédio com uma rotina completamente preenchida parece um exagero. É como quando sua gata traz ratos mortos e você quer gritar com ela, mas não consegue, já que ela só está fazendo isso porque acha que você é uma merda como gata e não vai sobreviver se não tiver ajuda. Somos mais ou menos assim com nossos filhos, dando-lhes aulas particulares, medalhas por participação e coroas em concursos de beleza, como se suspeitássemos que eles não são capazes de se sair bem sem que precisemos forçá-los a treinos repetitivos, comprar fantasias caras e dedicar longos finais de semana a competições e concursos. Além disso, estamos fazendo nossos filhos acreditarem que vão vencer em

tudo, e eles se sentem um lixo se não conseguem, porque veem a enorme carga emocional que investimos para que eles sejam melhores que a outras crianças.

Quando eu era pequena, nunca venci em nada. Um dia mencionei isso para minha mãe, e ela ergueu os olhos do livro que estava lendo e alegou que eu já havia sido *a pessoa mais jovem do mundo inteiro*. É claro que isso durou só um milissegundo, mas foi um recorde que quebrei sem sequer ter tentado. Aí retornei ao meu próprio livro e não pensei mais em competições até a minha filha nascer. Então *ela* ficou com o título. Acho que a excelência é uma coisa de família.

Ninguém nos alerta sobre as complexas decisões políticas a respeito de cursos, atividades e esportes que precisamos tomar quando temos um filho. Quando eu estava na oitava série, todo mundo que fazia economia doméstica teve que tomar conta de bebês feitos de sacos de farinha por duas semanas para aprender como cuidar de um filho, e ninguém mencionou a necessidade de matricular seu bebê de saco de farinha em algum esporte. Basicamente, cada um recebeu um saco de papel fechado cheio de farinha que derramava sempre que você o mexia. Éramos forçados a levá-lo para todos os lados, porque acho que isso em teoria nos ensinaria que bebês são frágeis e deixam manchas nas nossas camisetas. No final das duas semanas, pesavam seu bebê e, se ele tivesse perdido muito peso, significava que você não havia cuidado direito dele e não estava pronto para ter um filho. Foi uma lição nada realista sobre como criar um filho. Tudo que aprendemos sobre bebês nessa atividade foi que você pode usar cola-tudo para prender a cabeça do seu bebê se o deixar cair. E que meninos da oitava série vão brincar de bobinho com seu bebê se o virem, então é muito mais seguro deixá-lo no porta-malas do carro. E que é melhor enrolar seu bebê em filme de PVC para que as vísceras não explodam quando ele rolar no porta-malas no caminho de casa. E também

que, se você não colocar seu bebê no congelador, ele vai acabar dando bicho e você vai ter que jogá-lo no lixo em vez de mais tarde usá-lo para fazer um bolo que vai valer nota. (As duas semanas seguintes da aula foram dedicadas à culinária, e usei meu bebê de farinha para preparar um bolo invertido de abacaxi. Meu bebê estava *delicioso*. Esse é o tipo de coisa que você nunca percebe como é estranha até escrever sobre ela.)

Recentemente, Hailey decidiu que queria ser bandeirante. Expliquei que as bandeirantes eram só um esquema em pirâmide de biscoitos, mas ela adora. Vou às reuniões da tropa dela e me escondo lá no fundo para não parecer pouco à vontade perto dos outros pais.

Na semana passada, sentei no cantinho de sempre e, quando outra mãe se sentou ao meu lado e iniciou uma conversa superficial, eu me parabeneizei silenciosamente por ser uma pessoa normal. Alguns segundos depois, Hailey me olhou do outro lado da sala com outras bandeirantes e, sorrindo de orelha a orelha, exclamou: “MAMÃE! Você fez uma amiga! *Muito bem!*” E aí eu desabei no chão, pois ser envergonhada pela filha quando se é adulta é o mesmo que ser envergonhada pelos pais quando se é adolescente, só que pior ainda, porque você não pode revirar os olhos e fingir que eles não entendem você. As crianças entendem você *completamente*. *Muito* mais do que você gostaria.

E talvez seja por *isso* que as pessoas preferem que elas passem o tempo em cursos e acampamentos. Talvez os pais usem esse tempo para ficar em casa vendo programas ruins na TV e chorando enquanto comem um balde de purê de batatas e colocando roupinhas nos gatos sem serem dura, mas corretamente, julgados pelos próprios filhos.

Agora tudo faz mais sentido.

Aqueles biscoitos não sabem nada sobre o meu trabalho

— MAS EU NÃO QUERO SER ADULTA — gritei, numa posição vagamente fetal, no canto do escritório. — *AINDA NÃO ESTOU PRONTA PARA ISSO.*

Esse foi um imenso avanço psicológico, do tipo que com certeza deixaria minha psiquiatra orgulhosa se ela estivesse ali. Em vez disso, meu marido e nosso contador ficaram olhando para mim como se fosse a primeira vez que alguma coisa assim acontecia numa primeira reunião de planejamento financeiro.

— Eu não estou com ela de verdade — murmurou Victor.

Ele costuma dizer isso por hábito, mas foi um argumento muito fraco levando em conta que ele estava segurando uma pasta imensa cheia de papéis que provavam que havíamos comprado um monte de merdas juntos nos últimos dezessete anos. Ou talvez fosse a pasta de evidências que ele estava juntando para me interditar. Se fosse a segunda opção, eu tinha bastante certeza de que esse incidente ia parar ali.

— Opa, vamos com calma. Sem ficar julgando — disse nosso contador (Maury) enquanto mantinha as mãos erguidas por precaução, como se faria caso estivesse diante de alguém pronto para se jogar do alto de um prédio, ou de um cachorro com raiva que se espera que entenda a nossa língua.

Então ele disse algo sobre como estava ali “só para ajudar as pessoas a colocarem suas finanças em ordem”, mas o que eu

escutei foi: “Estamos aqui para discutir como você é ruim nesse negócio de ser uma pessoa normal e responsável. Tem câmeras escondidas em cada canto e vai tudo para o YouTube. Vou ficar muito rico.”

Sem falsa modéstia, eu me considero muito boa com finanças. Se não for comparada às pessoas normais. Ganho mais dinheiro do que mereço e doo uma boa parte, porque fico nervosa com tanto. Pago as contas quando elas começam a ficar amareladas ou ameaçadoras, e se meu cartão de débito continua sendo aceito considero que estou ganhando. No final do ano, vou até a agência de coleta de impostos, jogo uma caixa de recibos marcada como “EVIDÊNCIA” para a moça dos impostos (existe um termo específico para o trabalho dela, mas nunca aprendi) e saio correndo antes de ela ter tempo para me dizer que estou despedida do cargo de cliente. Ela geralmente grita alguma coisa parecida com “DIGITALIZA!”, e grito de volta “*Vou começar a fazer isso a partir de hoje, prometo!*”. Então me escondo atrás dos arbustos antes que ela veja que a maioria dos recibos são só guardanapos com anotações como: “Precisei comprar uma fantasia de canguru para o trabalho, mas o mercado das pulgas não dá recibos. Foi 15 dólares, porém valia uns 100. Não tenho como confirmar isso, mas o cara louro que não usa desodorante lá do mercado disse que pode servir de testemunha se precisarmos dele.”

Isso parece uma forma terrível de manter registros dos meus gastos. No entanto, posso garantir que é muito melhor do que aconteceu no ano em que tentei guardar meticulosamente todos os meus recibos dentro de uma caixa embaixo da mesa e o gato a confundiu com a caixa de areia, ou no ano em que guardei um monte de recibos num envelope de plástico transparente e quando fui pegá-los metade tinha virado papéis em branco. Acontece que se você expõe recibos à luz do sol eles desbotam, exatamente como as minhas intenções de guardar os recibos. Aí

acabei só escrevendo o que achava que havia nos papéis que ficaram em branco. Coisas como: “Comprei uma doninha morta por 40 dólares, então a vesti e fiz cartões de Natal para os clientes”, ou “Acho que isso era o recibo de uma boneca Kewpie assombrada sobre a qual escrevi e depois vendi no eBay. Mas aí o eBay retirou o anúncio, porque declarei que havia a possibilidade de ela conter as almas de crianças devoradas, e em seguida encerrou o leilão, alegando que era contra as regras vender almas. Está tudo no meu blog se precisarem de provas.”

Em minha defesa, suspeito que o contador goste de cuidar da minha declaração. Eu também gostaria se isso não envolvesse matemática, pois uma análise dos meus gastos é como um resumo de uma vida bem vivida. Ou uma vida que precisa muito de organização.

Alguns dos meus investimentos profissionais:

- Lobo empalhado que usei para assistir a *Crepúsculo* no cinema aqui perto. O nome dele é Wolf Blitzer, e ele morreu de causas naturais. (TEAM JACOB.)
- Fantasia de corpo inteiro de canguru usada para impressionar e me infiltrar num bando de cangurus selvagens durante viagem profissional para escrever sobre a Austrália. (Vide “Coalas têm clamídia”.)
- Injeção antitetânica que precisei tomar imediatamente depois da viagem à Austrália.
- Envio para casa pelo correio de um cérebro que alguém me deu durante uma turnê de livro.
- Um pégaso empalhado para os gatos montarem.
- Uma caixa cheia de najas.
- Uma preguiça viva alugada.
- Roupas descoladas para os gatos.

- Dois cadáveres de guaxinins superextasiados empalhados para rodeios noturnos com os gatos.

Em seguida, a moça dos impostos me ligava e dizia: “Mas e os seus gastos com servidores, artigos para escritório e despesas operacionais de verdade?” E eu explicava que não sabia, porque só registrava os gastos mais interessantes. Aí ela telefonava para Victor em busca de ajuda, e ele gritava comigo: “Você está pagando imposto demais porque não está sendo responsável com as deduções!” E eu gritava de volta: “Bem, talvez o governo precise mais do dinheiro do que eu!” Aí Victor começava a questionar por que havia se casado com alguém que não era republicana, e eu me perguntava acima de tudo por que alguém confiaria em mim para fazer os impostos.

E deve ser por isso que eu estava um pouco na defensiva no escritório do contador. Era a nossa primeira reunião, e eu fui bombardeada com perguntas que me deixaram imediatamente pouco à vontade e sentindo o impulso de esfaquear alguém como autodefesa.

Maury perguntou se eu tinha um seguro de vida e lhe assegurei que não, porque não queria que Victor fosse preso. Houve uma pausa na conversa.

— Ela acha que só pessoas que estão prestes a serem assassinadas fazem seguros — explicou Victor estoicamente.

— Mas é verdade — continuei. — Sempre que alguém termina no moedor de carne, as autoridades não perdem tempo para prender quem quer que seja o beneficiado pelo seguro de vida.

Victor revirou os olhos.

— *ESTOU TENTANDO AJUDAR NA SUA DEFESA POR ASSASSINATO* — gritei com educação. Então Victor bufou um pouco de raiva, provavelmente porque sem querer eu disse “moedor de carne” em vez de “tritador”. Victor *nunca* me assassinaria com um moedor de carne. Ele tem uma misofobia

tão séria que não aguenta nem quando deixo um lenço de papel usado na minha mesa, então é impossível que ele consiga fazer salsichão se souber que passei pelo nosso moedor. Quer dizer, quem pode dizer onde mais eu estive?

Victor e Maury acabaram voltando a discutir estratégias de investimento e coisas matemáticas, e eu me distraí um pouco até me dar conta de que os dois estavam olhando para mim. Maury repetiu o que tinha dito:

— Você tem alguma dúvida até agora, ou alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Eu não tinha, mas queria contribuir com a conversa, então perguntei:

— Por que existe um padrão-ouro?

Victor e Maury continuaram me olhando, porque parece que a pergunta não tinha nada a ver com o que estavam discutindo, porém eu achava que havia sido uma boa pergunta, então prossegui:

— Não entendo o padrão-ouro. Se os Estados Unidos descobrissem um planeta feito de ouro, isso nos tornaria super-ricos, ou faria todo o ouro perder o valor? E, se nos tornasse super-ricos, o que impede todos os outros países de dizerem, tipo “Não gostamos mais de ouro, porque isso não é justo. Agora, gostamos de aranhas. Paguem-nos em aranhas”? Isso causaria o colapso da nossa economia? Poderíamos comprar aranhas com ouro? Qual seria a taxa de câmbio? A taxa seria métrica ou inglesa? Já não me lembro mais de como se converte para o sistema métrico, e isso só vai piorar se eu tiver que fazer a conversão para aranhas métricas. E é por isso que não acho que devemos começar a procurar ouro em outros planetas e ir atrás de encrenca. ***Porque não quero ter que carregar uma bolsa cheia de aranhas por aí. É por isso.***

— Você está atravancando todas as nossas conversas porque está concentrada demais em como compraria as coisas com

aranhas? — perguntou Victor com descrença.

— Acho que sim — respondi. — Na verdade, ter uma bolsa cheia de aranhas é menos assustador do que ter que pensar em finanças. *Uau*. Isso foi um avanço. — Inspirei profundamente e olhei para Maury. — Acho que tenho que trocar minha psiquiatra por você.

— Hum — respondeu ele.

— Essas visitas podem ser deduzidas dos impostos se eu vier aqui por problemas mentais? — perguntei. — E mais uma coisa: você tem licença para receitar remédios? Porque, se não tiver, não poderemos fechar negócio.

Victor balançou a cabeça.

— É como se você fosse alérgica a fazer sentido.

Ele parecia um pouco nervoso, mas devia ser por causa do lance das aranhas. Eu também estaria puta se tivesse passado anos tentando economizar dinheiro e de repente me desse conta de que tudo poderia ser substituído por aranhas e eu estaria fodida.

Coloquei a mão reconfortantemente no ombro de Victor e sussurrei:

— *Ouço e entendo a sua dor.*

— *Isso não é terapia* — vociferou ele. — *Isso é planejamento financeiro.*

Victor parecia um pouco alterado, então pensei em colocar um pouco do meu ansiolítico no café dele, mas em seguida achei que meu novo terapeuta em potencial poderia achar que eu estava abusando *demais* das drogas. Então, em vez disso, eu só disse:

— Bem, acho que é um pouco de cada coisa, não é?

Maury mudou de assunto para planejamento de funeral e testamentos, e eu me distraí outra vez. Particularmente, sempre tive um pouco de aversão a testamentos. Em primeiro lugar, por causa da matemática envolvida. Não tenho problema com

planejamento de funeral ou cadáveres e essa coisa toda. Na verdade, há pouco tempo vi numa revista um caixão que eu gostaria de ter, porque tinha escrito na lateral: “Oi, caixão. Você está muito bem.” Achei isso muito inteligente porque deixaria todo mundo à vontade enquanto estivessem chorando por mim, então eu disse a Victor que ele poderia comprar aquele para mim. Ou que, se fosse muito caro, ele podia comprar um caixão barato e ele mesmo escrever aquela merda. Mas aí Victor começou a berrar sobre eu estar falando de funerais outra vez, provavelmente porque ele não tem nenhum talento com artesanato. Ou talvez porque ele saiba que, depois de passar pelo triturador, eu não vou precisar de nada além de uma coqueteleira para guardar o que restou de mim. Mas de uma forma legal, pois eu finalmente poderia ir a um evento onde seria a pessoa mais magra.

Em seguida, me dei conta de que Victor e Maury estavam me olhando outra vez e que haviam me perguntado alguma coisa sobre o testamento, mas eu não conseguia me lembrar da pergunta, então só respondi:

— Quando eu morrer, quero que todas as minhas coisas fiquem para os gatos. — Aí Victor massageou as têmporas e eu expliquei melhor. — Ou não, porque não tem a *menor* possibilidade de Ferris Mewler viver mais do que eu, e Hunter S. Thomcat é irresponsável demais para cuidar de tanto dinheiro, mas aí você pode dizer a todo mundo que eu sou obviamente louca, já que estou deixando tanta coisa para um gato, e aí vai poder cuidar de todo o lance do testamento sozinho, e eu não vou ter nada a ver com toda essa papelada. **TODOS VAMOS SAIR GANHANDO.** Exceto Hunter S. Thomcat, acho. É melhor ele achar uma mulher para sustentá-lo, algo assim.

Victor suspirou. Mas, francamente, não sei o que ele esperava. Meu trabalho era ganhar dinheiro sem querer enquanto o trabalho dele era se certificar de que eu não perdesse o dinheiro

quando fosse plantar bananeira no estacionamento depois de os bares terem fechado. Os nossos papéis estavam claramente definidos.

Maury limpou a garganta.

— Podemos voltar ao testamento mais tarde. E quanto a planos de previdência?

Victor passou vários minutos falando uma combinação de palavras e letras que estou certa de que significavam “Tenho um plano de aposentadoria e ele é muito bom”.

Maury olhou para mim com expectativa.

— Tenho uma gaveta onde coloco os trocados.

Victor apoiou a cabeça nas mãos.

— Menos moedas de 25 centavos. Essas eu uso pra comprar chiclete.

Em seguida, Victor e Maury conversaram sobre dividendos, estipêndios e estupendos. Victor me acordou uma hora depois para assinar coisas que pareciam importantes demais para que eu assinasse. Aceitei assiná-las com a condição de que ele me levasse para almoçar em algum lugar onde eu pudesse beber, e Maury recomendou um local no mesmo prédio, o que foi conveniente, já que eu estava tão esgotada que não acreditava poder ir muito longe. Na verdade, quando descemos a escada e chegamos ao café, o garçom perguntou o que eu gostaria de beber e eu respondi: “Quero álcool, mas não tenho forças pra tomar mais nenhuma decisão, então pode escolher qualquer coisa pra mim, ok?” Ele escolheu, e era muito forte, e suspeitei que Maury mandava todos os clientes que se assustavam com facilidade para lá, e aquela bebida devia ser o “Maury Special”. Deitei a cabeça na mesa e Victor se perguntou em voz alta como eu viveria sem ele.

— Bem, a minha vida seria muito mais simples — expliquei com toda a honestidade. — Não sei como os oito controles remotos da TV funcionam, então eu nunca voltaria a usá-la. E,

quando as luzes queimassem, eu meio que deixaria assim mesmo se não conseguisse alcançá-las com uma cadeira. E, quando os computadores quebrassem, eu os jogaria numa vala qualquer. E, quando meu carro parasse, eu provavelmente só compraria um burro para ir até a cidade fazer compras no posto de gasolina. Acho que eu acabaria me tornando amish sem querer em um ano. Aliás, aposto que os amish são só uma tribo de pessoas que passaram gerações sem alguém por perto para ligar a TV e acabaram dizendo: “Foda-se. Vamos viver nossa vida assim mesmo.”

— Tenho certeza de que isso não está *nem um pouco* certo — respondeu Victor.

— Bem, eu faria uma pesquisa on-line, mas tentei atualizar o iTunes hoje de manhã e meu celular ficou congelado, então acho que vou passar a usá-lo como peso de papel.

Victor me encarou.

— Isso foi uma piada — expliquei. — Mas a verdade é que, de alguma forma, acabei deletando metade dos meus ícones, então, se você puder me dar uma ajudinha, eu agradeceria. Mas não tem pressa. Sei que você teve uma manhã difícil.

— Você não faz ideia — respondeu ele.

— Na verdade, faço sim. Quer dizer, sei que sou ridiculamente incapaz quando o assunto é... você sabe... *coisas*. Coisas como dinheiro e planejamentos e aparelhos de televisão complicados. Mas você *não* considera como sou fantástica com pessoas. Menos quando estou me escondendo delas, é óbvio. E estou aqui para tornar as coisas belas, e boas, e me certificar de que todos estão felizes. Exceto, talvez, por Maury. Ele parecia um pouco frustrado.

— Sim, é bem por aí — respondeu Victor. Mas falou isso de uma forma que me fez pensar que ele concordava, ou que simplesmente não tinha uma boa resposta. — Só, por favor, faça

o melhor que puder para ser um pouquinho mais responsável financeiramente, e ficaremos bem.

Concordei com a cabeça, dei um beijo na bochecha dele e aí pedi licença para retocar o pó do nariz. Mas então, quando estava percorrendo o corredor para ir ao banheiro, eu a vi. A máquina gigante do vidente Zoltar do filme *Quero Ser Grande*.



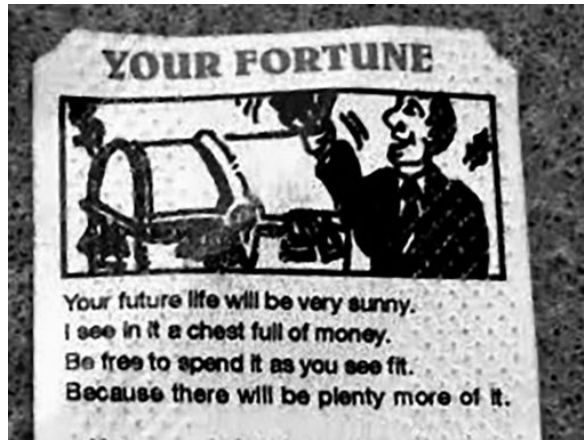
A mesma que fez Tom Hanks crescer. Eu imediatamente decidi que precisava ver a minha sorte. Corri de volta até Victor e disse que precisava de algumas moedas de 25 centavos para ver qual seria o nosso futuro.

— Você quer pegar o nosso dinheiro e jogá-lo fora em uma máquina de prever o futuro? *Você não aprendeu nada hoje?*

— Bem, aprendi que você é muito mesquinho com moedas de 25 centavos. Sabe que gastei todas as minhas com chiclete. Além disso, são só 50 centavos por conselhos sobre nossa fortuna. Ou para ganharmos uma fortuna. Alguma coisa assim. Passamos o dia inteiro falando disso, certo?

Ele respirou fundo e pegou um punhado de moedas.

A primeira previsão foi para mim, e foi tão perfeita que corri até a mesa para contar a ele:



Sua sorte: Sua vida futura será muito ensolarada.
Vejo nela um baú cheio de dinheiro.
Sinta-se livre para gastá-lo como quiser.
Pois sempre vai ter muito mais.

Então, em essência, Zoltar me disse que sou financeiramente saudável e que desperdicei o dia inteiro com planos de previdência quando só precisava gastar o máximo possível do meu interminável baú de dinheiro. Victor não concordou.

Aí fui pegar a sorte dele para provar como a máquina era precisa. Esta foi a sorte de Victor:



Sua sorte: Que alegria ler o seu futuro. Tanta felicidade o aguarda que as estrelas mais brilhantes ficariam envergonhadas diante da luz da sua vida.

Ah, e isso não vem apenas da sorte. Não mesmo, meu amigo. Sua perseverança, sua inteligência na hora de lidar com problemas domésticos e sua sinceridade na relação com os outros estão apontando o caminho para sua recompensa.

“Ah, felicidade, que coisa elusiva és. Mas, graças a Deus, nasceste sob a estrela dela.”

— Está vendo?! De acordo com Zoltar, você terá muita felicidade no seu futuro, e tudo por causa da sua perseverança e inteligência na hora de resolver problemas domésticos.

— Acho que *você* é o meu problema doméstico.

— Bem, mesmo assim, tudo serão flores, certo?

Aí, Victor acabou rindo sem querer. E é assim que você sabe que tem sorte mesmo. Porque o dinheiro não pode comprar a felicidade de um companheiro bom e compreensivo. Mas pode comprar um celular novo quando você deixa o seu cair acidentalmente no vaso sanitário depois de ter tomado muitos Maury Specials.

P.S.: Depois do jantar, o garçom nos trouxe biscoitos da sorte, e eu fiquei toda: “QUATRO PREVISÕES EM UM DIA! QUE MARAVILHA!” Victor disse que biscoitos não eram exatamente a mesma coisa que previsões de verdade, mas acho que ele está subestimando a importância dos biscoitos. Aí eu os abri e decidi ficar só com Zoltar, porque o meu dizia: “Nenhum floco de neve se sente responsável numa avalanche.” E tenho certeza de que isso foi ofensivo, embora sugira também que, de alguma forma, sou “responsável”, e acho que isso prova que fiquei com o biscoito errado. Mas aí Victor abriu o dele e falou:

— O meu diz: “Nunca discuta com um tolo.”

— *O quê? ESSA É A BASE DO NOSSO CASAMENTO.*

Victor deu de ombros.

— Este biscoito está me dizendo para não falar com você.

Cruzei os braços:

— Bem, *este* biscoito está me fazendo sentir culpa, e não sei nem o que eu fiz.

Victor aquiesceu com a cabeça.

— Pois é, o biscoito tem seus motivos.

— **VOCÊS NÃO PODEM NOS DIZER O QUE FAZER, BISCOITOS. VOCÊS NEM NOS CONHECEM** — posso ter

gritado.

E foi aí que decidimos não aceitar mais conselhos de biscoitos, e Victor também tentou me fazer não aceitar mais conselhos de robôs videntes perto de banheiros, mas eu disse que isso seria jogar o bebê fora com a água do banho, o que seria um conselho financeiro ruim para todo mundo. A não ser que o bebê gastasse demais. Ainda assim, acho que é uma boa ideia ficar com eles, mesmo que acabem custando tempo e dinheiro. Eles valem toda a confusão por causa da alegria que trazem para a sua vida.

Victor sorriu, segurou a minha mão e concordou.

Não acho que estivéssemos falando da mesma coisa, mas foi bom vê-lo sorrir, então sorri também, e saímos do restaurante para enfrentar o futuro juntos... um futuro desconhecido, incerto, perigosamente divertido e *alucinadamente feliz*.



Poderia ser mais fácil, mas não seria melhor

Estou na etapa final de uma forte crise de artrite reumatoide. Só tenho algumas por ano, mas quando elas vêm a única coisa que posso fazer é sobreviver a cada dia. Isso parece ridículo e exagerado, já que pelo menos sei que alguma hora a dor vai passar e conseguirei sair da cama sem gritar. Os primeiros dias parecem ser os piores, pois são os mais dolorosos e sempre terminam com um passeio até o pronto-socorro. Nos dias seguintes, dói menos, mas você está tão frágil por causa da falta de sono e da dor interminável que continua se sentindo péssima. Seus familiares e amigos entendem e se preocupam, porém depois de meia semana vendo-a se arrastando pela casa e chorando no banheiro até eles podem se sentir exauridos pela situação toda. Aí vêm dois dias de uma fadiga tão intensa que você se sente drogada. Você quer se levantar e trabalhar e limpar e sorrir, mas acaba cochilando na primeira peça de teatro da sua filha e precisa ir embora para voltar para a cama enquanto todo mundo comemora.

A vida passa. Então vem a depressão. Aquela sensação de que você nunca mais vai ficar bem. O medo de que aquelas crises se tornem mais comuns — ou pior, que elas nunca mais acabem. Você fica tão cansada de lutar que começa a dar ouvidos a todas as mentirinhas que seu cérebro conta. Aquelas que dizem que você é um peso para sua família. As que dizem que está tudo na sua cabeça. Que, se você fosse mais forte ou

melhor, isso não estaria acontecendo. Que há uma razão para seu corpo estar tentando matá-la, e que você deveria simplesmente parar com todas as injeções, esteroides, medicamentos e terapias.

No mês passado, enquanto Victor me levava até em casa para que eu pudesse descansar, eu disse que às vezes achava que a vida dele seria mais fácil sem mim. Ele fez uma pausa, como se estivesse refletindo, e então respondeu: “Poderia ser mais fácil. Mas não seria *melhor*.”

Tento me lembrar dessa frase nos dias em que parece que a escuridão nunca vai acabar. Mas sei que vai passar. Sei que amanhã as coisas vão parecer um pouquinho melhores. Sei que na semana seguinte vou pensar nessa frase e dizer: “Eu deveria parar de ouvir meu cérebro quando ele está tentando me matar. *Por que sequer escrevi isso?*” E é precisamente por *esse motivo* que estou escrevendo agora. Porque é muito fácil esquecer que já estive aqui e cheguei do outro lado desse túnel. Talvez, se eu tiver essa frase para ler, me lembre disso da próxima vez e seja mais fácil continuar respirando até os medicamentos fazerem efeito e eu sair do buraco outra vez.

Eu costumava sentir muita culpa por ter depressão, mas depois me dei conta de que isso é o equivalente a ficar culpado por ter cabelos castanhos. Ainda assim, apesar disso parecer pouco realista, é normal. Eu me sentia do mesmo jeito quando Smokey, o Urso, que era mascote do Serviço Florestal dos Estados Unidos, dizia: “SÓ VOCÊ PODE EVITAR INCÊNDIOS FLORESTAIS.” E eu ficava toda: “Merda. *Só eu?* Porque realmente me parece que isso deveria ser um trabalho em equipe.” E também não acho que eu deveria receber ordens sobre florestas de ursos, pois alguns ursos usam as florestas para se esconder e devorar você. Então, basicamente, tenho algum tipo de urso exigente me fazendo sentir culpa para me convencer a criar uma sala de jantar menos escaldante para que

ele possa me devorar melhor. E, como se não bastasse, isso nem faz sentido, porque não é que alguns incêndios florestais são causados por raios? Acontece que não posso impedir os raios, ursos. Não sou Deus. Não posso impedir raios, nem o gás dos pântanos, nem a combustão espontânea, nem a depressão. Todas essas coisas simplesmente acontecem e eu não deveria levar a culpa por elas.

Parem de culpar a vítima, ursos.

Nos anos que transcorreram desde que comecei a falar sobre a luta contra transtornos mentais, já me perguntaram se me arrependo disso... se o estigma é pesado demais para carregar.

Não é.

Existem lados terríveis numa doença (seja mental ou física), mas é estranhamente libertador o fato de minha luta pessoal ser óbvia e precisar ser reconhecida. De certa forma, tenho sorte. Minhas crises de depressão e meus períodos de ansiedade e paranoia eram tão fortes que eu não tinha como mantê-los em segredo. Senti que, se não escrevesse sobre eles, estaria criando uma história falsa, e, para ser sincera, quando escrevi pela primeira vez a respeito, achei que fosse perder leitores. Achei que assustaria as pessoas. Pensei que essas mesmas pessoas iriam se sentir traídas pelo fato de alguém que acompanhavam à procura de uma leitura leve e divertida arrastá-las para um monte de lixo sério e difícil. Esperei o silêncio.

Eu não esperava o que recebi.

O que recebi em troca de ser sincera em relação à minha luta foi uma imensa onda de vozes dizendo “Você não está sozinha” e “Já suspeitávamos mesmo que você fosse louca. Continuamos aqui”, “Estou orgulhoso de você”. E mais estrondosos que tudo isso foram os sussurros, que se tornaram mais fortes a cada dia, vindos de milhares e milhares de pessoas que se aproximavam devagarzinho para admitir: “*Eu também. Achei que só acontecesse comigo.*” E os sussurros viraram um rugido. E o

rugido virou um hino que me sustentou em algumas das minhas horas mais escuras. Eu não estava passando por aquilo sozinha.

Tenho uma pasta com uma etiqueta onde está escrito: “A Pasta dos 24.” Dentro dela há cartas de 24 pessoas que estavam no processo de planejar seu suicídio, mas que pararam e procuraram ajuda — não por causa do que escrevi no meu blog, e sim por causa da incrível reação da comunidade de leitores que leram e disseram “Eu também”. Elas foram salvas por aqueles que escreveram sobre ter perdido a mãe ou o pai ou o filho para o suicídio, e sobre como fariam qualquer coisa para voltar no tempo e convencê-los a não acreditarem nas mentiras que os transtornos mentais contam. Foram salvas por aqueles que ofereceram encorajamento, canções, letras, poemas, talismãs e mantras que já haviam funcionado com eles e que talvez funcionassem para um estranho em necessidade. Há 24 pessoas vivas hoje que ainda estão aqui porque outras pessoas tiveram coragem de falar sobre suas lutas ou compaixão suficiente para convencê-las do seu valor, ou simplesmente disseram: “Não entendo a sua doença, mas sei que o mundo é melhor com você aqui.”

Quando eu estava em turnê promovendo *Vamos fazer de conta que isso nunca aconteceu*, muitas vezes me perguntavam se eu me arrependia de ter ido a público com minhas batalhas, e minha resposta continua sendo a mesma... aquelas 24 cartas são o melhor pagamento que já recebi por escrever, e eu nunca teria recebido nenhuma delas sem a fantástica comunidade que ajudou a salvar aquelas vidas. Sou incrivelmente sortuda e me sinto muito grata por fazer parte de um movimento que fez tanta diferença.

E não para por aí.

Quando comecei a falar da minha “Pasta dos 24”, fiquei chocada com o número de pessoas que vinham para as sessões de autógrafo e cochichavam no meu ouvido que eram o número

25. Uma menina tinha quinze anos, e seus pais estavam com ela. Uma mulher tinha dois filhos pequenos. Um homem que decidiu fazer terapia em vez de cometer suicídio levou a família inteira. Toda vez eu me perguntava como *qualquer um* deles poderia algum dia ter pensado que a vida seria melhor sem eles, mas aí me lembrava de que essa é a mesma coisa contra a qual luto quando meu cérebro tenta me matar. Assim, eles me salvaram também. É por isso que continuo falando sobre transtornos mentais, mesmo que isso possa afastar certas pessoas ou signifique que algumas delas vão me julgar. Tento ser honesta a respeito da vergonha que sinto, pois com a honestidade vem o empoderamento. E também a compreensão. Sei que se subir num palco e tiver um ataque de pânico posso me esconder atrás do pódio por um minuto sem ninguém me julgar. Eles já sabem que sou louca. E continuam me amando apesar disso. Aliás, alguns me amam por causa disso. Porque há algo de maravilhoso em aceitarmos os defeitos de alguém, especialmente quando isso nos dá a chance de aceitar nossos próprios defeitos e ver que são eles que nos tornam humanos.

Tenho receio de que outras crianças zombem da minha filha quando tiverem idade suficiente para ler e conhecer a minha história. Às vezes me pergunto se a melhor coisa a fazer não seria simplesmente ficar quieta e parar de acenar a bandeira de “fodida da cabeça com muito orgulho”, porém não acho que eu vá largar essa bandeira até que outra pessoa a arranque de mim.

Porque desistir poderia ser mais fácil, mas não seria *melhor*.

Epílogo: No fundo das trincheiras

Para todos que atravessam o vale da escuridão, mas também para aqueles que caminham sob a luz do sol porém estendem a mão para a escuridão e nos acompanham:

Dias mais iluminados estão vindo aí.

Uma vista mais clara vai chegar.

E você vai chegar também.

Não, talvez não dure para sempre. Os momentos de luz podem durar só alguns dias de cada vez, mas agüente firme até lá. Esses dias compensam a escuridão.

Na escuridão, você encontra a si próprio, passa a ser apenas ossos e exaustão e fragilidade. Na escuridão, você encontra o seu eu mais primário. Na escuridão, você encontra o fundo das trincheiras lamacentas das quais o resto do mundo só enxerga a superfície. Você verá coisas que nenhuma pessoa normal jamais verá. Coisas terríveis. Coisas misteriosas. Coisas que tentam se infiltrar no seu cérebro como uma semente de erva daninha. Que sussurram segredos macabros e horrendos que você gostaria de esquecer. Que gritam mentiras. Que querem que você morra. Que não vão poupar esforços para arrastá-lo mais e mais para o fundo e matá-lo da maneira mais terrível de todas... pelas suas próprias mãos trêmulas. Essas coisas são monstros amedrontadores... do tipo que você sempre soube que cravariam os dentes afiados como agulhas e o puxariam para debaixo da

cama se você colocasse uma perna ou um braço para fora. Você sabe que esses seres não são reais, mas, quando se está no buraco negro e lamacento com eles, são as coisas mais reais que existem. E eles nos querem mortos.

E, às vezes, eles conseguem.

Mas nem sempre. E não com você. Você está vivo. Você já os enfrentou e lutou contra eles. Você está assustado, cansado, até mesmo exausto, e talvez tenha chegado perto de desistir. No entanto, não desistiu.

Você já venceu muitas batalhas. Ninguém ganha nenhuma medalha por esses combates, mas sua armadura e suas cicatrizes são como uma pele invisível, e cada vez você aprende um pouco mais. Você aprende a lutar. Descobre quais armas funcionam. Aprende quem são os seus aliados. Que aqueles monstros são hábeis mentirosos que não vão desistir até fazer você se render. Às vezes, você luta valorosamente com os punhos e com palavras furiosas. Em outras ocasiões, luta enroscando-se até virar uma bola minúscula, evitando os monstros e o resto do mundo. E, às vezes, luta desistindo e pedindo a ajuda de outra pessoa que pode lutar por você.

Há vezes em que você simplesmente cai mais fundo.

E, no breu cego das profundezas, tem certeza de que está só. Mas não está. Estou com você. E não sou só eu. Algumas das melhores pessoas estão aqui também... sentindo-se cegas. Esperando. Chorando. Sobrevivendo. Distendendo dolorosamente seus espíritos para poderem aprender a respirar debaixo d'água... para fazerem o que os monstros dizem ser impossível: viver. E para, enfim, conseguirem encontrar o caminho de volta à superfície com o conhecimento do que a noite pode trazer. Para se secarem sob a luz quente que brilha tão forte e com tanta facilidade para quem vive na superfície. Para andarem com os outros sob a luz do sol, mas com olhos diferentes... olhos que ainda veem as pessoas submersas, que

permitem que estendam o braço para a escuridão e puxem outros combatentes, ou que simplesmente segurem suas mãos geladas e se sentem às margens da água para esperar pacientemente que subam para respirar.

O pavimento térreo é onde as pessoas normais vivem suas vidas, mas não nós. Nós vivemos em andares negativos com tanta frequência que começamos a compreender que, quando o sol brilha, a vida deve ser vivida a toda velocidade, ao máximo. Os cabos invisíveis que ligam as pessoas normais ao seu percurso estável não nos seguram da mesma forma. Às vezes, caminhamos sob a luz do sol junto com todo mundo. Às vezes, vivemos debaixo d'água, lutamos e crescemos.

E às vezes...

...às vezes, nós voamos.

Agradecimentos

Tenho uma dívida imensa para com meus pais e minha irmã por terem me dado essas histórias, além da capacidade de apreciar verdadeiramente quão bizarros e maravilhosos eles são. Obrigada ao meu marido por ser o homem centrado deste livro e o homem engraçado da minha vida. Você é o meu lar. Obrigada à minha filha por ser incrível e por me deixar escrever sobre ela, mesmo tendo se recusado a permitir que eu escrevesse sobre aquela coisa muito engraçada relacionada a Ada Lovelace. Hailey, presumo que você não me deixe escrever sobre isso porque está guardando para o seu futuro livro de memórias, e eu a saúdo pela sua perspicácia.

Obrigada aos meus avós mortos por não me assombrarem. Obrigada aos meus avós vivos por me apoiarem mesmo quando pessoas normais teriam preferido se afastar. Amo vocês todos.

Obrigada a Neeti Madan, a melhor agente de todos os tempos, que entende minha estranheza e me liga depois de toda teleconferência profissional porque sabe que vou precisar de alguém para me dizer que não sou uma idiota. Obrigada à brilhante Amy Einhorn, que continua acreditando em mim, mesmo eu me recusando a usar a pontuação apropriada e inventando palavras a esmo. Obrigada aos editores e revisores que provavelmente viraram alcoólatras raivosos depois de terem trabalhado neste livro.

Obrigada a Jeremy Johnson por ter feito Rory I e Rory II, e ao meu pai por ter passado um dia inteiro ligando e esculpindo próteses para meu guaxinim morto amputado.

Obrigada ao grupo maravilhoso de pessoas que leem as minhas coisas antes de elas chegarem sequer perto de estarem polidas e que ouvem os meus capítulos insanos repetidas vezes em horários ridículos. Laura Mayes, Maile Wilson, Karen Walrond, Brené Brown, Lisa Bir e Stephen Parolini. *Meus livros não existiriam sem vocês.*

Obrigada ao adorável e talentoso Andrew Kantor, que tirou aquela foto de um gambá agressivo para que eu não precisasse tirá-la. Você é uma das criaturas mais corajosas do Senhor, Andrew.

Obrigada a Mary Phiroz, que me mantém fora da cadeia e me faz parecer adulta. Obrigada a Brooke Shaden, à imortal Nancy W. Kappes (assistente jurídica), Jason Wilson, doutora Q, Allie Brosh, Neil Gaiman, Wil e Anne Wheaton, Bonnie Burton, Deni Kendig, Kim Bauer (umafilhadamãeclássica), Kregg, Amanda, Felicia, Christine Miserandino do butyoudontlooksick.com e a todos que me ajudaram com tanta generosidade.

Obrigada aos meus leitores dedicados que compraram meu primeiro livro apesar de, nos Estados Unidos, ter um rato morto na capa, e também aos livreiros, bibliotecários, consumidores de livros e às pessoas que trabalham nas livrarias e escrevem coisas legais sobre mim. Obrigada a todos que entram nas livrarias, encontram meus livros e os colocam ilegalmente na frente das pilhas. Obrigada a todos que já vieram a uma turnê de promoção dos meus livros ou que já tiveram a coragem de sugeri-los no seu clube de leitura. Um obrigada gigante (e levemente passivo-agressivo) aos meus colegas escritores e blogueiros que ficam cada vez melhores e fazem com que eu tenha que me esforçar mais. Obrigada a todos que me ajudaram a me livrar de um corpo. Obrigada à minha professora da

primeira série, que celebrou a minha estranheza. Obrigada à minha professora da oitava série, que disse que eu não seria ninguém, porque isso me estimulou a provar que você estava errada — e também a colar chiclete na sua mesa. Obrigada às pessoas que votaram na pesquisa sobre eu poder ou não escrever “He was later drug to his death by catfish” em vez de “He was later dragged to his death by catfish” [Mais tarde, ele foi arrastado até a morte por um peixe-gato].¹

Obrigada à pessoa que me esqueci de citar aqui por ser tão incrivelmente compreensiva e indulgente. Todo mundo disse que você ficaria chateado e cheio de mimimi, mas eu sabia que você não é disso.

E, por fim, obrigada a você. Por ser você mesmo. Você é melhor do que enchiladas e cupcakes. Ou cupcakes de enchilada. O que sem dúvida deveria existir.

¹ *Resultados da pesquisa, caso você esteja interessado:*

31% — *“Sweet baby Jesus. I will punch you in the neck if you use the word ‘drug’ incorrectly.”* [“Meu Jesus Cristinho. Vou dar um soco no seu pescoço se você usar a palavra ‘drug’ incorretamente”].

23% — *“You can use ‘drug’ as dialect but only if you are prepared to get yelled at.”* [“Você pode usar ‘drug’ como dialeto, mas só se estiver preparada para gritarem com você.”]

18% — *“Can’t you just say ‘yanked’?”* [“Você não pode simplesmente dizer ‘yanked’?”]

14% — *“As long as you don’t use the phrase ‘fixin’ to’ you’re fine by me.”* [“Contanto que você não use a palavra ‘fixin’”, por mim tudo bem.”]

14% — *“I never use words improperly. I cannot believe you drug me into this mess.”* [“Nunca uso as palavras de forma inapropriada. Não acredito que você me arrastou para essa confusão.”]

Sobre a autora



© Maile Wilson

JENNY LAWSON é autora best-seller do *The New York Times* e criadora do *The Bloggess*, blog que a tornou amplamente conhecida pela maneira franca de falar sobre seus dilemas com a depressão e os distúrbios mentais. *Alucinadamente feliz* é seu segundo livro publicado.^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

¹ Jenny gostaria que a última linha fosse “Escreveu um grande número de best-sellers”; no entanto, a editora insistiu que ela deixasse claro que, além deste, só há um único outro livro. Mas Jenny gostaria de ressaltar que “um” pode ser um grande número.

² A editora resmungava pedindo desculpas por ser tão pedante e literal.

³ Jenny aceita as desculpas e se oferece para comprar bebidas e gatinhos para todos os envolvidos.

⁴ A editora recusa a oferta gentil de gatinhos de graça e garante que não há rancores.

⁵ A autora avisa que é tarde demais, porque os gatinhos já foram enviados.

⁶ A editora alerta o setor de expedição para ficar de olho em embalagens com furinhos.

Leia também



Não sou uma dessas
Lena Dunham



A mulher perfeita é uma vaca
Anne-Sophie Girard & Marie-Aldine Girard



Como não ser um babaca
Meghan Doherty